



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE ARTES**

**ALINE NUNES DE OLIVEIRA**

**PERFORMAÇÕES CASSÂNDRICAS:  
CULTIVANDO ARTISTA E OBRAS POR  
MEIO DOS FEMINISMOS COMO CUIDADO  
DE SI.**

***CASSANDRIC PERFORMANCES  
CULTIVATING ARTIST AND WORK THROUGH  
FEMINISMS AS CARE OF THE SELF***

**CAMPINAS**

**2019**

ALINE NUNES DE OLIVEIRA

PERFORMAÇÕES CASSÂNDRICAS  
CULTIVANDO ARTISTA E OBRAS POR MEIO DOS FEMINISMOS  
COMO CUIDADO DE SI.

*CASSANDRIC PERFORMANCES  
CULTIVATING ARTIST AND WORK THROUGH FEMINISMS AS CARE OF  
THE SELF*

Tese apresentada ao Instituto de Artes da  
Universidade Estadual de Campinas como parte dos  
requisitos exigidos para a obtenção do título de  
Doutora em Artes da Cena na área de Teatro, Dança  
e Performance.

Thesis presented to the Institute of the University of  
Campinas in partial fulfillment of the requirements  
for the degree of Doctor in Performing Arts, in the  
area of Theater, Dance and Performance.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. GRÁCIA MARIA NAVARRO

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE  
DEFENDIDA PELA ALUNA ALINE NUNES DE OLIVEIRA, E  
ORIENTADA PELA PROFA. DRA. GRÁCIA MARIA NAVARRO.

CAMPINAS  
2019

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Artes  
Juliana Ravaschio Franco de Camargo - CRB 8/6631

N922p Nunes, Aline, 1980-  
Performações Cassândricas : cultivando artista e obras por meio dos  
Feminismos como cuidado de si / Aline Nunes de Oliveira. – Campinas, SP :  
[s.n.], 2019.

Orientador: Grácia Maria Navarro.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Cuidado de si. 2. Feminismo. 3. Performatividade. 4. Performance (Arte).  
I. Navarro, Grácia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de  
Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Cassandric performances : cultivating artist and work though  
Feminisms as care of the self

**Palavras-chave em inglês:**

Care of the self

Feminisms

Performativity

Performance (Art)

**Área de concentração:** Teatro, Dança e Performance

**Titulação:** Doutora em Artes da Cena

**Banca examinadora:**

Grácia Maria Navarro [Orientador]

Alessandra Ribeiro Martins

Débora Zamarioli

Luana Saturnino Tvardovskas

Veronica Fabrini Machado de Almeida

**Data de defesa:** 31-07-2019

**Programa de Pós-Graduação:** Artes da Cena

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9632-0268>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2578391063948577>

# **BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO**

**ALINE NUNES DE OLIVEIRA**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. GRÁCIA MARIA NAVARRO**

## **MEMBRAS:**

- 1. PROFA. DRA. GRÁCIA MARIA NAVARRO**
- 2. PROFA. DRA. ALESSANDRA RIBEIRO MARTINS**
- 3. PROFA. DRA. DÉBORA ZAMARIOLI**
- 4. PROFA. DRA. LUANA SATURNINO TVARDOVSKAS**
- 5. PROFA. DRA. VERONICA FABRINI MACHADO DE ALMEIDA**

Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da comissão examinadora encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

**DATA DA DEFESA: 31-07-2019**

*À Luísa Nunes Sollero – o melhor ser humano que conheço – para  
que sua luta seja vitoriosa!*

*Às vidas de Marielle Franco, Dorothy Stang, Dilma Ferreira  
e de todas as Cassandras, anônimas ou não, que se doaram às  
causas da justiça e da liberdade...*

*Marielle Presente! Hoje e Sempre!*

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à Universidade Estadual de Campinas, em especial ao Instituto de Artes, na figura de suas Professoras e Professores, servidoras e servidores técnicos e terceirizados. Sou muito grata à Unicamp, que se estabelece como uma das mais importantes referências em minha constituição como ente político, como artista e educadora.

À minha orientadora, Professora Grácia Navarro, mestra direta, com quem aprendi valiosas lições.

Ao amigo querido que me ensinou a falar “academiquês”, Professor Mario Santana, *in memoriam*.

À minha família: minha amada mãe, Nilza; ao meu pai, Miguel; meus irmãos Gustavo e Rafael; minha sogra Celina e meu sogro Paulo; à irmã e irmão de Pedro, Teresa e André... Obrigada! A importância de vocês e das famílias que vocês formaram – meus sobrinhos e sobrinhas, cunhado e cunhadas –, é inestimável à esta tese. Cada um de vocês está inscrito em minha subjetividade. Vocês são parte daquilo que compõe meus discursos, minha resistência... O amor de vocês me fortalece às lutas que escolhi travar.

Agradeço à Universidade Federal do Sul da Bahia, em especial aos companheiros e companheiras do Centro de Formação em Artes e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências do Campus Sosígenes Costa (Porto Seguro – BA). Queridas e queridos docentes, estudantes, servidores e servidoras técnicas e terceirizadas, com quem estabeleci um vínculo valioso, traço forte entre as linhas que formam esta pesquisa.

Às minhas mestras e mestres diretos, pessoas amigas em diversos graus, que me ajudaram em meu crescimento holístico desde o princípio desta jornada. Aqui destaco: Verônica Fabrini; Luana Saturnino; Alessandra Ribeiro; Débora Zamarioli; Lúcia Fabrini; Lílian Campesato; Pamella Villa Nova; Flávio Rabelo; Maria Clara Rocha; Mariana Soares Leme; Flávia Hiroki; Natália Brescancini; Vivian Carla Garcia Ferreira; Ângela da Vila Valdete; Graci Guarani.

Às pessoas lindas que provocaram despertares importantíssimos a esta investigação, como a atriz e artista da voz Sabine Uitz e todas/os as/os amigas do Projeto Poéticas da Vila: Melissa Lopes, Alice Possani, Erika Cunha, Cassiane Tomilheiros, Isabela Razera, Anna Köhl, Cristiane Taguchi, Juliana Saravali, Sofia Chiavacci, Alexandre Freire, Douglas Chaves, Maycon Soldan, Philippe Dias, Eduardo Osório, Moacir Ferraz, Silas Oliveira, Dóris Accioly Silva, Guilherme Werneck.

À minha nova família em um Porto Seguro da Bahia: à caçula preciosa, Clarissa Santos Silva; e às queridas pessoas-irmãs com quem dividi alegrias e angústias: Cristiane Lima; Breno Terra; Juliana Gontijo; Martin Domecq; Dodi Leal; Pamela Peregrino. Muito obrigada, queridas e queridos, a vida é mais leve ao lado de vocês.

Agradeço à Cassandra, por ocupar meus sonhos, me fazer desejar transformações ainda maiores no caminho rumo à um mundo equânime, não só entre homens e mulheres, mas entre culturas e espécies. A imagem mítica de Cassandra ativou em mim a Feminista que me habita... Obrigada, Cassandra!

À minha amada Luísa, minha filha, projeto brilhante de uma filósofa contemporânea performativa e filóloga. Defendo esta tese no mesmo ano em que ela ingressa na graduação em Filosofia na Universidade de São Paulo. Um orgulho! Com Luísa aprendo, me transformo e continuo através do tempo... Com ela, o passar do tempo não assusta, porque tenho a constatação – ao vê-la cheia de luz, respeitosa e amorosa com suas próprias escuridões – de que não há limites para o desenvolvimento de uma mulher.

Agradeço à vida pelo amor que eu recebo, pelos encontros que tive, pela sorte que gozo e, por fim, a Pedro Sollero, por ser meu melhor amigo, meu companheiro de criação, de luta e caminhada. Agradeço por ser o pai da nossa filha e por ser o meu amor.

## RESUMO

A presente tese de doutorado quer demonstrar um modo de pesquisar e criar em Artes da Cena que tem como princípio motor a atenção feminista a si mesma como meio de criação performativa que imbrica profundamente arte e vida, ética e estética, público e privado. Aqui estarão descritos e analisados os meios e procedimentos empreendidos na criação de 5 obras, gestadas pela artista nos quatro anos de investigação, a saber: as “Performações Cassândricas”, série de 3 Programas Performativos – “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”, “Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta” e “Converso sobre assuntos de mulher” – além da obra híbrida, de caráter instalativo, com espaços dilatados de inacabamento e aberturas à participação do público, intitulada “A Cabeça da Cassandra”; e esta tese. Tomamos como referenciais teóricos os modos de fazer próprios da *performance art*, as diversas práticas decoloniais, as antigas práticas de cuidado de si e estetização da vida resgatadas no final da obra de Michel Foucault, bem como suas leituras pelos feminismos contemporâneos como exercício ético, que aqui são meios de uma composição cênica que se manifesta, principalmente, a partir do espaço público e é empreendida por um corpo feminino. Esta investigação configura um recorte da vida deste corpo de mulher em uma atenção que transborda do singular, da pesquisadora, para o plural, das mulheres e histórias que cruzaram seu caminho no decorrer destes quatro anos de doutoramento. Ao longo deste trabalho ficarão claros os processos de interdição a que os discursos das mulheres estão expostos, contudo, não se trata de dizer onde a artista tem seu discurso interdito como indivíduo, mas como as interdições que sofreu no exercício de seu ofício, são reflexos das interdições a que todas nós estamos expostas. A maneira como todas estas informações e afetos perpassam o corpo da pesquisadora e são compreendidas como material vivo que compõe as obras. Tal material modifica a subjetividade da artista, que por meio do cuidado de si, busca um modo de se auto-compreender livre dos engessamentos das ideias fixas sobre si mesma. Assim sendo, desde as práticas cotidianas até o encontro com o público, dos regimes de trabalhos físicos, às conversas com mulheres em ação performativa, tudo interfere e compõe as práticas de uma vida estetizada, e são vozes fundamentais na criação desta pesquisa em artes cênicas.

**Palavras-chave:** Programa performativo; Feminismos; Cuidado de si; Estetização da vida; Práticas decoloniais.

## ABSTRACT

The present doctoral thesis intends to demonstrate a form of researching and creating in the Arts of the Scene that has as its driving force feminist attention towards oneself as a means of performative creation which profoundly interweaves art and life, ethics and aesthetics, public and private. I shall herein describe and analyse the means and procedures employed in the creation of five works conceived by the artist in the four years of investigation. The works are: “Cassandric Performances”, a series of three performative programmes – “Woman in red dress shaves her head in public space”, “Cassandra walks... Cassandra listens... Cassandra sings” and “Conversations on topics relating to women” – as well as the hybrid installation piece with unfinished open spaces for participation of the public, entitled “Cassandra’s Head”; and the present thesis. As theoretical reference, we call upon modes of operation from performance art, various decolonial practices, ancient practices of care of the self and aestheticization of life taken from Michel Foucault’s late works, as well as readings thereof from contemporary feminisms as ethical exercise, herein adopted as means of scenic composition manifesting itself chiefly in public space and undertaken by a female body. This investigation is a cut from the life of this female body in a kind of attention that overflows the singularity of the researcher onto the plurality of the women and stories that crossed the paths of this four-year research. In the course of this work, the processes of interdiction to which female discourse is exposed shall become clear. However, it is not a matter of pointing out the places where this artist’s discourse is individually interdicted, rather observe how the interdictions suffered in the exercise of one’s occupation are reflexes of the interdictions to which we, as women, are all exposed. And the ways in which all this information and affections traverses the researcher’s body and are understood as living material in the composition of the works. This material, by means of the care of the self, alters the artist’s subjectivity in a search for modes of self-comprehension free from fixed ideas about oneself. Therefore everything – from daily practices to encounters with the public, from physical work to the conversations with women in performative practices – interferes and composes the practices of an aestheticized life and are fundamental voices in this research into scenic arts

**Keywords:** Performative Program; Feminisms; Care of the Self; Estheticization of the self; Decolonial practices.

## *Lista de Ilustrações*

<b>Figura 1:</b> Fóssil do crânio de Luzia .....	15
<b>Figura 2:</b> Auto-falante .....	34
<b>Figura 3:</b> Artistas do Poéticas da Vila .....	36
<b>Figura 4:</b> Desenho de observação .....	36
<b>Figura 5:</b> As Troianas - PPGADC Unicamp .....	42
<b>Figura 6:</b> Esplanada dos Ministérios .....	51
<b>Figura 7:</b> Capa do Estado de São Paulo .....	52
<b>Figura 8:</b> Capa Isto é. ....	52
<b>Figura 9:</b> Ensaio no Terraço Garatuja .....	59
<b>Figura 10:</b> Cassandra e o carrinho de soro .....	59
<b>Figura 11:</b> Pâmella Villa Nova e Luá .....	59
<b>Figura 12:</b> Cotovelo desmontado .....	61
<b>Figura 13:</b> O Brescancíni. ....	63
<b>Figura 14:</b> Luá no seio de Pâmella .....	65
<b>Figura 15:</b> Caminhada lenta com carrinho de soro .....	68
<b>Figura 16:</b> Dedicatória a Carlos Moura .....	70
<b>Figura 17:</b> Cinelândia .....	77
<b>Figura 18:</b> Aline e Pedro .....	78
<b>Figura 19:</b> Quarteto.....	80
<b>Figura 20:</b> Aline Nunes e Clarissa Santos Silva .....	80
<b>Figura 21:</b> Aline Nunes, Luísa Nunes Sollero e Pedro Sollero .....	80
<b>Figura 22:</b> Marielle Franco .....	83
<b>Figura 23:</b> Anderson Gomes .....	83
<b>Figura 24:</b> Candelária .....	84
<b>Figura 25:</b> MASP .....	84
<b>Figura 26:</b> Mulher de vestido vermelho e a multidão .....	87
<b>Figura 27:</b> Vestido vermelho 1 .....	90
<b>Figura 28:</b> Vestido vermelho 2 .....	90
<b>Figura 29:</b> Vestido vermelho 3 .....	91
<b>Figura 30:</b> Vestido vermelho 4 .....	95
<b>Figura 31:</b> Catedral Metropolitana de Campinas .....	96
<b>Figura 32:</b> Rosana Paulino 1 .....	98
<b>Figura 33:</b> Rosana Paulino 2 .....	99
<b>Figura 34:</b> Rosana Paulino 3 .....	99
<b>Figura 35:</b> Rosana Paulino 4 .....	100
<b>Figura 36:</b> Rosana Paulino 5 .....	100
<b>Figura 37:</b> Natália Brescancini 1.....	101
<b>Figura 38:</b> Natália Brescancini 2 .....	101

<b>Figura 39:</b> Natália Brescancini 3 .....	102
<b>Figura 40:</b> Grushe .....	108
<b>Figura 41:</b> Cassandra anda em Campinas. ....	110
<b>Figura 42:</b> Farol da Barra. ....	111
<b>Figura 43:</b> Conversa na balsa 1. ....	113
<b>Figura 44:</b> Conversa na balsa 2. ....	113
<b>Figura 45:</b> Samba de Roda do Recôncavo, Cachoeira da Bahia .....	118
<b>Figura 46:</b> Irmandade da Boa Morte .....	120
<b>Figura 47:</b> Dona Dalva do Samba de Roda do Recôncavo e suas bisnetas .....	122
<b>Figura 48:</b> Cassandra e o megafone no Útero de Vênus .....	123
<b>Figura 49:</b> Incêndio no Museu Nacional .....	124
<b>Figura 50:</b> A Cabeça de Cassandra 1 .....	125
<b>Figura 51:</b> A Cabeça de Cassandra 2 .....	127
<b>Figura 52:</b> Helena Vadia .....	128
<b>Figura 53:</b> Mujeres Violentas .....	129
<b>Figura 54:</b> Agda .....	129
<b>Figura 55:</b> Pedro Sollero tocando .....	133
<b>Figura 56:</b> A Cabeça de Cassandra Megafone .....	135
<b>Figura 57:</b> Na cadeira de interrogatório .....	137
<b>Figura 58:</b> O cigarro .....	140
<b>Figura 59:</b> Os archotes da profetisa .....	143
<b>Figura 60:</b> Abraço de Ângela .....	146
<b>Figura 61:</b> Le Monde Diplomatique Brasil .....	147
<b>Figura 62:</b> Mulher de vestido vermelho na Vila Valdete 1 .....	151
<b>Figura 63:</b> Mulher de vestido vermelho na Vila Valdete 2 .....	151
<b>Figura 64:</b> Mulher de vestido vermelho na Vila Valdete 3 .....	152
<b>Figura 65:</b> Cassandra anda no Campus da UFSB 1 .....	153
<b>Figura 66:</b> Cassandra anda no Campus da UFSB 2 .....	153
<b>Figura 67:</b> Converso sobre assuntos de mulher especial pela democracia .....	155
<b>Figura 68:</b> No púlpito.....	159
<b>Figura 69:</b> Na rua .....	159
<b>Figura 70:</b> Aline, Ubiranã e Pajé Itambé .....	172
<b>Figura 71:</b> Rio Teles Pires .....	176

## SUMÁRIO

● <i>Prólogo: Sobre a atenção feminista a si mesma como método de criação e pesquisa em artes da cena</i> .....	15
● <i>Crônicas de uma artista atenta</i> .....	34
● <i>O começo: 2015 e seus inestimáveis despertares</i> .....	36
● <i>O doutorado: 2015 e os primeiros mapeamentos da pesquisa</i> .....	47
● <i>O golpe da misoginia: 2016 e os propósitos desta pesquisa</i> .....	51
● <i>O início da exploração estética: 2017 e suas provas</i> .....	59
● <i>À deriva em novos mares: 2018 e a Bahia</i> .....	77
● <i>Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública</i> .....	87
● <i>Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta</i> .....	96
● <i>Converso sobre assuntos de mulher</i> .....	111
● <i>A Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte</i> .....	118
● <i>A Cabeça de Cassandra redimensionada na experiência da qualificação, da vida, dos programas performativos</i> .....	123

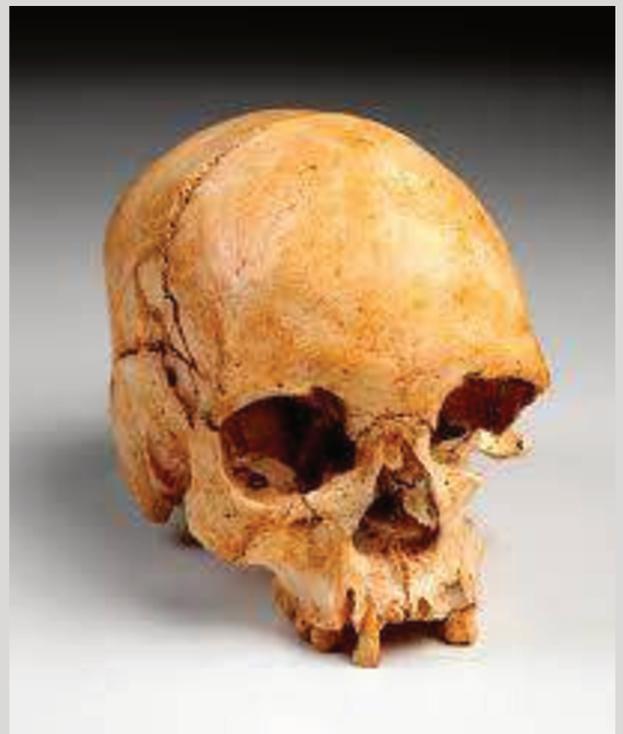
• <i>Um nascimento prematuro: o efeito das eleições 2018 sobre meu corpo e minha produção .....</i>	<i>146</i>
• <i>Notas sobre o futuro: 2019 e o processo de escrita da tese .....</i>	<i>158</i>
• <i>Cassandra: O mito e as atualizações: as Cassandras que encontrei .....</i>	<i>160</i>
• <i>Por que Cassandra quis tanto o dom da profecia? Reflexões sobre as interdições e exclusões a que os discursos femininos estão sujeitos; a loucura; a parrésia .....</i>	<i>166</i>
• <i>Considerações finais: Carta à Cassandra .....</i>	<i>172</i>
• <i>Referências .....</i>	<i>180</i>
• <i>Anexos .....</i>	<i>189</i>

## Prólogo:

### *Sobre a atenção feminista a si mesma como método de criação e pesquisa em artes da cena*

*Quantas coisas repetem as mães e as professoras – inconscientes de que servem de esteios fortes na conservação da própria escravidão! É preciso abrir os olhos da mulher, embora mesmo ela nos queira mal por isso, vendo em nós, intelectuais, talvez, perigosas concorrentes... Generosa, confiante, ela se deixa levar pelo mais forte, e "a razão do mais forte" é "ainda" a que predomina. (MOURA. 1982:12)*

*Maria Lacerda de Moura*



**Figura 1:** Fóssil do crânio de Luzia.  
Acervo do Museu Nacional - UFRJ.

Fonte:

<http://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/7/luzia.htm>

Esta é uma tese de doutorado em Artes da Cena. Escrevo-a no contexto do ato estético. A mim não importa falar como falam as filósofas, historiadoras, psicanalistas... Falo como artista, por meio de uma forma diversa das acadêmicas habituais. Não posso dizer que pretendo jogar tudo fora. Seria muita ingenuidade. Não seria capaz, a academia é uma das culturas imanentes em mim. Estou imersa e sou feita das mesmas substâncias de que são feitas as filósofas, historiadoras e psicanalistas contemporâneas, só reivindico poder não me aprofundar em determinados detalhes, porque me bati com outros desafios, me entreguei a outros interesses e missões diferentes dos delas. Digo isto não para justificar minhas prováveis falhas, mas para postular o direito de imprimir um discurso próprio das artes na academia.

O que quero dizer é que esta não se trata de uma tese sobre conceitos, apesar de usá-los bastante. Esta é uma tese sobre criação. Também é importante que seja dito que este “livro” não configura “o produto” desta pesquisa, é parte. Produzi pelo menos 5 obras com o método que empreguei para realizar esta investigação. A ideia central de tal metodologia pode ser resumida como: criar em artes da cena a partir de uma qualidade feminista da minha atenção sobre mim e minha subjetividade. Afinal, nos lembra Marília Velardi, “é preciso nos darmos conta de que método é, antes de tudo, forma de pensamento” (VELARDI. 2018:48)

O que gostaria de deixar claro, é que espero que este texto tenha o efeito sobre mim e minha subjetividade, que tiveram as outras produções resultantes desta pesquisa, por isso: a tese quer ser obra. Obra ligada ao tempo histórico contemporâneo, sobre um recorte temporal, no qual escolhi viver regida por uma espécie de “programa performativo” imanente à investigação empreendida. O programa consistia em um enunciado simples, talvez simples demais: Eu deveria tornar-me atenta a mim mesma. Deveria desenvolver esta qualidade da minha atenção e criar a partir da resultante disto.

Portanto, para desenvolver-me nesta narrativa de meu processo de atenção e criação, que se passou entre os anos de 2015 e 2019, eu começo este trabalho falando de como a contemporaneidade afeta esta pesquisa, de como este estado geral contemporâneo é revelador de uma espécie de desamparo coletivo que se abate sobre mim, o meu país e o mundo. Contudo,

compreendo que o Brasil, ou melhor, uma parte numerosa, barulhenta e agressiva de seu povo, recebeu e percebeu este estado de suspensão e crise de forma muito distinta da minha.

É importante que seja lembrado que, apesar do afeto da angústia, crucial nos dias que correm, ter total condição de desenvolver-se em seus aspectos mais, digamos, positivos – afinal, quando ficamos sem respostas, criamos – não tem sido assim. Na tal sociedade do desempenho (HAN. 2018), o mais comum, diante da angústia, diante do comportamento geral das pessoas que não têm se sentido capazes de cogitar, pelo imaginário, saídas plausíveis para seus labirintos, ocorre que, alguns de nós desejam, buscam, quase imploram, intervenção externa. Deste modo, de maneira geral, queremos alguém, ou alguma substância, que nos dê o que nos falta e nos tire rapidamente do desconforto da angústia. Queremos, pois, atenção, demandamos cuidados de outrem, alguém que nos diga o que fazer para sairmos de um imbróglgio crítico qualquer da existência.

O que é curioso notar é que, normalmente, esta figura externa não é amiga, não está no mesmo nível hierárquico que o sujeito. Ao contrário, esta figura, capaz de *ditar* a resposta correta, resposta que o sujeito acredita ser incapaz de imaginar, por sentir-se incapaz de qualquer devir criativo, este sujeito, incapaz de viver a angústia de não saber, se entrega a primeira resposta. Este sujeito ordinário contemporâneo, homem ou mulher, em geral odeia o que é realmente novo e se encanta com os dogmas da cultura machista. Afinal, tais dogmas mantêm o universo familiar deste sujeito, que permanece sem capacidade ou ânimo para sentir-se criativo. Há um ditado inglês que diz: *melhor o diabo que eu conheço...* Uma das dramaturgias mais significativas do sujeito-homem-ocidental, o solilóquio de Hamlet<sup>1</sup>, é também um emblema da covardia criativa deste “homem”, que nem consegue se matar de tanto medo que tem de

---

<sup>1</sup> Ser ou não ser, eis a questão. Será mais nobre sofrer na alma Pedradas e flechadas do destino feroz Ou pegar em armas contra o mar de angústias E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir; Só isso. E com o sono, dizem, extinguir Dores do coração e as mil mazelas naturais A que a carne é sujeita; eis uma consumação Ardentemente desejável. Morrer, dormir Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo! Os sonhos que hão de vir no sono da morte Quando tivermos escapado ao tumulto vital Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão Que dá à desventura uma vida tão longa. Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso, As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei, A prepotência do mando, e o achincalhe Que o mérito paciente recebe dos inúteis, Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso Com um simples punhal? Quem agüentaria fardos, Gemendo e suando numa vida servil, Senão porque o terror de alguma coisa após a morte O país não descoberto, de cujos confins Jamais voltou nenhum viajante. Nos confunde a vontade, Nos faz preferir e suportar os males que já temos, A fugirmos pra outros que desconhecemos? E assim a reflexão faz todos nós covardes. E assim o matiz natural da decisão Se transforma no doentio pálido do pensamento. E empreitadas de vigor e coragem, Refletidas demais, saem de seu caminho, Perdem o nome de ação. (SHAKESPEARE, W. Hamlet. Tradução: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997)

entregar-se a qualquer impulso que o leve a universos desconhecidos. “Para que alguma coisa surja é preciso que alguma coisa desapareça. A configuração da esperança é o medo. A primeira manifestação do novo é o horror.”, conforme já observara Heiner Muller. Ao meu ver, assim incubamos o esporo da massa fascista que deflagrou um estado de coisas determinantes para os rumos e os resultados desta jornada recente da história do mundo e do Brasil.

Contudo, esta mesma trilha iniciada pelo desamparo coletivo contemporâneo de que falei a pouco, causado por esta falta ontológica de criatividade para descobrirmos as saídas possíveis, foi capaz, ao contrário, no meu caso, de romper com a repetição monocórdia do dueto da expectativa – formado pela *esperança e o medo* (SAFATLE. 2015) – abrindo em minha ação de pesquisa o espaço do risco.

Risco que pode se concretizar em um ato simples como decidir ter atenção comigo mesma em um mundo de desatenção e desordem generalizadas. Estes pequenos riscos cotidianos que implicam em escolher agir guiada por uma qualidade diferenciada da atenção, foi capaz de gerar os espaços necessários às rupturas com alguns de meus arco-reflexos culturais, e propiciar o desenvolvimento de outros modos de existência para a minha trajetória de vida-pesquisa nos últimos 4 anos. Trata-se de desenvolver uma capacidade de atenção diferente da atenção ordinária de nosso tempo, na qual somos tão bombardeados com as múltiplas e simultâneas tarefas, que acabamos por processar mal os dados vindos da vida.

Ainda que minha resposta inovadora não seja marcar a pele em público<sup>2</sup>, defecar em via pública sobre a imagem de políticos corruptos<sup>3</sup> ou deixar que estranhos toquem meu ponto G<sup>4</sup>, eu ainda me arrisco. Ninguém, além de mim, poderia julgar o que me espanta no meu encontro comigo. Encontrar-se consigo e guardar atenção a si, pode estar manifesto também nos atos simples, como caminhar sozinha a noite sem rumo pelas ruas de uma cidade. Parece pouco, mas

---

<sup>2</sup> PANAMBY, Sara; ESPINDOLA, Filipe. Sensação, recepção em Artes do Corpo - IV Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas. Vídeo do You Tube. Campinas, 18 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HcPYkzX9NDo&index=4&list=PLkU1JoV0M3XIFpMiAbkB8i7p2ljoYYVhN> Acesso em: 28 de janeiro de 2019.

<sup>3</sup>CARVALHO, Diana. Grupo que cuspiu, vomitou e defecou em fotos de políticos recebe ameaças de morte. BOL/UOL, São Paulo, 29 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2016/04/29/grupo-que-cuspiu-vomitou-e-defecou-em-fotos-de-politicos-recebe-ameacas-de-morte.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

<sup>4</sup> NHAMANDU, Sue. Pornoklastia - Conheça te a ti mesmo. Cínicas. Brasil. Disponível em: <https://www.cinicas.com.br/pornoklastia-conheca-te-ti-mesmo/> Acesso em: 28 de janeiro de 2019.

só as mulheres sabem o que ocorre ao pensamento quando se vai sozinha a noite do ponto de ônibus até em casa.

A arte, nisso tudo, tem o papel de informar, artistas e audiência, que, sendo toda a cultura criação, invenção repetida no imaginário coletivo em favor de alguma classe, instituição, linhagem, família, ou propósito, poderemos imaginar modos de agir e existir no mundo, absolutamente novos. Em uma ação na qual a subjetividade surpreende o próprio sujeito que se auto lardeia. Contudo, para se alcançar este *status* de atenção de quem escuta os próprios pensamentos e observa as próprias ações no mundo, é necessário realizar um trabalho. Um trabalho que compreende um estado do sujeito, crivado pela experiência da subjetividade.

Estes múltiplos atravessamentos em sua relação com toda a sorte de outros, ocorrem no corpo, atuam sobre ele em sua carne fazendo-a vibrar. Afinal, como sinteticamente define Rolnik, “a subjetividade é a resultante da experiência do mundo em mim.”<sup>5</sup> Não constitui, portanto, uma matéria concreta. Porém, atua *sobre* a matéria concreta. São linhas de força que partem das diversas camadas de relações que estabelecemos quando pensamos, por exemplo, no *corpo cênico*, no corpo produzido por estes processos de atravessamentos, na verdade, na qualidade despertada no corpo da artista nestes processos. Sobre isso dirá Eleonora Fabião:

O corpo cênico está cuidadosamente atento a si, ao outro, ao meio; é o corpo da sensorialidade aberta e conectiva. A atenção permite que o macro e o mínimo, grandezas que geralmente escapam na vida cotidiana, possam ser adentradas e exploradas. Essa operação psicofísica, ética e poética desconstrói hábitos. Atentar para a pressão e o peso das roupas que se veste, para o outro lado, para as sombras e os reflexos, para o gosto da língua e o cheiro do ar, para o jeito como ele move as mãos, atentar para um pensamento que ocorre quando rodando a chave ao sair de casa, para o espírito das cores. A atenção é uma forma de conexão sensorial e perceptiva, uma via de expansão psicofísica sem dispersão, uma forma de conhecimento. A atenção torna-se assim uma pré-condição da ação cênica; uma espécie de estado de alerta distensionado ou tensão relaxada que se experimenta quando os pés estão firmes no chão, enraizados de tal modo que o corpo pode expandir-se ao extremo sem se esvair. (FABIÃO. 2010:322)

A partir dessa ideia de que há um trabalho a ser feito sobre a atenção para se alcançar esta qualidade de corpo em experiência, nos deparamos com as práticas que nos permitem experimentar esta qualidade da atenção. Experimentei, durante este período, o que Eleonora Fabião chamou de “Programa Performativo.” O programa performativo é visto aqui como

---

<sup>5</sup> ROLNIK, Suely. Suely Rolnik - Entrevista Completa - Narciso no Espelho do Século XXI. Vídeo do You Tube. Brasil, 27 de maio de 2017. Disponível [https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB\\_5DY&t=157s](https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB_5DY&t=157s). Min. 22. Visualizado em 28 de janeiro de 2019.

cuidado de si, como uma das práticas de cuidado e atenção mais relevantes nesta investigação. Experiência capaz de redimensionar bruscamente minha relação comigo mesma. Fabião define Programa Performativo da seguinte maneira:

Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia. “Vou sentar numa poltrona por 3 dias e tentar fazer levitar um frasco de leite de magnésia. No sábado às 17:30 me levantarei”. É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação. Proponho que quanto mais claro e conciso for o enunciado — sem adjetivos e com verbos no infinitivo — mais fluida será a experimentação. Enunciados rocambolescos turvam e restringem, enquanto enunciados claros e sucintos garantem precisão e flexibilidade. (FABIÃO. 2013:4)

O capítulo inaugural desta tese, marca esta relação de interdependência entre vida cotidiana e criação artística, tão caros na missão de me manter cuidando de mim mesma, quanto são presentes em todas as minhas ações estéticas do período que compreende a minha investigação, entre 2015 e 2019. Apesar de ter sido registrado com o nome de “Crônicas de uma artista atenta”, também poderia se chamar “Sobre o processo de vida que deu origem às minhas obras de 2015 a 2019”. Durante estes duros anos da história contemporânea – tanto no cenário mundial quanto no contexto brasileiro – produzi 5 das mais significativas obras de minha carreira até aqui. Também poderia dizer que, ao produzi-las em mim, ou, a partir do que me afetou, acabei vivendo algumas das mais importantes e reveladoras experiências estéticas e espirituais, em uma acepção muito específica do conceito de espiritualidade em Foucault.

Espiritualidade para os antigos gregos e romanos, era um conceito correlato ao cuidado de si. A espiritualidade, nos conta Foucault, compreende também o exercício da filosofia e se configura como uma forma de cuidado de si que transforma o sujeito irreparavelmente, diferente de antes da experiência. Foucault, cercado de precauções, mostra que há na filosofia este *status* de prática ou de exercício de espiritualidade. A verdade nos aparecerá “como iluminação, como beatitude, como tranquilidade da alma do sujeito.” (FOUCAULT. 2014:12) A espiritualidade fala de algo ao qual não se tem acesso pelo conhecimento, mas somente pela experiência. A espiritualidade, deste modo, nada tem relação com a religião e sim com uma espécie de imperativo de auto-invenção constante. Foucault dirá sobre este conceito na filosofia antiga:

A espiritualidade postula que a verdade jamais é dada de pleno direito ao sujeito. A espiritualidade postula que o sujeito enquanto tal não tem direito, não possui capacidade de ter acesso à verdade. Postula que a verdade jamais é dada por um simples ato de conhecimento, ato que seria fundamentado e legitimado por ser ele o sujeito e por ter tal e qual estrutura de sujeito.

Postula a necessidade que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se, em certa medida e até certo ponto outro que não ele mesmo para ter direito ao acesso à verdade (...). Chamemos esse movimento, também muito convencionalmente, em qualquer que seja o sentido, de movimento do *éros* (amor). Além dessa, outra grande forma pela qual o sujeito pode e deve transformar-se para ter acesso à verdade é um trabalho. Trabalho de si para consigo, elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (*áskesis*). *Éros* e *áskesis* são, creio, as duas grandes formas com que, na espiritualidade ocidental, concebemos as modalidades segundo as quais o sujeito deve ser transformado para, finalmente, tornar-se em sujeito capaz de verdade. (FOUCAULT. 2014:16)

Em meu processo, que por essa concepção é da ordem do espiritual, criei e executei a Série de 3 Programas Performativos chamados de “Performações Cassândricas”; compus, em parceria equipolente com o improvisador musical Pedro Sollero, a obra híbrida, de caráter instalativo, com espaços dilatados de inacabamento e aberturas à participação do público, intitulada “A Cabeça de Cassandra”; além de gerar, com meu corpo todo implicado, a presente tese de doutorado.

Talvez a palavra “atenção”, a que o título se remete, não seja a mais adequada ao processo que há de ser narrado nas páginas que se seguem. Isto porque definitivamente, não cheguei a um estado de atenção, a uma capacidade, ou qualidade de atenção, que me satisfizesse ao longo destes 4 anos de pesquisa. Ao contrário do que gostaria, ainda cometo erros grosseiros na minha caminhada ao meu redor. Corro o grave risco de perceber, ao fim de tudo, que este lugar de mestria de mim mesma nunca me trará uma real satisfação. Nunca estará definitivamente finalizado. Estar atenta ao que se passa comigo para, imbuída desta qualidade da atenção, criar esteticamente, não é tarefa que se possa concluir. Contudo, é todo o objetivo deste doutorado.

Isto significa que esta pesquisa marca o início de uma nova cultura de mim na minha trajetória de vida, de modo a ir imprimindo novas qualidades em minha relação comigo, ao mesmo tempo que cria as condições necessárias ao meu exercício estético. Com o passar destas páginas, gostaria de mostrar, que mesmo pisando neste solo inacabado, estou produzindo conhecimento válido que é, sem dúvida, um pensamento de uma unicidade extrema, ao mesmo tempo que pode ser vivido por todo o sujeito de coragem. Trata-se de uma pesquisa que fala da coragem de se reinventar como vetor principal da criação estética nas artes da cena.

Neste caminho a ser percorrido ao meu redor, neste transladar, eu, certamente, simultaneamente ao ato de mover-me, transformo-me e, a cada passo com o qual adquiro uma

nova perspectiva, eu acabo por perder uma outra parte de mim, que há pouco podia ver com nitidez. Nunca poderei ter o excedente de visão necessário para ver a mim mesma por inteira, ou seja, para me assistir e me perceber por todas as perspectivas possíveis simultaneamente. Neste sentido, quando completo a volta, tudo que o havia visto, já se modificou, e o movimento precisa ser novamente realizado.

Cuidar de si, deste modo, se assemelha ao trabalho dos rins, dos pulmões ou do sistema digestório. Trata-se de filtrar e expurgar o lixo. Recolher o que vem de fora, aproveitar, absorver o que nos nutre e nos faz fluxo, para, em seguida reiterar o movimento de filtrar e expurgar o resíduo. Novamente e novamente, em um movimento que é também, e sempre, de expansão e recolhimento... Até que o ritmo empregado pelo coração um dia cesse, fazendo com que todo o som pare, e tudo seja silêncio. Não como quem tira a agulha do disco. Mas por conta mesmo do fim da vida, do fim do próprio ser que escuta. Afinal, ainda que o coração pare, a música, apesar das agressões ao nosso planeta, nunca para<sup>6</sup>.

Deslocando o olhar metafórico do fisiológico para o social, pude atestar, por experiência, que a festa popular também é cuidado de si. Vivenciei em agosto de 2018 a terceira maior festa da Bahia, a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, que ocorre há quase 200 anos, sempre entre os dias 13 a 19 de agosto na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano. Eu, que nunca havia tido uma relação estreita com as festas populares, era orientanda da fundadora do Carnaval de Barão Geraldo, distrito onde ficava a Unicamp. Só compreendi o valor daquela experiência coletiva de cuidado de si, tão viva na festa popular, quando cheguei à Bahia. Na Bahia compreendi que a cultura cênica popular, que tem como emblema maior o corpo e o espaço da comunhão, do *axé*, uma outra face da experiência da *áskesis*, leitura de um dado tipo de exercício sobre si, trabalho sobre si, cuidado de si. A palavra *axé*, nos conta Muniz Sodré, em “A verdade seduzida – Por um conceito de cultura no Brasil”, é o espaço das trocas físicas e simbólicas que ligam um sujeito ao outro nos rituais brasileiros de origem africana. Rituais os quais geram o grande tecido

---

<sup>6</sup> Não se pode esquecer que, apesar do planeta Terra resistir, infelizmente, tem se degenerado a largas passadas. WWF Brasil: Dia da Sobrecarga da Terra de 2018 é em 1º de agosto. Brasil, 01 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?66763/Dia-da-Sobrecarga-da-Terra-de-2018-e-em-1-de-agosto>. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

da subjetividade deste povo. O axé é resultante da mobilização coletiva gerada pelos corpos em experiência.

Axé é força vital, sem a qual, segundo a cosmogonia nagô, os seres não poderiam ter existência nem transformação. É um princípio dinâmico (como o fogo, no pensamento de Heráclito), que não se limita, aliás, à ordem nagô. Os bantos também o têm como princípio essencial (Tempels, 1969), designado principalmente pelo muntu. O muntu, assim como o axé, existe nos animais, minerais, plantas, seres humanos (vivos e mortos), mas não como algo imanente: é preciso o contato de dois seres para sua formação. E sendo força, mantém-se, cresce, diminui, transmite-se em função da relação (ontológica) do indivíduo com os princípios cósmicos (orixás), com os irmãos de linhagem, com os ancestrais, com os descendentes. (SODRÉ. 2005:97)

Se exirmos da festa popular as marcas de um pensamento elitista, esnobe com pretensões eruditas, ela própria, a festa popular, bem como a ação da dançante, da brincante, da foliã, da iniciada, é cuidado de si, porque marca este mesmo movimento de transladar do sujeito ao seu próprio redor no compartilhamento social. Não se trata de um ato de reconhecimento pela razão, mas um ato de reconhecimento da capacidade de cura que a ação de dar volta ao redor de si, junto com outros, proporciona. O cuidado de si também aparece tanto na “História da sexualidade vol. 3: o cuidado de si” (FOUCAULT. 1985), como na “Hermenêutica do Sujeito” (FOUCAULT. 2014) como uma forma de *therapeúein*, que se refere aos cuidados médicos, mas também às obrigações do discípulo para com o mestre, ou ainda, do humano para com os deuses.

Para os cínicos, nos conta Foucault, o cuidado de si não está restrito à vida filosófica, por exemplo, tratava-se, antes, de uma conduta moral. O cuidado de si também aparece como “uma atitude geral para consigo e para com o mundo” (FOUCAULT: 2014:11); ou ainda como “uma certa forma de atenção do olhar” (FOUCAULT. 2014:11), uma forma de se “estar atento ao que se passa no pensamento” (FOUCAULT. 2014:12).

É através do cuidado constante, da relação estreita do sujeito consigo que ele é capaz de se conhecer, para melhor cuidar de si e, se quiser, cuidar dos outros, da *pólis*, da cidade. Sobre este ponto Foucault irá colocar: “Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social.” (FOUCAULT. 1985:57) Cuidar de si, ocupar-se de si, para conhecer-se, onde conhecer-se significa acessar a verdade. Ainda que persigamos uma verdade provisória, efêmera, ela é, sobretudo, viva. Trata-se de modificar-se por meio da busca pela “verdade”. Assim, o objeto alcançado nesta busca não é mais importante do que as mudanças que o processo de busca causou no ser que se trabalha para ter acesso à verdade. Deste modo, não há a supremacia dos

fins sobre os meios, uma coisa e outra coisa fazem parte da mesma busca. É, pois, desta translação do sujeito ao redor de si que resulta a subjetividade. A subjetividade, ou seja, *resultante da experiência do mundo em mim*, talvez adquira seus momentos de maior concretude nesta pesquisa, por exemplo, na festa popular. Digo isto, porque a Festa da Boa Morte está presente neste meu transladar. Nas crônicas que se seguem falaremos mais longamente sobre ela.

Por ora, se observarmos a função de instaurar o mundo no sujeito em uma experiência de imersão e comunhão despertada na festa popular, ela, a festa, acaba por sublimar dores e gera resistência. Resistência, que entre as camadas mais vulneráveis da população, de onde estas manifestações eclodem, muitas vezes depois de dias exaustivos de trabalhos braçais excruciantes, ainda apresenta-se vigorosa. Esta resistência, que nasce fundamentalmente do corpo, tem como núcleo e base o corpo que brinca. É no corpo, que é “dínamo”, ou seja, portador de uma qualidade de energia de movimento capaz de gerar mais energia no corpo dançando/brincando/representando, em fluxo, através de longos períodos de imersão e em comunidade. Só nestas condições, o sujeito dará a tal volta ao redor de si e se libertará das escravidões que o oprimem, ainda que temporariamente, para curar-se e sobreviver, resistir por mais uma temporada, até a próxima festa. Grácia Navarro, a partir de sua experiência com Graziela Rodrigues, enquanto aluna de graduação e dirigida por ela na criação do espetáculo “Bailarinas de Terreiro”, afirma que:

O dínamo processa-se na dinâmica desse corpo visto como mastro votivo e está intimamente ligado ao pulso. O Pulso é determinado por instrumentos, cantos e palmateios característicos de cada linguagem da dança popular brasileira. O pulso que se inicia no centro do corpo de cada dançante faz com que músicos, dançantes e assistentes comunguem de um mesmo pulso. Cria-se através do pulso uma teia que envolve a todos os participantes em uma mesma sintonia. O pulso como um movimento contínuo, com intervalos previsíveis e constantes, funciona como organizador e mantenedor da energia gerada. O dínamo processa-se através da expansão e recolhimento do movimento, sendo o pulso o "chão" para as várias gradações do ciclo de expansão e recolhimento. (NAVARRO.2000:33)

O cuidado de si pode se tornar, desta maneira, esta volta ao meu próprio largo. Um ato que não cessa nunca, inerente à condição mesma da vida. Um ciclo, como o da festa ou o da fisiologia. Eu caminho ao meu redor para, como coloca Foucault referindo-se ao pensamento do estóico Sêneca, me libertar da servidão escrava de mim para comigo.

Está na Carta 8, quando Sêneca diz que a filosofia faz com que o sujeito gire em torno de si mesmo, isto é, faz com que ele execute o gesto pelo qual, tradicional e juridicamente, o mestre liberta o seu escravo. Havia um gesto ritual, com que o mestre, a fim de mostrar, manifestar, efetuar a libertação do escravo de sua sujeição, fazia-o girar em torno dele mesmo. Sêneca retoma

esta imagem e diz que a filosofia faz com que o sujeito gire em torno de si mesmo, mas para o liberar. Portanto, ruptura para o eu, ruptura em torno do eu, ruptura em proveito do eu, mas não ruptura do eu. (FOUCAULT. 2014:191)

Segundo Nietzsche, me examino, e é preciso que me examine com frequência, para que não tenha de viver a vergonha de sentir vergonha de mim mesma. Tony Hara, acerca do filósofo alemão, dirá:

Nietzsche, num dos aforismos da *Gaia Ciência* se pergunta a quem ele chama de "ruim", e responde de forma concisa: "Àquele que quer sempre envergonhar." "Qual é a coisa mais humana para você? – Poupar alguém da vergonha.", "Qual o emblema da liberdade alcançada? – Não mais envergonhar-se de si mesmo." A rede de aviltamento, onde o homem se debate de forma constrangedora, já estava sendo tramada na época em que Nietzsche construía a sua máquina de pensamento. É por isso que o seu diagnóstico da cultura ocidental é tão sombrio e duro: estamos "cansados do homem, nós sofremos do homem". (HARA. 2004:7)

Segundo muitas correntes do pensamento Feminista e conforme algumas práticas contemporâneas feministas, me olho, tenho atenção comigo, para me reinventar, para superar em mim a cultura que me impregna os músculos, os ossos e que por nós é assimilada *junto com o leite de nossas mães*. A cultura é vista como uma espécie de anticorpo, vírus congênito, síndrome. Desde a mais tenra infância, capaz de nos oferecer a explicação que se espera, a partir de seus próprios critérios e favorecendo determinados modos de vida em detrimento de outros, marcando, deste modo, a mensagem subliminar de que toda a experiência imanente da cultura é parte da natureza humana e, por isto, é imutável. É desta maneira que se naturaliza o medo que muitas mulheres sentem de sua pura existência. A poeta Audre Lorde, em sua "Ladainha para a sobrevivência", mostra como a cultura baseada no medo, é uma das linhas que formam a subjetividade da mulher negra, e por que não, da mulher periférica, bárbara, não-ocidental, como Cassandra:

### Ladainha para a sobrevivência

Para aquelas de nós que vivem na beirada  
Encarando os gumes constantes da decisão crucial e solitária  
Para aquelas de nós que não podem se dar ao luxo dos sonhos passageiros da escolha  
Que amam na soleira vindo e indo  
nas horas entre as alvoradas  
Olhando no íntimo e pra fora  
simultaneamente antes e depois

Buscando um agora que possa procriar  
futuros  
Como pão na boca de nossas crianças  
para que os sonhos delas não reflitam  
a morte dos nossos;

Para aquelas de nós  
 que foram marcadas pelo medo  
 como uma linha tênue no meio de nossas testas  
 Aprendendo a ter medo com o leite de nossas mães  
 Pois por essa arma  
 essa ilusão de alguma segurança vindoura  
 os marchantes esperavam nos calar

Para todas nós  
 este instante e esta glória  
 Não esperavam que sobrevivêssemos

E quando o sol nasce nós temos medo  
 ele pode não durar  
 Quando o sol se põe nós temos medo  
 ele pode não nascer pela manhã  
 Quando estamos de barriga cheia nós temos medo de indigestão  
 Quando nossos estômagos estão vazios  
 nós temos medo nós podemos nunca mais comer novamente  
 Quando somos amadas nós temos medo  
 o amor vai acabar  
 Quando estamos sozinhas nós temos medo  
 o amor nunca vai voltar  
 E quando falamos nós temos medo  
 nossas palavras não serão ouvidas  
 nem bem-vindas  
 Mas quando estamos em silêncio  
 nós ainda temos medo

Então é melhor falar  
 tendo em mente que  
 não esperavam que sobrevivêssemos. (LORDE. 2000:30)

A este ponto faremos uma digressão, importante para os caminhos desta narrativa. Precisamos falar do que pode o mito, dentro da perspectiva de cultura que apresentamos aqui. O mito foi uma das primeiras formas inventadas pela humanidade de entender os fenômenos da vida. Trata-se de uma narrativa, de caráter imagético e simbólico, formulada, não se sabe bem como, em um passado distante. Narra histórias ancestrais de como chegamos ao presente e de como fomos marcadas/marcados e condicionadas/os como coletivo. Fala de nossas raízes imaginárias e simbólicas, e tais narrativas são fortemente influenciadas pela cultura e pela organização social do coletivo que funda determinado mito. “A mitologia é o sonhar coletivo dos povos.” (BOECHAT. 1996:23). Explica a origem dos elementos da natureza, nossa relação com ela, com os animais, com todos os seres vivos, com as doenças, com os sentimentos e impulsos humanos.

Hoje temos a ciência, antes imaginávamos coletivamente, geração após geração, como viemos parar aqui. O mito tem relação direta com o rito, que é, grosso modo, a forma como as pessoas revivem, atualizam e transformam o mito em ato, através da experiência física do encontro com sua ancestralidade. Lévi-Strauss refletiu sobre este tema e suas ponderações a respeito do conhecimento científico e dos saberes mais ligados ao sensível, serão muito úteis no desenrolar deste prólogo. Em seu “Mito e Significado” Lévi-Strauss trabalha com a tese de que este “apartar” da ciência e do mito, que um dia foi necessário para o nosso crescimento intelectual e tecnológico, tem se mostrado, cada vez mais, um retrocesso para as atuais conjunturas de pesquisa acadêmica tanto para as ciências humanas, quanto para as artes. Racionalidade e materialidade podem e devem viver e atuar no mundo em equipolência... Lévi-Strauss então coloca:

O fosso, a separação real, entre a ciência e aquilo que poderíamos denominar pensamento mitológico, para encontrar um nome, embora não seja exatamente isso, ocorreu nos séculos XVII e XVIII. Por essa altura, com Bacon, Descartes, Newton e outros, tornou-se necessário à ciência levantar-se e afirmar-se contra as velhas gerações de pensamento místico e mítico, e pensou-se então que a ciência só podia existir se voltasse costas ao mundo dos sentidos, o mundo que vemos, cheiramos, saboreamos e percebemos; o mundo sensorial é um mundo ilusório, ao passo que o mundo real seria um mundo de propriedades matemáticas que só podem ser descobertas pelo intelecto e que estão em contradição total com o testemunho dos sentidos. Este movimento foi provavelmente necessário, pois a experiência demonstra-nos que, graças a esta separação – este cisma, se se quiser –, o pensamento científico encontrou condições para se auto-constituir. Assim, tenho a impressão de que (e, evidentemente, não falo como cientista – não sou físico, não sou biólogo, não sou químico) a ciência contemporânea está no caminho para superar este fosso e que os dados dos sentidos estão sendo cada vez mais reintegrados na explicação científica como uma coisa que tem um significado, que tem uma verdade e que pode ser explicada. (LÉVI-STRAUSS. 2007:11)

O teatro já desempenhou este papel crucial nas formulações sobre o mundo em sua raiz grega. Tendo sido o responsável por “ler” o mundo da Grécia antiga e suas leituras pautam nosso modo de existir até hoje, ainda que o conhecimento científico tenha massacrado o conhecimento sensível por um longo período para se firmar como verdade.

No Brasil, por termos um oceano de distância do velho continente e pela ocorrência de modos de existência e mitologias próprias, poderíamos naturalmente nos guiar por mitos locais. Mas sofremos a influência, ou imposição, da supremacia falocêntrica ocidental que tem aniquilado, junto com quase todas as populações indígenas e quilombolas, a possibilidade de um “modo mais brasileiro” de processarmos nossos mitos e, por conseguinte, compreendermos o

mundo de maneira mais própria. Só se aprende na escola, grosso modo, a cultura dos homens brancos.

Vivemos, então, “à grega”, com seus mitos, ritos e formas de organizar a vida e o pensamento. Se olharmos bem, da maneira como a história é contada, até parece que o inconsciente coletivo de toda a humanidade é fundado na antiguidade clássica, especialmente na Grécia. Acho isso curioso... Não engraçado. Desta forma, tal supremacia cultural acaba se tornando algo inerente a nós, orgânico, quase biológico. Contudo é preciso aceitar o convite para olharmos mais uma vez às narrativas da nossa *arché* ocidental europeia, pois que ela também nos pertence, somos híbridos, “*vira-latas*”, vivemos neste lugar entre lugares.

Durante estes 4 anos, um dos meus empenhos foi compreender o papel da pesquisa acadêmica em artes e seus pesquisadores no panorama universitário atual, via mitologia<sup>7</sup>. Escolhi como primeiro fio condutor a figura da profetisa troiana Cassandra. Foi assim que Cassandra começou a se aproximar de mim novamente, agora no doutorado. Conforme o correr das páginas eu contarei com mais detalhes que eu não escolhi Cassandra a princípio. Cassandra foi minha resposta às contingências. Contudo, é fato que ela é o filtro entre mim e a experiência do mundo em mim, por isso, Cassandra dá nome a esta tese. Fomos caminhando uma em direção a outra. Cassandra trouxe com ela os Feminismos. O mito de Cassandra transformou uma tese sobre “o feminino” e uma “tese feminista”. Acerca desta potência de transformação inerente à contingência, Safatle dirá:

Quando abrimos as portas do tempo com suas pulsações descontroladas e anômalas, suas múltiplas formas de presença e existência, então conseguiremos mais uma vez explodir os limites da experiência e fazer o que até então apareceu como impossível tornar-se possível. (SAFATLE. 2015:185)

A cultura que condena o feminino à categoria de frágil; ardiloso; desimportante; inapropriado; sexualmente provocante; uma lasciva canibaleza devoradora de homens; aquela cujo desejo não tem fim enquanto o homem goza e desfalece... Tudo isto, a meu ver, é parte importante das principais causas de manifestações violentas contra a comunidade LGBTQI, por exemplo. É devido ao ódio ao feminino, a meu ver, a que se deve esta perseguição indiscriminada, frequentemente predatória, aos, insuportáveis, corpos e os modos de atuação a

---

<sup>7</sup> NUNES, Aline Nunes de Oliveira; NAVARRO, Grácia Maria. Somos Cassandras? - Reflexões sobre a pesquisa e os pesquisadores das artes presenciais. Revista Moringa, v8n1p53-64, 2017.

eles associados. Não se condena propriamente as práticas sexuais *gays*, mas esta “alegria efeminada” que incomoda tanto. A cultura, que diz que tudo é como é – porque é – não pode ser aceita sem ação contundente do corpo e da mente. No meu caso, porque sou artista: sem ação estética.

Parte importante de minha metodologia de pesquisa consiste em informar-me, como sujeito-mulher, que as injustiças em relação às questões de gênero são apenas invenção humana. Não se trata de essência, ou de uma questão de natureza. Não tem um caráter monolítico, um caráter permanente, conforme aprendemos. Todo este movimento, fundamenta-se sobre a capacidade que cada uma e cada um de nós viventes temos de inventar novas formas de nos relacionarmos conosco e com toda a sorte de outros. A cultura, apesar de imanente, pode adquirir um caráter mais flexível, inclusivo e capaz de reinventar-se, para nos reinventarmos a nós mesmas, a partir das novas necessidades que cada tempo apresenta. Já dizia a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie:

Para que serve a cultura? A cultura funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade a um povo. Na minha família, eu sou a filha que mais se interessa pela história de quem somos, nossas terras ancestrais, nossas tradições. Meus irmãos não têm interesse nisso. Mas não posso ter voz ativa, porque a cultura Igbo favorece os homens e só eles podem participar das reuniões em que as decisões familiares mais importantes são tomadas. Então, apesar de ser a pessoa mais ligada a esses assuntos, não posso frequentar as reuniões. Não tenho direito a voz. Porque sou mulher.

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se a humanidade inteira de mulheres não faz parte da cultura, então temos de mudar a cultura. (ADICHIE 2015:47)

Em outra passagem, a escritora protesta com indignação, permitindo que a verdade se mostre por meio de sua voz. Sem ter medo de, como ela mesma diz, “não parecer feminina”, Chimamanda coloca:

Como a questão de gênero incomoda, as pessoas recorrem a vários argumentos para cortar a conversa. Algumas lançam mão da biologia evolutiva dos macacos, lembrando como as fêmeas se curvam diante dos machos. Mas a questão é a seguinte: nós não somos macacos. Macacos vivem em árvores e comem minhocas. Nós, não. (ADICHIE. 2015:45)

O que pretendo descrever nestas crônicas e nas reflexões aqui propostas sobre a subjetividade, os sujeitos-mulheres de nosso tempo, a interdição discursiva da mulher política e a capacidade de criar a partir de uma qualidade do sujeito atento a si, é o movimento que conscientemente iniciei de atenção ao que há de cultura machista e sexista em mim. O modo como aprendi o legado foucaultiano, feminista e cassândrico da problematização generalizada,

que quer perceber, em todo o contexto, o que há de invenção humana em um dado cenário. A este respeito dirá Foucault:

Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente nem criação pelo discurso de um objeto que não existe. [Problematização] é o conjunto de práticas discursivas ou não discursivas que faz que algo entre no jogo do verdadeiro e do falso e o constitua como objeto para o pensamento. (Foucault apud MUCHAIL.2011:12)

Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca, no livro “Foucault, mestre do cuidado”, nos contam que,

Também em 1984, em um debate com Dreyfus e Rabinow, Foucault refere-se a sua filosofia como trabalho do pensamento que seria um trabalho de perpétua reproblemática (das atividades, das práticas, das atitudes) não repousaria em uma espécie de pessimismo expresso pela fórmula “nada mudará”, ao contrário, “é a adesão ao princípio de que o homem é um ser pensante, até mesmo em suas mais silenciosas práticas, e que o pensamento não é o que nos faz crer naquilo que pensamos nem admitir naquilo que fazemos; mas o que nos faz problematizar até mesmo o que nós somos.” E conclui: “o trabalho do pensamento não consiste em denunciar o mal habita secretamente tudo o que existe, mas em pressentir o perigo que ameaça tudo o que é habitual e tornar problemático tudo o que é sólido.” (MUCHAIL.2011:12)

Diante dessa desmistificação da cultura como um monolito indestrutível, coloco-me a criar um novo modo de me relacionar com as situações da vida de maneira feminista. É desta resultante que nasce a minha obra deste período. Deste modo de relação comigo mesma, no qual venho me instrumentalizando e para o qual e pelo qual não fui criada para pensar, muito menos agir. Por isto mesmo, ao longo deste relato, a frustração também é companhia habitual. Trata-se de viver contradizendo meus próprios paradigmas... De deixar ao desterro os preconceitos... De me desestabilizar a todo o instante, me desterritorializar. Trata-se de viver uma subjetividade feminista. De amar as reticências, que para além do sentido de interrupção, que é próprio deste sinal pausal, representa também, e é o que me interessa aqui em representar: a ideia que deambula e desemboca em outra. Porque deambular é parte das metodologias desta pesquisa qualitativa radical. Marília Velardi, em seu combativo artigo “Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa”, coloca que,

Quando estudamos as coisas colocando-nos de fora delas é possível adotarmos algumas perspectivas para o olhar, no entanto, quando tratamos de investigar as experiências nas quais nos localizamos, durante os nossos mergulhos, é possível escolhermos não olhar de fora. Sim, deve ser possível. De fato, ao lidarmos com a ideia de que é possível fazermos pesquisa acadêmica sem a delimitação de objetos de estudo, sem hipóteses e conjecturas formuladas antes das descrições e interpretações, nós precisaremos nos responsabilizar pelo modo como pensamos e alicerçarmos isso noutras epistemologias. Ou ontologias. E assumir terá implicações epistemológicas e

políticas. Exige posicionamento de enfrentamento dos modelos vigentes, econômica, política e academicamente instaurados. (VELARDI. 2018:50)

A este respeito, faço uma livre associação ao que Tony Hara apresenta das leituras de Walter Benjamin acerca da ideia de método. Aceito, desta forma, a contribuição de Benjamin para corroborar na configuração dos métodos empregados nesta pesquisa. Neste prólogo, aproveito para apresentar a partir de quais referenciais de pesquisa, formas de pensamento e pensadores e pensadoras-artistas<sup>8</sup>, compus nos últimos anos. Acerca de Benjamin, Hara coloca,

Segundo a leitura de Jeanne Marie Gagnebin este hesitante [Benjamin] que anuncia seu "método" é o "exato contrário de uma consciência segura de si mesma, do seu alvo e do itinerário a seguir." Renunciar a intenção e temer chegar à meta talvez tenham o mesmo sentido para Benjamin. A intenção e a convicção do alvo impedem, ou melhor, comprometem a experimentação, a busca de novos significados, o livre exercício da contemplação, pois, se a meta está dada, a expedição pelos labirintos do passado ou da vida deixa de fazer sentido. Pois, como já foi dito de outra maneira, quem quer chegar à meta traça uma linha reta. Uma linha reta onde se penduram tanto o historicista quanto o ideólogo do progresso que Walter Benjamin não se cansa em fustigar em suas críticas. O desafio que Benjamin propõe a si mesmo é errar pelo labirinto desgarrado dos fios da razão que ligam o ponto de partida ao ponto de chegada. Esse errante que transforma a própria hesitação num instrumento de conhecimento, cria um 'método' sem dúvida, perigoso, como avalia Gagnebin, "pois nunca se pode ter certeza de que ele leva realmente a algum lugar, mas, pela mesma razão, extremamente precioso, pois só a renúncia à segurança do previsível permite ao pensamento atingir a liberdade." (HARA. 2004:48)

Nestes 4 anos de trabalho sobre mim mesma, me perdi de muitos de meus referenciais de reação ordinários. Para a minha satisfação pessoal, não respondo a tudo da mesma maneira que antes de começar esta caminhada. Não acredito mais que eu seja algo passível de acabamentos fixos. Compreendi que a vida, para mim, está mais afeita aos Programas Performativos que às dramaturgias fechadas. Que trata-se muito mais de improvisação do que de composição... Mais festa e menos Teatro. Mais do que tudo isso, aprendi nesses 4 anos a respeitar e amar as particularidades e resultantes ocasionadas pela composição em tempo real, derivada da presença e do encontro. Neste sentido, para desnaturalizar o que me era apresentado, tive que olhar, por assim dizer, para a minha medula. Assim, procurei compreender porque determinadas reações eram tão espontâneas, tão "naturais". Atos como arcos-reflexo fisiológicos? Ou simplesmente o poder da cultura que marca nossas subjetividades como um anticorpo, uma síndrome ou um vírus congênito?

Todo este movimento de desconfiança de mim mesma, de problematização, espaço de instabilidades, é o *locus* da minha produção artística nos últimos 4 anos. É o que me tirou de um

---

<sup>8</sup> Modo como Hara nomeia esta espécie criativa de intelectuais.

lugar de segurança de mim, segurança na infelicidade de minhas neuroses mais antigas, incrustadas, que até pouco tempo eu via – porque assim me foram apresentadas – como traços de uma natureza, de uma personalidade dramática e intensa.

Foi, para deixar de ser uma pedra fixa, “dramática e intensa”, e sem perder dramaticidade e intensidade, é que comecei fazendo cenas... Passei das cenas para os enunciados simples e não rocambolescos, e daí para o desamparo de ir para às ruas das cidades e, corajosamente, *cassandrar*. Desta coragem veio o desejo de expor meu corpo aos poderes de outrem. Não de me entregar como mártir, mas de testar o grau de civilidade do meu habitat e me observar na ventania. Assim, me arriscar, dentro de determinados critérios, nas mãos de desconhecido. Minha intenção era de não recorrer ao truque de preencher as relações com quem interagia com a obra somente com as “mágicas” da teatralidade. Queria, a partir dali, olhar para o outro simplesmente e, no meu tempo com o outro, observar minhas reações e me reconduzir a outras reações ainda desconhecidas. Assim, me desprendi de qualquer direção prévia do olhar.

Para ver, precisamos de luz, mas escolhi que não seria eu quem conduziria o archote da Cassandra. Entregar às mulheres que interagem comigo a possibilidade de dizer sua versão do contemporâneo, me lembra o chamado que Maria Lacerda de Moura faz às mulheres que, ainda que limitadas, excluídas a um grupo restrito de circulação de seus discursos, podem falar. Para mim, colocar esta pesquisa artística no âmbito da academia – mais precisamente no campo mesmo das artes, onde este discurso acadêmico ainda é frágil, porque apenas inicia esta construção de seus modos de fazer e sua legitimidade – é um modo de viver o chamado de Maria Lacerda.

Nossa histórica feminista dará a nós, artistas, intelectuais, idealistas em geral, a incumbência de lutar contra a cultura que quer transformar todas as mulheres em figuras estáticas, escravas de si mesmas e perpetuadoras de sua própria servidão. Maria nos alerta que,

Enquanto houver uma só pária, enquanto houver uma mulher sacrificada, enquanto houver crianças famintas, mulheres escravas do salário — nós, idealistas, não temos senão o dever de pensar, de sonhar, de agir para o advento de outra sociedade, em busca de outros sonhos para a vida maior. Tantas vozes generosas na aridez das sementeiras. (MOURA. 1982:12)

A partir daí, o método consistiria em entregar às espectadoras, às que normalmente não falam, os archotes da profetisa. Desta maneira, em todas as obras, pude me aprofundar no tempo

presente, no ato de dizer e escutar com meu corpo inteiro as verdades que colhi com o mito e suas atualizações.

Isto posto, o que se segue são minhas impressões, reflexões narradas a partir desta ideia mais fluida da subjetividade. Ao mesmo tempo que é fluida, também é atenta. Não uma qualidade de atenção que não se aprofunda na contemplação de qualquer ato; também não é uma qualidade coercitiva de quem, ao invés de cuidar, se polícia. Esta é a atenção de quem se dirige a si e presta atenção no caminho. O que vamos acompanhar nas páginas que seguem são as resultantes deste processo de cuidado – obras, reflexões e transformações – bem como a descrição do caminho que percorri ao meu redor.

O que compartilho neste texto, no limite, é mais uma forma de cuidado de si. Uma forma de expressão muito comum entre as feministas, a qual tem elos com as práticas da antiguidade clássica: na chamada “escrita de si”. Margareth Rago, em “A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”, descreve o exercício que gostaria que esta tese fosse: uma prática de auto-elaboração pelo exercício da escrita. Sobre esta prática, dirá Rago:

Portanto, ao contrário dos discursos confessionais – que, aliás, abundam especialmente na internet e em redes sociais, em *facebooks*, *blogs* ou *twitters* –, na escrita de si não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior. Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade, já que “o indivíduo se autoconforma a partir da relação com os outros, em uma experiência voltada para fora”, como observa Orellana. Nessa perspectiva, as tecnologias de si que objetivam o sujeito são problematizadas como formas de sujeição, ao vincular o indivíduo estreitamente a sua identidade, enquanto nas técnicas de si aqui trabalhadas há um movimento ativo de autoconstituição da subjetividade a partir de práticas da liberdade. (RAGO. 2014:51)

Tratarei, pois, no correr da tese, da resultante dos discursos foucaultiano, feministas e cassândricos em mim. De como me confrontei com as contingências do meu tempo e li o mundo e o mito da profetisa troiana – que contava as verdades para as quais os ouvidos masculinos não estavam dispostos à escuta – de como fui realizando escolhas, a partir das relações com a vida, a bibliografia, que me conduziram a elaboração dos gestos estéticos que imprimi nesse período. Assim, termino este longo prólogo... Feliz por começar!

## *Crônicas de uma artista atenta*

*O novo não está no que é  
dito, mas no acontecimento  
a sua volta. (FOUCAULT.  
2007:26)*

*Michel Foucault*



**Figura 2:** Auto-falante.

Um dos 10 auto-falantes utilizados nas primeiras experiências sonoras do que viria a se tornar “A Cabeça de Cassandra”.

**Local/ano:** Terraço Garatuja - Campinas/ 2017.

**Autora:** Pâmella Villa Nova

Este é o momento de mostrar os bastidores desta pesquisa. Como ela se desenvolveu e as novas qualidades que as contingências trouxeram ao trabalho. “Contingências” como sendo toda a sorte de inesperados que vão constituindo um percurso de pesquisa... Desde os problemas, os pequenos e grandes empecilhos, as exclusões e interdições a que o trabalho esteve exposto, até, é claro, os encontros com novas pessoas, novas cidades, novas práticas, modos de vida, teorias e pensamentos. Alguns que eu nem imaginava que existiam e, outros tantos, pelos quais me encantei e que agora só me instigam a caminhar atenta por suas veredas.

*O começo:  
2015 e seus inestimáveis  
despertares*



**Figura 3:** Artistas do Poéticas da Vila.  
**Local/ano:** Vila Santa Isabel, Barão Geraldo  
- Campinas/ 2015. **Autor:** Maycon Soldan



**Figura 4:** Desenho de observação.  
Primeiro desenho produzido pela pesquisadora  
na oficina “Linhas e Formas”, Projeto Poéticas da  
Vila. **Local/ano:** Vila Santa Isabel, Barão  
Geraldo - Campinas/ 2015. **Autor:** Maycon  
Soldan

Começo esta narrativa em 2015. Estamos vivendo o Feverestival<sup>9</sup>. Há pouco havia defendido meu mestrado. Meu orientador, até aquela etapa, era o Professor Mario Santana, e estávamos felizes com o trabalho. Contudo, não continuaríamos juntos no doutorado, eu acreditava, e ainda acredito, que esta é uma pesquisa que precisa enfatizar as vozes femininas. Proporia meu projeto, deste modo, à Professora Grácia Navarro. Queria estudar algo ligado ao anarquismo, à polifonia bakhtiniana aplicada ao teatro, à maternidade, ao cuidado de si. Enfim, eu queria muitas coisas.

No Feverestival me inscrevi na oficina de uma australiana radicada na Itália, que estava em Campinas apresentando sua versão para *Lady MacBeth*. A oficina se chamava “*Vocis Motus: A voz falada e a voz cantada – viver fisicamente o som*” e a artista era Sabine Uitz, do Centro Artístico Via Rosse – Itália. Mesmo lendo no release do festival<sup>10</sup> – que descrevia com clareza do que se tratava a oficina – as pessoas chegavam, para o primeiro dos 4 dias deste trabalho, como quem chega para o teste de elenco de um musical das franquias da *Broadway*.

No auge de nossa participação na oficina, cada participante recebeu a recomendação de guardar *de cor*, de coração, um poema e uma canção para trabalharmos ao longo dos 4 dias de oficinas. Desta forma, antes da primeira aula começar, as pessoas que já se conheciam cantavam suas canções umas para as outras. Eu estava calada, um pouco nervosa e sozinha, até encontrar Melissa Lopes, atriz e fundadora do *Grupo Matula Teatro*. Conheci Melissa na graduação, colega querida, pessoa gentil, que entrara na Unicamp poucos anos antes de mim. Nosso encontro disparou uma série de acontecimentos muito importantes no curso desta investigação. Todo o esforço dessas crônicas é também de mostrar como estes encontros cotidianos modificam trajetórias, inspiram caminhos e são parte da criação. A oficina de Uitz, do mesmo modo, fui saber tempos depois, seria fundamental nos caminhos que escolhi.

Ao que se refere a voz, ao trabalho com o som e a palavra como venho compreendendo em minha prática hoje – é bom lembrar que terminei este doutorado como Professora efetiva de

---

<sup>9</sup> FEVERESTIVAL - Festival Internacional de Teatro de Campinas. (Site institucional) Disponível em: <https://www.feverestival.com.br/hist-rico>. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

<sup>10</sup> O curso é uma profunda introdução aos princípios de *VOCIS MOTUS*. Trata-se de um intenso percurso de exploração da voz “em movimento”, usando o trabalho com a música, os sons e o texto como elementos fundamentais. Procuraremos desenvolver musicalidade e escuta no trabalho, individualmente e em grupo com a voz falada e cantada. Curso para atores, bailarinos e músicos, e também para aqueles que querem explorar as possibilidades do trabalho energético com a voz e a música.

Técnicas e Poéticas Vocais na Universidade Federal do Sul da Bahia – Sabine foi um marco. A artista da voz me apresentou, sem nomear assim, o que hoje compreendo como *técnicas estendidas*<sup>11</sup> da voz e a usava para fins tanto musicais, quanto teatrais. Era o contrário da Broadway. Sabine em seu método, propunha que cada uma e cada um criasse uma rotina de cuidados com seu corpo-voz. Trabalho intenso dos músculos e da escuta. Trabalho essencialmente tátil do corpo todo, conforme veremos mais tarde quando falarmos do que chamarei de “escuta cassândrica” e dos modos de escuta decoloniais.



*Primeira digressão:*

*É importante marcar que assim como para o pensamento clássico — que em seus exercícios sobre si realizavam de modo atento algumas atividades cotidianas — o que Sabine propôs foi a criação pelo artista de um “treinamento pessoal”, o que já é prática frequente no teatro e nas artes da cena em geral.*

*Os gregos e romanos também mantinham treinamentos, práticas cotidianas de cuidado, além de processos imersivos, nas chamados “askésis”, a ascese helenística. Contudo, o que precisa ficar claro é que o cuidado de si, as técnicas de si ou treinamento pessoal, nada têm relação com o que ficou conhecido como “o culto californiano do corpo”.*

*Margareth Rago dirá que esta rede de cuidados, de técnicas de si, é velha companheira também das práticas feministas e que,*

A busca feminista de reinvenção de si estimula, portanto, a emergência de novas formas de feminilidade, de novas concepções de sexualidade, beleza e sedução, inclusive corporais. Essas “práticas de si”, valendo-me do conceito foucaultiano, são pensadas como técnicas da constituição refletida e estilizada da própria subjetividade, desenvolvidas a partir de “práticas de liberdade” (Foucault, 1984, p.15). Vale lembrar aqui que não se trata de práticas individualistas burguesas, que isolam o indivíduo da comunidade e o fecham dentro de si mesmo, como prega o “culto californiano do corpo”. Muito ao contrário, essas práticas de si são ao mesmo tempo relacionais, pautadas pela abertura pessoal à alteridade, próximas daquilo que Deleuze entende como devir. A cultura de si define uma intensificação das relações de si para consigo, mas não como narcisismo,

<sup>11</sup> Verificar in: PADOVANI; FERRAZ. Proto-história, evolução e situação atual das técnicas estendidas na criação musical e na performance. Revista Música Hodie, Vol. 11 - Nº 2 - 2011, p. 11-35.

“Tradicionalmente associada às técnicas de performance instrumental, a expressão técnicas estendidas se tornou comum no meio musical a partir da segunda metade do século XX, referindo-se aos modos de tocar um instrumento ou utilizar a voz que fogem aos padrões estabelecidos principalmente no período clássico-romântico.” (PADOVANI; FERRAZ. 2011: 11)

e sim através de relações interindividuais, trocas e comunicações, como prática social. A ética como estética da existência é entendida como organização da vida, a relação dos indivíduos e a relação de si para consigo, como liberdade frente às normas e às convenções, como artes, enfim, que se opõem a formas fascistas de vida. (RAGO. 2004:33)



Cheguei em casa excitada ao fim do primeiro dia. Muito intenso o trabalho físico de Sabine. Extremamente improvisacional, musical, afeito aos ruídos, instigador de uma propriocepção do som e dos lugares sonoros do corpo. Meu marido e companheiro de criação, Pedro Sollero, é músico improvisador, conversamos sobre o trabalho de Sabine. Nesta conversa, ele me apresentou à artistas e ao conceito de técnicas instrumentais estendidas.



### *Segunda digressão:*

*Minhas conversas de fim de dia com Pedro costumam ressoar muito em minha pesquisa. Aprendi com ele que havia muitas mulheres cultivando a voz, fazendo som, música, de modos bem diferentes daqueles a que meus ouvidos estavam acostumados até então. Comecei uma busca naquele dia, ou, a partir daquele momento, que acrescentou ao meu repertório auditivo muitas experiências sonoras interessantes que modificaram minha subjetividade. Comecei a escutar músicas que muitos chamariam de barulho, eu própria em outro momento da vida. Compreendo, hoje, que esta seja uma forma muito estreita de receber, fruir e pensar música e musicalidade. Tal estreiteza pode aproximar nosso olhar daquele que diz como as coisas são, porque são... Modo de relação comum no pensamento colonial, que responde a tudo o que é novo com repulsa.*

*Em uma destas deambulações sonoras, onde ia conhecendo novas cantoras sugeridas por pessoas amigas, por intermédio de Inés Terra, conheci a cantora sul-africana Sofia Jernberg.<sup>12</sup> A maior parte das pessoas que a*

---

<sup>12</sup> JERNBERG, Sofia. Vídeo da URSS.COM. Milão, Igreja de São Sebastião, 3 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.ursss.com/?s=Sofia> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

ouve a primeira vez, diz que não é música. Muita gente chamaria de gritaria. Diria que a moça canta assim porque não sabe cantar. Quando negamos outros modos de entender música e som... Quando a música se torna algo organizado a partir de um único e determinado sistema harmônico, melódico e rítmico, circunscrito à convenção das notas, acabo por escolher, também, pela exclusão de tudo o que não é como eu conheço e costumo chamar de "música". Deste modo, "a música" é algo que faz parte de um sistema restrito, que é bonito, legítimo, mas que é apenas um entre muitos. Não falo apenas da música de concerto. As normas para ser "a música" também estão presentes no repertório popular. Estão presentes no jazz, no samba, no funk. Não é preciso ser esnobe para ser colonialista, basta excluir tudo o que não me é familiar do âmbito da legitimidade. O que quero dizer é que não se trata de falar que existe "a música" e o resto é barulho, mas de compreender que nosso referencial é apenas mais um e não o único.

Foi assim que os chamados "modos de escuta" e as "técnicas estendidas da voz", passaram gradualmente a figurar, desde então, como alguns dos mais importantes campos de investigação de minhas práticas de pesquisa e docência. Ao que parece, depois que este doutorado acabar, eu devo caminhar nesta direção. O curioso é que se trata de campos repletos de pesquisadorAs-acadêmicAs e pesquisadorAs-artistas na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito aos estudos de militância decolonial.

Para finalizar esta digressão, é importante que se lembre que o ambiente "da música", mesmo a popular, é eminentemente masculino, eurológico e misógino. Percebo agora, ao rever a história toda até aqui, que tudo o que tenho feito desde o início desta jornada acabou por girar no campo expandido dos binômios "emissão e escuta" e "circulação do discurso e interdição do discurso."



Comecei, a partir das técnicas e referências que conheci com Sabine e Pedro, um regime de cuidados para me preparar para escrever o que viria a ser meu pré-projeto de doutorado, com o qual enfrentaria a peneira da seleção. Sequências de yoga, respiração sonora, comer bem, ler e voltar a fazer parte de algo: estas eram minhas primeiras incumbências. Se minha proposta para o doutorado era construir uma prática pessoal, achei por bem refazer minha rede de amizades para poder ter com quem discutir minhas escolhas. O isolamento e a distância que eu estava, tanto de viver um processo criativo próprio, quanto das pessoas da comunidade teatral de Barão Geraldo,

teriam de ser encaradas e, quem sabe, superadas. A última vez que eu entrara em cena, em algo que me mobilizou realmente, havia sido em 2013.



### *Terceira digressão:*

*O processo todo foi rápido. Um intensivo de 2 semanas, quando ainda estava no mestrado. Era uma criação coletiva a partir de “As Troianas”, do Eurípedes, proposta por uma das disciplinas que cursei nas Artes da Cena da Unicamp. Dividiam a batuta do curso as Professoras Grácia Navarro, Verônica Fabrini e o Professor Marcelo Lazaratto.*

*Das troianas eu gostava mesmo era da Andrômaca, mas fui rapidamente impelida a experimentar Cassandra.*

*Marcelo, decidido a oferecer ao elenco estímulos físicos e psicológicos, falando como Menelau, e caminhando entre nós – as numerosas mulheres do elenco, intervindo e participando de nossa improvisação. Em um dado momento, aponta o dedo para mim e grita: Cassandra. Sem saber que o dedo apontava à minha direção, levanto a cabeça. Eu era a Cassandra, quando o dedo do homem me acusou. Foi aí que veio em minha direção e – me segurando pelos cabelos, enquanto eu segurava com minhas mãos as mãos dele – dançamos uma dança aparentemente violenta, na qual ele me arrastava pela sala inteira como um pano de chão, enquanto dizia: Cassandra servirá Agamenon.*

*Pronto. Marcelo me “obrigou” a experimentar Cassandra. Eu, que queria tanto ser Andrômaca, fui marcada a seguir uma direção que não era minha primeira opção. E foi logo nos primeiros dias, de duas semanas intensivas de trabalhos diários de criação. Lazaratto me viu vestida de vermelho, em meio ao amontoado de mulheres do elenco, os cabelos emaranhados, as orelhas entre os joelhos e me marcou: Cassandra.*



**Figura 5:** As Troianas - PPGADC Unicamp. Improvisação guiada pela Profas. Grácia Navarro e Verônica Fabrini em disciplina que a pesquisadora cursou ainda no mestrado nas Artes da Cena da Unicamp. **Local/ano:** Unicamp - Campinas/ 2013. **Autora:** Verônica Fabrini

### *Digressão da digressão:*

*Li a primeira vez sobre o mito da guerra de Tróia aos 14 anos, no primeiro ano do, até então, segundo grau. Faria 15 só em setembro. Neste mesmo ano também comecei a frequentar um curso técnico de teatro, a noite, depois da escola “de verdade”.*

*Li “As troianas”, do Sartre. Quem pediu foi o professor da escola, então, tinha que ler “de verdade”. Ainda guardo, e uso, a mesma cópia, amarelada e quebradiça... A Cassandra de Sartre entra e sai de cena em transe.*

*Dança, grita e rodopia, com a cabeleira cheia e uma tocha em cada mão, ela dizia o futuro e contava as verdades... Uma Pomba Gira. Com 15 anos eu havia decorado o texto de Sartre. Sabia as falas das cenas de Andrômaca e Cassandra... E repetia, embora trancada no quarto, ainda que ninguém estivesse em casa para ouvir. Eu continuava a repetir: "Içai uma bandeira negra no mastro do navio que me leve. Eu sou a Morte!"*

*Em 1995 eu já amava Cassandra... Ainda assim, queria fazer Andrômaca.*



Em fevereiro de 2015, por conta do *Vocis Motus*, curso que fiz com Sabine Uitz, me aproximei de Melissa Lopes. Ela me dava carona de volta a Barão Geraldo<sup>13</sup> depois da aula. Em uma dessas caronas, Melissa me convida a aproximar-me do *Matula Teatro*<sup>14</sup> através da série de residências artísticas que seriam realizada ao longo daquele ano, em parceria com a *Boa Companhia*<sup>15</sup>. Foi assim que, enquanto ainda realizava as etapas do processo seletivo para o doutorado em Artes da Cena, eu também participava do “*Projeto Poéticas da Vila: epifanias do cotidiano*”<sup>16</sup>.

O projeto foi promovido por estes dois grupos de teatro da Vila Santa Isabel e contou com o patrocínio do *Edital Proac Território das Artes* da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Havia 3 categorias de participantes: Os residentes (eu e outras nove pessoas admitidas em seleção); os Proponentes do Projeto (integrantes do Matula Teatro e da Boa Companhia); os Convidados (que ministraram as oficinas temáticas). Criamos todos juntos, atravessados pelas metodologias propostas e desenvolvidas pelas/os convidadas e convidados dos proponentes e, todas/os juntas/os, intervinhamos na Vila Santa Isabel. Era uma teia de cuidados, uma trama de processos de subjetivação, que ia de cada um de nós em direção à comunidade. Foram ministradas oficinas experimentais em diversas linguagens artísticas – literatura, desenho, música

<sup>13</sup> Distrito de Campinas onde fica a Unicamp.

<sup>14</sup>MATULA TEATRO (Site institucional). Disponível em: <http://grupomatulateatro.com/> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

<sup>15</sup> BOA COMPANHIA (Página institucional). Disponível em: <https://www.facebook.com/Boa.Companhia> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

<sup>16</sup>MATULA TEATRO - Poéticas da Vila. Disponível em: <http://grupomatulateatro.com/poeticas-da-vila/> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

e performance. Para mim, era uma oportunidade de vivenciar a ideia de cuidado de si e dos outros a partir de novos modos de ação.

Desta maneira, as poéticas da palavra ficaram a cargo de Lúcia Fabrini e Doris Accioly Silva; as Linhas e Formas, com Guilherme Werneck; a Música, com Silas Oliveira e Leonardo Matricardi; a Performance com Flávio Rabelo. Os encontros com estes artistas convidados pelas Companhias que promoviam o projeto, estimulavam a interação poética entre nós, residentes; entre nós e os integrantes do Matula e da Boa Companhia; entre nós todos e o espaço público da Vila Santa Isabel. Realizamos as residências artísticas de abril a novembro de 2015... Do começo do outono até o final da primavera. Eu estava ali para receber. Não era uma artista proponente neste projeto. Era uma artista-estudante. Isso era muito bom! Estava lá para escutar, receber. Esta é uma investigação que, desde o início, é fortemente atravessada por este sentido, tão marginalizado em nossa “Cultura Ocidental”: a escuta.

Iniciamos as Poéticas da Vila com “A Palavra”. Os três dias de trabalho orbitariam acerca da palavra como matéria da criação artística e a atividade foi proposta por *Maria Lúcia Fabrini de Almeida* (Instituto Veredas). Em sua provocação inicial, Lúcia parte da palavra mais elementar ao sujeito, seu próprio nome, para nos conduzir a uma prazerosa deambulação pelas ruas da Vila Santa Isabel e pelo universo do poema. Assim, de prática em prática, acabamos desembocando no pensamento anarquista, momento em que contamos com a colaboração nos debates da Professora *Doris Accioly Silva* (Faculdade de Educação/USP). Entre conversas e comilanças, trabalhamos-nos e encontramos-nos nas práticas da escrita criativa, da experimentação dos haikais, bem como na alegria de compor, entre estes novos amigos, um *renga*<sup>17</sup>.

Em “As linhas e as formas”, *Guilherme Werneck* (Instituto Veredas) ministrou oficinas de práticas de desenho de observação, por meio da percepção sensível das linhas e formas da Vila Santa Isabel. Com ele, descobri o desenho de observação como meditação que, volta e meia, usava como prática de cuidado. A sensação era de estar consigo, de habitar o corpo, em um estado muito interessante e diverso daquele da escuta, ou das práticas mais vinculada a uma forma ampla da teatralidade. Ao desenhar a coisa, ao notar os detalhes da coisa, a mente descansa na contemplação e o corpo experimenta um estado diferente de relaxamento e atenção, novo para mim.

---

<sup>17</sup> Renga é um tipo de poema colaborativo praticado no Japão.

Em “A Música”, *Silas Oliveira* (Banda Senhor Macaco) e *Leonardo Matricardi* (Cia Histriônica de Teatro) nos aproximariam da canção e das maravilhas de se realizar uma serenata na rua em pleno século XXI. Contudo, destes encontros eu não pude participar.



*Quarta digressão:*

*Escolhi dizer “nos aproximariam” porque eu não fui aos encontros da música. Contudo, a vida continuou e dizem que foi muito divertido... que as pessoas punham a cabeça para fora da janela, para escutar os tais peripatéticos da Vila Santa Isabel. Quanto a mim, naquela sexta-feira, também havia saído o resultado da seleção para o doutorado. Fui aprovada! Era orientanda da Professora Grácia Navarro com o projeto: “O ‘trabalho sobre si’ e a busca pela polifonia discursiva da atriz por meio do estudo cênico da figura materna.”*

*Confesso que este não foi um dia feliz, na verdade, ao contrário. Quando abri os olhos naquela manhã, logo cedo, percebi que não podia andar. Uma dor violenta. Um marco inicial de um processo rico em dor física. A dor foi uma tônica desta minha volta ao meu redor. Com o passar da narrativa, ficará claro seu papel neste processo.*

*Meu diagnóstico, no primeiro dia como doutoranda fora hérnia de disco lombar. Um horror! Dia feliz e horroroso na verdade.*



Já em “A Performance”, com *Flávio Rabelo* (Coletivo Cambar) eu tive de parar e rever tudo o que eu acreditava ser o núcleo das minhas ideias acerca das artes da cena, onde “tudo”

não constitui propriamente uma hipérbole. A performance é um forte eixo discursivo no meu processo de problematizar minha principal referência de expressão até então: o teatro. Rabelo me iniciou nas vivências da criação da *performance art*, em especial sobre um conceito, que já apareceu e aparecerá muito por aqui, a saber, o *programa performativo*, conforme define e pratica, Eleonora Fabião. Meu primeiro contato com estas ideias, foi a esta altura, quando havia acabado de iniciar minha trajetória nesta pesquisa.

Eu, que fui aluna de Renato Cohen<sup>18</sup>, não tive interesse a época de me aproveitar dessa enorme oportunidade. Provando que a juventude não é só graça, como diria a vó Palmira. Dona Palmira dizia que as moças e moços tinham a graça da juventude... Contudo, quando nos deparamos, mais maduras, com o que desperdiçamos porque fomos jovens quando éramos jovens, portanto, um tanto preguiçosas e pretensiosas, fica claro que a juventude é um pouquinho uma desgraça também. Quantas novas interpretações deste relato não ganharei daqui alguns anos? O fato é que havia recebido uma nova chance com a performance e aproveitei.

Flávio Rabelo me introduziu às vivências dos tais programas performativos. Hoje, eu escrevo programas para minha vida cotidiana. Alguns só servem como práticas de mim para comigo, outros, tornaram-se obras públicas. A maioria destes programas têm a função que a *paraskeué* tinha para os antigos gregos. Tratava-se de uma série de práticas, ações conscientes do corpo e da mente que reestruturam, quando em crise, e mantêm, quando em bonança, o corpo na caminhada ao redor de si. Foucault dirá:

Encontramos aí a palavra à qual já me referi e a que precisamos voltar: *paraskeué*. A *paraskeué* é a equipagem, a preparação do sujeito e da alma pela qual o sujeito e a alma estarão armados como convém, de maneira necessária e suficiente, para todas as circunstâncias possíveis da vida com que viermos a deparar. A *paraskeué* é precisamente o que permitirá resistir a todos os movimentos e solicitações que poderão advir do mundo exterior. A *paraskeué* é o que permite a um tempo atingir a meta e permanecer estável, fixado na meta, sem se deixar desviar por nada. (FOUCAULT. 2014:214)

---

<sup>18</sup> COHEN, Renato. Enciclopédia Itaú Cultural, 8 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa256193/renato-cohen> Verificado em 28 de janeiro de 2019.

## *O doutorado: 2015 e os primeiros mapeamentos da pesquisa*

Em agosto de 2015 reintegro o corpo discente da Pós-Graduação em Artes da Cena na Unicamp, agora para o Doutorado. Meu primeiro dia como doutoranda coincidiu com o primeiro dia de mandato de minha orientadora como Diretora Adjunta do Instituto de Artes da Unicamp. Quanto a mim estava cheia de vontade, cheia de entusiasmo, cheia de ansiedades, cheia de expectativas, cheia de ideias e, confesso, cheia de uma vibração cansativa, desgastante para mim e para todas as minhas relações... tudo estava muito cheio. Apesar de tantas novas descobertas, não parecia haver espaço para o novo que não fosse aquele que planejara. Eu havia projetado o “plano perfeito”. Executei minha parte e... Nada aconteceu como esperado.

Formulei meu projeto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP –, cujo tema era vivenciar um processo de montagem teatral no qual as vozes que incidissem sobre meu corpo deveriam se relacionar polifonicamente. A peça de teatro, que teria de vir disto teria como tema a maternidade no extremo. Eu tinha cartas de anuência da Universidade de Évora, Portugal, para realizar parte da pesquisa com mulheres de lá... Havia criado uma rede para coleta de material nas experiências com mulheres do Brasil e de Portugal que foram mães em situações limítrofes social e psicologicamente... Rede na qual nunca me deitei. Contudo, ainda assim, mesmo que meu trabalho fosse excelente, eu fosse excelente, minha orientadora fosse excelente, não fomos aceitas e, ainda em 2015, sofremos 2 denegações, em um total de 5, entre os anos de 2015 e 2016. Tivemos excelência em todos os critérios.



*Quinta digressão:*

*Via e-mail, recebíamos, eu e a Professora Grácia, os apontamentos da Fapesp acerca do meu projeto. Tais argumentos de denegação me levaram a interpretá-los. Comecei a imaginar quais palavras estariam nos e-mails caso o parecerista e o próprio sistema, via mensagens automáticas, pudessem dizer o que realmente ocorria. Se isso fosse possível, acredito que receberíamos um e-mail mais ou menos assim:*

*Prezada pesquisadora Aline Nunes; estimada Professora Grácia Navarro,*

*Informamos que — devido à crise econômica e política, que só se intensifica e sucateia ainda mais a educação e a cultura em nosso país; que cortou, com um decreto, milhões de bolsas de pesquisa de mestrado e doutorado desta fomentadora<sup>19</sup> — talvez as senhoras, ainda que façam tudo “direitinho”<sup>20</sup>, estarão sujeitas às severas interdições de circulação discursivas ocasionadas pelo violento e arbitrário poder que tais cortes acarretam a uma pesquisa.*

*Salve-se quem puder!  
Com nossos melhores cumprimentos,  
A Pesquisa Paulista.*



A crise econômica era um sinal terrível de uma outra ainda maior, que havia dois anos nos espreitava e contingenciaria todas as esferas da vida das brasileiras e brasileiros pelos anos seguintes. Em 2015, os gestos macropolíticos de caráter eminentemente misógino se

<sup>19</sup> ARCOVERDE, Leo. Fapesp corta R\$ 23 milhões em bolsas de mestrado e doutorado. UOL. São Paulo, 22 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/22/fapesp-corta-r-23-milhoes-em-bolsas-de-mestrado-e-doutorado.htm> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>20</sup> ARBEX, Thais; LOPES, Reinaldo José. Alckmin critica Fapesp por pesquisas 'sem utilidade prática'. FOLHA. São Paulo, 27 de abril de 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2016/04/1765028-alkmin-critica-fapesp-por-pesquisas-sem-utilidade-pratica.shtml> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

intensificam. Mas as respostas também vinham sendo articuladas<sup>21</sup>, contudo, infelizmente, não geravam o mesmo impacto que as pautas bombas<sup>22</sup> do congresso brasileiro.



*Sesta digressão:*

Agência El País Brasil

5 de junho de 2015

**#NiUnaMenos: um clamor contra a resignação**

Sociedade argentina se mobiliza contra a violência machista depois do assassinato de uma menina de 14 anos, grávida

Por Milagros Pérez Oliva

A sociedade midiática necessita às vezes de uma convulsão para que problemas muito enraizados emergjam com uma nova luz que os torna de repente insuportáveis. Ocorreu na Espanha com a morte de Ana Orantes, que marcou um antes e um depois na consciência social sobre a violência machista. Em dezembro de 1997, três dias depois de narrar na televisão o calvário que durante 40 anos havia suportado pelos maus-tratos do ex-marido, este a esperou na porta de sua casa, a encharcou com gasolina e ateou fogo nela. O horror do ocorrido marcou um antes e um depois na percepção social da violência machista, considerada até então um assunto de paixões do âmbito do privado.

Algo parecido aconteceu agora na Argentina. Chiara Páez tinha apenas 14 anos e estava grávida. Morreu assassinada por seu namorado, de 16, que a escondeu no jardim de sua casa com a ajuda de seus pais. Do horror desse assassinato surgiu uma ideia que mobilizou o país e se transformou em um revulsivo contra a resignação: “Nem uma mulher a menos, nem mais uma morte”. A frase procede de um texto de Susana Chávez, poeta e ativista mexicana contra a violência machista, que foi assassinada em 2011. *#NiUnaMenos (nem uma a menos)* se tornou uma reivindicação viral que povoou as redes sociais e mobilizou a sociedade, não só na Argentina, mas em outros países da América Latina igualmente castigados por esse flagelo. (OLIVA. 2015)



<sup>21</sup> OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA, Nelson. Três anos depois de aprovada, Lei do Femicídio tem avanços e desafios. SENADO. Brasília, 17 de março de 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-femicidio-tem-avancos-e-desafios/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-femicidio-tem-avancos-e-desafios> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>22</sup> SALOMÃO, Lucas; CALGARO, Fernanda. Congresso pode ter 'pautas-bomba' e projetos polêmicos no 2º semestre.G1, em Brasília. Brasília, 26 de julho de 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/congresso-pode-ter-pautas-bomba-e-projetos-polemicos-no-2-semester.html> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

Um ano antes, 2014, como babuínos selvagens – em sua maioria, homens brancos, ricos que chegaram a pagar o equivalente a quase um salário mínimo, à época, por um ingresso de futebol – xingavam a presidenta da república na abertura da Copa do Mundo no Brasil. Não entendemos naquele momento a dimensão e o significado deste acontecimento. Não nos dobramos cuidadosamente como sociedade para entendermos o que significa para o mundo o que ocorreu no estádio do Corinthians naquela tarde de 2014, quando uma multidão xingou uma única mulher que suportou sozinha tudo, sem tremer diante de seus opositores. Não era a primeira vez que Dilma Rousseff teria de resistir. Contudo, em 2015, passamos de ofensas misóginas para o estupro simbólico.<sup>23</sup> A esta ofensa, olhando agora, penso: não respondemos com a devida contundência. Naturalizamos, como tantas outras vezes. O preço seria alto.



### *Sétima digressão*

Agência Huffpost Brasil

22 de outubro de 2015

#### **#PrimeiroAssédio: Mulheres compartilham no Twitter primeira vez que sofreram assédio**

Por Andréa Martinelli

A estreia do programa MasterChef Júnior na última terça-feira (20), que reúne crianças de 9 a 13 anos cozinhando "que nem gente grande" não ficou marcada pelo talento dos participantes, mas sim, pelos comentários com teor sexual direcionados a Valentina, uma das participantes do reality, de apenas 12 anos.

(...)

Assim que o caso ganhou as redes sociais, o coletivo feminista *Think Olga*, que luta contra o assédio em espaços públicos e outros tipos de violência contra a mulher, lançou a hashtag #primeiroassédio no Twitter, incentivando mulheres a contar quando foi a primeira vez que foram assediadas – e expor um problema que é tão enraizado, que é entendido como "brincadeira" ou "normal". (MARTINELLI. 2015)



<sup>23</sup>TERRA. Governo faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa a Dilma. Brasil, 2 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9sgleRCRD.html> Acesso em 28 de janeiro 2019.

*O golpe da misoginia:  
2016 e os propósitos desta  
pesquisa*



**Figura 6:** Esplanada dos Ministérios. Manifestantes a favor (que estão no lado direito) e contra (que estão no lado esquerdo) o impeachment ocupam a Esplanada dos Ministérios durante o processo de votação na Câmara dos Deputados. **Local/ano:** Brasília, 17 de abril 2016. **Autor:** Juca Varella/Agência Brasil.



**Figura 7:** Capa do Estado de São Paulo. A presidente Dilma Rousseff participa da cerimônia de acendimento da Tocha Olímpica da Rio 2016, em Brasília. **Local/ano:** Brasília, 3 de maio de 2016. **Autor:** Dida Sampaio|Estadão



### *Oitava digressão:*

*Deixei este vestígio de um arquivo em meu computador intitulado "DocAlineGracia," começado e esquecido como outros 4 arquivos. Nele há esta anotação... Não sei a qual dos momentos do doutorado se refere o relato, não datei. Mas é significativa a dificuldade da jornada. Talvez tenha sido um dia ruim. Quando fico contente, feliz, alegre, o corpo tem muita dificuldade em parar para escrever ou descrever, na verdade ele acaba produzindo outras coisas, mas não a escrita sobre as percepções do processo... Melhor compor um cordel. Em momentos de ascense violenta, como o processo de escrita desta tese, o corpo traz outras qualidades para o texto. Já nos dias mais tristes o corpo proporciona outras performances. Contudo, independente do que levou ao tal relato, vamos a ele:*

*É muito difícil. É um esforço constante. Há dias em que a coisa toda é um guerra. Todas as neuroses que galopam em sucessões de desserviços a você mesma, provocadas, somente por você mesma. A consciência de qual é o trabalho a ser feito diante de uma fagulha neurótica, que atua como um capoeira, que faz macaquices como um parvo inofensivo e, no instante imediatamente após te convencer de sua pequenez, te chuta o peito com os dois pés e você tem a sensação de que seu coração parou de bater.*



**Figura 8:** Capa Isto é. Grito de gol na copa do mundo vira ataque de fúria na imprensa misógina. **Local/ano:** São Paulo, 06 de abril de 2016. **Autor:** Agência TERRA

Em 2016, o mundo batia com suas contingências e aflições contra mim, minha pesquisa, contra o Brasil e o mundo. Ao final daquele ano, Rousseff estaria impichada e Donald Trump se tornaria presidente dos Estados Unidos da América. Na angústia de não ter respostas, fui procurando e encontrando as melhores saídas possíveis para o meu grau momentâneo de desenvolvimento. Diante do que a vida me trazia, a intenção era ampliar minha capacidade de resposta à aridez do momento histórico. A contingência deveria ser revertida em experiência de criação.

O ano de 2016 foi uma provação pela qual eu quase não passei. Quase desisti da pesquisa. Estava extremamente abalada, impotente, já não acreditava muito no futuro, em mim mesma, por isso, desconfiava da pesquisa. Quanto a democracia... Bem... Este foi o ano em que ela morreu e deixou uma sócia feia, mal-acabada e desafinada e, por mais que me esmerasse em tentar criar para mim um ambiente que julgasse profícuo à criação, nada se dava de modo a me potencializar em 2016, salvo alguns respiros agradáveis da rotina.

Em outras palavras, o primeiro ano e meio da minha investigação foi doloroso, frustrante, repleto de contingências que não vinham da criação... Vinham do mundo. Crise das fomentadoras de pesquisa. Crise com as fomentadoras. Crise da universidade. Crise com a universidade. Crise do Brasil. Crise dos princípios éticos do brasileiro médio<sup>24</sup>. Violência nas ruas, nos supermercados, no trânsito. O momento era de um ressentimento mútuo entre os brasileiros que vestiam todas as cores, entre elas o vermelho, e aqueles que se uniformizavam de verde e amarelo para reivindicar pautas estranhas. Virou um jogo. Um *fla-flu* dos infernos com ares de carnaval. Quem se vestia de verde amarelo, berrava nas ruas — com escolta pacífica e acolhedora das polícias militares — que estava cansado de não ter liberdade de expressão no governo daquela mulher. “Aquela mulher” que era escrachada diariamente pela imprensa nacional. Em uma ação, inexplicável a qualquer ser com o mínimo de instrução, pessoas vestidas com a camisa da seleção brasileira de futebol, postulavam, à luz da democracia, o direito de não ter direitos: incitavam o golpe militar.

O Brasil estava rasgado ao meio e uma mulher protagonizava os debates: a primeira presidenta da República Federativa do Brasil, que estava em vias de sofrer o inevitável e

---

<sup>24</sup>BRUM, Eliane. *Tupi or not to be. Em nome de Deus e do New York Times, a disputa do impeachment e dos Brasis*. El País Brasil: 25 de abril de 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521\\_717873.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

misógino golpe de Estado. Enquanto isso, me esforçava em explicar ao parecerista da Fapesp, negativa após negativa, a natureza da minha investigação. Com isso, fui descobrindo o que era realmente esta pesquisa... Processo que só ganhou clareza de fato, após sua qualificação em 2017. Nesse jogo de entender o que queriam as fomentadoras, o que eu esperava realizar e o que ocorria ao meu redor, fui descobrindo o que realmente queria dizer e eram muitas coisas.

O que acontecia paralelamente, e sempre, e de modo aflitivo é que eu estava sem emprego e sem bolsa de estudos. Era uma feminista sustentada pelo marido. Denegação após denegação, o ranço de não ser aceita, de não ter nenhuma proposta acolhida, me perturbava os pensamentos, me afastava de minha investigação e começava a me jogar em um poço de frustração e melancolia. Eu publicava, produzia, mas não tinha a bolsa aprovada. Dores físicas me tomavam da base do crânio ao cóxis. Aquela altura eu tomava muitos analgésicos. Voltaram a aparecer os cálculos renais, a gastrite, infecções recorrentes do trato urinário, insônia, falta de fôlego, dores para respirar. Eu tinha raiva, tinha medo e me sentia paralisada de melancolia. Nenhum alívio.



#### *Nona digressão:*

*Pergunto: Você se lembra de 2016? Se lembra de como estava o seu corpo naquela ocasião?*

*Para melhor oferecer as condições, para que me acompanhe neste chamado à memória, indico que assista ao documentário "O Processo" de Maria Augusta Ramos, lançado em 2018, que trata do processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff ocorrido em 2016.*

*O que gostaria de deixar claro é que o que exponho nestas crônicas sobre meu processo criativo é a minha versão da história. Minha versão aparece corroborada por reportagens e artigos de jornal e mídias digitais que circulavam à época, além de reflexões e obras produzidas por intelectuais e artistas sobre o referido período.*

*O que há de verdade incontestável em tudo isso é: foi assim que me atravessou.*

*Espero que só isso já me legitime.*



Sofria as avalanches de frustrações que vinham de todos os lados até compreender que aprender a me comportar diante das contingências, aprender a surfar na *tsunami*, deveria ser um de meus trabalhos sobre mim. Só em 2018 fui compreender que este era o real tema do meu trabalho: tratava-se, desde o princípio, de uma pesquisa sobre *a experiência do mundo em mim*. Mais do que tocar com o dedão do meu pé a minha orelha, era importante aprender a respirar, deixar passar o que era ruim em mim e por mim... Era nesta observação que morava o cuidado de si. Ao contrário do que conseguia compreender aquela altura, eu não pesquisava um corpo que não sentiria mais dores, este corpo não existe. O que estava ao alcance da minha compreensão – e podia compreender com meu corpo todo – é que este mesmo corpo que dói, também é capaz de se transformar e aprender com a observação dessas inevitáveis dores.

Assim, o tema da criação estética poderia não ser mais aquele que me levou ao doutorado, mas o que o doutorado me trazia como tema: a interdição do meu próprio discurso, e do discurso de Rousseff e de tantas outras mulheres. Andrômaca se afastava de mim, enquanto Cassandra, uma figura que já havia aparecido em minha história com Grácia Navarro, voltava a habitar meu imaginário. A mulher que ousou exercer seu potencial político e teve como punição a perda da persuasão... A suspensão da circulação e o não acolhimento de seus discursos. Quantas Cassandras... Contudo, por mais que me esforçasse em cuidar de mim, – realizava alguns trabalhos importantes, conhecia gente, bibliografias, escrevia artigos, participava de eventos – tudo o que sentia, mais me paralisava mais do que me punha em movimento naquela época.

Meditar não ajudava mais... Havia dias em que acordava nauseada. Dormia no máximo 4 horas por noite e, no ápice da crise, tive um conflito biliar com Grácia, do qual me arrependi 5 minutos depois que a cabeça esfriou. Não tomei cuidado comigo. Não me cuidei. Porém, como a vida não é uma linha reta, foi ali, naquele momento, que eu me encontrei comigo. Estava no fundo do poço. Que bom! Digo isso com o alívio, porque, por meses, não sabia por onde andava.



### *Décima digressão:*

#### *Sobre a relação com a orientação: primeiras reflexões acerca do exercício da mestría*

*Estabeleci uma relação de franqueza com a Professora Grácia. As atividades orientadas curriculares, durante 2015 e 2016, estiveram voltadas aos encontros do Grupo de Pesquisas Pindorama. Tais encontros, geravam seminários entre os colegas, configurando um profícuo compartilhamento de perspectivas, levantando muito material de referência. A Professora realizava uma orientação presente, apesar de ser uma mulher muito ocupada. Demandas do cargo de diretora do Instituto de Artes. Vale lembrar que Grácia entrara em exercício de tal cargo no dia de minha matrícula e terminará seu pleito dias depois da defesa desta tese. Grácia procurava agir sempre de modo a criar um ambiente de colaboração entre as/os pesquisadoras/es sob sua orientação. Além dos encontros do Pindorama, ainda havia a nossa produção de artigos e as reuniões individuais.*

*Com Grácia, realizei meu primeiro estágio de capacitação docente e, neste período tive as lições mais importantes de mestría com minha orientadora. Foram muitas mestras e mestres ao longo deste trabalho. Alguns com os quais estabelecia uma relação direta, outros tantos e tantas que configuram uma espécie de mestría imaginária. Foucault é, para mim, um mestre imaginário, por exemplo. Alguém que me aconselha, me alerta acerca dos problemas, propõe estratégias, mas nunca estivemos frente a frente. Com Grácia, a relação de mestría era direta, corporal. Interessante que os encontros semanais do estágio docente foram os fatores que fizeram deste período o que eu mais aprendi com Grácia. Conheci, por intermédio dela, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Muniz Sodré, Graziela Rodrigues, Vladimir Safatle, Patrícia Birman, Jorge Dubatti e outros... Contudo, Grácia me ofereceu algumas coisas invisíveis, patrimônios imateriais, que, talvez, ela nem tenha a dimensão do quanto me foram importantes paraskeués nessas voltas que tenho dado ao meu redor.*

*Grácia chegava sempre 20 ou 30 minutos antes da aula, dispunha os tambores, ajustava o equipamento de som. Conversava comigo sobre banalidades, puxava ganchos de conversas sérias e esperava os eternamente atrasados estudantes. Hoje, no exercício de docência na UFSB, realizo os mesmos gestos. Grácia realizava seu ritual*

iguazinho, semana após semana, por todas as sextas-feiras, das 8 da manhã ao meio dia, durante o segundo semestre de 2016.

Antes da aula começar, enquanto conversava comigo, Grácia agachava. Sim, fazia agachamentos. Explicou, certa vez, que bailarinas têm de fazer um planejamento de “interdições compulsórias” de determinados movimentos. Assim, não se machucariam tanto e poderiam se manter sempre dançando. Embora não saltando, dançando até o fim. Outro modo de dançar a vida inteira, dizia Grácia, era não ir muito ao médico, nem deixar de ir. Além disso, era bom manter algumas práticas que auxiliam na lubrificação das “encruzilhadas do corpo.” O corpo tem que estar, dizia Grácia, o mais desobstruído e lubrificado possível, sempre, para poder dançar a vida toda. Então, ela agachava, todos os dias. Desde então eu também, ao menos tento. Assim, passei a pensar meu corpo como um processo longo, de longo prazo... A gente tem que continuar dançando, performando, atuando. Grácia, para além de exercer uma mestria óbvia em relação a mim, me orientava via exemplo e via vida.

Caminhava muito. Errava por Barão Geraldo com frequência. Era comum ver minha professora caminhando com os cabelos compridos ao vento e um semblante relaxado. Quando conheci Grácia, eu estava na graduação, tinha 24 anos, ela 39... Hoje, quem tem 39 sou eu e também sou professora. A importância da caminhada, literal, nesta pesquisa é também um exercício que aprendi com a Professora Grácia. Eu passei a caminhar muito... Quilômetros. Algumas vezes em silêncio, ouvindo Barão Geraldo, outras, ouvindo músicas sugeridas por pessoas amigas. Falarei mais longamente sobre a importância da caminhada nesta pesquisa mais à diante. O importante é que fique registrado que foi Grácia quem disse para mim: “Sai pra caminhar. Anda até passar a aflição.”

Em relação às formas mais óbvias de mestria, bom... Neste sentido, Grácia achava necessário separar as funções de uma provável diretora, daquelas voltadas à orientação da pesquisa como um todo. Para me adaptar a este espaço, que em princípio parecia vazio — e depois foi suprimido —, que comecei a problematizar esta figura: “o diretor”. Talvez tenha sido o modo como Grácia dirigia os estudantes da graduação, e me dirigiu quando fizemos “As Troianas”, um dos principais fatores responsáveis pelo início de minha crescente necessidade de problematizar tal figura. No limite, foi uma das decisivas causas da minha quinada em direção à performance e explicarei porque.

Não pense que Grácia não gosta de teatro ou de direção. Gosta muito! Contudo, em minha experiência com a diretora, acredito que ela compreenda este exercício como algo mais fluido do que “os diretores” tradicionais. Na minha opinião, acredita que sua função no processo criativo é o de promover o desenvolvimento da estética a partir de diretrizes menos hierárquicas, em fluxos criativos semelhantes aos dos rituais e manifestações brasileiras de

origem indígena e africana<sup>25</sup>. A direção, por esta perspectiva, é mais uma voz. Tal voz fica a cargo da promoção dos estímulos, de diversas naturezas, às atrizes e atores, mas sempre por meio do corpo. Era pelo corpo, através dele e de maneira intensa. A partir deste ambiente, a coisa sozinha vai se desenhando, encontro após encontro. Com o tempo, o elenco vai fazendo escolhas à respeito de quais materiais usar e... Pronto... A obra está. Aprendi o método de Grácia sendo sua aluna e estagiária, sendo sua atriz, orientanda e leitora.



---

<sup>25</sup>OLIVEIRA, Alessandro; NAVARRO, Grácia. A tensão entre o sagrado e o fazer teatral: uma reflexão a partir do espetáculo Exus, do Grupo Pindorama. Urdimento, v.2, n.27, p.249-268, Dezembro 2016. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/viewFile/8535/6277> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

*O início da exploração  
estética:  
2017 e suas provas*



**Figura 9:** Ensaio no Terraço Garatuja. Na foto estão Pedro Sollero (computador); Ricardo Pezzi (baixo); Aline Nunes; ao fundo, Pedro Flório (violão). **Local/ano:** Campinas, 2017. **Autora:** PâmellaVilla Nova.



**Figura 10:** Cassandra e o carrinho de soro. Ensaio no Terraço Garatuja. **Local/ano:** Campinas, 2017. **Autora:** PâmellaVilla Nova.



**Figura 11:** Pâmella Villa Nova e Luá. Fim de ensaio no Terraço Garatuja. **Local/ano:** Campinas, 2017. **Autora:** Aline Nunes.

O ano de 2017 começa com um feminicídio coletivo<sup>26</sup> na cidade de Campinas, onde esta pesquisa foi concebida e gestada. O meu corpo gritava! Contudo, foi também em 21 de janeiro que a “*Marcha das Mulheres em Washington*”<sup>27</sup> reuniu 1 milhão na capital daquele país, para provar que haveria resistência das mulheres ao governo do, então eleito e recém empossado, Presidente Donald Trump. Angela Davis foi uma das que discursou naquela marcha<sup>28</sup>... Aquilo para mim foi uma espécie de resposta simbólica. Se seria capaz de nos manter lutando? Por que não?

Dois anos depois do movimento *Ni una a menos* eclodir na Argentina, o Brasil começa a responder com mais contundência. Ainda em janeiro de 2017 uma atriz conhecida por seus trabalhos em televisão expõe publicamente sua história recolocando em discussão a tal “cultura do estupro”. Este seria um ano com importantes movimentações das feministas, que vão se fortalecendo e ficando cada vez mais petulantes desde aquilo que ficou conhecido como o “golpe da misoginia.” As mulheres vão se tornando mais amigas umas das outras. Esta qualidade de amizade, fez fortalecer as ruas de 2017 e foi se infiltrando como umidade em toda a parte, a partir das redes sociais.

Em 5 de abril de 2017 sofro uma queda. Meu cotovelo direito desmonta. Neste episódio vivi, mais uma vez, a experiência de um importante aprendizado desta pesquisa: o corpo humano dói muito.

---

<sup>26</sup> EL PAIS. Homem mata 12 pessoas a tiros em uma festa de Ano Novo em Campinas Campinas, 1 de janeiro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/01/actualidad/1483273129\\_996330.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/01/actualidad/1483273129_996330.html) Verificado em: 29 de janeiro de 2019.

<sup>27</sup>EL PAIS. Protesto de mulheres contra Trump reúne dezenas de milhares nos EUA. Washington, 21 de janeiro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994\\_849896.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994_849896.html) Verificado em: 29 de janeiro de 2019.

<sup>28</sup> Seu discurso, nesta ocasião, é uma das vozes femininas ouvidas na Instalação Sonoro-performativa “A Cabeça de Cassandra”, uma das obras fruto desta pesquisa.



*Décima primeira digressão:*

*Em 5 de abril de 2017, sofri um acidente que causou a luxação grave do meu cotovelo direito. Uma queda na aula de dança da Professora Verônica para a graduação em Artes Cênicas. Em uma tentativa de impedir o impacto do meu rosto com o chão, hiperestendi meu braço, que desmontou seus encaixes. Ao meu lado, uma colega-amiga-não-íntima da Pós-Graduação, Maria Furlanetti ou Marie.*

*Marie é feminista, militante do carnaval de rua, praticante e instrutora de yôga. Passei 3 horas e meia em um hospital público sem nenhuma medicação que amenizasse a minha dor. O encaixe dos ossos foi realizado de modo medieval: tração e pressão sem nenhuma forma de analgesia. Quatro tentativas. Marie me lembrava de respirar... Localizar no meu corpo onde estavam as tensões que obstruíam os fluxos, eu deveria localizá-los e ensiná-los a relaxar para que a dor fluísse saindo e entrando com o mínimo de tensão. Eu respirava sem apneia, de forma circular. Me dava ar e paciência com meu sofrimento. Marie foi “doula” do meu braço direito. O que ocorreu entre*



*mim e ela foi peculiar: é que eu me ajudava a sofrer menos e Marie me dizia como. Mestreira do cuidado.*

*Deste acidente, além da tala, dos hematomas, das dolorosas fisioterapias, que passaram... Ficou a Marie e sua pedagogia. Marie que ajudou a despertar a minha capacidade de superar o corpo por meio do corpo. Ficou a importância do trabalho sobre mim mesma para superar a dor física e qualquer contingência passa a ser menor que nossa força se ela é desenvolvida, estimulada a se adaptar. Apreendi muito com esta literal reconexão comigo mesma.*

**Figura 12:** Cotovelo desmontado. **Local/ano:** Campinas, 5 de abril de 2017. Arquivo pessoal da pesquisadora.



A saída começou a aparecer no horizonte através de minha busca por pares na criação... Ainda que meio desgovernada, no final de 2016, havia percebido que teria de encontrar parceiras/os, talvez de outras áreas, e com elas/es encontrar um espaço comum para a criação de um experimento híbrido. Cassandra chega como tema e junto com ela, minha tão desejada peça de teatro vai por água abaixo. Teria de criar com outras linguagens, criar um espaço comum de interação entre elas. Neste espaço comum, imperaria a equidade entre nós e nossas linguagens. Pedro Sollero, já era meu parceiro há tempos... Ricardo Pezzi e Pedro Flório, músicos que tocavam com Sollero no trio de improvisação livre PNSC, colaboraram no levantamento de material criativo na primeira etapa de investigação estética. Em 2017, passa a fazer parte do Coletivo Carmim a performer e atriz Pâmella Villa Nova. Pâmella já chega trazendo coisas boas e importantes: me indicou um livro que ela começara há pouco, “Cassandra” de Christa Wolf.

Começamos os encontros, nós cinco, no início daquele ano. Experimentávamos na casa de Pâmella, seu *Terraço Garatuja*.<sup>29</sup> Depois do fim do penoso 2016, das últimas crises, que afetaram até minha relação com minha orientadora, parei. Ao parar, consegui achar as saídas. Em fevereiro escrevi o *Cordel de Cassandra*. Comecei a me encontrar com amigas para conversar e, enquanto conversávamos, eu modelava em gesso uma parte do corpo delas. Pés, mãos, costas, pernas, barrigas, seios, bundas, vaginas. Também entreguei o cordel para amigas gravarem. Queria ouvir as palavras que escrevi vindas de outras bocas. Os feminismos, minhas amigas, meus amigos, vinham me nutrindo em cores, formas, texturas, narrativas e sons. Eu era alegre também, nesta etapa. A vida não era um lamento doloroso. Era, também, projeto, devir, encontro.

---

<sup>29</sup> TERRAÇO GARATUJA é uma sala de atividades indisciplinadas – porque a arte não cabe em disciplinas. Aqui se faz de tudo, em busca de um viver mais integrado. Buscamos oferecer vivências, trocas de saberes, formações, feiras livres etc em parceria com coletivos culturais de Campinas e de outras cidades. Estamos projetando uma brinquedoteca para receber grupos de crianças com contações de histórias e brincadeiras! <http://terracogaratuja.blogspot.com/p/blog-page.html?m=1>



**Figura 13:** O Brescancini. Sem título: têmpera sobre tela 420 x 200 cm. **Autora:** Natália Brescancini.

### *Décima segunda digressão:*

#### *O Brescancini*

*Em 2014, a pintora Natália Brescancini, consultou seus amigos mais chegados sobre a possibilidade de alguns de nós nos tornarmos guardiões de suas telas. Ela produzia obras enormes e não tinha onde guardar. De seus amigos, somente eu e Pedro dispunhamos de parede para receber a beleza que recebemos. Era um presente colossal, inclusive no que se refere às dimensões (4,2m x 2m). Foi assim que, “o brescancini” veio morar conosco. Na ocasião, Natália me alertou: – “É muito grande e muito forte, isso não sai de você.”*

*Pensei, que exagero! O fato é que anos depois, já nesta pesquisa, um belo dia, arrumando meu armário, percebi que todas as roupas que adquiri depois “do brescancini”, têm os mesmos tons do brescancini. Percebi que quase todas as minhas roupas eram variações de azul e rosa. Contudo as influências desta tal tela não estavam*

*restritas ao meu guarda-roupas, mas contaminavam também a minha pesquisa de doutorado. À esta época, 2017, em uma das vezes em que parei para olhar com paciência para a tela, pensei que o olhar sobre a mulher era um olhar “esquartejante”. Somos assediadas assim. Eles separam as partes que os excitam. Foi daí que vieram os moldes em gesso, ou, as partes de mulheres amigas. Destes tais moldes vêm as minhas primeiras “conversas sobre assuntos de mulher”<sup>30</sup> nesta jornada.*



Em 24 de fevereiro de 2017, sexta-feira de carnaval daquele ano, começamos os encontros do Coletivo Carmim. Àquela altura, até nossos encontros menos produtivos eram bons e os ruins eram raros. Estávamos nos conhecendo e levantando material. Contudo ainda havia uma discordância recorrente entre Pâmella e Sollero quanto a função das linguagens e as relações de poder estabelecidas entre elas. Eu queria que a música fosse uma linguagem em si, não uma linguagem a serviço do teatro. Pedro também. Pâmella também. A parte difícil é que desejar a coisa não nos daria acesso a coisa. Era preciso cuidado, trabalho. Ninguém, além de mim e Pedro Sollero, dispunha de tempo suficiente para isto. Desta forma, só nós dois realmente nos mantínhamos estudando, de modo a encontrar estratégias de criação daquele tal território comum de relação entre as linguagens.

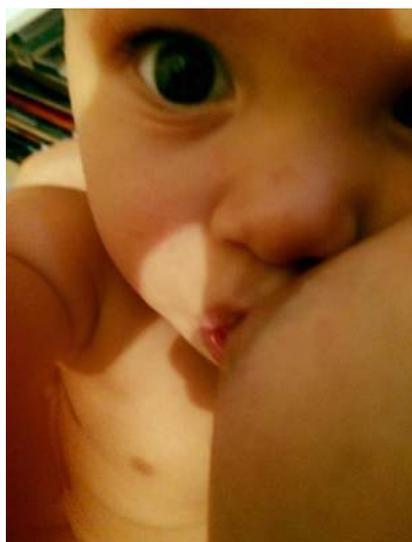
Pâmella é mãe solo e, apesar do sucesso em conciliar suas demandas, conseguia disponibilizar uma tarde conosco a cada 15 dias. Sempre atribulada e ao mesmo tempo calma, vivendo entre trabalhos, contas, casa e a maternidade solo, Pâmella, desde o princípio, foi muito importante para o processo.

---

<sup>30</sup> Título de um de meus programas performativos da “Série Performações Cassandricas”.



*Décima terceira digressão:*



*Contávamos com a presença de Luá nos ensaios no Terraço Garatuja. Luá é a filha da Pâmella. Tinha menos de 2 anos quando começamos a frequentar a casa dela para nossos ensaios do Coletivo Carmim... Todo o ambiente se suaviza com ela... A comida que cozinhava para os encontros era pensada a partir dela. Luá, fazia com que as relações se tornassem mais leves. “A Cabeça da Cassandra,” nome dado por Pâmella, assim, nascia sob os olhos e ouvidos atentos de uma meninazinha encantadora. Esperava tanto que 2017 fosse também mais leve, nem precisava ser tão encantador como Luá... Mal sabia que seria um ano forte, doloroso e, estranhamente maravilhoso.*

**Figura 14:** Luá no seio de Pamella.

**Local/ano:** Campinas, 2017.

**Autora:** Pâmella Villa Nova

*Digressão da digressão:*

*Quando experimentei Cassandra na disciplina ministrada pelas Professoras Grácia e Verônica e pelo Professor Marcelo, quem provou Helena, foi Pâmella. Corajosa, já no mestrado, foi estudar a polêmica figura da mulher que distribuía desgraças por ser linda. Do mestrado de Pâmella nasce a performo-palestra “Helena Vadia”, uma pesquisa orientada pela Professora Verônica Fabrini.*

*Me lembro da ocasião em que o Professor Marcelo e Pâmella discutiram severamente, discussão quente, na qual Lazzaratto abre a boca e enuncia a frase, para mim, infeliz: “uma mulher bonita é mesmo capaz de provocar guerras.”*

*Ao que Pâmella, parresiasticamente, responde que quem provocava guerras eram os homens e o faziam porque são mimados. Disse que não se lembrava de na história haver uma só guerra que tenha sido realizada por mulheres. Que nunca ouvira falar de uma vagina ter sido a real causa de uma guerra. Que nós só servíamos de desculpas para os rapazes fazerem aquilo que querem.*

*Fico lembrando deste debate e concluo: as guerras são feitas por homens que, frustrados por não conseguirem o que querem, acabam destruindo tudo ao redor. Os homens podem alegar que nossas vaginas são o real*

*propósito. Mas o fato, nós conhecemos, é que muitos homens, gostam mesmo de queimar tudo quando não conseguem o que querem. Para mim, Pâmella tinha toda a razão!*

*Em 2017, estadistas, que se comportam como meninos mimados, começam a brincar com o mundo como se fosse um videogame. A vida na Terra vê-se severamente ameaçada em 2017, porque meninos mimados não soltavam o joystick para tomar banho e jantar.*

Agência BBC Brasil

10 de agosto de 2017

### **Tensão entre os EUA e a Coreia do Norte: há razão para temer uma guerra nuclear?**

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, disse que vai responder às ameaças da Coreia do Norte "com fogo e fúria jamais vistos pelo mundo". Enquanto isso, a Coreia do Norte ameaçou lançar mísseis contra a ilha de Guam, território dos EUA no Pacífico habitado por 163 mil pessoas.

E tudo isso acontece em meio a informações de que Pyongyang possa ter finalmente conseguido miniaturizar uma ogiva nuclear para caber em um míssil intercontinental - uma perspectiva temida há muito tempo pelos Estados Unidos e seus aliados asiáticos.<sup>31</sup>



As propostas de jogos de interação no Terraço Garatuja sempre levavam os encontros ao universo de cada um, não para um campo comum, porque não se desenvolviam. As pessoas não dispunham de tempo e nem todos tinham realmente vontade de desenvolver a proposta. Paralelamente a tudo isto havia Pedro Flório e Ricardo Pezzi, que não costumavam se pronunciar muito nos momentos de reflexão sobre a prática, enquanto eu, Pâmella e Pedro Sollero discutíamos bastante. Mas como é próprio a vida, as pessoas não têm os mesmos interesses e isso não precisa ser um problema. Aquele era o meu doutorado. Pedro Flório só queria tocar um som. Era justo que o fizesse. Quanto a Ricardo Pezzi, ele queria muito se aproximar de tudo o que estava acontecendo, mas não conseguia. O baixista relatava sentir-se muito distante de tudo

<sup>31</sup> BBC BRASIL. Tensão entre os EUA e a Coreia do Norte: há razão para temer uma guerra nuclear? Brasil: 10 agosto 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40885538> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

aquilo. Seria um exercício muito difícil. Porém, como Pezzi já havia vencido alguns desafios espinhosos em sua vida, resolveu tentar.

Contudo, em agosto de 2017, seríamos só nós três: eu, Pâmella e Pedro Sollero. Finalizava meu relatório de qualificação com uma proposta muito ousada à minha orientadora: dar um tiro de escopeta, não uma flexada. A minha intenção era abrir o escopo, contar tudo o que me orbitava, não falar da obra no texto. Deveríamos, nesta proposta, esperar a recepção da obra e descobrir como ela se comunicava com a banca. Por si. Afinal, se pesquisa em arte gera arte como conhecimento, e é legítimo, eu precisava estimar se uma proposta assim seria acolhida pela banca que escolhemos. Tinha a qualificação para arriscar. Grácia aceitou o desafio e se manteve firme ao meu lado.



#### *Décima quarta digressão:*

*Entre o final de julho, começo de agosto de 17, sou levada ao hospital com vômito, dor muito intensa no rim direito que irradiava ao estômago, coluna, cabeça, pernas. A dor depois de 2 dias estava acompanhada de febre alta. Desidratada, já havia 48 horas que eu também não comia, por conta da dor e da febre. Fui rapidamente internada sob o pré-diagnóstico de pielonefrite com suspeita de septicemia, ou, infecção no rim direito com risco de infecção generalizada. A bactéria que me colocou três dias em tratamento venoso, segundo a médica, costuma morrer com “chute na canela”. “Sua imunidade está muito baixa, você está sem defesas”, disse a médica. Como eu poderia estar sem defesas se eu iria para defesa da minha qualificação em breve? Então parei tudo, mais uma vez, agora pouco antes da qualificação. Parei para ficar comendo comida insossa, sentindo dor, frio, calor, muitas vezes simultaneamente. Mas àquela altura eu já sabia que eu tinha de respirar, e deixar o que havia de ruim passar por mim. Não deixar nada permanecer enquanto doer. Às vezes, parecia doer menos, outras eu agradecia a medicação. E assim, eu respirava e dizia ao meu corpo: dói muito. Precisava observar.*



Pouco antes da qualificação, em agosto, eu realizava minha primeira abertura de processo. Ao longo do percurso, abrir o trabalho inacabado com frequência constituía método. Não tínhamos medo de querer jogar tudo fora. Estávamos montando uma instalação sonoro-teatral, com cenas marcadas e momentos de suspensão para possíveis aberturas às errâncias. Precisávamos testar. Observar como os convidados a entrarem na cabeça da Cassandra se comportariam e como, eu, Pedro e Pâmella (na iluminação), nos comportaríamos também.

Nesta abertura, como na da qualificação, o espaço era aberto a livre circulação das/os convidadas/os. Participantes poderiam se movimentar a qualquer momento em todo o espaço da obra. Uma pilha de cadeiras ficava disponível para quem quisesse dispor de uma para ocupar com ela o espaço, mas a pessoa poderia, por exemplo, se deitar no chão se quisesse. Os moldes de corpos em gesso estavam espalhados e suspensos no espaço. Também suspensos, estavam os 10 falantes automotivos que emitiam durante os primeiros 30 minutos do trabalho, discursos públicos de mulheres cassândricas em uma obra de imersão sonora, uma instalação, composta por Pedro Sollero, com minha curadoria dos discursos. No espaço também havia um púlpito microfonado, nele uma pasta que dizia na capa: use se quiser. O conteúdo da pasta eram discursos de mulheres Nobel da Paz. Havia um espaço circunscrito pelos 10 falantes, em outra ponta do retângulo, os instrumentos musicais de Pedro.

Eu também estava presente, sentada em uma cadeira, vestida de branco com fitas vermelhas presas aos meus longos cabelos castanhos à época. Não são mais longos, nem tão castanhos... Cultivo alguns fios brancos hoje. As tais fitas ligavam meu corpo a um carrinho de soro hospitalar, na trança feita por cabelo e fita.



**Figura 15:** Caminhada lenta com carrinho de soro. Primeira abertura de processo realizada no Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. **Local/ano:** Campinas, 29 de agosto de 2017. **Autora:** Grácia Navarro

Do carrinho pendiam por ataduras hospitalares, latinhas de cerveja amassadas. Aquelas como a dos carros nupciais. Havia ainda uma mesa com morangos, uvas vermelhas, suspiros, confeitos de chocolate, água fresca. Pelo chão, fotos de mulheres cassândricas. Vinha estudando até ali mulheres cassândricas. Mulheres de atuação/militância política cujos discursos foram interditos. Dorothy Stang<sup>32</sup> era uma Cassandra para mim. Irmã Dorothy dominava a parrésia, desta maneira ela dizia de coração o que deveria ser dito, a verdade. Como os parresiastas descritos por Foucault, Dorothy – por meio do domínio de si, sem qualquer traço de cólera – lutava pelos povos da floresta naquele trecho da Amazônia paraense. Sua fala, todavia, despertava a ira dos que a recebiam, como também é próprio da parrésia. Assim Dorothy Stang, morreu com 6 tiros em diversas partes do corpo, um deles na cabeça (*causa mortis* de Cassandra), enquanto, ajoelhada, antes de morrer proferiu o Sermão da Montanha. Mas não foi só Dorothy. Até aquela altura, em 2017, já havíamos perdido muitas Cassandras.<sup>33</sup> Também me aproximei de discursos proferidos por mulheres laureadas com o Nobel da Paz.

Assim conheci a voz de Malala Yousafzai<sup>34</sup>, Wangari Maathai,<sup>35</sup> Rigoberta Menchú<sup>36</sup>, Shirin Ebadi,<sup>37</sup> Leymah Gbowee<sup>38</sup>, encontrei discordâncias fortes com o discurso de Madre

---

<sup>32</sup> WROBLESKI, Stefano. Assassinato de freira defensora da Amazônia Dorothy Stang completa 10 anos. Grupo Uol/ InfoAmazonia. Brasil, 13 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://infoamazonia.blogosfera.uol.com.br/2015/02/13/assassinato-de-freira-defensora-da-amazonia-dorothy-stang-completa-10-anos/?cmpid=copiaecola> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>33</sup> FOWKS, Jacqueline. Brasil, o país mais letal para defensores da terra e do meio ambiente. El País Brasil. Lima, 24 de julho de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/23/internacional/1532363870\\_921380.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/23/internacional/1532363870_921380.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019

<sup>34</sup> UOL. Quem é Malala, a paquistanesa que tomou um tiro porque queria estudar e agora viaja o mundo. São Paulo, 6 de julho de 2018. Verificar em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/07/06/quem-e-malala-a-paquistanesa-que-tomou-um-tiro-porque-queria-estudar-e-agora-viaja-o-mundo.htm> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>35</sup> VALDÉS, Isabel; RUBIO, Isabel. Wangari Maathai, a queniana que semeou árvores e ideais. El País Brasil. Brasil, 26 de fevereiro de 2018. Verificar em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/politica/1519672164\\_945082.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/politica/1519672164_945082.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>36</sup> G1. Nobel da Paz de 1992, líder indígena Rigoberta Menchú comemora 50 anos. Brasil, 9 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL949930-5602,00-NOBEL+DA+PAZ+DE+LIDER+INDIGENA+RIGOBERTA+MENCHU+COMEMORA+ANOS.html> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>37</sup> G1/REUTERS. Nobel da Paz iraniana incentiva compatriotas a manter protestos. Brasil, 4 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/nobel-da-paz-iraniana-incentiva-compatriotas-a-manter-protestos.ghtml> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

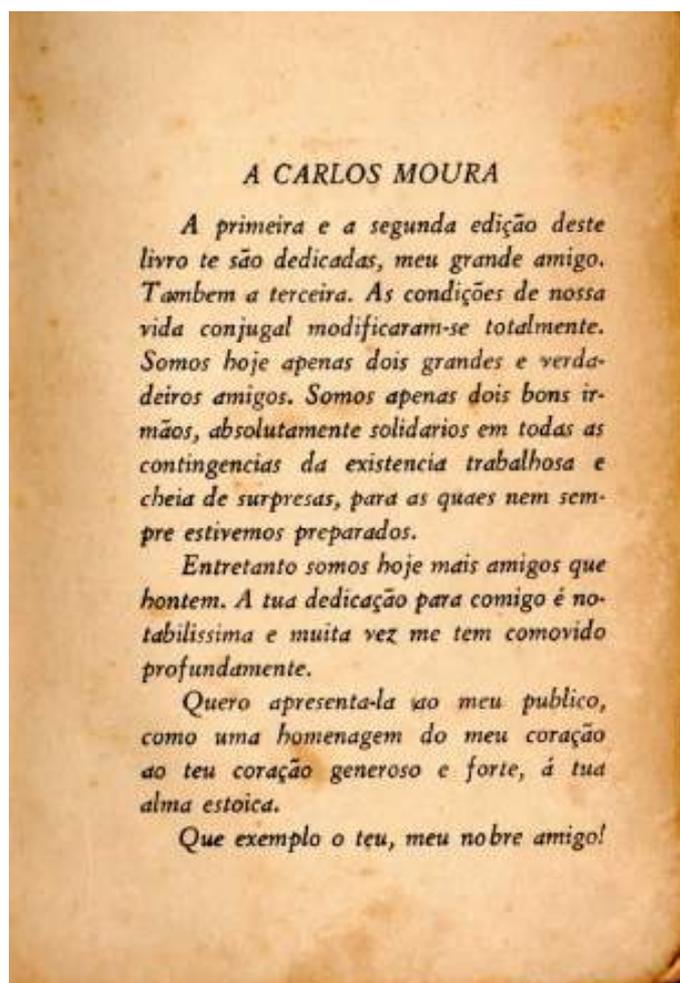
Teresa de Calcutá<sup>39</sup>. Coletava, aos montes, trechos de falas disponíveis na internet. Mulheres de todas as idades e nacionalidades. Desta curadoria dos discursos, saía o material bruto que Pedro manipulava na composição da música feita pelas falas.



*Décima quinta digressão:*

*A relação com Pedro Sollero:*

*outras impressões sobre a mestria, a amizade e o casamento como cuidado de si e prática de liberdade*



**Figura 16:** Dedicatória a Carlos Moura. Foto da página da edição de 1985 do livro de Maria Lacerda de Moura, “É a mulher uma degenerada?”, na qual a autora fala de sua relação com seu marido-amigo. **Local/ano:** Campinas, 2019. **Autora:** Aline Nunes.

<sup>38</sup> G1. Ganhadora do Nobel da Paz liderou 'greve de sexo' na Libéria em 2002. Brasil, sete de outubro de 2011. Disponível em:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/ganhadora-do-nobel-da-paz-liderou-greve-de-sexo-na-liberia-em-2002.html>

<sup>39</sup> CALCUTÁ, Madre Teresa. Vídeo do You Tube. Discurso de Madre Teresa de Calcutá, Discurso Prêmio Nobel da Paz 1979. Publicado em: 19 de janeiro de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VE9nraVn\\_7k](https://www.youtube.com/watch?v=VE9nraVn_7k) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

Começo minhas reflexões sobre este aspecto tão relevante à pesquisa pela dedicatória de Maria Lacerda de Moura para Carlos Moura, em seu livro clássico, emblema do feminismo brasileiro: “É a mulher uma degenerada?” (MOURA. 1982:7). Maria apresenta Carlos como seu melhor amigo e companheiro no enfrentamento das inevitáveis contingências da vida. Dispus aqui a linda dedicatória para ilustrar o fato de que, nem sempre, a vida conjugal é sinônimo de cerceamento das liberdades; que nem sempre o casamento significa “o fim da linha” para a feminista, como no derradeiro ato de “A Megera domada”. Catarina é, para mim — ao fim da trama de Shakespeare onde é rerepresentada ao público convertida em uma “mulher respeitável” —, a mais pura representação da degeneração feminina: passiva como um bicho triste e sem vontade. Ao contrário da cativa Catarina, vivo uma experiência conjugal e familiar que muito me potencializa, estimula a criatividade e me impele à importantes processos de transformação e crescimento. Contudo, diferente de Maria e Carlos, eu e Pedro não somos irmãos. Temos juntos uma filha maravilhosa, Luísa, pessoa que, para o nosso orgulho, já nos superou em muitos aspectos.

O sexo e sexualidade é também objeto de cuidado para mim e para Pedro. Em nossa vida, compreendemos como cuidado de si o desenvolvimento de práticas sexuais salutares. Foucault dedica todo o volume 3 de sua “História da Sexualidade”, ao tema do cuidado de si, dando especial destaque à análise das chamadas *Aphrodisíacas*. Desta forma, a família que constituí com Pedro e Luísa é o oposto do modelo burguês da “família tradicional”, que se mantém, de modo geral, às custas das frustrações, das mentiras, do cerceamento das liberdades e da castração criativa de ambos os cônjuges. Foi para combater este modelo matrimonial que imperou no ocidente a partir do século XIX, que a emblemática feminista Amparo Poch y Gascón publicou seu famoso “Elogio ao amor livre”. Neste manifesto sexual publicado originalmente no volume 3 da Revista *Mujeres Libres* de 1936, Amparo descreve o adultério como “um fruto esplêndido” (GASCÓN. 2006:230), único meio capaz de tornar menos infeliz a mulher vítima deste modelo conjugal.

Contudo, ao contrário desta espécie de tristeza espinosista que acomete as subjetividades na maioria das famílias tradicionais, as quais Freud define como um antro de produção de neuroses, a minha família é, para mim, meu primeiro espaço, meu lugar seguro no mundo no qual posso criar e experimentar livremente novos modos de existência. Sou casada com Pedro desde que éramos muito jovens. Nossa diferença de idade é da ordem dos dias, deste modo, nos tornamos adultos juntos, nos fizemos artistas juntos e fomos desenvolvendo, em trio, nossa “*tékhnē toû biou*”, ou seja, desenvolvemos continuamente os saberes que nos possibilitarão vivermos como devemos viver enquanto indivíduos, enquanto cidadãos (FOUCAULT. 2014:161). Já há alguns anos Pedro é meu melhor amigo e esta amizade aparece aqui como exercício de mestria.

Ao pensamento clássico, é imprescindível para o sujeito que quer cuidar de si ter mestres e amigos. Contudo, uma figura e a outra não necessariamente devem coincidir. Assim sendo, na filosofia antiga, informa Foucault, para

cuidar de si é preciso “que alguém lhe estenda a mão, alguém que o puxe para fora: oportent aliquis educat.” (FOUCAULT. 2014:118). As formas como os jovens eram educados, ou, conduzidos à *tékhnē tou biou*, implicavam na constituição de um mestre que poderia estar representado nos exemplos da tradição, nos grandes heróis e ancestrais, conhecidos das narrativas e epopéias. O mestre, desta maneira, é um modelo ético, um exemplo a ser seguido.

Outra forma de mestria vinda da antiguidade é a mestria de competência. “ou seja, a simples transmissão de conhecimentos, princípios, aptidões, habilidades, etc. aos mais jovens.” (FOUCAULT. 2014:115). Uma forma frequente de mestria neste meu percurso ao redor de mim mesma tem se assemelhado à mestria socrática, que é, segundo Michel Foucault, “sem dúvida, a mestria do embaraço e da descoberta, exercida através do diálogo.” (FOUCAULT. 2014:116). Não é condição da mestria socrática que tais diálogos sejam estabelecidos em um plano de relações horizontais. Contudo, se operarmos a partir da ideia de que o exercício da amizade (naquilo que ficou conhecido como a amizade epicurista, pode se desenvolver como uma forma de mestria horizontal, estabelecida pelo exercício da *parresia* – o franco falar, o falar de coração –, podemos, com isso, assumir a possibilidade de se estabelecer formas de mestria não hierarquizantes. Por meio do diálogo, estabelecido a partir de um espaço de escuta atenciosa, podemos construir uma relação horizontal, não hierárquica com nossos amigos, estabelecendo uma reciprocidade de cuidados e conselhos verdadeiros, através das trocas simbólicas, da segurança e confiança mútua. A amizade epicurista, conforme analisa Foucault em sua *Hermenêutica do Sujeito*,

“nada mais é que uma das formas que se dá ao cuidado de si. Todo o homem que tem realmente cuidado de si deve fazer amigos. Esses amigos chegam ocasionalmente no interior da rede de trocas sociais e da utilidade. A utilidade, que é ocasião da amizade, não deve ser abolida. É preciso mantê-la até o fim. Mas o que dará função à utilidade no interior da felicidade é a confiança que dedicamos aos nossos amigos que são, para conosco, capazes de reciprocidade. É a reciprocidade desses comportamentos que faz figurar a amizade como um dos elementos da sabedoria e da felicidade. (FOUCAULT. 2014:176)

É neste sentido que minhas conversas de fim de dia com Pedro, em nossos exercícios mútuos de exame de consciência, configuraram para mim uma relação singular de mestria. Quando vou viver sozinha na Bahia (2018) sinto muita falta deste ritual de cuidado. Além disso, eram nessas conversas que falávamos de nossos desejos para “A Cabeça de Cassandra”. Era ali que eu me aproximava de assuntos como áudio, composição musical, além de sua perspectiva acerca do cuidado de si como preparação para a errância da improvisação musical livre entre outros diversos assuntos. Contudo, eu também aproximei Pedro, por exemplo, de todos os aspectos discutidos nesta tese.



Na abertura da Cabeça, as pessoas se posicionavam com suas cadeiras, ou sentadas no chão, mas a maioria preferencialmente se colocava à minha frente. Lá permaneciam por muito tempo a espera do que iria acontecer, como se o espaço já não estivesse cheio de sons de mulheres falando. Como se já não estivesse acontecendo algo. Para algumas pessoas daquele público a instalação constituiu 30 minutos intermináveis. Muita gente só esperava que algo estivesse acontecendo se a atriz estivesse se mexendo. Contudo eu não realizava nenhum movimento.

Uma colega disse de um momento em que “nada acontece em cena.” Era fato que, para os espectadores a participação era algo novo e difícil. Estar ativo em um espaço, poder usufruir dele como quiser parecia mais uma responsabilidade que um prazer. Mas houve quem aproveitou e, claro, quem abusou deste privilégio.

Algumas pessoas passaram os 30 minutos da instalação me orbitando como moscas. Respiravam perto, muito perto do meu rosto, do meu corpo e eu não gostei. Comecei a reagir e a “teatrar”... estava acionando minhas cartas já conhecidas. Alguém, depois vim saber que era um homem, pausou as 10 caixas de som por alguns segundos, apertando a barra de espaço do computador que estava aberto no nicho de Pedro. Um único homem conseguiu calar 15 mulheres com um apertar de botão. Pedro, depressa, religa o programa que continua de onde parou, para nossa sorte.

Mais adiante na encenação havia um momento que me deixava apreensiva. Eu tiraria o vestido branco e revelaria a calcinha rasgada, furada por guimba de cigarro, meus seios estariam expostos. Não tenho mais 20 anos, daqui a pouco não estarei mais na casa dos 30. Não sou propriamente uma mulher que respeita os padrões de formatos, cores, texturas e medidas de um corpo que está na moda vigente. Havia muito que eu não entrava em cena, mais tempo ainda que não entrava com tão pouca roupa. Pois o que eu fiz naquela noite foi dizer o solilóquio do Hamlet, de calcinha furada e com os peitos de fora. Peter Pál-Pelbart, em seu “O avesso do Niilismo”, conta sua versão de como a relação das pessoas com seus corpos tem ocorrido na contemporaneidade. Ele dirá:

A obsessão pela perfectibilidade física, com as infinitas possibilidades de transformação anunciadas pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas, essa compulsão do eu para causar o desejo do outro por si, mediante a idealização da imagem corporal, mesmo à custa do bem-estar, com as mutilações e o comprometem, substituem finalmente a satisfação erótica que prometem pela mortificação autoimposta. O fato é que abraçamos voluntariamente a tirania da corporeidade perfeita em nome de um gozo sensorial cuja imediaticidade torna ainda mais surpreendente o seu custo em sofrimento. A bioascese é um cuidado de si, mas à diferença dos antigos, cujo cuidado si

visava a bela vida, e que Foucault chamou de estética da existência, o nosso cuidado visa o próprio corpo, sua saúde, beleza, boa forma, felicidade científica e estética, ou o que Deleuze designaria por "a gorda saúde dominante". Não hesitamos em chamá-lo, mesmo nas condições moduláveis da coerção contemporânea, de um corpo fascista – diante do modelo inalcançável, boa parte da população é jogada em uma condição de inferioridade sub-humana. Que ademais o corpo tenha se tornado um reservatório genético, um dividual estatístico, com o qual somos lançados ao domínio da biossociabilidade ("faço parte do grupo dos hipertensos, dos soropositivos" etc.), isto só vem fortalecer os riscos da eugenia. Estamos às voltas, em todo o caso, com o registro da vida biologizada. Reduzidos ao mero corpo, do corpo excitável ao corpo manipulável, do corpo espetáculo ao corpo automodulável – é o domínio da vida nua. Continuamos no domínio da sobrevivência, da produção maciça de "sobreviventes" no sentido amplo do termo. (Pál-Pelbart. 2013:27)

A sensação foi uma das melhores que eu experimentei. Eu era pura escuta do que eu mesma dizia... E enquanto dizia, me escutava e olhava para as pessoas, e ia reorganizando o que era dito em tempo real. Organizava via variações de timbre, ritmo, volume... Assim ia improvisando também a entonação e, deste modo, eu criava sentidos novos, ali. Era viver o presente. As palavras passavam pelo meu corpo exposto. Eu queria comer o Shakespeare, queria comer o Hamlet e os homens... Queria falar. Ter direito de proferir aquele discurso e qualquer outro que me despertasse interesse. Quanto a personagem, eu não dizia aquelas palavras como Hamlet. Eu dizia como eu mesma, atravessada por Cassandra. Foi assim que eu mastiguei o solilóquio de Hamlet, e senti o prazer de dizê-lo de peito aberto.

Pedro e eu estávamos em cena, mas éramos ainda partes muito desconexas. Pâmella experimentava na luz. A luz, na verdade, às vezes nos incomodava muito em cena. Tínhamos conquistado coisas incríveis, mas, para ser tão estruturado, tão teatral, precisaríamos de mais horas de trabalho juntos, no espaço da apresentação, com o equipamento. Impossível. Ao mesmo tempo, quanto mais teatral o processo, mais ele transformava Pedro no responsável pela trilha sonora e não em performer. Da mesma maneira, quanto mais teatral na forma, mais Pâmella se tornava diretora, não performer através da luz. Atuação, luz e música eram ainda muito teatrais e desconectados. Contudo, se era pra fazer teatro, para mim, precisávamos de mais ensaios. Talvez, muito mais. Mas isso também era impossível.

Com esta abertura do processo, comecei a compreender a fragilidade do complexo sistema de dependências que a "Cabeça" precisaria dispor para ser como esperávamos. Talvez o problema fosse o excesso de expectativas. O fator risco, tão caro à parrésia e à transformação do sujeito no cuidado de si, também estavam tímidos. Afinal, eram muitas as expectativas e, na proteção relativa da forma teatral, eu não passaria por riscos reais.

Porém, também tivemos a dimensão de como eram recebidos alguns enunciados pelo público. Algumas recepções eram exatamente como esperávamos. Pessoas amigas e estudantes das Artes Cênicas estiveram presentes. Professora Grácia, Professora Verônica, Professor Mario Santana. Mario, meu amigo, orientador de mestrado, com quem trabalhara a pouco como estagiária docente – durante o primeiro semestre de 2017 – comentando a obra ao final, diz:

*– Sabe o que eu reparei? Reparei que a gente vê as mulheres assim mesmo, aos pedaços. Saquei agora, como o olhar machista esquarteja a mulher.*

Bingo!

Naquela noite, muitas amigas e amigos estiveram conosco no barracão das Artes Cênicas e contribuíram com o redimensionamento da minha relação com a obra e com a pesquisa, com Pedro, com Pâmella. Algumas destas amigas presentes, inclusive, nos emprestaram partes de seus corpos como molde às visualidades da Cabeça de Cassandra. A resultante daquele esforço enorme foi, enfim, positivo, mas havia muita coisa para pensar até a qualificação e além.

Quando outubro chegou, sabíamos que iríamos enfrentar a defesa do meu ousado relatório de qualificação. Tudo estava certo com a banca. Na manhã do dia do exame, chegamos ao barracão das artes cênicas bem cedo e logo recebemos a notícia: O técnico de luz resolveu aderir à paralisação dos funcionários e não iríamos contar com os recursos de iluminação. Resolvemos fazer com luz geral. Naquele dia também, uma pessoa próxima à pesquisa estava sofrendo uma cirurgia cardíaca de grande porte, estávamos todos apreensivos.

Quarenta minutos antes da abertura, como é de praxe, eu e Pedro fomos para os nossos lugares e lá permanecemos em concentração. Na hora marcada para o início do exame, uma das professoras de minha banca não havia chegado. Dez minutos depois da hora marcada, eu já estava na cadeira imóvel, havia 50 minutos, esperaria ainda por mais 20 minutos. Resultado: eu estava uma pilha de nervos. Foi uma apresentação ruim, na qual Pâmella não pode contribuir. A luz branca, geral, deixou tudo muito exposto. Eu e Pedro seguramos como pudemos para que aquilo acabasse. Temia não ser aprovada. Apresentei um texto que diante da obra era vago e, somado a uma apresentação sofrível, poderia colocar tudo a perder. Precisava que a prática fosse contundente. Precisava que conseguíssemos comunicar com a obra as diretrizes que o texto do relatório propunha, não conseguimos como esperado. Contudo, o que conseguimos deixar claro é que tais contingências são relevantes porque atravessam o corpo e modificam o material, por isso meu exame de qualificação foi difícil. Mas a pesquisa era promissora. Depois de um dia intenso,

passamos! Afinal, tudo deu certo, naquela noite todos estávamos bem. O corações batiam no compasso esperado.

O que aprendemos naquela tarde/noite foi crucial para o que veio depois. As professoras da banca, generosamente, ofereceram apontamentos muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Agora sim, finalmente, a investigação estava mapeada. Tínhamos uma direção. O foco eram os feminismos. O foco era Cassandra. Naquela tarde também conquistamos a colaboração amiga da Professora Luana Saturnino Tvardovskas, que passou a sugerir eventos e continuou acompanhando o trabalho até o fim.

Estamos quase em novembro de 2017, parecia não haver muita chance de acontecer mais alguma coisa nova em um ano já tão movimentado. Naquele mês a bolsa finalmente foi aprovada. Agora era descansar um pouco para retomar os trabalhos com a “Cabeça” a partir dos apontamentos da qualificação, certo? Errado. Era hora de estudar para o concurso da Universidade Federal do Sul da Bahia.



### *Décima sexta digressão:*

Agência El País

24 de dezembro de 2017

#### **‘Eu também’ reforça revolução das mulheres que responsabiliza o assediador, e não mais a vítima**

‘Caso Weinstein’ desencadeou o movimento #Metoo, que conseguiu unir milhares de mulheres assediadas e derrubou mitos do show bizz, tirando a carga da vítima

Poderia ter caído no esquecimento. Não seria a primeira vez. Mulheres que denunciavam publicamente o assédio sexual praticado por um homem poderoso, que mal sai arranhado. Mas não aconteceu isso. No início de outubro correram como um rastilho as manchetes informando que o gigante de Hollywood Harvey Weisntein havia sido demitido de sua empresa depois da publicação, pela revista The New Yorker e pelo jornal The New York Times, de uma pilha de acusações de casos de assédio sexual supostamente cometidos ao longo de décadas e silenciados graças ao talão de cheques. Sexo, poder, dinheiro. Mas o que começou como a história de sempre pode ter se tornado o pavio que incendeia a história. Em maiúsculas.<sup>40</sup>



<sup>40</sup> GÓMEZ, Laura Nuño. ‘Eu também’ reforça revolução das mulheres que responsabiliza o assediador, e não mais a vítima. El País Brasil. Madri /Washington, 24 de dezembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371\\_076739.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371_076739.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.



*À deriva em novos  
mares: 2018 e a  
Bahia*

**Figura 17:** Cinelândia. Manifestações em decorrência da morte de Marielle Franco e Anderson Gomes. **Local/ano:** Rio de Janeiro, 15 de março de 2018. **Autor:** AFP

A partir de outubro de 2017, finalizado o exame de qualificação, eu me esmerei em estudar. Estudei, como uma louca. Esqueci do mundo e me aprofundi nas pesquisas artísticas relativas à voz, à escuta e à performatividade, desta forma, desembarquei na Bahia com meu amigo-companheiro, Pedro Sollero, para fazer meu primeiro concurso público da vida. A prova toda foi um exercício de franco falar. Dei minha aula de coração. Quando entrava para as provas práticas e entrevistas, estava sempre calma, como se fizesse aquilo todos os dias, embora nunca tivesse feito. Depois que saía de cada etapa, é que eu realmente dimensionava o tamanho da fogueira que eu havia pulado. Foi assim que eu passei no concurso docente da UFSB, Universidade Federal do Sul da Bahia. Só soube disso oficialmente em fevereiro seguinte.



**Figura 18:** Aline e Pedro. Na UFSB pela primeira vez, na ocasião do concurso da pesquisadora, minutos antes da primeira prova prática. **Local/ano:** Porto Seguro, dezembro de 2017. **Autora:** Aline Nunes.

Outra curiosidade é que nunca havia ido à Bahia. O campus no qual realizei a prova, e depois tornou-se minha lotação como docente, foi o de Porto Seguro. Havia outros dois campi:

em Teixeira de Freitas e Itabuna. Estávamos, então, prontos para tudo em 2018. Passando ou não, estávamos potentes e nada mudaria isso. Claro que era o que acreditávamos. Não foi bem assim.

Logo no dia 2 de janeiro, recebo a notícia de que Mario Santana<sup>41</sup> havia morrido. Era jovem, 53 anos. Morreu no mar da Bahia, na Bahia onde tudo começou para ele. A morte de Mario era só uma ausência, um espaço vazio e cheio de saudade. Era meu amigo, meu mestre e aprendiz. Ensinei muito ao velho Mario sobre feminismo: sobre o que não se pode mais ignorar em si, acerca dos machismos. Mario estava em franca e intensa invenção de si. Enquanto isso, me ensinava a dizer o que eu queria dizer de modo a promover a circulação do meu discurso. Com o Professor Mario escrevi meu primeiro artigo publicado. Como meu orientador de mestrado, como responsável pelo meu segundo estágio docente nas Artes Cênicas da Unicamp, como meu amigo, Mario me ensinou muito. Agora, era uma lembrança, uma experiência, um aprendizado. Nunca concretizei um fechamento com Mario. Ficou suspenso. Era como se ele tivesse viajado e nunca mais voltado. Ainda é estranho. Mario deixava claro que a mesma praia, de anos de convivência, pode ser também a cena do seu último ato. A contingência me avisava da emergência de criar novos modos de existência antes que a morte viesse.

Em fevereiro ficou ainda mais fácil pensar em inventar uma vida inteiramente nova. Nova desde o método. No meio disso tudo, eu sou nomeada para a vaga e me apresento ao decanato do Centro de Formação em Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia, em 8 de março de 2018. Estava feliz, mas era tudo muito extremo em 2018, ano em que a tônica foi a intensidade. Vivi grandes alegrias e retumbantes dores. Por isso, a vida não mudou só no que diz respeito ao método, mudou também de locação, de elenco, de trilha sonora. A sensação era que eu iria desintegrar. Eu tinha, além de coragem, também um pouco de medo todos os dias.

Por meses eu tive de me adaptar. Até os fungos novos do Sul da Bahia foram desafiantes. O que havia de fato é que minha filha estava com 17 anos, feliz em uma boa escola pública e prestaria vestibular no final daquele conturbado ano. Meu companheiro, Pedro, cursava o primeiro ano do doutorado na ECA-Usp. Ambos teriam de ficar e queriam ficar em Campinas. Então o combinado entre nós três era agora o seguinte: Pedro cuidaria sozinho de Luísa no ano

---

<sup>41</sup> UNICAMP. (Site institucional) Unicamp perde o professor Mario Alberto de Santana. Campinas, 03 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/01/03/unicamp-perde-o-professor-mario-alberto-de-santana> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

do vestibular. Eu amamentei, ele ficou com o vestibular. Todos achamos justo. Então, em 2018, eu moraria sozinha em Porto Seguro. Nunca havia morado sozinha.

Quanto à natureza dos cuidados dedicados aos outros, isso também mudaria. Perto de mim, no princípio, só havia eu mesma, um medo, que volta e meia gelava meu estômago, e uma coragem imanente muito gostosa de ser vivida. Foi cuidando de mim mesma, prestando atenção a mim, que acabei cultivando amigas que me ajudaram muito na tarefa de inventar novos arranjos à vida. Eu cheguei à UFSB com outros 7 docentes das Artes. Era um mundo novo para muita gente, não só para mim. Isso facilitava muito os encontros. Tudo estava começando, sendo construído, a própria UFSB nascera em 2014. Ganhava, desta forma, uma maravilhosa oportunidade de experimentar novas tecnologias do viver. Fui, então, produzindo redes de relações com colegas, estudantes... Fazendo amigas e amigos.



**Figura 20:** Aline Nunes e Clarissa Santos Silva. Ato “Ele Não”. **Local/ano:** Porto Seguro, 29 de setembro de 2018. **Autora:** Cristiane Lima.



**Figura 19:** Quarteto. Clarissa Santos Silva, Aline Nunes, Juliana Gontijo, Cristiane Lima, todas Professoras do Centro de formação em artes da UFSB. **Local/ano:** Porto Seguro, agosto de 2018. **Autor:** Breno Terra.



**Figura 21:** Aline Nunes, Luísa Nunes Sollero e Pedro Sollero. Na praia de Taperapuã. **Local/ano:** Porto Seguro, março de 2018. **Autor:** Pedro Sollero.

A docência me traria uma forma menos centrada em mim mesma na qualidade dos meus cuidados comigo. Agora, teria de incorporar à minha rede de cuidados minha nova cidade e estudantes. Era preciso que eu vivesse o que ensinava e ensinasse só o que poderia viver. A docência era, desta maneira, uma responsabilidade política.

Porto Seguro é a maior cidade em uma região com severos conflitos sociais, desde que o primeiro invasor português chegou à praia. Simbolicamente, levar Cassandra para o lugar onde o Brasil foi invadido, era muito forte. Ainda mais se somarmos ao lugar, o fato de eu estar lecionando para uma população universitária formada por 75% de pessoas negras e indígenas, em sua maioria, economicamente vulneráveis. Eu, que saí de uma experiência de universidade muito mais elitizada, branca, estava indo para uma universidade incrustada em uma vasta região de reservas indígenas e comunidades quilombolas.

Região que sofre com os desertos verdes de eucaliptos<sup>42</sup> da indústria do papel, acusada de sufocar a agricultura familiar e secar todo o veio de água em quilômetros. Dona Japira, Pajé Pataxó da Reserva de Coroa Vermelha, me disse que os rios eram largos e cheios de peixe antes dos eucaliptos. A indústria do papel é também acusada pelos movimentos sociais fundiários locais de patrocinar atos violentos contra populações assentadas ou em situação de ocupação.

Mas não era tudo. Havia ainda grandes escândalos de corrupção na prefeitura de Porto Seguro, bem como nas cidades vizinhas de Eunápolis e Santa Cruz Cabrália. Um dos imbróglios é que os três prefeitos das três cidades ainda eram parentes entre si. Não sendo o bastante, havia a mentalidade coronelista capaz de executar, à luz do dia, dois educadores, Álvaro Henrique Santos e Elisneu Pereira, ambos do Sindicato dos Professores da cidade. O fato ocorreu em 2009, os protestos persistem resistentemente até hoje.

No quadro complexo dos conflitos da região, ainda precisamos falar da periferia e da terrível questão do tráfico de drogas. Afinal, a cidade vai muito além das belezas das praias de Arraial d'Ajuda. Na região do Complexo Baianão vivem cerca de 70 mil pessoas, sendo que a cidade toda tem aproximadamente 146 mil habitantes. O Baianão é um lugar cheio de vida, criação e resistência. Realizo um projeto de extensão universitária e performei na Vila Valdete, um dos bairros do Complexo. Lá eu conheci mulheres, fortes, amorosas e lutadoras. Contudo, o Complexo Baianão é um lugar também cheio de morte e violência, que tem sofrido com o

---

<sup>42</sup> LOPES, Marcelo; SOUZA, Ivonete Gonçalves de. Vídeo do You Tube. Canal do Cepedes. Documentário de 2017, "Desertos Verdes". Porto Seguro, 18 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1YXuOaC3Po0> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

avanço maciço das facções criminosas rumo ao nordeste.<sup>43</sup> Assim fui descobrindo que a tal “Costa do Descobrimento” era um ninho de conflitos, tão antigo quanto o Brasil. Soube, desta forma, que a Bahia é muito mais complexa do que aquela parte colorida, linda e sedutora de que temos mais notícias. A parte colorida também é imanência, como um modo de resistência daquele povo, contudo, não se trata apenas de um lugar profundamente lindo. A história, as pessoas de quem eu era professora, as amizades que cultivei, as ações que empreendi, isso tudo redimensionaria minhas práticas de cuidado e me incentivaria a criar sob outros métodos, ou seja, sob uma nova diretriz do pensamento.

Logo no início do meu relacionamento com Porto Seguro um acontecimento atarrador paralisa a todos nós. O planeta recebe a notícia de que uma jovem vereadora pelo PSOL da cidade do Rio de Janeiro, fora executada em seu carro a caminho de casa. Tudo ocorreu em via pública, na região central da capital fluminense. Na ação perdemos também Anderson Gomes, que guiava o carro. Uma testemunha, a assessora de Marielle sentada ao lado da vereadora, só sofreu ferimentos superficiais causados pelos estilhaços, provando que Anderson foi morto só porque o carro precisava ser parado. Seus ferimentos comprovam isso. Anderson foi atingido por 3 tiros nas costas, Marielle, como Cassandra, foi atingida na cabeça. Foram quatro tiros. A vereadora nunca recebeu uma ameaça de morte. Não foi avisada. Marielle só precisava ser parada. Até a conclusão da escrita desta tese, em fevereiro de 2019, ninguém foi preso pelos assassinatos. O que se sabe, está nos autos do processo segundo informa a imprensa, é que se trata de um crime político. Mônica Benício, viúva da Marielle Franco, é uma das vozes na instalação sonora de “A Cabeça de Cassandra.” Marielle tem sua voz em destaque como parte da dramaturgia da obra.

Aquela “solução final” deixava claro que, nem quando ocupa uma posição de poder, uma mulher terá garantias de que seu discurso não será interdido. Especialmente se a mulher é uma parresista negra, favelada e bissexual. Marielle Franco era a mais pura resistência e coragem. Uma mulher brilhante, cercada de homens como Cassandra, nunca intimidada por eles. O nome da profetisa vem do grego *Kassándra*, que significa “a que brilhar sobre os homens”<sup>44</sup>. Cassandra é o arquétipo da mulher que atua em territórios tidos como masculinos.

---

<sup>43</sup> GOUSSINSKY, Eugenio. Nordeste é nova rota de tráfico no Brasil. R7, Brasil, 1 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/nordeste-e-nova-rota-de-trafico-no-brasil-02022015> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>44</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. *A Mitologia – Vol. I*. São Paulo: Vozes, 2009.



**Figura 22:** Marielle Franco. A vereadora Marielle Franco, durante um pronunciamento na Prefeitura do Rio de Janeiro. **Local/ano:** Rio de Janeiro, em dezembro de 2017. **Autor:** Mario Vasconcellos.



**Figura 23:** Anderson Gomes. **Local/ano:** Rio de Janeiro. **Autor:** Arquivo pessoal da família.



*Décima sétima digressão:*

*“Sempre me afeiçoei mais às imagens do que às palavras, o que é curioso, pois contradiz minha profissão e nunca pude entendê-lo. E tudo se acabará com uma imagem, não com uma palavra. As palavras morrem diante das imagens.”*

*Cassandra (Wolf. 2007:32)*



**Figura 24: Candelária.** Manifestação decorrente do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. **Local/ano:** Rio de Janeiro, 15 de março de 2018. **Autor:** Ian Cheibub/AGIF/Estadão Conteúdo.



**Figura 25: MASP.** Manifestação decorrente do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. **Local/ano:** São Paulo, 15 de março de 2018. **Autor:** Daniel Teixeira/Estadão Conteúdo.



Na UFSB – assim como no Brasil e no mundo –, a morte de Marielle foi um choque, um trauma social, sentido principalmente entre estudantes. Manifestações eclodiram no país todo, mas nada de fato foi feito pela polícia para responder quem mandou matar e por qual motivo. Não houve justiça, só uma dor imensa de uma geração que perdeu uma gigante da política.

Quanto a minha docência, praticada dentro do complexo sistema da universidade pública, fui compreendendo, dia-a-dia, que as atribuições de uma professora universitária vão muito além das atividades pedagógicas e de pesquisa, e isso também configurava um desafio. Toda a estrutura da UFSB era muito diferente do modelo de universidade tradicional na qual eu me formei. A máquina administrativa se mostrava um aprendizado que precisava ser mapeado com urgência e não seria nada fácil. Outra adaptação era em relação aos jogos políticos. Eu precisava urgentemente aprender a viver neles e, neste processo de aprendizagem, eu resolvi ouvir os conselhos de um novo e querido amigo, que me disse:

*– Aline, se cuide. A universidade é um lugar de disputas de poder que você não dimensiona ainda. Não é o lugar para falar com o coração. É o lugar de falar regida pela estratégia. Não que seu coração não esteja em tudo, mas a estratégia, precisa ser a linha mais forte.*

Ensino importante e de difícil assimilação.

É, ainda, relevante ressaltar algo completamente novo na minha vida até aquele momento: agora eu era *uma mulher sozinha*. Isto significava, para os olhos mediados pela lente do machismo, que eu me tornara, *sem meu marido*, uma pessoa *vulnerável*. Não estamos no século XIX, contudo, é considerado perigoso viver sem um homem. Era o que diziam para mim o tempo todo... E de tanto que repetiam, se não me mantivesse devidamente atenta, não seria difícil eu mesma passar a acreditar. Afinal, estava com saudades.

Porto Seguro é uma cidade muito machista e mesmo na universidade, o machismo espreita às relações. Mesmo entre artistas ou professores das artes, o machismo imanente também está colocado. Embora, é preciso que se diga, bem menos violento, ou menos obviamente violento, que em outros ambientes corporativos, o fato é que o machismo está. Permanece como espectro, como arco-reflexo ainda tolerável em homens e mulheres, mesmo entre doutores e doutoras.

Apesar de ter de me dividir entre as demandas da UFSB e as do doutorado, felizmente, como minha pesquisa tem como *locus* o meu corpo e a minha relação com o mundo, eu precisava só ter calma, me manter organizada para melhor me observar na ventania. Na Bahia, em meio a ventania formada pelas contingências diárias, além da distância de todas as seguranças mais óbvias, acabei por imbricar meu corpo em uma nova rotina física. Eu continuava a caminhar muito, porém, agora, também podia nadar no mar, praticava yoga, cantava... Tamanha era a animação que tentei fazer capoeira angola, mas não dei conta. Eu estava feliz mental, física, criativamente.

Foi imbuída desta verve potente que eu propus, com a colaboração de uma importante amiga, Professora Clarissa Santos, meu projeto de pesquisa à universidade, a ser executado ao longo do meu primeiro ano de docência. Tudo correu de modo ainda mais vertiginoso depois da aprovação pela congregação do Centro de Formação em Artes da UFSB. No *Projeto Performações* eu propunha realizar uma série de três Programas Performativos criados para ocorrerem semanalmente, em princípio por 40 semanas, como uma gestação, sem pausas. Toda semana eu executaria um dos três programas em espaços públicos urbanos de grande circulação de pessoas.

As Performações deveriam ocorrer a partir de praças e feiras na cidade de Porto Seguro, expandindo-se do centro para as periferias e distritos. Após um primeiro momento de experimentações sistemáticas em Porto Seguro, os Programas deveriam ser realizados em municípios vizinhos, além daqueles de atuação dos demais campi da UFSB, Itabuna e Teixeira de Freitas. A colaboração de Clarissa estaria mais voltada à extensão de nosso projeto. Nascia, assim, o importante Grupo de Estudos e Ações em Artes e Feminismos. Os encontros eram semanais no Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro – CIEPS – escola de ensino médio, parceira da UFSB. O grupo era voltado, portanto, principalmente ao público adolescente. Feminismo é prática. Estávamos todas nos mantendo ativas, praticando.



*Mulher de vestido  
vermelho raspa a cabeça  
em praça pública*

**Figura 26:** Mulher de vestido vermelho e a multidão. Registro da primeira execução do Programa Performativo “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”, ocorrida na Passarela do Descobrimento (Passarela do Álcool). **Local/ano:** Porto Seguro, 25 de julho de 2018. **Autora:** Cristiane Lima.

Em 25 de julho daquele ano, às 20 horas na Passarela do Descobrimento, mais conhecida como Passarela do Álcool, região de intensa circulação de pessoas, na temporada de julho com a cidade de Porto Seguro lotada, eu executei a minha primeira ação. Estava na presença de amigas e amigos preciosos à esta pesquisa. Muitos estudantes também estavam em meio a multidão que se aglomerou ao meu redor. Entre as pessoas que observavam e registravam a ação também estavam Pedro Sollero e Luísa, nossa filha.

O primeiro programa performativo da série a encontrar as ruas foi “Mulher de vestido vermelho, raspa a cabeça em praça pública”. Entre os materiais estavam: uma mulher usando vestido vermelho, um espelho, uma máquina de cortar cabelo sem fio, sabonete líquido, aparelho de barbear, uma tigela pequena com água, uma toalha, água de lavanda para perfumar a cabeça pelada, um tecido vermelho de seda limpo, para ser usado como aparador para os objetos no chão. Quanto a sua duração, teria o tempo necessário para expor os instrumentos, executar a ação de “barbear” a cabeça em ritmo cotidiano, guardar tudo, deixar tudo limpo, sem rastros da minha passagem ali, depois ir embora. Era também constituinte do enunciado do programa não falar ou explicar nada, a não ser que alguém me interpelasse.

O que atravessou meu corpo naquela noite foi um turbilhão. Muitas sensações. Desde as mais físicas, nunca havia sentido daquele modo a pele da minha cabeça; nunca havia realizado uma ação performativa sozinha, muito menos que me expusesse tanto. Enquanto realizava a estranha tosquia em meio a multidão, eu ouvia as inquisições:

“O que é isso?”; “Para quê?”; “O que ela quer dizer?”; “Que mulher louca!”; “Ela tem câncer?”; “É uma promessa?”; “Tinha que ser brasileira”; “É o Iraque?”; “Ela vai passar um produto no final que vai fazer o cabelo crescer todinho na nossa frente”; “A gente só vai saber o que é quando ela passar o chapéu (quando ela pedir o dinheiro pelo show)”; “Vai passear povo! Coisa mais besta ver a mulher raspar a cabeça! Vai passear, credo!”; “Tinha que ter alguém explicando tudo”; “Tira uma foto com meu filho?”; “Até que ela tem a cabeça lisinha, se fosse a minha mulher, estaria cheia de cicatriz de pedrada.”

Ficava claro que a obra se constituía mais na reação do povo do que na ação da performadora. Na verdade, tratava-se justamente deste tão caro lugar do “*entre*”, sobre o qual já havia debatido tantas vezes com minha orientadora e com os amigos do Grupo de Pesquisas

Pindorama. Naquele programa estava habitando o lugar dos *entrelaçamentos*, de que falava a Professora Eleonora Fabião. Afinal, o que ocorreu de fato foi que uma mulher de vestido vermelho, raspou a cabeça em uma via pública. Não disse uma palavra... O resto todo, era o encontro. Estava vivendo na performance o que Eleonora Fabião chamará, inspirada em Lygia Clark, de experiência do corpo “vibrátil”, ou do corpo do “entrelaçamento” dentro e fora. Fabião coloca que,

A conexão atenta consigo mesmo, com o outro e com o meio, transforma o que seria uma sucessão linear de eventos em ações-reações imediatas. A temporalidade do fluxo desconstrói as etapas do processo expressivo, digo, dilui o minúsculo espaço de tempo entre pensar e agir, entre estímulo e resposta, entre sentir e emitir. Quando em fluxo, o ator não expressa um estado, ele vibra em estado. Aqui, o corpo não é um sólido perspectivado, mas uma membrana vibrátil – à profundidade contrapõe-se densidade planar, à solidez contrapõe-se vibratibilidade, à dicotomia dentro/fora contrapõe-se o entrelaçamento dentro-fora. Ou, como sugere Suely Rolnik ao pensar os objetos sensoriais e relacionais de Lygia Clark, “o corpo vibrátil é aquilo que em nós é ao mesmo tempo dentro e fora, o dentro sendo nada mais do que uma combinação fugaz do fora. (FABIÃO, 2010:322)

Mas a performance não procura ou se constitui a partir de um corpo cênico, necessariamente. Para algumas performadoras, é o caso de Verônica Veloso<sup>45</sup>, o programa pode também operar em uma escala mais sutil, neste caso não há público há co-participantes, que não estão conscientes do lugar que ocupam, ou sequer sabem que fazem parte de uma ação performativa. Ainda assim, a vibração de que fala Fabião, pode estar lá, embora sutil, sempre presente. O que precisa ficar claro é o contundente papel da desconstrução do conceito de representação para se viver a performance como prática de liberdade do sujeito, como expressão dos modos de subjetivação gerados pelo programa. Fabião, neste sentido dirá:

Sugiro que a desconstrução da representação, tão fundamental na arte da performance, é operada através de um procedimento composicional específico: o programa performativo. Chamo este procedimento de “programa” inspirada pelo uso da palavra por Gilles Deleuze e Félix Guattari no famoso “28 de novembro de 1947 – como criar para si um Corpo sem Órgãos”. Neste texto os autores sugerem que o programa é o “motor da experimentação”. Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo, relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são iniciativas. (FABIÃO.2013:4)

O resto todo, também ficava a cargo da cultura imanente do machismo, que se revelava na reação das pessoas que participavam daquele estranho rito. Para mim, foi um marco, uma prova. Saí marcada. Vivenciei um corpo dilatado que não fazia cena, realizava ações no mundo. Não era um personagem, era eu mesma atravessada por uma imagem simbólica de Cassandra,

---

45 VELOSO, Verônica Gonçalves. Percorrer a cidade a pé: ações teatrais e performativas no contexto urbano. Tese de doutorado apresentada à ECA-USP, 2017.

atravessada pelas pessoas, os sons, o espaço todo, enfim, em um raio que tinha a distância entre mim e a lua. Em *Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública*, eu, sem pensar e pensando o tempo todo, me inscrevia e recebia as marcas da experiência do entrelaçamento de uma multidão de subjetividades. Para tanto, não disse uma palavra. Apenas respondi o que me foi questionado. Assim, fui conduzindo minha atenção ao “presente do presente”, de que fala a Professora Fabião.

Realizei esta primeira execução da ação em uma noite de lua cheia. Duas noites depois ocorreria um eclipse lunar. Meus cabelos eram curtos mas não raspados. Já havia raspado, mas nunca máquina zero, nunca com navalha e nunca em público. Nasci cabeluda. Meu coro cabeludo nunca havia sido exposto. Tive de usar a tesoura primeiro. Quando dei o primeiro talho na cabeleira, bem na frente, percebi que, sem querer, eu enquadrei a lua no campo visual do meu espelho. Pouco a pouco, ao som daquelas falas todas, e das músicas vindas das barracas de bebidas e bares daquele calçadão, eu me tornava a lua. A cabeça era redonda e branca.

Na Bahia, a imagem da serpente coral no chão e da Pomba Gira, eram recorrentes na execução deste programa. A cabeça raspada tinha muitos significados para mim. Não costumava compartilhá-los com as pessoas que participavam ativamente da ação, inquirindo os motivos pelos quais realizei. Costumava devolver as perguntas que me faziam.



**Figura 27:** Vestido vermelho 1. Registro da primeira execução do Programa Performativo “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”, ocorrida na Passarela do Descobrimento. **Local/ano:** Porto Seguro, 25 de julho de 2018. **Autora:** Luísa Nunes Sollero.



**Figura 28:** Vestido vermelho 2. Registro da primeira execução do Programa Performativo “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”, ocorrida na Passarela do Descobrimento. **Local/ano:** Porto Seguro, 25 de julho de 2018. **Autora:** Luísa Nunes Sollero

Quando as pessoas respondiam, ou seja, diziam que motivos acreditavam ter me levado àquele *ato extremo*, em geral<sup>46</sup> eu concordava. Muitas moças ficavam felizes por terem “acertado” os “reais motivos” que me levaram ao tal *ato extremo*.



**Figura 29:** Vestido vermelho 3. Registro da primeira execução do Programa Performativo “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”, ocorrida na Passarela do Descobrimento. **Local/ano:** Porto Seguro, 25 de julho de 2018. **Autora:** Cristiane Lima.

### *Décima oitava digressão:*

*Em junho, uma amiga feminista estudando na França me envia um livro: Minha história das mulheres de Michelle Perrot. Na obra há um capítulo dedicado aos cabelos. Nele descobri como se operou o complô iluminista – com o auxílio do discurso religioso fundamentado nas perspectivas do apóstolo Paulo na bíblia – que fez com “a verdade” acerca das mulheres brancas ocidentais, a partir do século XIX, fosse configurada. A tal verdade iluminista se apoiava na criação de uma cultura que compreende como natural do feminino constituir-se unicamente*

<sup>46</sup> Digo “em geral” porque, muita gente, pergunta se a motivação foi promessa ou câncer. Nesses casos, eu respondia sempre que não.

como uma frágil figura pictórica, mansa e muda. “Bela, recatada e do lar”<sup>47</sup> Abaixo, Kierkegaard, articula todo este pensamento nesta passagem de seu “Journal du séducteur” de 1843, ao qual tive acesso através do livro de Perrot. Trata-se de uma obra do século XIX, contudo – não pelo modo poético como o filósofo se articula, mas, sobretudo, por seu teor incontestavelmente machista –, poderia, perfeitamente, ter sido publicado pela imprensa contemporânea brasileira.

O que de mais belo existe que a cabeleira abundante de uma mulher, que essa profusão de cachos? E, no entanto, é um sinal de sua imperfeição, segundo as Escrituras que apontam várias razões para isso. E seria isso mesmo! Que se olhe a mulher quando inclina a cabeça para o chão, e quase o toca com suas longas tranças, semelhantes a sarmentos floridos que a prendem à terra; não é então uma natureza mais imperfeita que o homem, cujo olhar é voltado para o céu e que apenas toca o solo? No entanto, essa cabeleira é a sua beleza, mais ainda, a sua força; pois é com ela, segundo o poeta, que cativa o homem, o acorrenta e o liga à terra. Eu gostaria de dizer a um desses tolos que pregam a emancipação: olhe, ei-la em sua imperfeição, mais fraca que o homem; se tiver coragem, corte seus cachos abundantes, rompa as pesadas correntes e deixe-a correr como uma louca, como uma criminoso, aterrorizando a todos.(KIERKEGAARD apud PERROT. 2007:55)



Repeti a expressão “ato extremo”, porque meu ato era visto assim por muitos e muitas com quem a minha figura careca cruzou neste curso de vida-pesquisa. Tudo, depois da ação, estava mediado pela minha cabeça pelada. Ela brilhava, embora por poucos dias devido ao crescimento capilar. Logo após a tosquia, sentia que os olhos pesavam sobre mim de modo diferente. Com a cabeça pelada eu nunca fui assediada, por exemplo. Neste sentido, constituiu, de certa maneira, um alívio, que durava cerca de duas semanas no máximo. Contudo, não ser assediada também indicava um outro dado vindo do mundo: com a cabeça pelada, minha sensualidade e beleza eram ressignificadas. Era como se com cabelo eu fosse capaz de ser bonita e, sem cabelos, só fosse possível ser feia. Claro que não era assim em todos os espaços de convívio, mas de modo geral, no dia-a-dia das ruas, era como se eu fosse menos mulher.

Há um peso ancestral do cabelo feminino como *status* de feminilidade, portanto, sua ausência é considerada um desvio que, em princípio, nunca era compreendido como escolha. Se eu estava careca não haveria de ser uma opção. Talvez câncer, ou algum motivo religioso, ou

<sup>47</sup> LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Revista Veja. São Paulo, 18 de abril de 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

ainda, alguma coisa pode ter dado errado em algum procedimento de beleza. O fato é que a primeira opção parecia poder ser qualquer uma, menos uma escolha da mulher. Como as pessoas não sabiam se era doente, religiosa, azarada ou só uma mulher em crise que resolveu radicalizar, elas me deixavam em paz por um tempo.



*Décima nona digressão:*

Agência G1

24 de novembro de 2018

***De cabelos curtos devido a quimioterapia, educadora relata agressão e ataque após ser confundida com homossexual no Rio.***

*Guardador de carro acreditou que mulher, que faz quimioterapia por conta de um câncer de mama, e por isso tem cabelos muito curtos, era um homossexual.<sup>48</sup>*



Contudo, no imaginário popular, na cultura, mora subliminarmente a informação, que parece ancestral, de que os cabelos impõem-se como um traço de gênero. Michelle Perrot, destaca o papel dos cabelos na constituição da subjetividade feminina ocidental. Aponta que quem “decidiu” e iniciou a campanha de perpetuação desta “nova verdade inventada”, de que mulheres têm cabelos compridos e homens cabelos curtos, foi o apóstolo Paulo. Campanha bíblica, segundo a historiadora, providencial para a constituição dos modelos de feminilidade burguesa vitorianas, responsáveis por converter a mulher, de corpo à imagem. A mulher, branca ocidental é, como vimos, bela, comportada, com cabelos muito bem alinhados e, o mais importante, é calada. Figuras não falam. Assim, o machismo, cria esta nova e providencial “verdade” acerca do feminino e da feminilidade usando como argumento os nossos cabelos.

---

<sup>48</sup> BRITO, Carlos. De cabelos curtos devido a quimioterapia, educadora relata agressão e ataque após ser confundida com homossexual no Rio. G1. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/24/de-cabelos-curtos-devido-a-quimioterapia-educadora-relat-a-agressao-e-ataque-homofobico-no-rio.ghtml>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

Desta maneira, ao longo da história, este discurso se repetiu tantas vezes quanto fosse necessário para permanecer tão imanente e constitutivo de nós quanto o machismo. A careca feminina, muito menos nos dias de hoje, mas, ainda, atesta um desvio. A tosquia feminina ao longo da história das mulheres brancas do ocidente, por exemplo, já foi motivada pelo desejo de se produzir um estigma. Acerca deste tema, Michelle Perrot dirá:

Depois da Segunda Guerra e da Ocupação, a "tosquia" tornou-se, na França, uma prática maciçamente utilizada contra as mulheres suspeitas de "colaboração horizontal". Trata-se de um dos aspectos mais sinistros da liberação: um carnaval sem graça, como diz Alain Brossat, um dos primeiros a estudar o assunto. Fabrice Virgili o estudou em sua tese. Mostrou a extensão, e mesmo a generalização, de uma prática que tomou toda a França e que atingiu aproximadamente vinte mil mulheres, tanto nas grandes cidades quanto nos campos. Essa prática começa já na primavera de 1944, com uma segunda onda em maio-junho 1945, no retorno dos prisioneiros do STO (Service du Travail Obligatoire [Serviço do Trabalho Obrigatório]), e na descoberta dos campos de concentração. O ritual era sempre o mesmo: tosquias públicas, praticadas sobre estrados, eram acompanhadas de desfiles, o que dava vazão à caçoada, ao insulto, à desforra sobre mulheres tomadas como bode expiatório das fraquezas de todos. (PERROT. 2007:61)

Portanto, marcar as desviantes, também já foi um dos propósitos da tosquia feminina. Muito bem justificada pelo discurso médico acerca da higiene, assim também marcaram com a tosquia dos cabelos, as mulheres de manicômios. A cabeça pelada, pois, também está obviamente associada à loucura, à doença, à inadequação social. Não que seja consciente, parece mesmo que não é. Contudo, uma mulher de cabeça pelada, ainda incomoda muita gente. Saí às ruas para realizar este programa mais duas vezes em 2018: raspei a cabeça ao lado do Colégio São Bento, no centro de São Paulo e na Vila Valdete, periferia de Porto Seguro.

É muito importante que eu conte que na cidade de São Paulo o programa foi redimensionado em relação às outras execuções. Em São Paulo, descobri com o corpo em experiência, que a performance não tinha, absolutamente, relação com a formação de uma plateia. A performance de rua, diferente do teatro de rua, não está fundamentado no estabelecimento de uma relação entre performadora e público. Não tenho que convencer ninguém de que eu preciso ser vista, por isso eu apenas raspo a cabeça. Não faço nada a mais... Não digo nada. Não convoco ninguém a me olhar. Não é para ser assistida que eu raspo a cabeça em público, é para experienciar o que quer que venha deste ato. Portanto, não constitui um fracasso da ação, se ninguém, ou quase ninguém, parar para olhar o que estou fazendo. Ao contrário, quando ninguém estabelece relação de "público" com a ação, a performance se redimensiona na paisagem da cidade, eu me redimensiono em relação a minha atenção sobre mim e toda sorte de outros. Quantas coisas São Paulo me contou dela mesma, quando não parou

para me ver raspar a cabeça. Nem a polícia paulistana me percebeu. Em meio à selva da região da ladeira Porto Geral, do Viaduto Santa Ifigênia, da Rua 25 de Março, ninguém é notado.



**Figura 30:** Vestido vermelho 4. Registro da execução no Largo São Bento em São Paulo. **Local/ano:** São Paulo, 06 de setembro de julho de 2018. **Autor:** Pedro Sollero.

Realizei a ação no dia 6 de setembro ao meio dia, não havia nenhum ambulante por perto que pudesse amenizar minha presença em meio ao calçadão. Eu era um dado visual rubramente contundente na paisagem cinza da cidade. Ainda assim, só as crianças que saíam do colégio pareciam ter interesse de fato na ação. Parecia que eu só era visível a elas. Era como se a cidade inteira estivesse em um transe robótico e só as crianças estivessem atentas ao que se passava ao redor.

Na Vila Valdete a performance foi atípica. Mas falarei deste episódio quando tratar do ambiente político causado pelo traço grosseiro, rude, violento mesmo, das eleições 2018 sobre meu corpo. Este programa marcou visualmente uma ruptura do meu corpo com um código estabelecido de feminilidade. Uma ruptura que modificou diversas diretrizes deste percurso. Este dado transbordaria em direção às outras ações da série de programas performativos; à Cabeça da Cassandra; à minha vida cotidiana; à minha vida sexual; minha própria auto-constituição como sujeito. Eu havia passado por uma ruptura. Sou satisfeita por tudo que decorreu desta experiência.



*Cassandra anda...  
Cassandra escuta...  
Cassandra canta...*

**Figura 31:** Catedral Metropolitana de Campinas. Primeira execução do Programa Performativo “Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta”. Local/ano: Campinas, 08 de setembro de 2018. Autor: Pedro Sollero.



*Vigésima digressão:*

Os cantos dos xapiripe (espíritos xamânicos) são inumeráveis porque eles os recolhem nas árvores dos cantos que chamamos Amoahiki. No primeiro tempo Omama (o demiurgo yanomami) criou estas árvores de sábias línguas para que os espíritos pudessem delas adquirir suas palavras melodiosas. Eles param assim perto destas árvores para colher o coração dos seus cantos antes de ir fazer suas danças de apresentação para os xamãs. Os espíritos dos pássaros sabiás-da-mata (*Turdus fumigatus*) e japim-amarelo (*Cacicus cela*), mas também do sabiá-pimenta (*saltatos maximus*) e fim-fim grande (*Euphonia xanthogaster*), são os primeiros a juntar estes cantos em suas grandes cestas sakosi. Estes espíritos pássaros possuem objetos invisíveis para pegar os cantos, parecidos com os gravadores dos Brancos. Porém, apesar disso, não conseguem jamais esgotá-los. Entre eles, o espírito do sabiá-da-mata Yōrixiamari é o verdadeiro sogro dos cantos, seu verdadeiro mestre. Ele é a imagem do pássaro yōrixiamari do qual ouvimos tão melodiosos cantos ao alvorecer e ao entardecer na floresta. É assim, todos os xapiripe possuem os seus próprios cantos, os espíritos tucanos e araçarís, os espíritos papagaios, maracanãs, surucua-de-cauda-preta, sovi e todos os outros. Os cantos dos xapiripe são tão numerosos quanto as folhas das palmeiras paa hanaki que colhemos para cobrir o telhado de nossas casas e até mais numerosos que todos os Brancos. Por isso suas palavras são inesgotáveis. Omama plantou as árvores dos cantos nos confins da floresta, onde a terra se acaba e onde estão fincados os pés do céu. Destes lugares, eles distribuem sem trégua seus cantos para todos os espíritos que acorrem até eles. São árvores grandes, cobertas de lábios que não param de se mexer, umas em cima das outras. Deixam escapar melodias magníficas que se seguem sem fim, tão inumeráveis quanto as estrelas no peito do céu. Suas palavras nunca se repetem e nunca se esgotam. É só um canto acabar que o outro começa. Eles não param de proliferar em suas bocas sem número. Por isso, os xapiripe, tão numerosos quanto possam ser, podem adquirir todos os cantos que desejarem, sem nunca esgotá-los. Eles escutam as árvores mexer com muita atenção. O som dos cantos penetra neles e grava-se em seu pensamento. Eles os capturam assim como se fossem gravadores dos Brancos, nos quais Omama também colocou uma imagem de árvore dos cantos. É desta maneira que eles podem aprendê-los. Sem estes cantos não poderiam fazer suas danças de apresentação. (KOPENAWA apud TUGNY. 2015:29)



“Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta...” foi executado duas vezes: a primeira, em 8 de setembro de 2018, das 11 às 12 horas, no trecho que vai do cruzamento da Avenida Orosimbo Maia com a Avenida Francisco Glicério, até a Catedral Metropolitana no centro da cidade de Campinas; a segunda, no dia 25 de outubro, das 17 às 18:30 na UFSB, Campus Sosígenes Costa, Porto Seguro, BA. Este é o programa da série, que pode ser considerado o mais cênico, apesar de não ser cena. Construí, influenciada pela ideia de “mulher-figura”. Aqui apresento uma imagem feminina espectral, em princípio muda, que caminha, muito lentamente, pelo espaço público. A imagem que emerge da figura, para mim, tem ligação com as marcas em minha subjetividade das produções das artistas visuais Rosana Paulino e Natália Brscancíni.



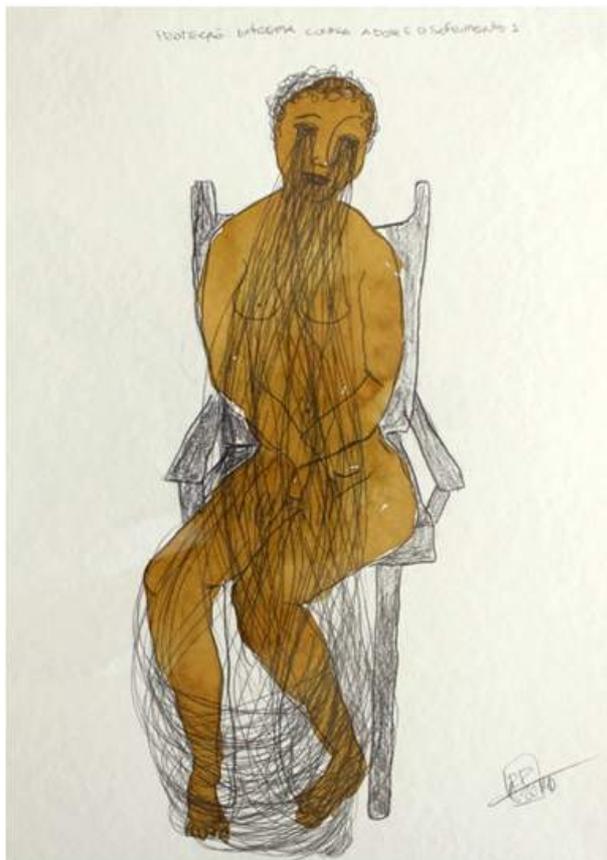
**Figura 32:** Rosana Paulino 1. Impressão digital sobre papel, linoleogravura, ponta seca e colagem. 48,0 x 33,0 cm. 2017. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em 29 de janeiro de 2019.



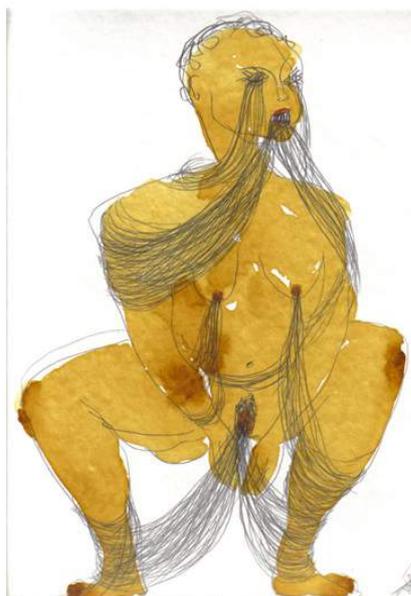
**Figura 33:** Rosana Paulino 2. Técnica mista sobre papel. 28,5 x 38,0 cm - 2016. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em 29 de janeiro de 2019.



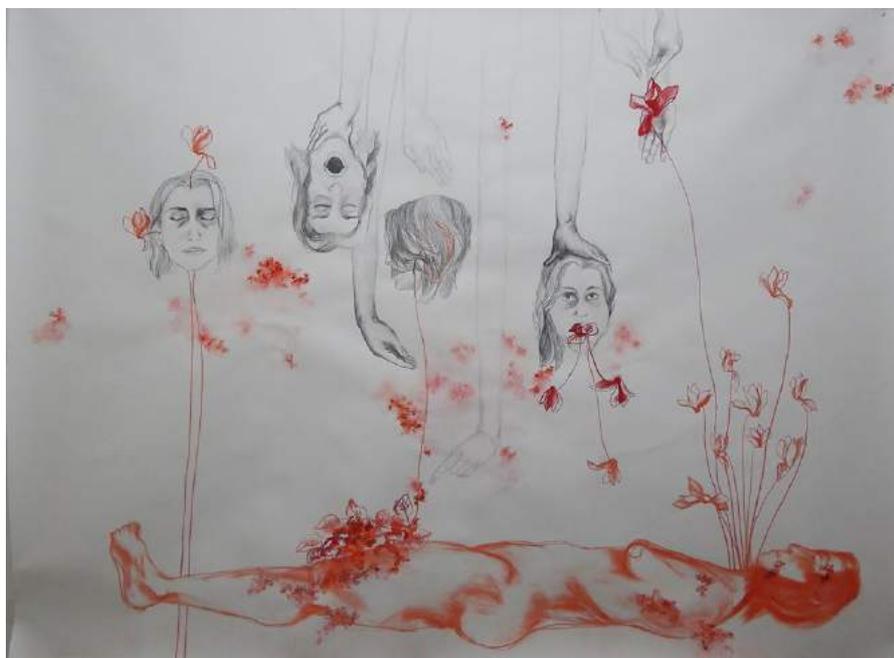
**Figura 34:** Rosana Paulino 3. Terracota, tecido e materiais diversos - Terracota: 36,0 x 15,0 x 9,5cm - 2006. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em 29 de janeiro de 2019.



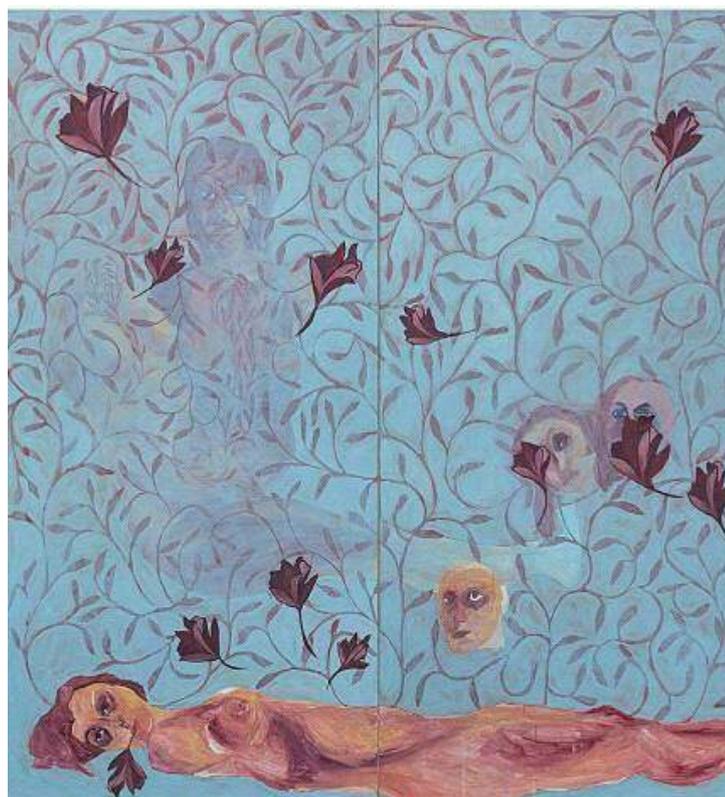
**Figura 35:** Rosana Paulino 4. Grafite e aquarela sobre papel. 42,5 x 32,5 cm – 2011. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em 29 de janeiro de 2019.



**Figura 36:** Rosana Paulino 5. Aquarela e grafite sobre papel - 32,5 x 25,0 cm – 2003. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em 29 de janeiro de 2019.



**Figura 37:** Natália Brescancíni 1. Sem título, 2018, carvão, pastel e nanquim sobre papel 150 x 170 cm — Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1849995615055745&set=a.359616700760318&type=3&theater> Acesso em 29 de janeiro de 2019.



**Figura 38:** Natália Brescancíni 2. Sem título, 2018, têmpera sobre tela, 150 x 170 cm. Disponível em: [https://scontent.frec10-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/14517386\\_1114244381964209\\_8714339992681302616\\_n.jpg?\\_nc\\_cat=109&\\_nc\\_ht=scontent.frec10-1.fna&oh=77b9c52d970f29f42b24bd30e05c22dc&oe=5D942221](https://scontent.frec10-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/14517386_1114244381964209_8714339992681302616_n.jpg?_nc_cat=109&_nc_ht=scontent.frec10-1.fna&oh=77b9c52d970f29f42b24bd30e05c22dc&oe=5D942221) Acesso em 29 de janeiro de 2019.



**Figura 39:** Natália Brescancini 3. Sem título, 2018 carvão, pastel e nanquim sobre papel 150 x 170 cm. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1739604096094898&set=a.359616700760318&type=3&theater> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

Trata-se de um programa cuja composição sofre severas influências vindas do meu novo campo de estudos, nascido de minha prática como docente na UFSB. Na ocasião de minha graduação em artes cênicas, nunca tive uma aula, ou vivi um processo criativo sobre qualquer perspectiva da escuta na elaboração e descoberta técnica do corpo. A voz e a palavra, para muitas e muitos profissionais das artes do corpo, ainda se apresentam como simples racionalizações, ou expressões de uma racionalidade implícita no ato da palavra falada como um gesto comprometido, exclusivamente ou predominantemente, com o entendimento de uma narrativa. Neste sentido, no desejo de superar esta deficiência da minha formação no currículo de meus estudantes, eu assumo a escuta como uma perspectiva da expressão corporal. Em meus trabalhos – com a voz, as sonoridades, os ruídos, as músicas e musicalidades –, tenho assumido uma

perspectiva, vinculada aos estudos proprioceptivos da respiração e dos sons corporais. Minhas aulas de técnica e expressão vocal têm sido, hoje em dia, fundamentadas como processos de experimentações expressivas do corpo com foco na respiração, na escuta e na produção sonora.

Dado que a atividade pedagógica enriquece a experiência estética e *vice-versa*, eu precisava explorar as potências da escuta, das novas perspectivas acerca dos modos de emissão vocal, bem como dos modos de elaboração da música e da musicalidade. Neste programa os focos de atenção eram múltiplos, mas consigo designar algumas linhas mais fortes que compreendem este trabalho, a saber: a linha de atenção à caminhada; a linha de atenção à escuta; a linha de atenção à emissão vocal. A seguir analisarei cada uma delas, contudo antes, apresento o programa:

**Título:** Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta.

**Material:**

- mulher careca, de coturnos pretos militares, vestida com um vestido de malha de algodão branco e longo, maquiada com alguns hematomas de agressão do pescoço para baixo;
- coroa de eletrodos e fios elétricos vermelhos atados a 4 latas de cerveja vazias e amassadas;
- fios elétricos vermelhos que estão ligados ao corpo, saindo de dentro do vestido das regiões próximas aos mamilos e a vagina, os fios estão atados a mais 2 latas de cerveja igualmente amassadas;
- um megafone desligado nas mãos da mulher, como que fazendo as vezes de um *bouquet* de flores nupciais.

**Duração:** O Programa tem duração indeterminada.

**Local:** Percurso deverá ser de pelo menos 1 km, e finalizará em um ponto de bastante concentração ou circulação de pessoas.

**Ação:** A performadora acorda pela manhã, realiza sua sequência de práticas de si e permanece em silêncio ao longo de todo o dia em que ocorrer esta ação. A performadora deverá evitar qualquer tipo de comunicação antes da ação, principalmente vocalizações. Na hora prevista para começar a ação, a performadora deverá ir até seu ponto de partida que estipulou previamente e lá, devidamente paramentada, deve iniciar a caminhada. A caminhada consiste em coordenar

cada passo com uma respiração completa (inspiração/expiração). A velocidade da caminhada é dada pelo tempo dos ciclos completos de respiração da performadora. Durante toda a caminhada a performadora deverá focar sua atenção à escuta, à respiração e ao passo. Quando chegar ao destino final, também previamente estipulado, a derradeira ação será o primeiro gesto vocal da performadora no dia. Tal gesto consiste em uma sessão de canto livremente improvisado pela performadora, ou cantar uma canção que lhe venha à mente e que lhe dá vontade de cantar, seja qual for o desejo do corpo no momento da emissão, ele contará com a possibilidade de amplificação proporcionada pelo megafone.

Colocadas as *paraskeués* do programa performativo, começo a análise das duas experiências de execução deste programa pela linha da escuta. Começemos por delimitar que perspectivas acerca da escuta vamos adotar para analisar o que ocorre neste programa e que influenciará todo o quadro de minha subjetividade. Antes de qualquer coisa, é preciso que se compreenda que os modos de escuta estão intrinsecamente imbricados com os modos de subjetivação, com a cultura, com o lugar de fala... A escuta é política, social, cultura e corporal. Podendo ainda ser dolorosamente machista como demonstra Perrot na passagem: “Nos campos de antigamente, os sinos soavam por menos tempo para o batismo de uma menina, como também soavam menos para o enterro de uma mulher. O mundo sonoro é sexuado.”(PERROT. 2006:42) Afirmaremos por aqui o conceito de Steven Feld, a mim apresentado por Ana María Ochoa Gautier, que trata do que Feld denomina “acustemologia”. Para o autor a acustemologia vai,

sugerir uma união entre acústica e epistemologia e investigar a primazia do som como uma modalidade de conhecimento e de estar no mundo. O som emana de e penetra os corpos; essa reciprocidade entre reflexão e absorção é um modo criativo de orientação; um modo que afina os corpos aos lugares e tempos através de seu potencial sonoro... A escuta e a produção do som, portanto, são competências corporificadas que situam os atores sociais e suas possibilidades de agenciamento em mundos históricos concretos (...) a acustemologia busca explorar as relações históricas e reflexivas entre ouvir, falar, escutar e soar. (FELD apud GAUTIER, 2006:6. Tradução nossa).

Para compreender como Cassandra escuta nesta performance – reforço que a figura não é tratada como personagem, Cassandra, aqui, é uma qualidade de, ou seja, falamos de uma escuta cassândrica –, é importante, pois, apresentarmos as diretrizes *acustemológicas* deste fenômeno. Primeiramente, apresento a fundamental distinção dos atos de escutar e ouvir. E nossa perspectiva para tanto, é fundamentada na noção de escutar e ouvir da musicista-improvisadora,

Pauline Oliveros<sup>49</sup>. Para a artista, existe uma distinção muito importante entre o ato fisiológico de ouvir e o gesto cognitivo e afetivo de escutar. Pauline irá dizer: “O ouvido faz o possível para ouvir e escutar.” (OLIVEROS. 2005:XXII) e continua explicando que ouvir, para os humanos, é uma reação física a vibração de uma frequência que vai de 16 hz a 20.000 hz em uma amplitude que vai de 0,05 dB a 130 dB. Daí o cérebro decodifica o som em informação. Já escutar, é um ato do sujeito. Trata-se de uma ação cultural e com contexto histórico. Deste modo, Oliveros, apresenta a atenção e a intenção, como o que diferencia ouvir e escutar. Ouvir é um ato físico. Escutar é um ato consciente.

Pauline cria, então, a necessidade de definir o que ela chama de “consciência”, ou “tornar consciente”. Para Oliveros, a consciência é um fenômeno não localizado no cérebro que evoca potenciais que surgem em fração de segundos; trata-se de um estado no qual o cérebro entende, se lembra do estímulo e a percepção ocorre antes, dentro do sujeito. Consciência, desta maneira, segundo Oliveros, é um caminho para a propriocepção.

Assim – por intermédio de Pedro Sollero, que me apresentou a musicista –, Pauline Oliveros oferece a esta pesquisa uma espécie de metodologia de escuta, ou, propõe um “modo de escuta”: o “*deep listening*” (escuta profunda). Podemos definir este modo de escuta como uma proposta de interação com o som e com os sons do espaço em um nível de atenção e consciência. Não consciência à estrutura musical, consciência, através da atenção dilatada a todo som ao seu redor. Não para entender, mas para perceber, sentir a vibração, lembrando que “Muito pouco das informações transmitidas para o cérebro pelos órgãos sensoriais são percebidas em nível consciente.” (OLIVEROS. 2005: XXI).

O que compreendi da proposta imanente do *Deep Listening* de Pauline Oliveros era que escutar pode ser uma prática de cuidado de si. Tal diretriz implica em uma relação com o instante presente, na vivência da atenção ao corpo como um todo, imbricado na escuta. Desta forma, Pauline, acaba por nos aproximar também da improvisação musical. A improvisadora irá dizer:

Eu não tenho ideias preconcebidas. O que eu busco é um modo contínuo dos sons e da energia captando minha atenção e me informando o que tocar. O que eu toco é reconhecido conscientemente um lampejo (milissegundos) depois de eu tocar qualquer som. Este estado alterado de consciência em performance é empolgante e inspirador. A música flui sem que eu faça nada além de permitir que ela emerja do meu instrumento e da minha voz. Isto é sempre mais excitante na prática, esteja eu performando ou só vivendo meu cotidiano. (OLIVEROS. 2005:XIX. Tradução nossa.)

---

<sup>49</sup> DEEP LISTENING. (Site Institucional). Estados Unidos da América. Disponível em: <https://www.deeplisting.org/>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

No sentido de ressignificar a questão e caracterizar uma qualidade cassândrica de escuta, através de seu caráter eminentemente cultural, sócio-político e psicofísico, partindo da proposta oferecida pelos modos de escuta marginalizados como o *deep listening*, me deparo com a pesquisa de uma colega docente da UFSB, Professora Rosângela Pereira de Tugny. Rosângela, é uma proeminente figura na área de etnomusicologia com foco na escuta e emissão de alguns povos indígenas do Brasil. Em “Modos de escutar ou: como colher o canto das árvores”, a pesquisadora nos apresenta uma perspectiva da escuta indígena, que têm com o som essa relação de atenção dilatada e amplamente corporificada. Tugny inicia seu inspirador artigo dizendo:

Segundo os xamãs huicholes do México, a “Terra é Escuta. Todas as grandes entidades mitológicas terrestres possuem naka, ‘orelha, escuta’: takutsi. Nakawé, ‘nossa avó, ouvido tensionado’ [atento à escuta], aquilo que precede a aparição do sol e do fogo” (LEMAISTRE, 2003, p. 19). Uma grande caixa de escuta, um ouvido que escuta, que precede – e sustenta – a aparição do Sol e do fogo. Seria isto dizer que os movimentos e a composição do mundo partem de um ato de escuta? Que a terra que nos porta ouve nossos passos? Que os corpos que andam e dançam sobre ela são percebidos pela escuta? (TUGNY. 2015:17)

Tais perguntas ecoaram profundamente em mim e em minha produção. As escutas marginalizadas dos povos indígenas eram um modo de escuta cassândrico. Constituem uma forma de atenção dilatada, tátil, do sujeito em relação a tudo o que o cerca. Aqui, a escuta dos bichos, que empenham as próprias vidas neste precioso sentido, faz com que esta se configure como uma contundente, real e física diretriz sensorial entre os animais. Afinal, o homem branco, por esta perspectiva, é visto como um bicho surdo. É importante que frisemos o aspecto profundamente corporal deste modo de escuta marginalizado. Tugny, a partir das perspectivas de Acácio Tadeu Piedade, dirá:

Segundo o etnomusicólogo, na expressão nukãitsixu, “eu penso” ou “no meu pensamento”, residem as palavras “som” e “ventre, abdôme”, o que, segundo ele, formaria a noção de “som do ventre”, indicando que o pensamento Waujá teria uma realidade sonora (PIEADADE, 2004, p. 49). A faculdade de perceber o pensamento de outrem, específica de uma classe de poderosos espíritos, é expressa pelo termo “ouvir” (eteme) (PIEADADE, 2004, p. 57). O pajé visionário é também um escutador. Para diagnosticar a doença, ele deve poder ouvir qual entidade é causadora da doença (PIEADADE, 2004, p. 63). Por fim, Piedade discute que a noção de ouvir, expressa também no verbo waujá katulūnaku, significando “ouvir”, literalmente sendo traduzido como “ter o ouvido em”, aponta para a espacialização que esse ato implica, indicando que o ouvido está disposto espacialmente junto ao som que ele ouve. Ouvir é então um ato tátil, de copresença. (TUGNY. 2015:20)

É, então, a partir desta componente proeminentemente corporal, mas também cultural, social, política, afetiva e psicológica, absolutamente imbricada ao momento presente, que se constrói a “escuta cassândrica”, ou, o modo de escuta praticado neste programa performativo. É com este programa e minha prática pedagógica, que o sentido da escuta se torna tema do cuidado

de si em minha investigação. Mas tal modo de cuidado ocorre concomitantemente a outras duas ações caras à performance, a caminhada (Cassandra anda...) e a emissão (Cassandra canta...).

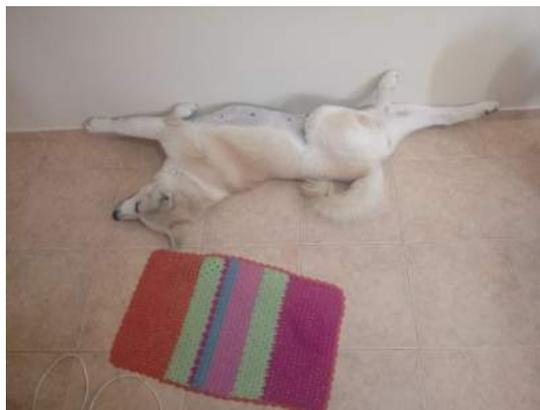
A caminhada tem um enorme papel como prática de cuidado nesta investigação e como disparador deste programa performativo. Desde 2015 componho programas performativos de caminhadas. Funcionam como *paraskeués* secretas, mecanismos de bricolagem e exercícios da subjetividade. Em Campinas caminhava com minha cachorra Grushe<sup>50</sup>. Trata-se de 30 quilogramas de amor, confiança, ímpeto, responsabilidade e pêlos. Grushe é uma companheira amada... É educada, calma, alegre, confia muito em mim e por isso anda solta sempre com a cabeça a um palmo de distância de meu joelho. Raramente toma a frente. Quando toma, logo volta para assegurar-se de que estou com ela. Sobretudo na rua, dia ou noite, Grushe é meu pênis.

Como já coloquei anteriormente, caminhar sozinha pelo espaço público é um ato de coragem para as mulheres. Acredito que todas nós temos ou já tivemos medo de sofrer um estupro. A cidade, é hostil ao corpo feminino. A cidade, eminentemente masculina e misógina, há em curso, desde os primórdios dos sistemas patriarcais, uma deliberada caça às mulheres. A preocupação ligada ao ato de andar desacompanhada, não nos toca mais tanto pelo potencial em transmutar as boas moças em mulheres mal-faladas, mas, a evidente predação sexual que sofremos em nosso ir e vir a pé pelas ruas.

Com Grushe eu não sentia medo, só caminhava. Isso era um enorme prazer, um momento de troca profunda, um ritual de atenção e cuidado. Em Porto Seguro, a princípio, andava tranquila. Depois vim a conhecer as complexidades e histórias locais e passei a restringir minhas caminhadas a um espaço mais predeterminado, além de caminhar com a atenção imanente do medo. Não se trata de um pânico terrível, é mais um estado ancestral de atenção que deve ser próprio das presas.

---

<sup>50</sup> Grushe é o nome da protagonista da peça de Brecht "O Círculo de giz caucasiano". Brecht define Grushe como um ser humano que tem consigo o "dom da bondade". Damos o nome a nossa amiga-companheira fiel porque desejávamos que ela também trouxesse consigo a bondade e foi o que ela sempre nos ofertou.



**Figura 40:** Grushe. **Local/ano:** Santa Cruz Cabrália, 2019 **Autor:** Pedro Sollero.

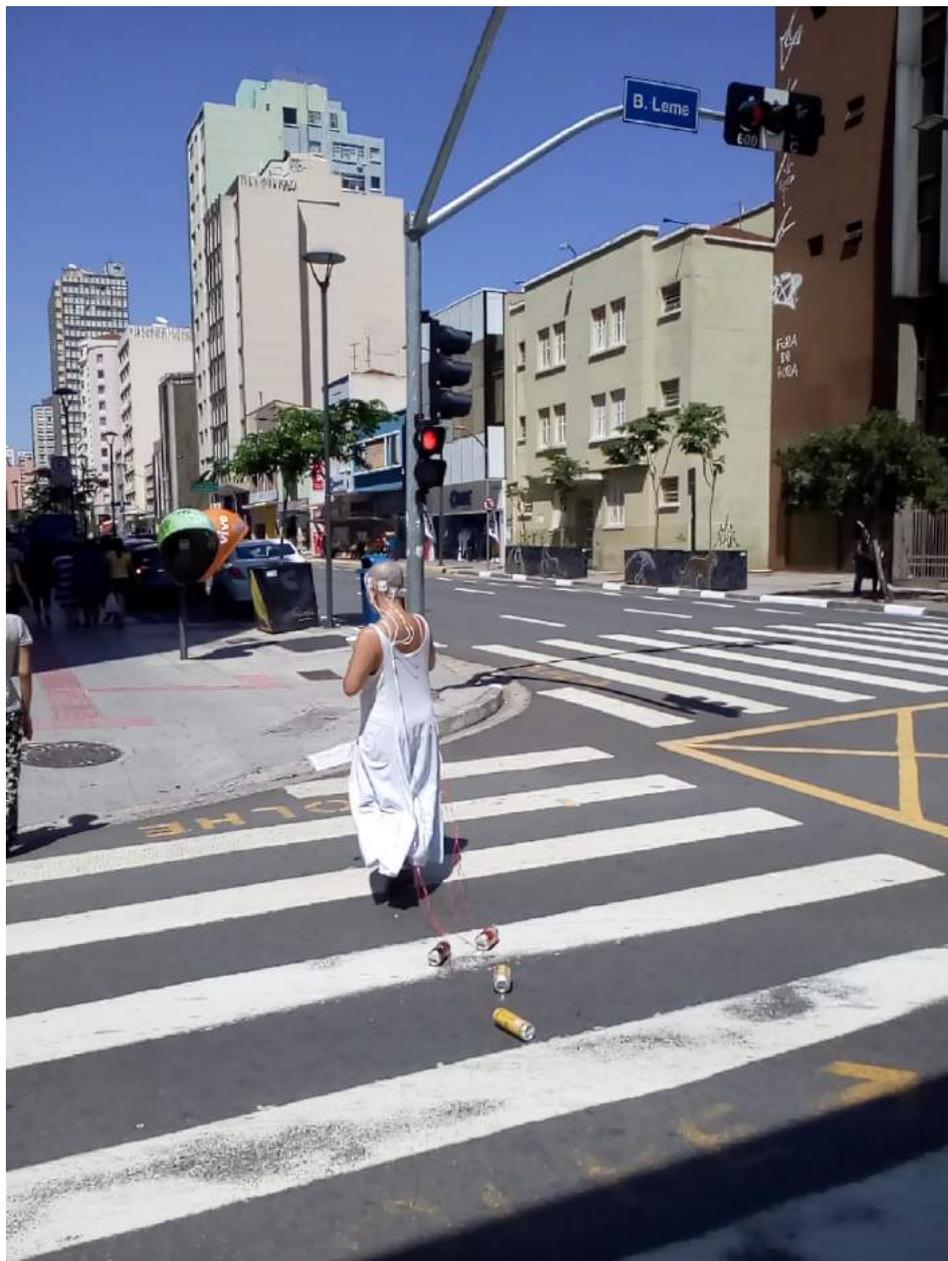
Apesar deste dado, caminho. Caminho para sentir as encruzilhadas do meu corpo se desobstruírem, e eu me tornar mais fluida, física e mentalmente; para perceber com meus sentidos a cidade; para afirmar que eu, mulher, posso fazer parte da paisagem urbana e que não devemos nos trancar em casa e nas academias para nos exercitarmos; porque a rua é minha também e quando tem gente na rua ela tem mais chances de se tornar mais segura. Hillman falará desta fama de que a caminhar espanta as aflições e produz outras qualidades no sujeito:

Prisioneiros circulam no pátio, animais andam de um lado para outro em suas jaulas, a pessoa ansiosa mede o chão com seus passos: esperando o bebê nascer ou as notícias da sala da diretoria. Heidegger recomendava o caminho na floresta para filosofar; a escola de Aristóteles era chamada “Peripatética”— pensar e discursar enquanto se caminha; os monges andam em seus jardins fechados. Nietzsche disse que só tinham valor as idéias que ocorriam ao caminhar, as idéias *laufenden* — idéias correntes, não idéias sentadas. (...) Uma cidade que não permite caminhar não é também uma cidade que nega uma moradia para a mente? (HILLMAN. 1993:84)

Foi para criar pensamentos correntes, com fluxos circulares, lentos e contínuos da respiração em sincronia com o movimento consciente do corpo, que me coloquei a caminhar pelas ruas em “Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta...”. A intenção era chamar a atenção ao corpo feminino, torná-lo visível, audível, plenamente presente em suas insuportáveis marcas. Caminhar para, talvez adensar a imanência subliminarmente posta de que algo é insuportável no corpo feminino. Circular pelas ruas como um fantasma que arrasta latas de metal contra a calçada. Uma noiva escrava, triste e silenciada. Contudo e sobretudo, meu trabalho consistia, simplesmente, em apenas caminhar segundo um fluxo respiratório em sincronia com o movimento do meu corpo na caminhada, fazer isso com uma qualidade de escuta cassândrica para, por fim, ouvir o que emerge como criação sonoro-vocal das condições da minha primeira emissão sonora do dia.

Tecnicamente, a voz que emergiu de mim em ambas as execuções deste programa, não constituiu propriamente o que as escutas preconceituosas costumam aceitar como sendo uma expressão “da música”. Esta performance, também é um pensamento sobre o ruído e a mulher que grita. Logo, com auxílio das análises decoloniais acerca da emissão e da escuta, pude compreender que o canto de Cassandra, ou o canto cassândrico, antes de querer “afinar”, quer atacar os ouvidos da multidão com sua voz, quer ser escutada, quer deixar disponível a quem quiser ouvir este grito, fruto das resultantes de seu silêncio, de sua caminhada até ali e daquilo que escutou no percurso. Tudo está manifesto em minha voz, porque também está em minha subjetividade e corpo. Ao final, só é necessário abrir a voz e cantar. Deixar o ar passar e ouvir o que vem, para brincar com o que vem.

Foi na ocasião de minha primeira execução em Campinas que tive uma feliz surpresa: o megafone. Nunca havia experimentado cantar, improvisar com a amplificação deste instrumento. Desde que tive o megafone em minhas mãos pela primeira vez, esperava curiosa e cheia de vontade para experimentá-lo. Eu era uma mulher com um megafone e isso era muito excitante para mim. A experiência de “Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta” foi também um importante disparador do desenvolvimento mais profundo dos devires sonoros e visuais do megafone. Os recursos despertados neste programa, reaparecem nas reconfigurações da “Cabeça de Cassandra”, que assim como o próximo programa a ser aberto por estas crônicas, “Converso sobre assuntos de mulher”, também sofreu grandes interferências dos modos de subjetivação despertados nessas andanças atentas, dessa mulher pictórica, capaz de gritar o que lhe ocorrer à vontade.



**Figura 41:** Cassandra anda em Campinas. Registro da execução do Programa no cruzamento entre as avenidas Francisco Glicério e Barreto Leme no Centro da cidade. **Local/ano:** Campinas, 08 de setembro de 2018. **Autor:** Pedro Sollero.

*Converso sobre assuntos  
de mulher*

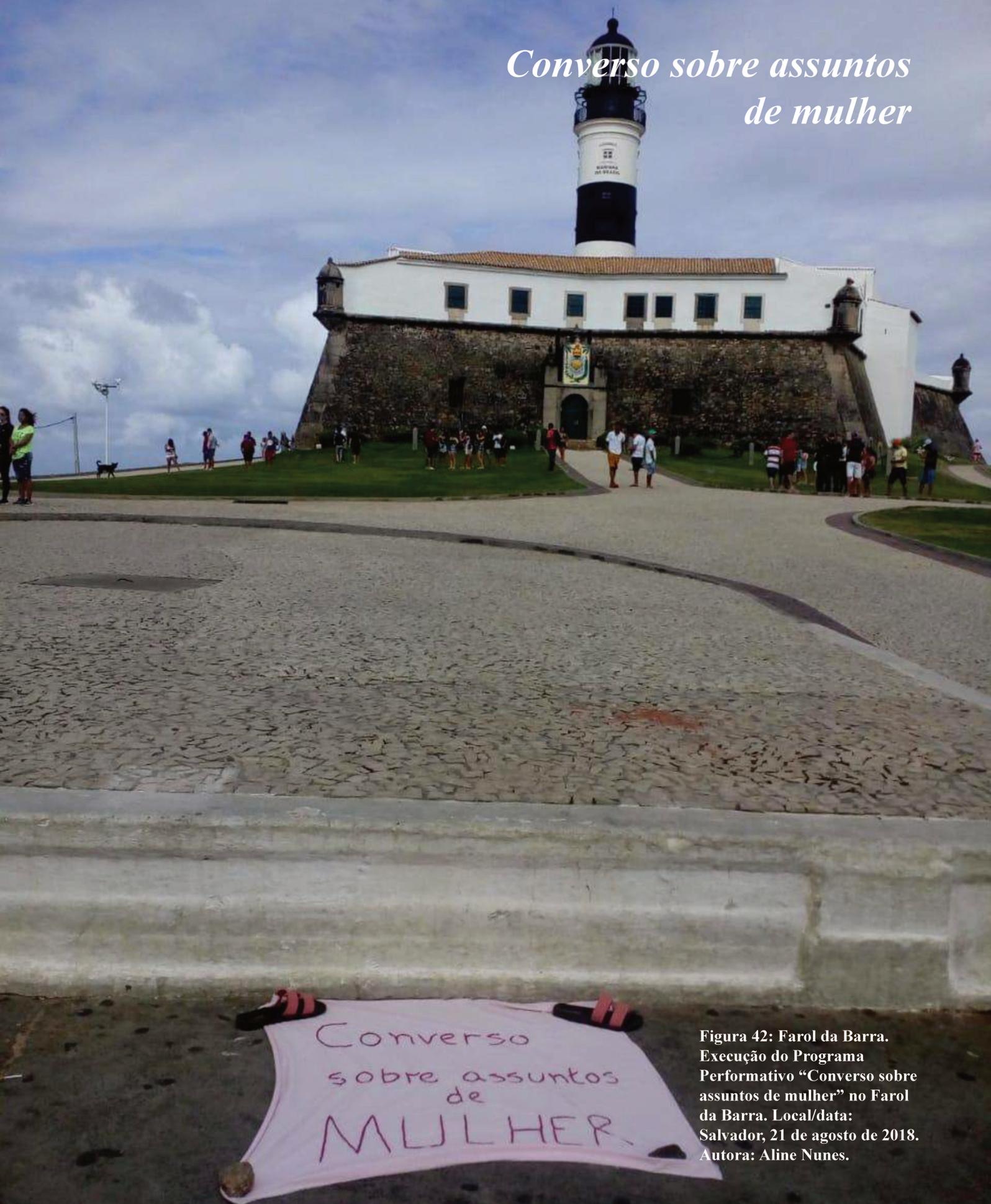


Figura 42: Farol da Barra.  
Execução do Programa  
Performativo “Converso sobre  
assuntos de mulher” no Farol  
da Barra. Local/data:  
Salvador, 21 de agosto de 2018.  
Autora: Aline Nunes.

“Converso sobre assuntos de mulher” é a reperformance do programa de Eleonora Fabião “Converso sobre qualquer assunto”.

O que você faria se estivesse andando pela rua e encontrasse uma mulher empunhando o seguinte cartaz: “Converso sobre qualquer assunto”? Aceitaria o convite? Falaria sobre o quê? Desde 2008, quando essa ação foi feita pela primeira vez no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, muitas pessoas sentaram-se na cadeira vazia disposta à frente da performer Eleonora Fabião, interessadas em vivenciar essa experiência inusitada.<sup>51</sup>

Meu programa é o seguinte:

**Título:** Converso sobre assuntos de mulher.

**Material:** 2 cadeiras, cartaz, performadora.

**Duração:** Mínima de 4 horas e máxima de 8 horas ininterruptas.

**Local:** Centros urbanos ou locais de grande circulação de pessoas.

**Ação:** Colocar uma cadeira diante da outra; deixar visível o cartaz com a frase: “Converso sobre assuntos de mulher”; esperar; caso alguém se sente, conversar.

No que se refere ao que os gregos chamavam de exercícios de si, minha relação com este programa sempre foi uma manifestação clara disso. Sentar, nas cadeiras da minha casa, ao ar livre, no espaço público, com o propósito de conversar com pessoas que eu não conheço, para ter com elas conversas francas, configurou uma prática realizada repetidas vezes por esta investigação. Executei esta ação 7 vezes, nas cidades baianas de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia, além da capital, Salvador, no período entre julho e dezembro de 2018.



***Vigésima primeira digressão:***

*Na saídas às ruas, algumas pessoas amigas, que constituíram para mim um poderoso círculo de confiança e cuidados mútuos, colaboraram muito registrando, vivenciando e observando, à distância segura e discreta, grande parte da execução das obras da série na cidade de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia. Era, e ainda é, importante nas execuções de ações na rua, o apoio oferecido pelos olhos de uma amiga ou amigo sobre o corpo performando.*

<sup>51</sup> RUMOS ITAÚ CULTURAL. (Site institucional). *Projeto Mundano – Livro, Exposição de Rua e Performances de Eleonora Fabião* contemplado com o Rumos 2013-2014 da Fundação Itaú Cultura. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/projeto-mundano> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

*Pedro fazia isso em São Paulo, minhas novas amigas na Bahia. Aqui destaco Clarissa Santos Silva, Cristiane Lima, Breno Terra, Augustin de Tugny e, entre as estudantes, destaco Erlani Rosa.*

*Ainda assim eu saí muito sozinha e aprendi muito com pessoas novas estando totalmente desarmada. Tive sempre muita sorte é bom dizer. Nunca uma ação minha foi interrompida pela polícia ou por quem quer que seja. Nunca sofri ameaça de fato, que me fizesse querer abandonar meu programa. Se eu senti medo? Algumas vezes sim. Mesmo assim, até aqui, eu tive muita sorte. Isso é o que dizem algumas de minhas amigas que realizam intervenções na rua.*



**Figura 43:** Conversa na balsa 1. Execução do Programa Performativo “Converso sobre assuntos de mulher” na balsa para Arraial D’ Ajuda. Na foto Aline Nunes e Juliana Gontijo. **Local/data:** Porto Seguro, 5 de agosto de 2018. **Autora:** Clarissa Santos Silva.



**Figura 44:** Conversa na balsa 2. Execução do Programa Performativo “Converso sobre assuntos de mulher” na balsa para Arraial D’ Ajuda. Na foto Aline Nunes e Juliana Gontijo. **Local/data:** Porto Seguro, 5 de agosto de 2018. **Autora:** Clarissa Santos Silva.



Talvez, “Converso sobre assuntos de mulher” seja o programa mais mobilizador de mim enquanto desenvolvimento de uma qualidade de escuta focada no outro, de uma qualidade de alteridade e reconhecimento de que as pessoas sofrem dos mesmos sofrimentos, o que muda é a gradação deles. Contudo, há ainda o mais difícil e mais nevrálgico dos aprendizados proporcionados pela prática deste programa, a saber, o domínio de si. Não que eu tenha conquistado, isto não é algo que se tem para si uma vez conquistado. O domínio de si é uma prática contínua, às vezes a gente desliza, às vezes acerta em cheio, dizendo somente o necessário.

Mas não foi para “me dominar”, “estar em paz comigo”, “gozar da minha companhia”, que eu saía para conversar com desconhecidas e desconhecidos, mas, ao mesmo tempo, também era. Na verdade, para o programa, como mecanismo de *paraskeuê*, tudo o que descrevi é uma espécie de bônus. Não se configura como a finalidade, o propósito do programa, o fim que se quer atingir. A finalidade do programa era estar disponível a conversar com quem tivesse interesse por um período de 4 a 8 horas ininterruptas. Digo “estar disponível” porque pode ser que ninguém se sente para conversar, só não aconteceu, mas é uma das possibilidades.

Conversar, principalmente com as mulheres, também era para mim uma descoberta dos efeitos da cultura sobre nós mulheres e também sobre os homens. A minha aparência era uma questão, eu era uma mulher careca. Muitas pessoas sentavam-se para saber por que eu fazia aquilo e por que eu não tinha cabelos. Neste programa recebi até receita caseira para matar piolhos. Era uma oportunidade para perceber como todas fomos moldadas para, de alguma forma, entrarmos na fôrma. Falar do meu cabelo era, em geral, o início de quase todas as conversas, especialmente quando a cabeça estava mais lustrosa. Infelizmente, esse não era o único traço dos efeitos causados pela cultura misógina nas conversações. Bem longe disto, a cultura continua sendo um espartilho apertado, que quando é retirado, às vezes, nem traz o alívio esperado, dado que talvez seja este o nosso defeito mais arraigado, capaz de “sustentar nosso edifício inteiro”, como diria Clarice Lispector em carta à sua irmã, Tania Kaufmann.



### *Vigésima segunda digressão*

*Berna, 6 janeiro 1948*

*Minha florzinha,*

*Recebi sua carta desse estranho Bucsky, datada de 30 de dezembro. Como fiquei contente, minha irmãzinha, com certas frases suas. Não diga porém: descobri que ainda há muita coisa viva em mim. Mas não, minha querida! Você está toda viva! Somente você tem levado uma vida irracional, uma vida que não parece com você. Tania, não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.*

*Nem sei como lhe explicar, querida irmã, minha alma. Mas o que eu queria dizer é que a gente é muito preciosa, e que é somente até certo ponto que a gente pode desistir de si própria e se dar aos outros e às circunstâncias. Depois que uma pessoa perder o respeito de si mesma e o respeito de suas próprias*

necessidades – depois disso fica-se um pouco um trapo. Eu queria tanto, tanto estar junto de você e conversar, e contar experiências minhas e de outros. Você veria que há certos momentos em que o primeiro dever a realizar é em relação a si mesmo. Eu mesma não queria contar a você como estou agora, porque achei inútil. Pretendia apenas lhe contar o meu novo caráter, ou falta de caráter, um mês antes de irmos para o Brasil, para você estar prevenida. Mas espero de tal forma que no navio ou avião que nos levar de volta eu me transforme instantaneamente na antiga que eu era, que talvez nem fosse necessário contar. Querida, quase quatro anos me transformaram muito.

Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? assim fiquei eu..., em que pese a dura comparação... Para me adaptar (sic) ao que era inadaptável (sic), para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus aguilhões – cortei em mim a força que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. Espero que no navio que nos leve de volta, só a ideia de ver você e de retomar um pouco minha vida – que não era maravilhosa mas era uma vida – eu me transforme inteiramente. Mariazinha, mulher do Milton, um dia desses encheu-se de coragem, como ela disse, e me perguntou: você era muito diferente, não era? Ela disse que me achava ardente e vibrante, e que quando me encontrou agora se disse: ou esta calma excessiva é uma atitude ou então ela mudou tanto que parece quase irreconhecível. Uma outra pessoa disse que eu me movo com uma lassidão de mulher de cinquenta anos. Tudo isso você não vai ver nem sentir, queira Deus. Não haveria nem necessidade de lhe dizer, então... Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado.

Minha irmãzinha, ouça meu conselho, ouça meu pedido: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver. Eu tenho tanto medo de que aconteça com você o que aconteceu comigo, pois nós somos parecidas. Juro por Deus que se houvesse um céu, uma pessoa que se sacrificou por covardia – será punida e irá para um inferno qualquer. Se é que uma vida morna não será punida por essa mesma mornidão. Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo aquilo que sua vida exige. Parece uma moral amoral. Mas o que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma. Espero em Deus que você acredite em mim. Gostaria mesmo que você me visse e assistisse a minha vida sem eu saber – pois somente saber de sua presença me transformaria e me daria vida e alegria. Isso seria uma lição para você. Ver o que pode suceder quando se pactuou com a comodidade de alma. Tenha coragem de se transformar, minha querida, de fazer o que você deseja – seja sair nos week-end, seja o que for. Me escreva sem a preocupação de falar coisas neutras – porque como poderíamos fazer bem uma a outra sem esse mínimo de sinceridade?

Que o ano novo lhe traga todas as felicidades, minha querida. Receba um abraço de muita saudade, de enorme saudade de sua irmã

Clarice

(LISPECTOR. 2015)



Fazia-se necessário e urgente que eu me convidasse a iniciar minha própria desconstrução e reconstrução de maneira mais radical. Deveria procurar evacuar meu edifício, realizando escolhas, para então, implodi-lo, limpar o terreno, refazer as paredes e reordenar as lembranças em uma nova casa. Talvez, com este programa eu tenha preferido costurar barracas, tendas móveis, paredes menos permanentes, apenas abrigos temporários à minha paz como descreve Amparo Poch y Gascón, em “Elogio do amor livre”. Foi assim que, passado um tempo, tomando distância, eu compreendi/percebi os efeitos sobre a minha subjetividade e minha produção, tanto da carta de Clarice, quanto do programa “Converso sobre assuntos de mulher” e sobre o programa.

Ambos estão baseados sob a necessidade de falar de coração, de dizer o que precisa ser dito. Contudo, não era minha intenção sair pela cidade ditando regras e verdades, absolutamente, mas era um risco para o qual eu precisava me atentar, precisava ter domínio sobre a minha vaidade de oferecer uma saída minha, para a vida de outrem... Isso não podia! Outro ponto importante a observar é que eu não estava alí como professora, tão pouco como terapeuta, não tinha a intenção e não poderia pretender ensinar nada ou tratar quem quer que seja. Eu era só uma mulher disponível a conversar com quem quisesse, acerca do que cada um/a considerava “assuntos de mulher”. Na verdade eu falava bem menos do que de costume, escutava bastante. O que ocorria a maioria das vezes eram as mulheres, e até alguns homens, que pareciam muito carecer de uma prosa. Certamente, é sempre uma boa oportunidade poder ser ouvida. Porém, o que ocorre na confissão, mas nunca ocorreu em uma execução deste programa, é o julgamento e a penitência. Sem julgamento moral e sem oferecer punição, poderíamos oferecer-nos, mutuamente, a possibilidade de converter confissão em uma espécie de narrativa de si mesma. Narrativa feita através daquilo que acreditavam, que gostavam, que temiam, que odiavam. Entre as frases mais ouvidas estavam: “Escutar é muito importante”; “É bom ter alguém pra contar um segredo”; “Tem mulheres sobrevivendo e não vivendo”; as “As mulheres não são ouvidas”; “É bom ser ouvida”...

Não que ocorresse sempre, mas, de vez em quando, ocorriam encontros muito potencializadores para ambas as partes. Conversas profundas, capazes de ecoar por muito tempo nos corpos dos que se dispõem à prosa. Em alguns encontros, pelos rumos que a conversa

tomava, pelo modo como os corpos se comportavam no espaço, como estava o tom das vozes, tudo isso gerava uma quase imediata franqueza, gerando, com ela, mestria mútua. Com algumas pessoas, a desconfiança inicial logo se dissipava e tudo transcorria com tranquilidade, sem força, sem julgamento, sem hierarquização das vozes. Em “Converso sobre assuntos de mulher”, posso dizer que eu sentia quando se estabelecia o axé. Ainda assim – em todas as conversas, mesmo as do tipo “com axé” –, não era intenção do programa ser terapêutico, contudo, me tratou. Não era intenção do programa me fazer aprender a dizer só o que realmente é necessário, mas tenho aprendido. Na verdade, não era intenção do programa me ensinar coisa alguma, contudo é só o que tenho feito.

Quanto aos assuntos de mulher... Quais eram?

Ora, todos os assuntos possíveis, como bem era sabido. No que se refere a sua curiosidade, mais importante que matá-la é respeitar a privacidade de minhas interlocutoras. A investigação quer narrar os reflexos destas conversas em meu trabalho, jamais expô-las. Por isto, guardo comigo seus segredos como tesouros valiosos.

# *A Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte*



**Figura 45:** Samba de Roda do Recôncavo, Cachoeira da Bahia. Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. **Local/data:** Cachoeira, 16 de agosto de 2018. **Autora:** Aline Nunes.

*Entre luzes e som, só encontro, meu  
corpo, a ti. Velho companheiro das ilusões de  
caçar a fera. Corpo de repente aprisionado  
pelo destino dos homens de fora. Corpo/ mapa  
de um país longínquo que busca outras  
fronteiras, que limitam a conquista de mim.  
Quilombo mítico que me faça conteúdo da  
sombra das palavras. Contornos irrecuperáveis  
que minhas mãos tentam alcançar*

*Beatriz Nascimento*

*(NASCIMENTO apud RATTS. 2006:68)*

A Festa para Nossa Senhora da Boa Morte é Patrimônio Imaterial da Bahia desde 2010. Resiste há quase 200 anos por meio do engajamento profundo com a ancestralidade libertária dos corpos-quilombos. Contudo, apresenta, neste caso, um traço cicatricial da luta ancestral das mulheres negras no Brasil. É a única das irmandades negras que resistiu ao tempo e à força.

Foi com o estudo de Maria Laura Viveiros de Castro, vinculado à Unesco e intitulado “Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais”, que conheci a definição daquilo que legalmente é compreendido como patrimônio cultural imaterial. Segundo o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial,

(...) compreende o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam. Essa definição bem indica o entrelaçamento das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais. (CASTRO. 2008:12)

O propósito da Irmandade, desde o princípio, era cultuar Nossa Senhora da Boa Morte, proporcionando no fim da vida, o que os escravos nunca puderam gozar como cativos: o descanso humano da paz. Dado que escravos não tinham direito à rituais fúnebres de finalização, as Irmãs da Boa Morte – mulheres negras, livres, de “partido alto”, ou seja, que ocupavam boas posições sociais –, proporcionavam aos irmãos e irmãs ainda cativos, ritos e orações. A contribuição ia além, as irmãs também realizavam grandes esforços na arrecadação de fundos destinados à alforria de escravos. Além disso, ajudavam a suavizar o percurso de fuga dos aquilombados. A intenção era louvar a Boa Morte, rogando a ela liberdade para o povo negro e, para tanto, devotavam suas vidas.



**Figura 46:** Irmandade da Boa Morte. Missa de corpo presente, primeira noite dos festejos à Nossa Senhora da Boa Morte. **Local/ano:** Cachoeira, 13 de agosto de 2018. **Autora:** Aline Nunes.

A Irmandade da Boa Morte, até hoje, cuida dos festejos que ocorrem anualmente, *sempre* de 13 a 17 de agosto, sendo o dia 15, consagrado às orações pela morte de Maria, dando início aos festejos pela liberdade. O samba de roda do Recôncavo, nasce desta ordem da vida: resistir e libertar. A Irmandade, rigorosamente hierarquizada, é formada por 22 senhoras descendentes de pessoas escravizadas e todas têm mais de 50 anos, algumas são centenárias. Todos os anos, desde 1820, durante 5 dias tudo para na cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano. A ordem é rezar, comer e sambar para festejar Nossa Senhora, as irmãs da Boa Morte e a liberdade.

A Irmandade é uma instituição religiosa *na* Igreja Católica, contudo não faz parte da Igreja. Os primeiros registros da devoção à Nossa Senhora da Boa Morte na cidade de Salvador, datam do século XIX, desde o início se caracterizou como um culto exclusivamente feminino, realizado na Igreja da Barroquinha. Contudo, em 1820, fugindo da perseguição do General Madeira de Melo às irmandades negras na cidade de Salvador, refugiam-se em Cachoeira.

Conheci a festa, curiosamente, por intermédio de Angela Davis. Assistia pela internet uma conferência de Davis ocorrida em 2017, na ocasião de sua vinda à Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB – Campus Cachoeira). Encontrei o vídeo<sup>52</sup> logo após ter terminado

<sup>52</sup> UFRB TV. Vídeo do You Tube. Curso de Black Feminism - Angela Davis. Cachoeira, 17 de julho de 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=4&v=NDwbjSvpDZo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=NDwbjSvpDZo) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

de ler seu livro, “Mulher, Raça e Classe”, que somente em 2016 foi traduzido e lançado no mercado editorial brasileiro. Um *delay* de 35 anos em relação ao lançamento da primeira edição nos Estados Unidos em 1981. A vinda foi motivada pelo Curso Internacional “*Decolonial Black Feminism in The Americas*”, iniciativa de uma rede internacional de organizações feministas e decoloniais, que conseguiu trazer ao Brasil importantes vozes destes feminismos. Além de Angela, também ministraram o curso as Professoras Ochy Curiel, da Colômbia, e Gina Dent, dos Estados Unidos.

Curioso como teve de vir para Cachoeira, uma cidadezinha com pouco mais de 30 mil habitantes, Angela Davis, para que eu tivesse acesso a esta parte da história do meu país. Angela é a principal responsável pelo fato de, sempre que eu digo “história das mulheres”, ofereço acoplada a explicação de quais mulheres estou tratando. Foram os feminismos decoloniais, em especial os feminismos negros, que me ensinaram o que é óbvio, mas que a cultura não me permitia perceber, porque não me afligia diretamente, a saber: o tal “lugar de fala”. Dado que as experiências são diferentes entre mulheres brancas e negras, por exemplo. Diferentes entre mulheres com distintos anos de escolarização e extratos sociais. Afinal, a resultante da experiência do mundo no sujeito é muito distinta, por exemplo, entre uma mulher branca, solteira, de classe média, que estudou muitos anos e a experiência de uma mulher negra, favelada, não muito escolarizada e chefe de família. Foram autoras como Davis, que me mostraram a veemente importância do uso do plural na expressão feminismos. O que o feminismo negro, bem como outras correntes decoloniais buscam, é a compreensão de que não se pode falar “da mulher”, assim voltamos à manipulável e excludente ideia da “essência da mulher”.

Isto posto, apesar da magnitude da festa e de sua força imaterial indescritível, pouca gente conhece esse símbolo de resistência das *avós* do feminismo negro do Brasil. O que ocorre é uma deliberada campanha de desvalorização das culturas populares, com um silenciamento todo especial para manifestações libertárias, colocando este discurso no *hall* do esquecimento da maioria. Não que a festa não seja grande, mas não era justificável que a terceira maior festa da Bahia ficasse conhecida?

Na Festa da Boa Morte eu redimensionei em mim a experiência do axé. Senti meu corpo vibrátil, entrelaçado à multidão. Corpo que dói na reza e parar de doer na roda de samba. Fiquei nas longas filas das “comilanças de macumba”, afinal me ensinou Mãe Dora, “sem comida não

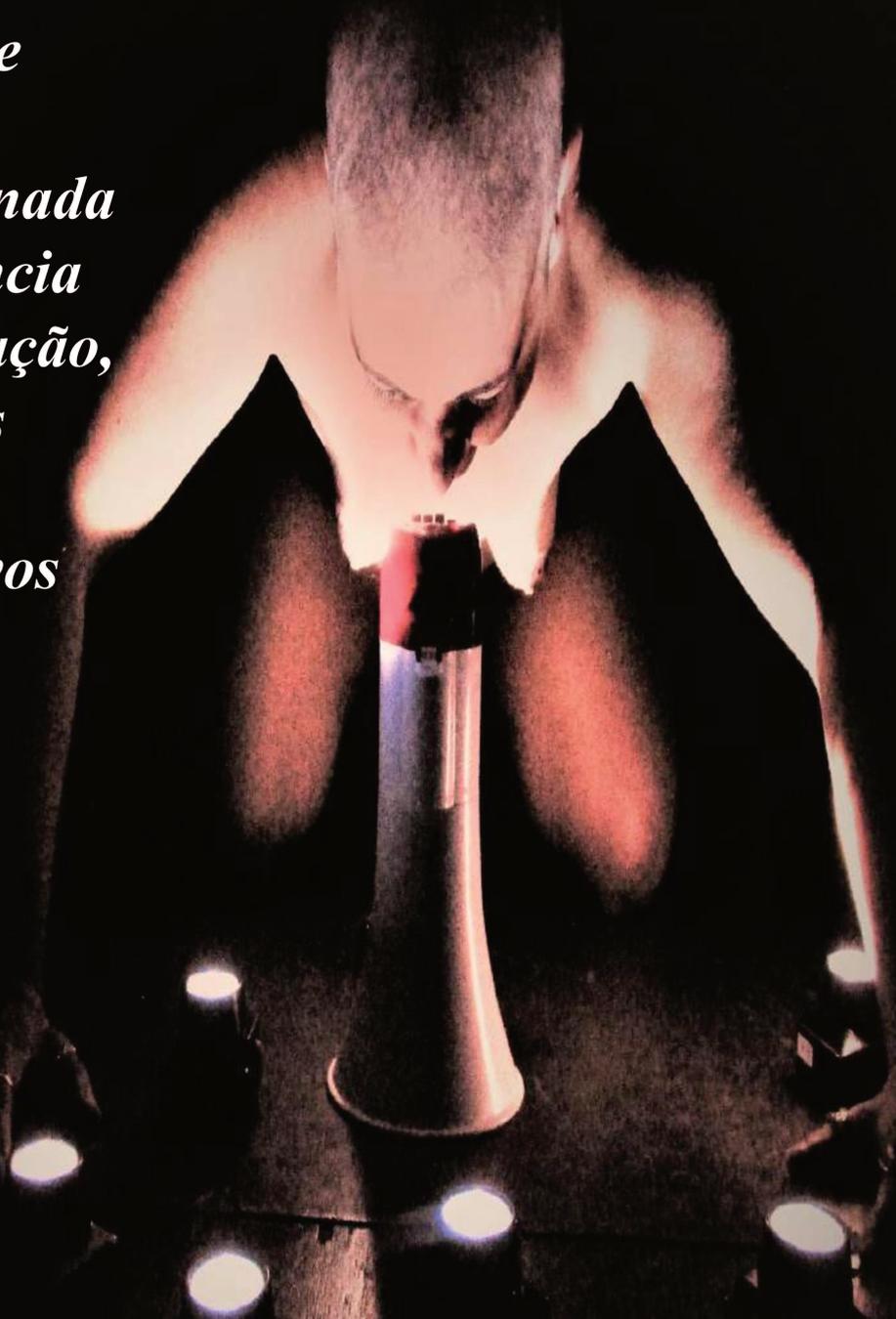
tem axé, filha.” Mãe Dora era Mãe de Santo respeitada em Brasília, foi minha madrinha na festa. Pessoa importante do candomblé, Mãe Dora de Iansã era meu passe livre em alguns dos bastidores da festa. Curioso ter sido uma filha de Iansã quem me ciceroneou, justo a divindade que rege as tempestades e ventanias, uma mulher forte de vestido preto e vermelho, como Cassandra. Mãe Dora, Dora Barreto, era muito bem relacionada na Irmandade, era amiga de Mãe Dalva. Dona Dalva Damiana de Freitas, cantora e compositora, nascida em Cachoeira em 1927, se mantém dançando como uma menina de 15 anos. Matriarca do Samba de Roda do Recôncavo, Dona Dalva tem a tranquilidade de quem não sofre mais com o fato de saber que, ela própria, não verá o fim da dor do povo negro, mas alguém só há de ver se ela continuar sambando até o fim.

Na festa da Boa Morte avancei muitos passos na volta ao meu redor. Semelhante ao que ocorre em outros acontecimentos ao longo desta pesquisa. Vivenciar corporalmente a intensidade física e mental de 5 dias de samba, comilança e reza foi, para o corpo e à subjetividade uma volta completa, ou uma experiência espiritual. Não no senso comum atribuído ao termo mas, aquele que destaquei na fala de Foucault, no prólogo a essas crônicas. Não tenho fé religiosa e não acredito que haja algo além de todas as coisas que já temos nesta Terra. Não se trata de religião como ordenamento da fé. A experiência foi religiosa, mas religião como re-ligar. Religamento social, simbólico, capaz de mobilizar uma gama incalculável de afetos. Eis a fé em estado bruto: o corpo vivenciando o presente da festa. O corpo quilombo e libertação.



**Figura 47:** Dona Dalva do Samba de Roda do Recôncavo e suas bisnetas. Samba para São Roque. **Local/ano:** Cachoeira, 16 de agosto de 2018. **Autora:** Aline Nunes.

*A Cabeça de  
Cassandra  
redimensionada  
na experiência  
da qualificação,  
da vida, dos  
programas  
performativos*



**Figura 48:** Cassandra e o megafone no Útero de Vênus.  
**Local/ano:** Campinas 14 de setembro de 2018. **Autora:** Luísa Nunes Sollero.



*Vigésima terceira digressão:*

Agência Estado de Minas

3 de setembro de 2018

**Luzia, ‘a primeira brasileira’, ‘morre’ no incêndio no Museu Nacional**

Luzia, que foi encontrada em Lagoa Santa, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, é considerada a mais antiga brasileira.

Das 20 milhões de peças do Museu Nacional do Rio de Janeiro, devastado no domingo à noite por um incêndio, os brasileiros lamentam em particular a perda de Luzia, "a primeira brasileira", que viveu há mais de 12 mil anos nessa parte das Américas. "A perda de Luzia é para todos os interessados em civilização uma perda inestimável", declarou à AFP Paulo Knauss, diretor do Museu Histórico Nacional, outra instituição do Rio.<sup>53</sup>



**Figura 49:** Incêndio no Museu Nacional. **Local/ano:** Rio de Janeiro, 2 de setembro de 2018. **Autor:** Marcelo Sayão/EFE/direitos reservados/Agência Brasil



<sup>53</sup> AGÊNCIA ESTADO DE MINAS. Luzia, ‘a primeira brasileira’, ‘morre’ no incêndio no Museu Nacional. Belo Horizonte, 3 de setembro de 2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/09/03/interna\\_nacional.985778/luzia-a-primeira-brasileira-morre-no-incendio-no-museu-nacional.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/09/03/interna_nacional.985778/luzia-a-primeira-brasileira-morre-no-incendio-no-museu-nacional.shtml) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

A Cabeça da Cassandra, depois da qualificação continuou sendo um trabalho intenso que seguia em paralelo contínuo com todas as demais ações, e constituía um grande empenho e uma série de demandas para mim e para Pedro. A continuidade de Pâmella fica, com minha mudança à Bahia, comprometida pelos 1.580 km de distância entre nós. O Coletivo Carmim, acaba por se configurar como esta companhia mínima e íntima entre mim e Pedro. Nas vídeo-conversas, os assuntos eram nossa filha, nossos cachorros, nosso casamento, os outros trabalhos e nossa obra juntos, “A Cabeça da Cassandra”.

Com a falta do técnico de luz no dia da apresentação do exame de qualificação, e pelo valioso apontamento da Professora Lílian Campesato, que na ocasião de sua participação em minha banca no exame, sugeriu que a obra assumisse um caráter mais acusmático. Lílian coloca que ao invés da luz cirúrgica, branca, asséptica, se ficássemos no escuro, não revelando as caixas de som, ou pelo menos retirando do primeiro plano da atenção do espectador aos aspectos visuais, geraríamos um ambiente mais profícuo à atenção ao som. Se a obra queria fortalecer o caráter de linguagem da música e das sonoridades em geral, não sendo mera trilha sonora a serviço da criação de tensões à cena, o caminho poderia ser este. Apesar de também realizar tais funções, a música na Cabeça de Cassandra é a própria Cassandra. É sua face sonora, tão importante ao mito, dado que o poder da profetisa emana de sua capacidade diferenciada de escuta. Cassandra tem o dom da escuta.



**Figura 50:** A Cabeça de Cassandra 1. Abertura no Útero de Vênus. **Local/ano:** Campinas, 14 de setembro de 2018. **Autora:** Maria Clara Rocha Silva..

Dizem que os usos de recursos acusmáticos vêm da Escola Pitagórica, escola filosófica, musical e matemática – pertencente ao período estudado por Foucault em sua “Hermenêutica do Sujeito” –, que cultivava práticas radicais em seus processos de ascese helenística, *askésis*. Um aluno da Escola Pitagórica não tinha autorização para falar pelos primeiros anos de seu desenvolvimento na escola. Ao jovem só caberia receber as lições. Conta a história que tais lições eram dadas com uma tela, entre mestre e discípulos, dado que, segundo Pitágoras, a visão do corpo do professor enquanto ensina, dispersa a atenção do estudante ao que é dito. Talvez com inspiração nos princípios pitagóricos de acusmática, não sei ao certo, não é este o foco, mas foi em 1955 que o compositor francês Pierre Shaeffer, usa pela primeira vez o termo *acousmatique* para definir a experiência de escuta da chamada música concreta.

Assim, Lilian realiza uma enorme contribuição à obra, ao sugerir o uso de lanternas na iluminação. A partir disso, pensamos: lanternas facilitariam a montagem técnica; lanternas dariam uma atmosfera mais profícua a apreciação dos aspectos sonoros da obra; lanternas, na mão do público, dariam à obra um caráter mais aberto às interferências das contingências, converteria o público em participante da obra. Foi aí que comprei 40 lanternas de led, recarregáveis. Isso redimensionaria totalmente a obra e se a ideia era esta, repensar tudo, então, sem pudor algum, jogamos muita coisa fora e reforçamos aspectos que estavam apenas na imanência. Nada seria como antes e tudo seria a partir do que se passou.

Agora não contávamos mais com o solilóquio de “Hamlet”, não haveria no texto falado nenhuma contribuição masculina, exceto pelo uso do Sermão da Montanha<sup>54</sup> e do pequeno trecho retirado da fala de Foucault em seu discurso inaugural no *Collège de France*, intitulado “A ordem do discurso”, em que dizia: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, o discurso é aquilo porque se luta, é o poder do qual nos queremos apoderar.” Além de uma nova dramaturgia e um novo nível de interação com o público e com as visualidades, também estávamos sem os longos cabelos da profetisa, sem o carrinho de soro, sem os discursos de mulheres Nobel da Paz, sem púlpito, com apenas 4 caixas de som, com áudios independentes, diferentes dos 10 falantes da última abertura de processo.

---

<sup>54</sup> Trecho atribuído ao apóstolo Mateus, no qual transcreve a fala de Jesus no Monte das Oliveiras.



**Figura 51:** A Cabeça de Cassandra 2. Sob a iluminação das mulheres, primeira abertura da Cabeça na UFSB. **Local/ano:** Campus Sosígenes Costa UFSB, Porto Seguro, 31 de outubro de 2018. **Autor:** Heictor Miranda Cruz

Havia agora uma preocupação com a portabilidade da obra, com o tempo e esforço despendidos na montagem técnica que nos exauria física e psicologicamente e, quando a ação começava, já estávamos com a energia baixa. Depois da experiência das duas aberturas, o projeto era marcar quando seriam as próximas. Antes de pensar em estrear, abrir ao público em geral, precisávamos de uma sessão íntima, protegida de tensão desnecessárias. Digo isso porque uma prova, por exemplo, é sempre uma situação de abertura hostil. O foco corre um sério risco de sair da obra, deslocando-se para o exame, gerando processos de subjetivação alheios à obra, que interferem nela, em geral, negativamente.

Por isso, para testar novos planos, nos prepararmos para a próxima abertura precisávamos de um lugar para realizar a apresentação. Teria de ser um lugar em que pudéssemos montar o equipamento e deixar, de um dia para o outro. Na Unicamp isso não poderia acontecer: o espaço é disputado por todas as montagens da graduação e todos os projetos práticos da pós... Foi então, que em 13 de setembro de 2018 fomos muito bem recebidos no Teatro Útero de Vênus, casa da Professora Verônica Fabrini.



*Vigésima quarta digressão:*

*Verônica, como Grácia, é uma imanência que atravessa toda a história de minha constituição como atriz. Foi minha professora desde a graduação. A conheci no ano 2000, tinha eu 19 anos. Com ela, em 2001, montei “Uma Tempestade”, adaptação do texto mais bonito de Shakespeare. Estudei Verônica no meu mestrado, analisei uma importante obra sua, “Primus”. Ali começamos a nos aproximar mais. Verônica é diretora e fundadora da “Boa Companhia”, o “Poéticas da Vila”, projeto nevrálgico na constituição de meus caminhos na performance, era um sonho/desejo realizado por ela e sua rede de amigas e amigos artistas do Grupo Matula e da Boa Companhia.*

*Também fez parte do trio de professores que trabalharam conosco em “As Troianas”, onde experimentei Cassandra antes mesmo do doutorado começar. Verônica também era orientadora de Pâmella, na pesquisa de mestrado que deu origem a “Helena Vadia”. Ela está em todo lugar, participa de tudo. Pedro brinca, chamando Verônica de “o Forrest Gump de Barão Geraldo”.*



**Figura 52:** Helena Vadia. Pâmella Villa Nova em cena como Menelau em “Helena Vadia” performopalestra com direção e atuação de Pâmella e orientação de pesquisa de Verônica Fabrini. **Local/ano:** Campinas, 2014. **Autor:** Alex Mariano.



**Figura 53:** Mujeres Violentas. Ló Guimarães e Verônica Fabrini em cena, sob a direção de Claudia Echenique em “Mujeres Violentas”. **Local/ano:** Campinas, 2016. **Autor:** Maycon Soldan.



**Figura 54:** Agda. Em cena em Agda, estão Melissa Lopes, Verônica Fabrini e Alice Possani, com direção de Moacir Ferraz e dramaturgia de Hilda Hilst. **Local/ano:** Campinas, 2014. **Autor:** Maycon Soldan.

*Tem em seu repertório recente como atriz a peça dirigida por Claudia Echenique, “Mujeres Violentas”, dividindo a cena com Ló Guimarães. Antes disso, com direção de Moacir Ferraz, com as atrizes Alice Possani e Melissa Lopes, Verônica atuou em Agda, inspirada na obra de Hilda Hilst.*

*Verônica esteve presente nas principais aberturas de processo da Cabeça em Campinas. Cedeu sua sala de aula para a primeira abertura no Barracão das Artes Cênicas da Unicamp, e também na ocasião da qualificação. Em minha curta temporada em setembro de 2018 por Campinas, na qual iria performar e testar a Cabeça com as inovações, Verônica nos acolheu em sua casa, nos protegeu em seu Útero de Vênus. Por lá trabalhamos durante 2 dias, de modo tranquilo.*

*Verônica é uma das maiores incentivadoras da Cabeça de Cassandra, talvez figure entre as mais fiéis amigas dessa pesquisa. Sempre presente. Um presente, uma sorte! Minha mestra desde muito. Mestria pelo exemplo, mestria através dos diálogos, mestria na minha instrumentalização técnica para uma prática ou no desenvolvimento de uma habilidade. Ela, talvez, tenha me ensinado através de quase todas as formas de mestria possíveis. Verônica, assim como Grácia, é uma das mulheres singulares nas escolhas desta pesquisa.*



Assim cada qual em seu estado, vivendo cada qual a sua vida e conversando eventualmente em cafés da manhã via internet, ou no cigarro do fim do dia, eu e Pedro nos pusemos a criar. Enquanto isso, ele editava os novos áudios que fariam parte da música formada por falas cassândricas públicas, de mulheres da contemporaneidade. Agora, também compunham a quadrfonia de Sollero os cantos que captei na Festa da Boa Morte (Cachoeira - BA, 2018). A instalação, agora com 8 minutos, era uma nova avalanche de mulheres em exercícios parresiásticos. A curadoria dos discursos era ainda minha e a composição da música formada pelas vozes, de Pedro. Era difícil o trabalho dele. Se relacionar com aquelas falas já era difícil uma vez. Contudo, no caso dele, para criar a obra, era obrigado a ouvir repetidas vezes, cada minúcia, cada repetição daquelas palavras tão difíceis. Pedro editava durante horas por dia, dias seguidos, passava ouvindo mulheres dizendo coisas cortantes. Isso opera grandes movimentações na subjetividade. Tendo que escolher quem fala quando, quem fala em cada caixa de som. Desta

forma, em diferentes espaços da instalação, a/o participante poderia ouvir diferentes mulheres em destaque. Elas também se deslocavam, saíam de uma caixa a outra, como se nos rodeassem. Todas essas decisões eram tomadas por Pedro. Nas últimas aberturas da Cabeça, faziam parte da composição: os cantos das procissões para Nossa Senhora da Boa Morte (Cachoeira BA/ Agosto de 2018); o discurso de Angela Davis<sup>55</sup> na Marcha das Mulheres em Washington de 2017; de Alessandra Korap Mdk<sup>56</sup> na Câmara dos Deputados em Brasília, durante o seminário sobre a Ferrogrão, que aconteceu em paralelo ao Acampamento Terra Livre 2018; a entrevista de Mônica Benício<sup>57</sup>, viúva de Marielle Franco; a fala da pesquisadora Débora Diniz<sup>58</sup>, na comissão do Supremo Tribunal Federal que analisou o fim da criminalização do aborto no Brasil; o “Rap-oema” da jovem Ingrid Martins<sup>59</sup>.

Havia também nas sonoridades da Cabeça, o arrastar de latas pelas ruas de Campinas, na ocasião da execução de “Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta...” (Campinas - SP, setembro de 2018), amarrei ao peito meu gravador para escutar os sons captados da performance em outro momento... As latas arrastando contra o asfalto, os paralelepípedos, eram parte da presença de Cassandra na Cabeça. Sons ambientes de conversas gravadas com amigas também – não eram usadas as vozes, mas os sons da caneta batendo contra a mesa, a página que vira. Também a voz de Marielle Franco<sup>60</sup> ganha destaque na obra em seu discurso na Comissão de Direitos Humanos na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, da qual era presidenta, dias antes de sua execução. Assim como Marielle, também ecoam no espaço acusmático da Cabeça da Cassandra, o som dos tiros que mataram a vereadora e seu motorista Anderson.

Nestas últimas versões eu contava com os recursos de microfonia do megafone. Eu me sentia mais livre e empoderada a improvisar musicalmente com Pedro ao vivo, eu na voz e no manejo do megafone, ele na guitarra, ambos criando em tempo real usando as técnicas estendidas na criação das musicalidades da Cabeça. Cada abertura era única, embora as palavras fossem as mesmas.

<sup>55</sup> CBS NEWS. Vídeo do You Tube. Watch legendary activist Angela Davis rally Women's March On Washington. Washington, 21 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TTB-m2NxWzA> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>56</sup> SOUZA, Guilherme Prado Almeida. Vídeo do You Tube. Eu tenho direito de vir aqui dizer que não queremos Ferrogrão não queremos. Brasília, 19 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gMRa3VL9Ers> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>57</sup> EU, RIO! TV. Vídeo do You Tube. Entrevista: Monica Benicio conta sobre a vida com vereadora assassinada há 100 dias. Rio de Janeiro, 23 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=efECOnALrUj8> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>58</sup> WYLLYS, Jean. Vídeo do You Tube. Pesquisadora Debora Diniz defende a descriminalização do aborto em audiência no STF. Brasília, 3 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3dB5SSRCO1M> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>59</sup> MANOS E MINAS. Vídeo do You Tube. Poeta: Ingrid Martins. São Paulo, 15 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W2MtvjPbxI8> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

<sup>60</sup> MÍDIA LIVRE. Último pronunciamento de Marielle Franco antes de ser executada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 15 de março de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

No dia 14 de setembro, 20 horas, antes das convidadas e convidados entrarem na instalação, as/os participantes ouviam um áudio, que na abertura íntima no Útero de Vênus, foi previamente gravado por mim e executado em uma caixa de som posta na porta ainda fechada. A voz *in off* dizia:

Boa noite.

Aqui apresentamos um prólogo, que chamaremos de “Tutorial acerca das regras de compartilhamento da cabeça da Cassandra”. Entraremos na fissura que a machadinha grega fez na cabeça da profetisa troiana. Cassandra está morta, assim como suas irmãs, irmãos, pai, mãe, filhos, sobrinhos, seu lar, sua etnia e sua língua.

Quando vocês entrarem na cabeça da Cassandra, irão receber uma lanterna e a possibilidade de levar consigo uma cadeira. Ao entrarem na sala, o espaço estará amplamente iluminado. Seus corpos humanos estão livres para ir e vir no espaço da obra em todo o tempo de sua duração.

Reitero: Os corpos têm toda a liberdade para ir e vir, as cadeiras não.

Lembramos que o uso do telefone celular atrapalha muito, muito mesmo a experiência. Rompe o silêncio e a escuridão. Portanto, por gentileza, desliguem seus celulares.

*(Tempo)*

Outra ação que pedimos que evitem, é entrar e sair da sala durante a execução da obra. Esta é uma Instalação Sonora. Uma obra de imersão. Ouvir era o dom de Cassandra. Cassandra tinha a escuta dos deuses. Assim que vocês entrarem e escolherem um local para começarmos esta experiência, quando as movimentações de seus corpos cessarem, as luzes serão apagadas. No escuro, cada pessoa munida de uma lanterna, poderá iluminar o que quiser.

Agora um alerta importante: Luz em demasia por muito tempo é uma forma de tortura e, conhecendo esta informação, com sua lanterna consigo, estejam livres para usarem o poder de vocês como melhor entenderem.

Ao final, por gentileza, devolvam as lanternas.

Sejam todas, todes e todos bem-vindas, bem-vindes e bem-vindos à Cabeça de Cassandra.

Assim o fizeram, minhas amigas e amigos, naquela sexta-feira, véspera do meu aniversário de 38 anos. Entre os convidados estavam Verônica Fabrini, é claro; Lúcia Fabrini, que não via desde o “Poéticas da Vila”; Isabel Fabrini, irmã de Verônica, filha caçula de Lúcia, psicóloga e doutora em psicologia na USP; Luana Saturnino Tvardovskas, Professora Doutora do Departamento de História da Unicamp. Também estavam presentes a orientanda de Luana, a pesquisadora Vivian Carla Garcia Ferreira, estudiosa das mulheres confinadas; Anna Kuhl, a pesquisadora e figurinista, acompanhada de seu companheiro Antônio; a pesquisadora e performadora Lis Nasser; a performadora e dançarina Bárbara Fontana; a atriz Isabela Basso; o músico Alexandre Freire; Maria Emília Tortorella pesquisadora, atriz e artista circense; Luísa, minha filha e sua amiga-irmã, Maria Clara Rocha Silva, estas últimas, fiéis colaboradoras e participaram de todas as aberturas da Cabeça da Cassandra até aquele momento, estavam lá,

recebendo as pessoas, dando “*play*” no prólogo, entregando lanternas, indicando as cadeiras, apagando a luz, fotografando a abertura da Cabeça.

Após o Prólogo gravado, as/os participantes adentram ao espaço do Útero. Não havia distinção entre plateia e cena, mas as pessoas sempre sentam ao redor, nas periferias, e lá, em geral permanecem ou se movem muito pouco. Os corpos de gesso, não estavam mais suspensos, como na qualificação, formavam agora uma pilha concentrada ao fundo, do lado esquerdo de quem adentra à sala. Ao lado da pilha de corpos, está Pedro, à direita de quem entra, vestindo uma longa saia branca e uma camisa branca de cambraia. O músico está rodeado por seus instrumentos, pedais, amplificador, placa de som, computador, além de pequenos objetos que ele chama de “trecos” ou “excitadores” – pedras, vidrinhos, pedaços de metal em diferentes formatos, uma escova elétrica, uma baqueta de tambor e outros tantos –, Pedro produzia música em tempo real e disparava composições pré-gravadas.

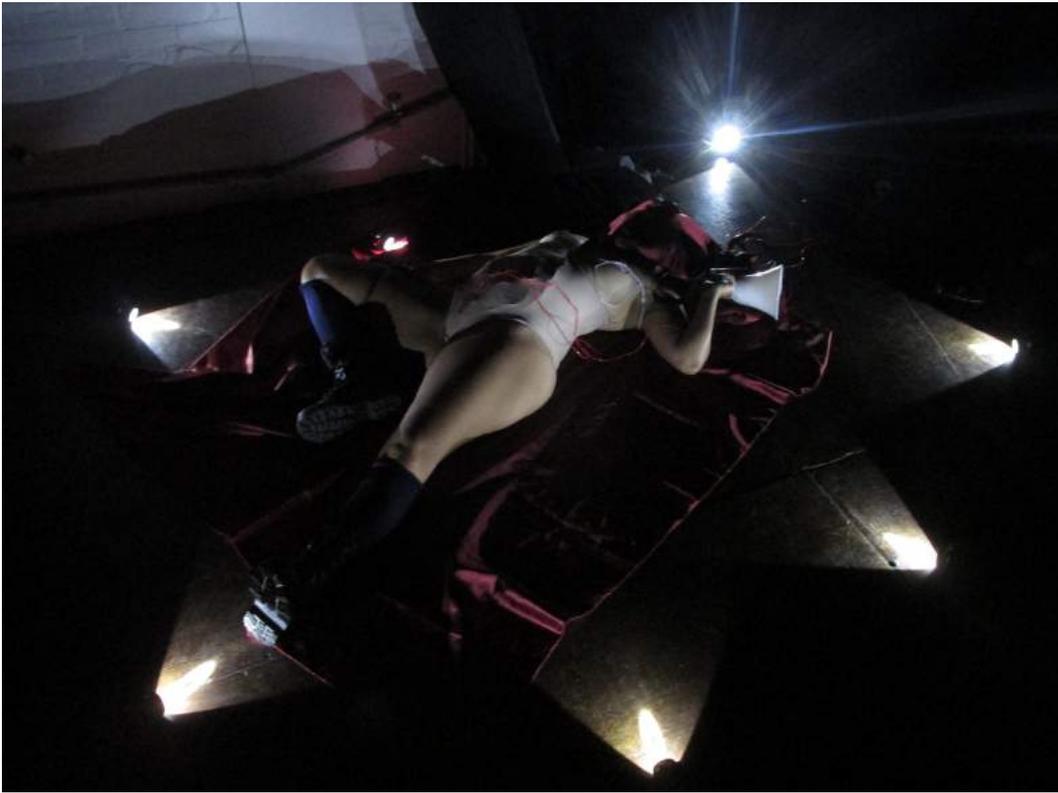


**Figura 55:** Pedro Sollero tocando. No Útero de Vênus. **Local/ano:** Campinas, 14 de setembro de 2018. **Autora:** Luísa Nunes Sollero.

Mais a frente, para quem entra na sala, à direita, estão uma mesinha auxiliar, com uma toalhinha bem caseira, sobre ela uma vela apagada colada a um cinzeiro de bronze velho, uma caixa de fósforos, um cigarro feito a mão apagado no cinzeiro, uma caneca com um pires sobre a boca. Ao lado da mesinha, uma cadeira simples de madeira, sobre ela, a calcinha de Cassandra, queimada, cortada, puída. Sobre o encosto um vestido branco de algodão.

A esquerda, bem na entrada, com uma roupa que simula nudez, os seios de fora, os mamilos cobertos cada um com um eletrodo, um corpo humano feminino nu estirado no chão. As pernas abertas, um dos coturnos calçado, o outro amarrado ao pescoço pelos cadarços. Da cabeça e da vagina, simulada no figurino, saem fios elétricos. Na ponta dos 4 fios que pendem da cabeça estão atadas latas de cerveja. A cabeça está coberta por seda vermelha. Como se no lugar da cabeça houvesse uma grande poça de sangue. O rosto não aparece, próximo da área em que estaria a boca, um megafone está ligado.

Ouve-se a respiração do corpo. O corpo traz nos dedos das mãos 7 grandes anéis. Quando as/os participantes parecerem ter tomado seus lugares, a luz geral é apagada. Estaremos, a partir de agora, iluminados exclusivamente pelos participantes que adentraram a Cabeça. No escuro, eu e Pedro damos início a respiração ruidosa de nossos instrumentos – o meu instrumento é a voz e o megafone, o dele a guitarra e os trecos – a medida que seus sons vão compondo o espaço em uma improvisação musical livre, fragmentos de palavras vão se constituindo como a voz do corpo cassândrico e lentamente o ruído vai conseguindo se organizar em palavras, ao mesmo tempo que também começa revelar a cabeça raspada a máquina zero, 5 eletrodos estão espalhados na cabeça como uma coroa eletrificada, ainda há mais um colado ao rosto. No epílogo da ação musical, o poema de Hilda Hilst, “A cantora gritante”, é enunciado, é cuspidado, ou vomitado, como se alguém enfiasse na boca da mulher um grande volume, capaz de arreganhar sua boca ao limite. Assim as palavras saem... Como se algo violentamente obstruísse a saída do som.



**Figura 56:** A Cabeça de Cassandra Megafone. Improvisação vocal que desemboca no poema “A cantora gritante” de Hilda Hilst. **Local/ano:** Campinas, 14 de setembro de 2018. **Autora:** Maria Clara Rocha Silva.

### A Cantora Gritante

Cantava tão bem  
 Subiam-lhe oitavas  
 Tantas tão claras  
 Na garganta alva  
 Que toda vizinhança  
 Passou a invejá-la.  
 (As mulheres, eu digo,  
 porque os maridos  
 às pampas excitados  
 de lhe ouvir os trinados,  
 a cada noite  
 em suas gordas consortes  
 enfiavam os bagos).  
 Curvadas, claudicantes  
 De xerecas inchadas  
 Maldizendo a sorte  
 Resolveram calar  
 A cantora gritante.  
 Certa noite... de muita escuridão  
 De lua negra e chuvas  
 Amarraram o jumento Fodão a um toco negro.  
 E pelos gorgomilos  
 Arrastaram também

A Garganta Alva  
 Pros baixios do bicho.  
 Petrificado  
 O jumento Fodão  
 Eternizou o nabo  
 Na garganta-tesão... aquela  
 Que cantava tão bem  
 Oitavas tão claras  
 Na garganta alva.  
 Moral da estória:  
 Se o teu canto é bonito,  
 Cuida que não seja um grito.

Hilda Hlist

(HILST. 99:21)

Ao final do poema, levanto, calço as botas, caminho “nua” arrastando as latas entre as pessoas em um passo muito lento. Eu, então, deveria caminhar até encontrar o lugar no qual eu tivesse vontade de parar. Quando encontrasse o lugar, eu deveria dizer o texto adaptado das primeiras páginas de “Cassandra”, de Christa Wolf. Em Christa a narrativa segue em primeira pessoa, na Cabeça, na terceira pessoa do singular, ela:

Foi aqui. Aqui esteve ela. Estes leões de pedra, hoje decapitados, a contemplaram. Esta fortaleza, um dia inexpugnável, agora um monte de ruínas, foi sua última visão. Um inimigo há muito esquecido e os séculos, sol, chuva e vento foram gastando-a. Permanece igual apenas o céu, um conglomerado de azul profundo, imenso e vasto. Aqui perto, as muralhas ciclópicas, que hoje, assim como antigamente, orientam o caminho: para o portão, sob o qual nenhum sangue brota. Para as trevas. Para o matadouro. E sozinha.

Ao dizer tais palavras, deveríamos eu e Pedro recolher mais uma vez um bocado de silêncio, para assim, tirar os eletrodos e os fios do corpo. Feito isso, eu caminho até a cadeira, pego a calcinha sobre a cadeira, mostro-a para todas as direções. Coloco a peça de roupa frágil sobre o encosto da cadeira, onde já se encontra o vestido de algodão branco de aspecto manicomial. A calcinha tem marcas de guimba de cigarro e rasgos. Eu me sento. Experimento poses na cadeira. Tais poses devem ser elegantes e recatadas, têm por objetivo manter a altivez da prisioneira e, ao mesmo tempo, cobrir os seios, a vulva, enquanto está sentada na cadeira de interrogatório. As poses vão se alternando, se transformando, se distorcendo, até ela se levantar de mão para cima, virar de costas, depois, de frente, descer ao chão, agachar e soprar o braço como nas revistas íntimas que as mulheres sofrem. Até que tudo para.



### *Vigésima quinta digressão:*

*Em seu livro, “A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”, a Professora Margareth Rago nos apresenta as trajetórias de sete mulheres, feministas, todas com idades próximas aos 60 anos a época da escrita do livro. Mulheres que eram jovens no memorável maio de 68, na primavera feminista do século XX. Também foram jovens no período da ditadura militar no Brasil. O livro serve de inspiração desde as formas usadas para organizar a narrativa, a escrita de si que estrutura a linguagem que eu almejo no tom desta tese; até a cena da cadeira na Cabeça da Cassandra, ou a cena do Sermão da Montanha. Acontece que três das personagens reais, apresentadas na obra de Rago, também são inspiração à Cabeça, são, de certa maneira, vozes que ecoavam. Eram elas as irmãs Amelinha e Criméia, militantes de esquerda, participantes da Guerrilha do Araguaia, que foram capturadas pelos militares tendo sido barbaramente torturadas. E a freira católica, filósofa, teóloga e feminista, Ivone Gebara.*

*Amelinha e Criméia oferecem relatos demasiado dolorosos. Tratavam-se de mulheres políticas, como Cassandra, que foram cruelmente caladas, interditadas, violadas de toda a sua humanidade. Ainda assim, procuravam estratégias para, como apresenta Rago, enfrentar situação tão degradante. Criméia descreve assim sua estratégia, e tal descrição, compõe a sequência da cadeira em “A Cabeça da Cassandra”. Conta Criméia Almeida:*

Então eu cruzava as minhas perninhas, cruzava meus bracinhos, o objetivo era tapar os peitos e a bunda, sentava e ficava como uma lady, assim, “sim, senhor, não...” de vez enquanto, eles até te arrancavam dali, tiram a cadeira, você tem que ficar de pé, daí encostar na parede, você tenta se cobrir porque é muito constrangedor, agora o objetivo deles é te constranger, e se o objetivo é esse eu vou ficar como uma lady, como se estivesse em um salão de festas não vou me derrubar por isso... (ALMEIDA apud RAGO. 2014:82)



**Figura 57:** Na cadeira de interrogatório. Útero de Vênus. **Local/ano:** Campinas, 14 de setembro de 2018. **Autora:** Luísa Nunes Sollero.

*Assim como as histórias de Amelinha e Criméia aparecem, quase que textualmente, no discurso do corpo na obra "A Cabeça da Cassandra", a inspiradora Ivone Gebara também contribui. Há uma sequência de ações construídas sobre os assassinatos, tanto de Marielle Franco, quanto da Irmã Dorothy Stang. Os sons de tiros escutados na sequência são os mesmos sons provocados pelos tiros que alvejaram Anderson e Marielle. Dorothy, segundo o depoimento de seu próprio assassino, morreu de joelhos realizando seu último pedido, ler uma última vez o Sermão da Montanha. Pensei seriamente em não entrar na seara religiosa. Foi a postura de Ivone, militando junto às mulheres mais pobres, proclamando com a fé em Jesus Cristo a igualdade entre homens e mulheres, sem desistir de disseminar o sonho da igualdade onde quer que a luz do sol toque. O discurso religioso é uma cultura tão forte, especialmente entre as mulheres periféricas, um lugar de contato com elas. Ivone não desistiu da igreja, afrontou a igreja para se manter nela e a partir dela, militar. Assim como fazia Dorothy, lutando pela floresta e seus povos originários. Ivone, desta forma, provoca e inspira esta obra, assim como a Professora Margareth Rago que tão brilhantemente as descreve, dando a elas a chance de contar suas versões da história.*



Então eu me levanto, coloco a calcinha, depois o vestido, verifico se os dois pés estão devidamente calçados. Tudo ocorre em silêncio, até que eu me encaminho até os corpos, manipulo-os e encontro a bíblia, sob eles. Ajoelhada, com o auxílio das pessoas que portam lanternas, eu leio o evangelho de Mateus em voz alta do modo como meu corpo quiser.

Bem-aventuradas as pobres em espírito, pois delas é o Reino dos Céus.  
 Bem-aventuradas as que choram, porque serão consoladas.  
 Bem-aventuradas as humildes, porque herdarão a terra.  
 Bem-aventuradas as que têm fome e sede de justiça, porque serão fartas.  
 Bem-aventuradas as misericordiosas, porque alcançarão misericórdia.  
 Bem-aventuradas as limpas de coração, porque verão a Deus.  
 Bem-aventuradas as pacificadoras, porque serão chamadas filhas de Deus.  
 Bem-aventurados as que sofrem perseguição por causa da justiça, porque delas é o Reino dos Céus.  
 Bem-aventurados sois vós quando vos insultarem, e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa.  
 Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram as profetas que viveram antes de vós.

Dito isto, ouve-se os tiros que mataram Marielle Franco e Anderson Gomes. Meu corpo recebe o som dos tiros e cai. A posição do cadáver é a mesma daquela noticiada, do corpo de Irmã Dorothy sem vida no chão, na estrada enlameada em Anapu, estado do Pará. Após os tiros, principiam a ocupar o espaço, vindos das quatro caixas ao redor, os sons das ruas de Campinas, das latas arrastando. O corpo fica no chão por alguns minutos, em meio a balbúrdia da cidade... A inação precisa incomodar um pouco. Nada parece acontecer e o corpo morto ainda está ali em meio a cidade. Até que os sons da cidade fazem um *crossfade* para a entrada da fala de Marielle Franco em audiência pública da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, sua última fala como vereadora.

Ao fim da fala, me levanto em uma clara quebra, olho para onde meu corpo estava caído, olha para as/os participantes e digo o texto:

Com esta narrativa, Cassandra caminha para a morte. Aqui chega ao fim, impotente. E nada, nada que fizesse ou deixasse de fazer, que quisesse ou pensasse, teria a conduzido a outro destino. Não foi a voz de Cassandra que ficou afetada, como todos pensam, ela nada sofreu. Foi o tom. O tom da profecia é que se foi. Agora ela é a louca. E que valor tem o que a louca diz? Por que ela quis tanto o dom da profecia? Para falar com sua própria voz: o bem supremo. Porque o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, o discurso é aquilo por que se luta, o discurso é o poder do qual nos queremos apoderar. E foi exatamente isso que Apolo tirou de Cassandra, a persuasão, o discurso, o tom. E para ele foi fácil. Um gesto simples: ele cuspiu a boca de Cassandra. Uma cusparada na boca da mulher e uma raça inteira é extinta. Nunca mais se ouviu o som daquela língua... Nunca mais se ouviu o som... Nunca mais se ouviu... Nunca mais...

Então eu me dirijo à cadeira, acendo a vela, tiro as botas, as meias. Uso a vela para acender o cigarro. Tomo o chá. Escuto. É uma referência à minha própria rotina diária na Bahia, no fim de cada dia, depois do dia inteiro de trabalho, das aulas a noite, da volta pela longa estrada, tirar os sapatos, os anéis, fumar um cigarro sozinha na varanda, tomando uma xícara de chá, enquanto revisita na memória o próprio dia, examinando a consciência. Mostrava um pedacinho da minha vida e trazia como imagem dos sons da instalação sonora, de aproximadamente 8 minutos, o meu ritual de cuidado. Ao final da música de Pedro, apago a vela, me levanto, acendo a luz e finalizo dizendo o Cordel de Cassandra que compus em 2017.



**Figura 58:** O cigarro. Útero de Vênus. **Local/ano:** Campinas, 14 de setembro de 2018.  
**Autora:** Luísa Nunes Sollero.

Desta maneira terminamos a abertura do processo no Teatro do Útero de Vênus naquela noite. Grácia havia participado, de uma abertura exclusiva no dia anterior. Ao final, as amigas e amigos comentaram. Muitos participavam pela segunda vez e eu tenho a sorte de poder falar a partir de uma perspectiva processual. Elas contaram o que acharam da manipulação das lanternas, da dramaturgia, das sonoridades, da música, dos aspectos visuais da obra.

Verônica fala de quando os corpos estavam suspensos, na abertura anterior. De como aquilo, além de destacar mais o esquitejamento do corpo feminino, indicava um momento imediatamente anterior a queda. Poderíamos manter esta qualidade... Uma espécie de foto, de imagem estática do momento exato da explosão... Quando parte dos corpos ainda flutuava, suspensos, enquanto outros já se precipitavam ao chão. Verônica fala das Fúrias, outra imagem mitológica que conjuram forças da feminilidade. O feminino pode ser furioso.

Lúcia fala da imagem do esquitejamento feminino no nível da linguagem, e o constante jogo entre articulação e desarticulação dos corpos-linguagem. Luana pede para que eu me divirta, escarneça mais, “chegue ao osso” ao dizer o cordel de Cassandra. Vivian, entre outras

contribuições, indica um livro muito caro a esta pesquisa, “Ovelhas na névoa: um estudo sobre as mulheres e a loucura” de Carla Garcia. Alexandre e Anna lembram de Luzia, finalmente extinta pela ação predatória dos homens. A cabeça da mulher, vestígio mais remoto de um ser humano americano, era uma mulher, brasileira que morrera golpeada na cabeça. Lis me questiona, se não é possível que compartilhem com nossa obra, pelo menos um grão frágil de “esperança ou algo parecido”...



*Vigésima sexta digressão:*

Agência El País Brasil

20 de outubro de 2018

**Como Luzia, a mulher mais antiga do Brasil, renasceu das cinzas**  
**Fóssil mais antigo das Américas foi resgatado dos escombros do Museu Nacional.**  
 Arqueóloga explica que 80% dos fragmentos já foram identificados, enquanto o restante está passando por limpeza e estabilização

FelipeBetim

Nem mesmo um trágico incêndio foi capaz de destruir a mulher mais antiga do Brasil e das Américas, que já atravessou mais de 12.000 anos da História. O crânio de Luzia, o fóssil mais antigo já encontrado no continente americano, sobreviveu ao fogo que destruiu o Museu Nacional no dia 2 de setembro e foi resgatada há alguns dias pela equipe de especialistas da instituição.<sup>61</sup>




---

<sup>61</sup> BETIM, Felipe. Como Luzia, a mulher mais antiga do Brasil, renasceu das cinzas Fóssil mais antigo das Américas foi resgatado dos escombros do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/19/politica/1539971293\\_821373.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/19/politica/1539971293_821373.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

A volta para Bahia seria de novas reelaborações. Era esta a função das aberturas: permitir com que a obra se deixasse atravessar para se rearticular constantemente, como organismo vivo que era. Não temos, eu e Pedro, a pretensão de cristalizar uma forma em nossa obra “A Cabeça de Cassandra”. Não se trata de repetir um discurso. Assumimos o caráter aberto e vamos seguir com ele. As participantes são fundamentais na formulação destes caminhos abertos. As aberturas são nossas encruzilhadas, nosso oráculo. Temos a medida do que dizemos quando somos escutadas.

Pedro desembarca em Porto Seguro no dia de seu aniversário, 29 de outubro, dia seguinte ao segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Triste me conta que no embarque em São Paulo, cruzou com um rapaz jovem, branco, vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol, que ostentava, orgulhoso, no “meio da cara”, a mimese do bigode de Hitler. Não havia pudores. O nazifascismo era última moda na primavera 2018.

Estávamos, a maioria na universidade, fortemente abalados. Estudantes e Professores caminhavam soturnos nos corredores da UFSB. Contudo, ainda era preciso lutar, respirar, continuar, ainda haveríamos de abrir “A Cabeça de Cassandra”, no dia 31 de outubro, dia das bruxas, e no dia seguinte, no Auditório Monte Pascoal 3 do Campus Sosígenes Costa. Em parceria com o Professor Bernard Belisário, como projeto de seu componente de “Captação e edição de vídeo”, dois estudantes filmaram as aberturas Heictor Miranda Cruz e Pedro Andrade. Breno Terra, meu amigo, fotografou. Clarissa Santos, parceira de todas as horas, cuidou da distribuição das senhas. Dodi Leal, amiga nova, primeira professora transgênero da UFSB, lê o Prólogo, ao vivo, em um púlpito colocado à frente da porta ainda fechada, no dia 31 de outubro de 2018.

No prólogo lido pela Professora Dodi, há a óbvia informação, própria daqueles dias<sup>62</sup> de ostensiva vigia e severas punições, de que não seriam permitidas filmagens, fotos ou gravações de áudio dentro da Cabeça, para preservar a liberdade da obra e proteger a integridade dos performers. Agora, só as participantes mulheres poderiam receber as lanternas. Se sobrassem, os homens, só então receberiam. O essencial é que nenhuma mulher ficasse sem uma lanterna, a

---

<sup>62</sup> FABIO, André Cabette. O que diz a lei sobre filmar professor em sala de aula. Nexo Jornal, Brasil, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/30/O-que-diz-a-lei-sobre-filmar-professor-em-sala-de-aula> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

menos que tivéssemos mais de 35 mulheres, compreendendo mais da metade dos 70 lugares da lotação máxima do auditório.

Dodi é pesquisadora da iluminação cênica e seus signos. Convidada a contribuir com a Revista Urdimento com algum artigo sobre iluminação cênica, na ocasião da edição do Dossiê Abrece, Dodi, nos presenteia com este texto, tão revelador de aspectos que não havíamos nem nos dado conta. Foi Dodi quem nos atenta ao fato de que são as mulheres as responsáveis na obra por dar visibilidade aos corpos e discursos interditados. Ela dirá:

As mulheres não ouvidas, as quais é preciso que as estruturas sociais aprendam a ouvir, tratam-se das mesmas mulheres não vistas, às quais é preciso que as estruturas sociais aprendam a ver. A pedagogia da luz como um ato de decisão passaria, então, a ser determinante para a atuação de cada espectador/a no sentido de aprender a ver a mulher.

Em casos nos quais o público atua inscrevendo a luz da cena, é fundamental também a presença de profissionais da iluminação cênica sobretudo no que se refere ao caráter pedagógico junto à recepção. Neste sentido, fica evidente que a busca do/a iluminador/a é muito mais do que a exploração e a sucessão de efeitos estéticos: trata-se de motivar percursos experienciais do público com a luz executada em cena. (LEAL. 2019:260)



**Figura 59:** Os archotes da profetisa. Aline Nunes e as portadoras de lanternas durante a apresentação na UFSB. **Local/ano:** Porto Seguro, 01 de novembro de 2018. **Autor:** Heictor Miranda Cruz.

É neste espírito enorme de cooperação entre estudantes, professoras, professores, amigas, amigos que abrimos a Cabeça no Auditório Monte Pascoal 3, da UFSB, Campus Sosígenes

Costa. As aberturas ocorreram em dois dias seguidos, dias 31 de outubro, às 15 horas, 01 de novembro, às 20 horas, com público aproximado de pouco mais de 50 pessoas em cada abertura. Para mim e Pedro, foi um recobrar das forças, do sentido da luta, do mito, do sentido da vida. Ao final, sempre falamos um pouco do processo e ouvimos as pessoas. Nesses momentos a obra, como uma rede de pesca, volta cheia de presentes bons do mar.

Em resposta a Lis, acerca de algum tipo de “esperança”, resolvi pensar em como eu resisto. Achei melhor do que só esperar que alguma coisa boa venha a ocorrer. Quais eram minhas *paraskheús*? Quais eram as práticas responsáveis por me fazer re-acessar o caminho do meu cuidado, da minha atenção sobre mim mesma. Quais eram as práticas que me mantinham na resistência? O que poderia fazer para sobreviver e criar ainda que as inevitáveis tormentas causadas pelas contingências não cessassem? Lembrei do Samba de Roda do Recôncavo. Lembrei de Grácia Navarro. Lembrei do amor da minha filha pelo carnaval. Lembrei do dínamo de que falava Graziela Rodrigues. Do corpo vibrátil de Fabião. Lembrei da sensação de ser atravessada pelo axé.

Eu costumava dançar em casa, todo dia, sozinha... Danço pra suar. Danço como dançam as “vagabundas”... Parece que um peso se solta da minha coluna lombar, do meu quadril... Parece que as toxinas expurgam... E foi assim, dançando como dançam as “vadias”, que eu dancei, de fone de ouvido, com uma música que só eu ouvia na frente de todo mundo. As/os participantes poderiam visualizar minha análise corporal da música, apesar de não poderem escutar de fato a música. No primeiro dia, 31 de outubro, ouvi “Banho”, do álbum “Deus é Mulher”, de Elsa Soares. No dia seguinte, 1 de novembro, foi minha amiga Clarissa quem escolheu a canção que eu iria ouvir. Eu não sabia qual seria quando começasse a tocar e, seja lá qual tivesse sido a música escolhida, eu teria de dançar. Quando o funk começou a alardear com Glória Groove e Lin da Quebrada, eu não conhecia, mas sabia que ficaria com um pouquinho de vergonha... E foi certo, as meninas me ruborizaram com a hilariante “Necomancia”<sup>63</sup> do álbum “Pajubá”... Mesmo assim eu dancei.

Outra diferença do primeiro para o segundo dia também tem ligação com a tal “esperança”. Acho que as pessoas, em geral, têm muita dificuldade com a forma da tragédia em nosso tempo, porque acredito que elas tenham muita dificuldade de suportar dor, dado que

---

<sup>63</sup> QUEBRADA, Lin da. Vídeo do You Tube. Linn da Quebrada - Necomancia ft. Gloria Groove (Áudio-Vídeo Oficial). São Paulo, 5 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VD9jLPLlpR4> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

cruzam diariamente com ela a cada esquina, para sobreviverem, dessensibilizam-se compulsivamente. É quase como o cérebro que apaga o nosso nariz do nosso campo de visão. Para ver o nariz é necessária atenção focada. A tragédia é uma espécie de atenção focada nas nossas dores coletivas, porque, às vezes, temos que olhar para o nosso nariz, tomar conta dele.

Ao mesmo tempo que vivemos há passos da extinção, temos pavor de sentirmos dor. Acredito que seja por isso que a indústria farmacêutica cresce em mesma escala que as doenças psiquiátricas. Sou das que acreditam que, ao tentarmos amortizar nossas dores, acabamos medicando nossa sensibilidade, anestesiando nossa vontade, evitando olhar para as feridas. Assim, sem luto, sem chorar nossa desgraça coletiva, não poderíamos, de fato, superá-las. Tanto é que não as superamos. Pedir a intervenção militar em tempos de democracia é sinal desta deliberada interdição do luto. Não poderíamos resolver determinadas questões simplesmente esquecendo-as, o renascimento contemporâneo de formas de vida fascistas, nos alerta a este respeito. A tragédia é uma forma de elaboração coletiva das feridas culturais e sociais imanentes, ressignificadas em histórias, narrativas. Olhamos para o mito e para a forma da tragédia, de modo a pensar formas coletivas de resistência na contemporaneidade.

Foi então que chamei para a Cabeça a imagem da cabeça da Luzia, que depois de morta a mais de uma dezena de milênios, renasce como signo de resistência a todos os sistemas de contingências. Uma força mítica. Uma mulher, brasileira, que morreu golpeada na cabeça, resiste. Projetamos a imagem do fóssil de Luzia, bem grande, em uma das paredes da sala. A sombra da minha cabeça redonda se sobrepunha a dela e dançamos juntas.

Ainda quero pensar nas Fúrias como aconselhou Verônica, especialmente depois de descobrir que Hécuba, mãe de Cassandra era profetisa de Hécate, deusa das terras selvagens, dos partos, das encruzilhadas e entradas. Uma deusa cercada de cadelas, como a velha Eremita Obscena, Sra. Hilda Hilst, primeira palavra pronunciada nesta Cabeça. Hécuba, fui saber, em uma das versões do mito, ao morrer é transformada por Hécate em uma de suas cadelas. É mesmo cheio de potência o mito mesmo, se espalha como mato, se infiltra nas ranhuras da investigação. Quanto à “Cabeça”, segue sendo feita!

*Um nascimento prematuro:  
o efeito das eleições 2018  
sobre meu corpo e minha  
produção*



**Figura 60:** Abraço de Ângela. Ação de “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”, com Ângela Ferreira de Oliveira. **Local/ano:** Vila Valdete, Porto Seguro, 20 de outubro de 2018. **Autor:** Augustin de Tugny.



**Figura 61:** Le Monde Diplomatique Brasil. Edição 128 - Tribunais de exceção. **Local/ano:** Brasil, março de 2018. **Autor:** Le Monde Brasil. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/wp-content/uploads/2018/03/capa128.jpg> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

Começo este importante relato pela capa da edição 128 do jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, publicada em março de 2018, com a manchete: “Tribunais de exceção”. Demonstro, pois, que a associação do momento histórico ao mito da guerra de Tróia era corrente, fato plenamente constatável pelo grande pato de madeira que na capa do jornal paródia o famoso cavalo. Este foi um ano de muitas dores, como em 2017. Dores físicas, mas, sobretudo, dores psicológicas. A resultante da experiência do mundo em mim era de muito medo do futuro à medida que as eleições se aproximavam. Mas não era só a minha subjetividade que esteve imersa na apreensiva expectativa acerca dos rumos da vida, do país, do planeta. Este era, em geral, o ambiente da época. As coisas tomaram uma proporção tal, que havia momentos em que eu sentia que o mito, desgraçadamente, se repetia. Quantas não foram as Cassandra que gritaram ao mundo, pedindo atenção ao que ocorria conosco e nossa democracia anoréxica e triste?

A violência política crescente a partir dos desdobramentos de “Junho de 2013”,<sup>64</sup> veio a tornar-se um monstro enorme em 2014. O tal monstro, despertado, tendo visto o armário onde viveu desde 1985, ano da redemocratização, aberto, saiu, reproduziu-se por bipartição e abriu outros armários. Acreditávamos, até então, que o monstro e seu secto haviam chegado ao seu triunfo no golpe misógino de 2016. Parecia que nada poderia ser pior que o período do *impeachment*. Contudo, as eleições 2018 vieram provar que a trama ainda teria desdobramentos no mínimo bizarros. Tratava-se de um arremedo de tragédia antiga remontada por um cortejo de cyberzumbis. Peter Pál Pelbart, a partir de Slavoj Žižek, irá conceituar este sujeito morno e anestesiado da contemporaneidade como um “sobrevivencialista”. Acredito que é possível, no relato a seguir, traçar um importante perfil do cidadão médio brasileiro em 2018.

"Quem está realmente vivo hoje? [ . . . ] E se somente estivermos realmente vivos se nos comprometermos com uma intensidade excessiva que nos coloca além da 'vida nua'? E se, ao nos concentrarmos na simples sobrevivência, mesmo quando é qualificada como 'uma boa vida', o que realmente perdemos na vida for a própria vida? [ ... ] E se o terrorista suicida palestino a ponto de explodir a si mesmo e aos outros estiver, num sentido enfático, 'mais vivo' [ ... ]?" (Žižek.2003:108) Não vale mais um histérico verdadeiramente vivo no questionamento permanente da própria existência que um obsessivo que evita acima de tudo que algo aconteça, que escolhe a morte em vida? É a crítica cáustica ao que o filósofo esloveno chama de postura sobrevivencialista pós-metafísica dos Últimos Homens, e o espetáculo anêmico da vida se arrastando como uma sombra de si mesma, nesse contexto biopolítico em que se almeja uma

---

<sup>64</sup>BEDINELL, Talita. “O que aconteceu em junho de 2013 no Brasil ainda não acabou”. São Paulo, 12 de junho de 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/13/politica/1434152520\\_547352.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/13/politica/1434152520_547352.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

existência asséptica, indolor, prolongada ao máximo, na qual até os prazeres são controlados e artificializados: café sem cafeína, cerveja sem álcool, sexo sem sexo, guerra sem baixas, política sem política — a realidade virtualizada. Seja como for, poderíamos dizer que na pós-política espetacularizada, e com o respectivo sequestro da vitalidade social, estamos todos reduzidos ao sobrevivencialismo biológico, à mercê da gestão biopolítica, cultuando à formas de vida de baixa intensidade, submetidos a morna hipnose, mesmo quando a anestesia sensorial é travestida de hiperexcitação. É a existência de ciberzumbis, pastando mansamente entre serviços e mercadorias. Como dizia Gilles Châtelet, Viver e pensar como porcos. Poderíamos chamar vida de besta tal rebaixamento global da existência, essa depreciação da vida, sua redução à vida nua, sobrevida, estágio último do niilismo contemporâneo. (PAL PELBART. 2013: 28)

Nos encontrávamos todos, indiscriminadamente e independente do lado que escolhíamos, imersos nesta atmosfera niilista durante o ano de 2018. Um ano de atentados aos direitos humanos e de uma crescente desumanização do cidadão comum. A desumanidade era publicizada na internet, que se transmuta em uma força capaz de gerar falsas verdades através de uma estranha e crescente cyber-zumbificação. Em 2018 a internet é totalmente cooptada, sequestrada, aos interesses escusos de um grupo político que mimetiza muito bem a careta feia do fascismo.

Até a concretização do resultado das eleições em 28 de outubro, minhas produções sofreram fortes influências e a continuidade dos programas foi abruptamente alterada. Durante o processo eleitoral, que teve uma forte atuação da militância feminista<sup>65</sup>, o significado daquilo que eu representava em minhas performances ia se tornando mais evidente. O plano da história corrente oferecia uma maior visibilidade e legibilidade do eminente caráter político de minhas produções. Isso me colocava em risco. Só de andar vestida de vermelho já incorria em risco.

Uma noite estava andando sozinha no centro de Porto, procurava cocada para mandar ao meu irmão em São Paulo. Estava careca, vestia preto, tinha um adesivo vermelho no peito. Três homens, então, param em minha frente de modo a fechar com seus corpos a minha passagem pela calçada. Eram corpulentos, altos... Eu tenho 1,55 metros de altura. Com uma calma que não sei de onde veio eu olhei cada um nos olhos e disse: O passeio é público. Conteí internamente: 1, 2, 3... Pensei: “e agora?”, eles permaneciam imóveis e sisudos. Foi aí que eu sorri e disse: “Por gentileza?”... E para minha sorte, abriu. Passei por eles, comprei a cocada, tirei o adesivo para

---

<sup>65</sup>SCHREIBER, Mariana. Eleições 2018: Como o voto feminino, que pode ser decisivo, virou campo de batalha nesta eleição. Brasília, 29 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45690313>. Acesso em: 29 de janeiro de 2019.

voltar sozinha ao carro. Chorei na estrada de volta para casa. Eu passei... Outras tantas e outros tantos não puderam passar<sup>66</sup>.

Eu tinha pesadelos vívidos. Em um deles, um homem ia até mim, enquanto raspava a cabeça em praça pública, pegava meu espelho, quebrava e cortava meu pescoço. Minhas alunas, em sua maioria mulheres jovens, negras e indígenas, relatavam, assim como estudantes LGBTQI, suas experiências diárias de violência. Estudantes aldeados, indígenas, narravam, com medo, o cerco que o ambiente despertava. O tráfico de drogas já mandava avisar os líderes indígenas locais: tá tudo dominado.

Até o fim do segundo turno, a consecutividade semanal das ações já estavam interrompidas, deformando meu projeto de pesquisa aprovado pela universidade. Estavam previstas 40 semanas de repetições ininterruptas, como uma gestação. Eu estaria, semana após semana, exercitando nas ruas uma das ações. Quiseram as contingências que a criança nascesse muito antes. Apesar de tudo, forte que é, resistiu. Mas, infelizmente, há de ter perdido muitas descobertas que poderiam enriquecer, certamente, muito mais esta pesquisa, bem mais do que aquele infernal ambiente político.

Antes ainda da interrupção forçada, alguns fatos foram causando importantes alterações nos programas. “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública” é convidado a participar do “Ato Mulheres Contra o Racismo e pela Democracia”, dia 20 de outubro, às 11 horas da manhã, na Vila Valdete, periferia de Porto Seguro BA. Minha intenção *não* era, como antes, fazer daquele ato uma cena. Portanto, não convidei ninguém a assistir. Sem anúncio prévio no sistema de som do evento, sentei-me no chão e comecei a raspar a cabeça enquanto as militâncias discursavam. Um menino pequeno da comunidade, devia ter lá seus 6 anos, enquanto começava a ação, dispondo os instrumentos da tosquia, se aproxima para perguntar o que eu iria fazer. Respondi a ele, baixinho como o tom que ele usou comigo, que eu iria raspar o cabelo. Ao que ele perguntou: “Mas por quê?”. E eu respondi: “Porque eu sou adulta. Porque o cabelo é meu. Porque eu quero.” E ele estranhando pergunta ainda: “Mas pode?”. Eu respondi que sim e ele, satisfeito, tomou distância e voltou a jogar futebol. Eis a alteração do programa original: naquele dia eu iria dizer meus motivos caso fosse perguntada. Escreveria em um papel grande e mostraria. Depois rasgaria o papel e jogaria fora. Contudo, só faria isto se fosse indagada acerca

---

<sup>66</sup>COSTA, Camila; SOUZA, Felipe; ADAMO, Paula. Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país. BBC Brasil, São Paulo, 12 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

de meus motivos. Eu fui, o menino me indagou. Pensando bem agora, o programa dizia em seu enunciado: “Conversar somente se for convidada”, não dizia “em momento algum responda o que te levou a fazer tal ação. Era um bom programa, com um bom enunciado. Como alertava Fabião: “Enunciados rocambolescos turvam e restringem, enquanto enunciados claros e sucintos garantem precisão e flexibilidade.” (FABIÃO. 2013:4)



**Figura 62:** Mulher de vestido vermelho na Vila Valdete 1. Ato “Mulheres contra o racismo e pela democracia” **Local/ano:** Porto Seguro, 20 de outubro. **Autora:** Erlane Rosa



**Figura 63:** Mulher de vestido vermelho na Vila Valdete 2. Ato “Mulheres contra o racismo e pela democracia” **Local/ano:** Porto Seguro, 20 de outubro. **Autora:** Erlane Rosa



**Figura 64:** Mulher de vestido vermelho na Vila Valdete 3. Ato “Mulheres contra o racismo e pela democracia”  
**Local/ano:** Porto Seguro, 20 de outubro. **Autora:** Erlane Rosa

Em “Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta” também houveram alterações motivadas pelo clima político. Como em “Mulher de vestido vermelho...”, aqui houve uma alteração, contudo, esta subvertia a precisão do enunciado. A execução ocorreu entre as 17 e às 18:30 no Campus Sosígenes Costa da UFSB. Assimilei àquela execução, um outro verbo que em princípio fazia parte da performance. Para simplificar o enunciado, suprimi o tal verbo, contudo, naquele contexto, achei por bem retomar: na UFSB, no dia 25 de outubro de 2018, a poucos dias do segundo turno das eleições, Cassandra *falou*. Antes de cantar com minha própria voz, reproduzi no megafone áudios baixados da internet com falas públicas e cassândricas. O teor era o mesmo em todas as falas. Elas repetiam em diferentes timbres e sotaques, a partir de diferentes lugares de fala, que estávamos caminhando todos rumo à barbárie.



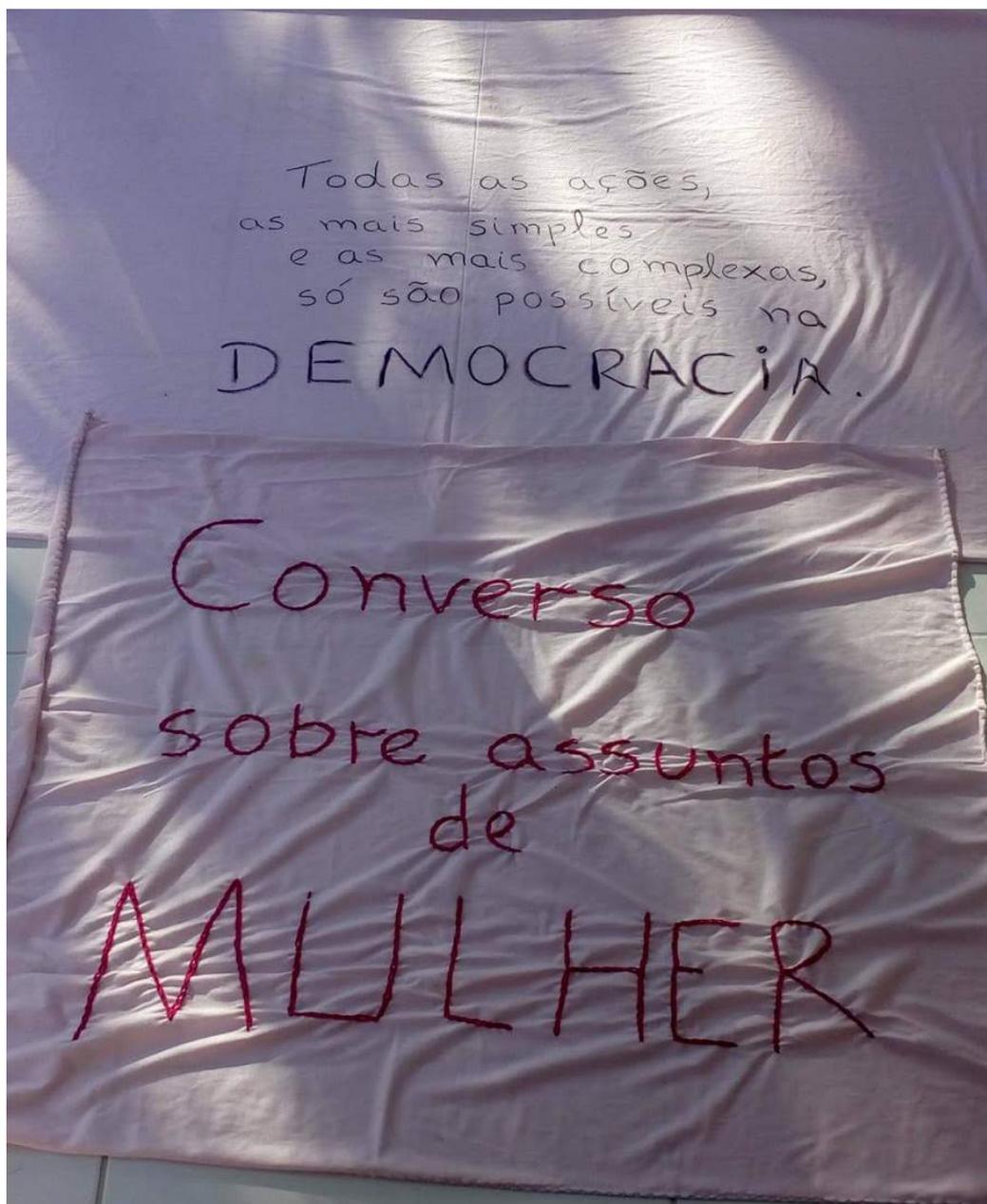
**Figura 65:** Cassandra anda no Campus da UFSB 1. Execução do programa performativo no CSC/UFSB, 2 dias antes das eleições. **Local/ano:** Porto Seguro, 26 de outubro de 2018. **Autora:** Clarissa Santos Silva.



**Figura 66:** Cassandra anda no Campus da UFSB 2. Execução do programa performativo no CSC/UFSB, 2 dias antes das eleições. **Local/ano:** Porto Seguro, 26 de outubro de 2018. **Autora:** Clarissa Santos Silva

Na mídia as campanhas levantavam sujeiras que tornavam o ar irrespirável. Em 12 de outubro, feriado de Nossa Senhora Aparecida, dia das crianças, Porto Seguro está lotada, e eu vou com “Converso sobre assuntos de mulher” para praia mais frequentada da cidade. Minha primeira execução na areia foi em frente a barraca *Axé Moi*, na praia de Taperapuã, em Porto Seguro. Não havia passado uma semana do primeiro turno das eleições. Até o dia da ação na praia, já havia sido assassinado com 12 golpes de peixeira, Mestre Moa do Katendê. Um homem desarmado com 63 anos. Mestre Moa discutiu, na verdade, interveio em uma celeuma de bar, motivada pelo resultado do primeiro turno, poucas horas depois da divulgação dos números vindos das urnas. Para nossa dor coletiva, mestre Moa não seria o único. Foram registradas outras muitas queixas de lesão corporal grave, além de outros assassinatos cometidos exclusivamente contra eleitores de esquerda. Era uma caça. O “*gestus*” que marca a eleição é o dedo que imita uma arma empunhada. Era para gente como eu que a tal arma estava apontada. Eu tinha medo de performar.

Chamei as amigas, amigos. Éramos, então, muitos! Formamos uma grande roda de conversa na areia, nela havia estudantes, colegas, apenas uma moça não conhecida parou naquele dia. Mas a atenção que as pessoas ao redor da placa chamavam, reconfigurou a ação, estetizou o cotidiano, como é próprio da performance: ressignificar, problematizar, o já conhecido. Havia uma alteração no programa daquela execução, anunciado nos convites publicados nas redes sociais sob o título: “Converso sobre assuntos de mulher. Especial pela democracia.” A alteração, novamente, foi o acréscimo de mais uma informação à placa rotineira bordada com o título do programa. Em 12 de outubro de 2018, o programa recebe uma espécie epígrafe: “Todas as ações, as mais simples e as mais complexas, só são possíveis na democracia”. Ao fim de tudo houve muito mais gente a sorrir que a fazer careta. Fiquei até confiante na possibilidade de no segundo turno as coisas poderem guinar para outras direções. A esperança não nos salvou... Nada nos salvou.



**Figura 67:** Converso sobre assuntos de mulher especial pela democracia. **Local/ano:** Porto Seguro, 12 de outubro de 2018. **Autora:** Aline Nunes.

Em novembro seguinte, fim daquele intenso e contraditório ano, após as aberturas da “Cabeça” na UFSB, do fechamento das avaliações de meus estudantes, eu torno a ser internada, agora na Bahia, com outra pielonefrite, ou seja, mais uma vez estava com o rim infeccionado.

Contudo, agora, eu cultivava em mim cerca de 25 cálculos renais, muito pequenos, os quais, ao longo da dolorosa internação eu pude expelir via urina.



*Vigésima sétima digressão:*

*Em um artigo intitulado “Análise crítica das diretrizes de pesquisa em medicina chinesa” leio:*

A próxima classe de fatores patogênicos, os internos, refere-se primariamente às emoções. A medicina chinesa apresenta um modelo de funcionamento do conjunto mente emoções, denominado Xin, o coração-mente, em que determinado tipo de emoções seria gerado pela atividade da força vital nos órgãos do corpo humano, podendo ser enfermidades em caso de atividade excessiva ou da incapacidade organizativa do sistema coração-mente perante seu surgimento. As emoções consideradas eram sete: medo, pânico, raiva, preocupação, alegria (excitação excessiva), tristeza e melancolia. Cada uma delas seria gerada em um órgão e estaria associada a uma das cinco fases, Wu Xíng. Convém salientar que as emoções seriam capazes de gerar problemas fisiológicos, e o modelo explica a forma como isso ocorreria.

(...)

Pensava-se haver 12 órgãos e vísceras principais no corpo humano, cada um cumprindo funções em três níveis: fisiológico (material), vital e mental-emocional. Algumas funções fisiológicas são coerentes com a racionalidade biomédica. Nesse sentido, por exemplo, aos rins caberia a função de ‘governar as águas’, o que inclui a formação e excreção da urina. Outras, porém, são funções estranhas à biomedicina, como ‘produzir a medula óssea’ e ‘controlar os ossos’. No nível vital, os rins seriam responsáveis, entre outras tarefas, por controlar o sentido da audição. Em caso de debilidade na força vital dos rins, poderia ocorrer como sintoma um ‘zumbido no ouvido’. No nível mental-emocional, os rins gerariam e harmonizariam o medo e a força de vontade. (SOUZA; MADEL. ANO:159-160)



Ao final de 2018, já contávamos com um preso político, uma mulher-política assassinada, uma exilada política. Para minha sorte, eu havia cultivado boas amigas e amigos.

Não tenho palavras para agradecer o amor e a dedicação de minha querida amiga Clarissa Santos, com quem estabeleci uma amizade inspirada naquela epicurista, de que Foucault me contava. Meus rins cristalizaram, literalmente, meus medos... E eles eram muitos... A única coisa que eu poderia fazer era mais uma vez, lembrar qual deveria ser o foco da minha atenção e cuidados para tornar a dar voltas ao meu redor. Era para mim que eu deveria voltar a dirigir minha atenção. Só assim eu teria chances de resistir a tudo o que inevitavelmente ainda haveria de vir.



*Vigésima sétima digressão:*

Agência El País Brasil

16 de dezembro de 2018

DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO

**Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte**

Professora da Universidade de Brasília (UnB) Debora Diniz teve que deixar o país. Advogados criam rede em defesa dela e estudam oferecer apoio jurídico gratuito a outros ameaçados

Já faz quase 15 anos que o trabalho de Debora Diniz reverbera além dos debates acadêmicos sobre os direitos das mulheres. Em 2004, a professora e antropóloga da Universidade de Brasília (UnB) ajudou a encampar uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) para permitir o aborto em gestações de fetos anencéfalos. Em todo esse tempo, apesar das controvérsias levantadas pela causa, nunca tinha passado por um processo tão doloroso quanto o que se iniciou em maio deste ano, quando ela se tornou idealizadora de uma nova empreitada no STF, desta vez pela descriminalização do aborto até a 12ª semana de gravidez. Não bastasse o linchamento virtual nas redes sociais, ela recebeu ao longo dos últimos meses dezenas de ameaças de morte e, incluída no Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos do Governo federal, foi aconselhada a deixar o país. “Sou vítima de ataques que colocam em risco o sentido de democracia no Brasil.”<sup>67</sup>




---

<sup>67</sup>PIRES, Breiller. Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte. El País Brasil. São Paulo, 16 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470\\_991854.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470_991854.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

## *Notas sobre o futuro: 2019 e o processo de escrita da tese*

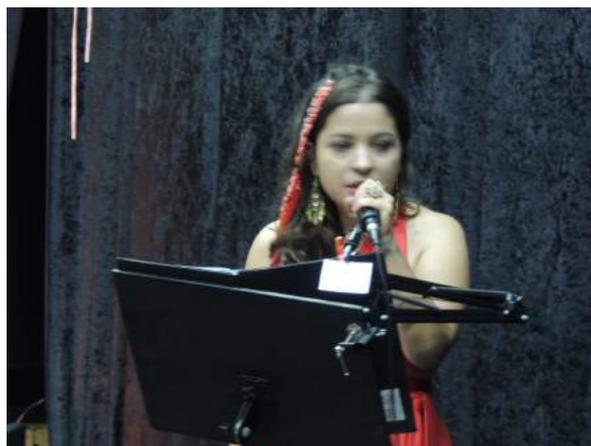
Em 2019, finalmente, depois de diversas tentativas frustradas de escrita da tese, abandono tudo e inicio um documento do zero. Recebi autorização da universidade para me afastar durante todo o mês de janeiro e escrever minha tese em Campinas. Tenho vivido até aqui um processo de muita intensidade. Memórias do processo são revisitadas e isso causa reviravoltas orgânicas importantes no corpo. Passei trinta dias, sem um dia de descanso, escrevendo. No final de cada dia, a sensação era de que meu cérebro se liquefaria e escorreria pelo meu nariz e ouvidos e, ao mesmo tempo era ótima, como se algo tivesse ocorrendo em mim enquanto a tese era construída, palavra após palavra.

Nos dias em que trabalhei sobre as memórias do golpe da misoginia, ou das eleições 2018 foram os mais difíceis. Havia deixado para mim mesma algumas pegadas, migalhas de pão no caminho, para que quando voltasse pudesse saber onde estava em cada momento da pesquisa. As migalhas, aqui artigos e matérias de jornal, capas históricas de revistas e outros vestígios desta natureza. Revisitei este repositório triste, além do documentário “O Processo” de Maria Ramos, lançado em fevereiro de 2018, para escrever estas crônicas. Tudo o que relatei, para mim, foi muito significativo nos desdobramentos da pesquisa.

Devido a questões de múltiplas naturezas, a presente tese não tem como dizer o que será de nós, das obras, do mundo, em 2019. Não parece muito promissor tentar um palpite, ao contrário, as bizarrices parecem só ganhar mais corpo com o passar dos dias deste ano ainda tão incipiente e insipiente. Ainda assim, termino este relato confiante, não esperançosa, porque não espero mais nada... Tudo parece tão turvo... A única coisa nítida é a incerteza.

Contudo, se olharmos bem de perto, depois de tudo que contei até aqui, não poderíamos compreender que a vida é justamente isso: contingência e incerteza? Como o vento que fortifica o tronco e os galhos, a contingência é parte do fluxo da vida. A contingência é como o vento, capaz de arrancar a árvore com raiz e tudo, ou de deixá-la ainda mais preparada para os próximos

vendavais. A contingência é capaz de nos fazer deslocar, tomar novas direções, revelando aquilo que era inaudível e invisível antes do deslocamento da subjetividade. Sou, enfim, grata à vida por não ter me arrancado as raízes. Assim posso persistir na resistência com os meus.



**Figura 68:** No púlpito. Durante o exame de qualificação. **Local/ano:** Campinas, outubro de 2017. **Autora:** Luciana Mitkiewicz.



**Figura 69:** Na rua. Aula pública pela democracia. **Local/ano:** Porto Seguro, outubro de 2018. **Autor:** Kauan Almeida.

# Cassandra

## O mito e as atualizações nas Cassandras que encontrei

### Cordel de Cassandra

Aline Nunes, fevereiro de 2017

Boa noite minha gente  
Peço que preste atenção  
A história que lhes conto  
Requer o seu coração

Guardar no peito é saber  
Saber aqui é poder  
Mudar a situação

Aqui falo de Cassandra  
Mas também não falo não  
Falo de toda mulher  
Potência e revolução

Pra calar moças assim  
Tem se cortado um dobrado  
Batem nelas, falam mal  
Até a morte condenam  
Como coisa bem banal

Mas seguimos a toada  
Das mulheres mal faladas  
Que não toleram cabresto

Pulam, giram, cospem fogo  
Mas a cacunda bonita  
Ninguém há de sentá bunda  
Não aceitamos patrão

Com Cassandra foi assim  
Nem Apolo se aguentou  
Fez proposta indecente  
Propôs a dominação

A moça não lhe quis não  
Se sentindo preterido  
Tirou-lhe a persuasão

Apólo muito sentido  
De cotovelo doído por não ter o que queria  
Condena a pobre guria  
A falar como uma louca

E tudo o que a moça dizia  
Virava chacota fútil  
Pra toda a população  
Sentiram a situação?  
Não é só Cassandra não  
A mulher que abre a boca  
Se nega a fornicção  
Diz a verdade inteirinha  
Tateia cega a justiça  
A custa da própria vida

Diz o que deve dizer  
Abusada e atrevida  
É chamada de bandida  
De louca, besta e perdida  
Não consegue convencer  
Cassandra que era linda  
Além de muito sabida  
Desde criança ouvia  
Todo o som que existia neste mundo  
[barulhento

Os passarinhos, o vento,  
a voz dos homens e dos deuses

Traduzia, pras pessoas mocas por dentro  
O som lindo... O lamento...  
Que natureza dizia

Por obra de uma serpente  
Que lambera a criança  
Cassandra ouve a distância  
Tudo o que a cerca é latente

O wi-fi de Cassandra ia longe  
Com conexão privilegiada  
Baixava todo o tipo informação  
De casamento a "bafão"  
Cassandra era weekliks de tempos muito  
[remotos

Causava medo e estranheza  
Um tempo que com certeza  
Parece muito com os nossos

Contou, aqui trago exemplo  
Que a tal guerra viria em breve  
Guerra sangrenta, um tormento

Se o menino Páris, por ventura,  
Chegasse a Grécia sedento  
De luxuria embriagado  
Não segurasse o danado  
Guiado por Afrodite

Se o tal Páris chegasse  
A buceta mais porreta que esse mundo já viu  
Helena, outro tipo de capeta  
Que os homens querem perto  
Mas não aguentam o rojão

Páris traria pra Tróia  
Junto com Helena, a jóia  
Uma corja de cornudos  
Sedentos por sangue inocente  
Como se isso pudesse  
Diminuir a vergonha  
De perder a linda Helena  
Para um mocinho gostoso  
Moço bonito e vistoso  
Compassivo e carinhoso  
E com um pau que Menelau...

Menelau tinha lá seu valor  
Mas a fila de Helena andou  
Já não tinha mais "amô"

Mas o ciúme bandido  
A posse e o orgulho ferido  
O machismo assassino  
Toda a Tróia "exterminô"

Era de Cassandra irmão  
O menino com tesão, Paris.  
E foram 10 anos de guerra  
Por que o cornudo ancestral, Menelau  
Não aguentou a traição.

"Nenhum macho troiano sobreviverá!"  
Tocou Cassandra a falar  
Ninguém ouviu ela não.

E por fim, na conclusão,  
Morreram todos os homens  
Nem criança de colo, nem velho, nem aleijado  
Sobreviveu ao cajado dos cornos dessa missão

Foi com um cavalo de pau  
Que Tróia viu o seu fim  
Cassandra torna a dizer:  
"Esse cavalo de pau  
É razão de todo mal  
Ponham a lenha pra arder!"

Mais uma vez não ouviram  
E o presente maldito  
Aceitaram receber

Dai todo mundo sabe  
o que foi que aconteceu  
Tróia em chamas ardeu

E Cassandra que sabia  
Tudo que sucederia  
Depois de escrava morreu

Por um ciúme danado  
Ou por um golpe de Estado  
Foi isso que aconteceu.

Cassandra, personagem da mitologia grega, princesa troiana era, sobretudo, uma Mulher Estadista. Assim ficaram para a história as narrativas acerca desta mulher e da guerra mítica dos conquistadores gregos, ante os “bárbaros” do caminho para o oriente. Cassandra não é a única a ocupar um lugar inusitado para uma fêmea, segundo o relato dos vencedores.

Andrômaca, a mulher que dominava o poderoso Heitor, maior guerreiro de Tróia, também ocupava um lugar inusitado para uma mulher, segundo os gregos. Conta o mito que poderoso Heitor, apesar de ser um bravo e viril guerreiro nos campos de batalha, quando em casa, era manso e se deixava montar pela esposa na cama. Comportamento inaceitável para um homem. Contudo era o esperado, dado que se tratavam de lascivas canibalezas, na opinião dos gregos. Mulheres capazes de devorar os homens. Mulheres que se portam como machos.

Para corroborar a versão grega, conta o mito, que lutou junto aos troianos a rainha amazônica Pentesileia. Honorável guerreira, era líder da tribo de mulheres, as amazonas, segundo os gregos, bárbaras, que amputavam um dos seios para não atrapalhar o manejo do arco. Para os gregos, os troianos eram, apenas, um bando de primitivos de cultura inferior, com costumes estranhos, incapazes de se autogerir e que ainda por cima, os afrontam “sequestrando” a esposa do grande rei espartano Menelau. Além de tudo, eram petulantes os bárbaros.

No entanto, ainda não falamos da rainha, matriarca do clã real de Tróia, a velha Hécuba. Mãe de todos os heróis de Tróia, teve com o rei, Príamo, 19 filhos, entre os quais Heitor, Paris, Polixena, Cassandra e seu gêmeo Heleno... O mito conta que Hécuba era profetisa de Hécate, deidade das terras selvagens, dos partos, cuidadora das encruzilhadas, das entradas. Uma profetisa de Hécate é uma bruxa, capaz de lançar maldições. Hécuba era o “presente” dado a Ulisses, espólio de guerra pertencente ao mais odiado dos gregos ao final das batalhas, afinal, foi dele a ideia do cavalo de madeira. Hécuba entra no navio de Odisseu e começa a proferir sua praga. A tripulação resolve matá-la. Seu corpo é enterrado na Trácia, terra de Hécate. Seu espírito se transforma em uma das cadelas da deusa. Por isso, o lugar onde jaz o corpo da rainha troiana na Trácia, conta o mito, fica conhecido como “A tumba da Cadela”.

Ainda há uma mulher cujo papel é fundamental para olharmos para Cassandra, e compreendermos o que circunscreve o mito. Trata-se de Helena. Há a versão do mito que conta que Helena, na realidade, nunca teria pisado em Tróia. O sequestro (ou romance com Paris), segundo Eurípedes, na tragédia “Helena”, teria feito uma escala no Egito. Helena teria ficado por

lá, a espera de Menelau. Deste modo toda a guerra teria sido motivada por um fantasma. Por uma ideia e não um corpo de mulher. O corpo de mulher, então, tornava-se, na versão do mito de Christa Wolf de 1983, cujo o título é “Cassandra”, apenas uma desculpa para a invasão e a tomada do entreposto comercial mais importantes da antiguidade, que ligava oriente e ocidente no grande mar Egeu. Poderíamos dizer que Helena é uma versão antiga das armas de destruição em massa<sup>68</sup> do Iraque, as quais autorizaram a invasão americana e inglesa em março de 2003. Na guerra do Iraque o petróleo era o real motivo da invasão, como todos sabemos.

Na tragédia de Eurípedes, Cassandra aparece em “*As troianas*”. Na obra de Ésquilo, em “*Agamenon*”. Em ambas as versões, Cassandra entra e sai entra e sai gritando, como se os cabelos e o vestido estivessem em chamas. A profetisa de Apolo, o deus da razão, leva consigo, muitas vezes, duas tochas. Aparece sempre gritando, ou dançando entre lágrimas e gargalhadas. Era uma labareda. Sempre louca. Sempre em surto. Uma mulher que é descrita pelo taltíbio grego – na versão de Sartre de “*As troianas*”, onde igualmente Cassandra entra e sai de cena em transe –, como uma louca que encantou, não se sabe como, o todo poderoso Agamenon.

Pensemos, pois, na “louca” (entre muitas e muitas aspas), cujo discurso fora ignorado pelos homens poderosos de Tróia. Foi a maldição de Apolo, o deus de amor de Cassandra, quem lhe deu a escuta dos deuses e arrancou-lhe a persuasão. Desgraça a dela e a de Tróia. Cassandra, profetisa de Apolo, segundo uma das versões do mito, recebera seu dom ainda na infância. Quando pequena, ia brincar no templo do deus sol e, um dia, brincou tanto que, cansada, adormeceu. Pela manhã, sua ama encontrou-a, ainda dormindo, enquanto uma serpente lambia seus ouvidos sem lhe oferecer perigo algum. Depois disso a escuta da menina tornou-se sensível a toda sorte de sons. Passou a ouvir os deuses. Tornou-se profetisa de Apolo e dedicou-se ao culto e ao oráculo do sol.

Era linda. Belíssima a ponto de encantar a divindade da beleza e da luz, mas recusou-se a fazer sexo como seu deus. Pior, o enganou. Disse que daria e na hora H, não deu. Existe algo mais perturbador para um macho tosco? Apolo, a personificação da racionalidade masculina ocidental, ao frustrar-se pelo gozo não realizado – em castigo –, tira de Cassandra o que lhe é

---

<sup>68</sup>SACONI, Rose; ENTINI, Carlos Eduardo. Com justificativa falsa, Iraque era invadido há 10 anos. Grupo Folha Uol. São Paulo, 19 de março de 2013. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.com-justificativa-falsa-iraque-era-invadido-ha-10-anos,8951.0.htm> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

mais precioso: a palavra, o discurso, eliminou todos os devires de circulação de seus discursos; a restringiu; a amarrou; tirou a chance de qualquer palavra sua ser acolhida como verdade.

Este é o mito, que na versão de Christa é narrado pela própria Cassandra. Sua narrativa principia com sua visão da cidade destruída, se afastando com o distanciar do navio que a leva para o exílio e a morte, escrava ela já havia se tornado. Sua cidade era por ela administrada, política e economicamente. Não que Cassandra administrasse o Estado Troiano diretamente, como regente. Não. Isso quem podia fazer eram os homens, no caso, seu pai, Príamo. Cassandra, como a única entre os 19 filhos e filhas do rei que se interessava pelas questões de estado, se empenhava em conhecer tudo. Cada relação comercial, cada nome, cada particularidade das relações políticas, com cada um dos parceiros de Tróia. Tudo era de conhecimento de Cassandra. Cassandra tinha a escuta dos deuses, dominava a política, era, por isso, conselheira de seu pai e rei, até perder tudo o que lhe era mais caro, o discurso. Único recurso que seria capaz de salvar sua família, sua etnia, sua língua.

É neste contexto que Cassandra é atualizada nesta investigação. Onde estão as mulheres de estado, as mulheres políticas, as mulheres que tomam para si a responsabilidade de alertar os outros sobre o que há de vir. A mulher que é permanentemente desacreditada, ridicularizada, tomada como delirante. Não importa o que ela faça. Se é calma, é fria, apática, incapaz de um gesto de força. Se explode, é louca. Não há o que as Cassandras possam fazer para impedir a tragédia, muitas vezes, a delas próprias.

As mais das vezes, costumam coagir as Cassandras, mal-dizê-las... Seus comportamentos, suas práticas. Cassandras são energéticas, articuladas, falam com paixão e com franqueza. Dizem e fazem o que deve ser dito a custa da própria vida. São mulheres fortes, resistentes, capazes de despertar o ódio invejoso dos homens, intimidados que são por tamanho poder. Por isso são caçadas. E na caçada, em geral, seus algozes costumam mirar na cabeça. Cassandra, assim como Luzia, Dorothy Stang, Marielle Franco, foram todas golpeadas na cabeça.

Cassandra, podia falar, mas falava como uma “louca” e, por causa disso, toda a sua raça foi extinta sem vestígios e até seu idioma desapareceu. Nunca mais se ouviu o som daquela língua, por um capricho. Os homens quando legitimados pelo argumento fundamentado na “razão do mais forte”, que é ainda a razão que predomina, de que falou Maria Lacerda de Moura,

agem assim frequentemente. A única coisa que os diferencia talvez seja o método. Apolo cuspiu a boca de Cassandra. Os homens da política, aprovam leis.<sup>69</sup>

Mas ainda há, entre as atualizações de Cassandra, aquelas capazes de conjurar a resistência. Às vezes uma resistência despertada pelo movimento dos quadris, pela fé nos ancestrais, pelo olhar da objetiva do cinema, pela pesquisa acadêmica, pelos movimentos sociais, pela preservação do meio ambiente, pela luta pela igualdade de direitos das mulheres e LGBTQI.

Termino esta sessão com uma lista de Cassandras, que de mim se tornaram mestras, a maior parte delas não sabe da influência que seus discursos têm sobre a formulação do meu próprio. Algumas dessas atualizações da Cassandra, são mestras com as quais nunca estive fisicamente. Essas são para mim, mestras pelo exemplo. Outras são até próximas, o que faz delas mestras-amigas. Despeço-me desta etapa de meu relato de pesquisa com essas inestimáveis Cassandras que ainda vivem e proferem seus oráculos.

Incluo aqui todas as estudantes negras e indígenas da UFSB e de todas as universidades públicas de meu país; as estudantes secundaristas bravas lutadoras do Brasil; a todas as vadias da América e do mundo; Alessandra Korap Mdk; Alessandra Ribeiro Martins; Amelinha Telles; Angela da Vila Valdete (Angela Ferreira de Oliveira); Angela Davis; Bia Ferreira; Chimamanda Ngozi Adichie; Clarissa Santos Silva; Criméia Almeida; Débora Diniz; Débora Zamarioli; Dilma Rousseff; Dodi Leal; Dona Dalva do Samba de Roda do Recôncavo; Dona Japira Pataxó; Elza Soares; Estela Laponi; Gleise Hoffmann; Graci Guarani; Grácia Navarro; Ivone Gebara; Jandira Feghali; Jean Wyllys; Leymah Gbowee; Luana Saturnino Tvardovskas; Lúcia Fabrini; Luiza Erundina; Mãe Dora de Iansã (Dora Barreto); Malala Yousafzai; Manuela D'Ávila; Margaret McLaren; Margareth Rago; Margarida Sollero; Maria Aparecida Oliveira Lopes; Maria Lygia Quartim; Maria Ramos; Marilda Ionta; Marília Velarde; Mônica Benício; Natália Brescancíni; Norma de Abreu Telles; Pâmela Pelegrino; Pâmella Villa Nova; Rosana Paulino; Salete Oliveira; Sônia Guajajara; Tânia Navarro Swain; Verônica Fabrini; Zenaide Machado.

---

<sup>69</sup>GARCIA, Janaina. Especialistas veem retrocesso nos direitos das mulheres em decisões sobre aborto e Maria da Penha. UOL, São Paulo, 10 de novembro de 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/10/autora-da-lei-maria-da-penha-ve-retrocesso-em-direitos-das-mulheres-e-sugere-risco-de-burca.htm> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

***Por que Cassandra quis tanto o dom da  
profecia?***  
***Reflexões sobre as interdições e exclusões a que  
os discursos femininos estão sujeitos, a loucura  
e a parrésia.***

Com este questionamento adentraremos ao cerne de todos os desdobramentos trágicos da personagem mítica Cassandra. Foi depois de ler “A ordem do discurso”, aula inaugural de Michel Foucault no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, que consegui dimensionar teoricamente a profundidade simbólica do gesto de Apolo. A pergunta é feita e respondida em seguida, na versão de Christa Wolf, pela própria Cassandra. Ser ou não profetisa, também significava a diferença entre estar ou não no que Foucault chamaria de “a ordem do discurso”. Cassandra quer o dom da profecia, portanto, para poder falar com sua própria voz, segundo ela, “o bem supremo” (WOLF. 2006: 16)

Foucault define em sua aula inaugural o que é o discurso, qual sua função entre nós e, claro, define quais os critérios para sua circulação. É, segundo o filósofo, o grau de liberdade de circulação ou o nível de exclusão ou até de interdição de um determinado discurso que o coloca, ou não, na ordem corrente. Em uma das definições apresentadas ao longo da fala de Foucault, está:

Por mais que o discurso seja, aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso — como a psicanálise nos mostrou — não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que — isto a história não cessa de nos ensinar — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT. 2007:10)

Para mim, este é o pensamento central na formulação de todas as obras resultantes desta investigação. É a partir dos critérios de circulação, interdição ou exclusão de um determinado

discurso, em uma determinada época, por um determinado grupo, que poderemos compreender a ordem que o rege. Ou seja, para se estar dentro ou fora da ordem, para que seu discurso seja acolhido, escutado, recebido pelo grupo, ele deverá obedecer a determinados critérios, os quais definem sua veracidade. Para que um discurso circule, portanto, ele precisa estar de acordo com os critérios de verdade de seu tempo. É contra esses tais “sistemas de verdade” que os feminismos se batem. As Cassandras, em geral, lutam contra “sistemas de verdade” que excluem as mulheres das decisões importantes de seus grupos. É para perverter a verdade de uma época, para que sobrevivessem aos ataques dos invasores europeus, que Cassandra enunciava sua profecia.

Todo o problema de Cassandra, contudo, reside no fato de que não era só contra os europeus – que cercaram seu país por 10 anos e extinguiram sua raça – contra quem lutava para ter reconhecido o direito de suas palavras não se perderem no esquecimento. Cassandra lutava para que seu discurso circulasse entre os seus. Fôra seu pai, depois de Apolo, quem mais a interditou. Na versão de Christa, para calar Cassandra, o rei Príamos primeiro a trancou no quarto, depois a exilou, depois a obrigou ao casamento. Nada a parou, nada a calou. Em seguida, os gregos continuaram no esforço de fazê-la calar-se: Ajax a estuprou; Agamenon a manteve como escrava; por fim foi assassinada com uma machadada na cabeça.

Mas o quê, naquilo que Cassandra dizia, poderia causar tamanha reação? Ou ainda, o que a própria existência dela significava à ordem de seu tempo? O que teria feito ou falado que poderia ter provocado tamanha inadequação ao sistema de poder troiano? O maior dos pecados de Cassandra foi não ser homem. Seu irmão gêmeo, Heleno, também tinha o dom da escuta. Também era profeta, contudo, só escutava o que, para Cassandra, eram mexericos, banalidades... Como gravidezes, casamentos, se a criança a nascer era menino ou menina. Cassandra, ao contrário, escutava a política. Era hábil, educada, inteligente, chamava cada rei vizinho pelo nome, conhecia cada relação comercial. Christa a descreve desde pequena deitada sempre ao colo de um dos pais, Hécuba participava do Estado, as mulheres eram todas abusadas na família real troiana. Para os gregos, um bando de bárbaros que subvertiam a ordem da natureza. O fato era que Cassandra escutava o pai atenta, escutava aprendendo, desde cedo... Quando se tornou profetisa dedicava-se à atividade religiosa para com seu mestre, o deus Apolo, e com seu pai, mestre na política. Cassandra era a primeira profetisa de Apolo e a primeira conselheira do rei até Apolo cuspir sua boca. Desde então ela se tornou uma mulher. Cassandra assim como

Chimamanda sofre a trágica interdição pelo gênero, como ela mesma conta e, apesar da fala já ter sido citada no prólogo deste trabalho, precisarei retomá-la:

Na minha família, eu sou a filha que mais se interessa pela história de quem somos, nossas terras ancestrais, nossas tradições. Meus irmãos não têm interesse nisso. Mas não posso ter voz ativa, porque a cultura Igbo favorece os homens e só eles podem participar das reuniões em que as decisões familiares mais importantes são tomadas. Então, apesar de ser a pessoa mais ligada a esses assuntos, não posso frequentar as reuniões. Não tenho direito a voz. Porque sou mulher. (ADICHEP 2015:47)

Infelizmente, ser mulher não era o único modo de fazer com que as palavras de Cassandra ecoassem no vazio após a cusparada. A estadista, ao negar sexo a um superior hierárquico, passou a falar como uma delirante e aos loucos não se empresta a escuta, as mais das vezes, deixa-se falar, sem dar importância ou valor... Afinal, tudo o que diz o louco “retorna ao ruído”, já diria Foucault. Na Idade Média, por exemplo, “a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde se apresentava, desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada.” (FOUCAULT. 2007:12)

Assim, também, “nasceu” a histeria: uma reação, exclusivamente feminina, “uma doença que nascia no útero”, que tomava de forma abrupta e violenta corpo e mente de mulheres submetidas a altos níveis de repressão. Contudo, o que demoraram muito tempo para perguntar foi: e se alguém ouvisse o que uma delas têm a dizer? Talvez até se curassem. Quem sabe? Apesar da pergunta ser simples, o primeiro a ponderar essa possibilidade foi o médico fisiologista Josef Breuer. Entre 1880 e 82, Bertha Pappenheim, conhecida na história da psicanálise como caso Anna O., foi tratada pelo professor de Freud. Seu método? Escutar o que a moça tivesse vontade de dizer. Anna colecionava uma série de traumas de infância que, aparentemente, teriam destruído a sua mente. Sofria intervenções coercitivas da família especialmente sobre seu corpo, queria muito dançar, nunca pode. A jovem tinha visões, falava palavras sem nexos, tinha ainda períodos de catatonia e surtos violentos de espasmos corporais. Cassandra também é descrita assim, em todas as versões a que tive acesso. Como em Cassandra, a mente ativa e intelectualizada de Anna não suportou os padrões impostos às mulheres. Anna O. chamava a técnica do doutor Breuer de “cura pela palavra”. Bertha, entre recaídas e sucessos, superou sua condição e se tornou uma vigorosa militante feminista, assistente social, escritora e tradutora. Ter ciência da própria interdição foi fisicamente insuportável para muitas das mulheres brancas do fim do século XIX e começo do século XX.

Carla Garcia irá nos contar em “Ovelhas na névoa: Um estudo sobre as mulheres e a loucura” que, até as primeiras décadas do século XX as mulheres que “incomodavam” os maridos que tinham condições para tanto, eram, em geral, interditas em sanatórios, sótãos, quartinhos, substitutos adequados, das masmorras e torres das histórias de princesas. Os maridos internavam as esposas para tomar seus bens, para viverem com outra mulher ou por qualquer outro motivo que lhes fosse conveniente. Além disso, devido a grande repressão dos modos e costumes sociais, as mulheres, em geral, sofriam brutalmente o silenciamento em nível discursivo. Carla Garcia irá colocar que,

As imagens da insanidade feminina, a loucura como um dos males da mulher e a loucura como natureza feminina essencial sendo desveladas pela racionalidade médica masculina sugerem as duas maneiras, como mostra Showalter, de se perceber, durante os últimos séculos, a relação entre mulher e loucura. Em primeiro lugar, a loucura é uma enfermidade feminina, confirmada por estatísticas, mas, afirmam outros autores, a evidência se deve à situação da mulher, aos papéis sociais confinadores como esposas, filhas e amantes mal compreendidas pela profissão psiquiátrica. Entre as críticas literárias, filósofas e teóricas feministas contemporâneas, o que prevalece é uma visão que ultrapassa tanto a estatística quanto a condição social da mulher. Elas têm mostrado como a aliança fundamental entre “mulher” e “loucura” se insere em nosso sistema dualista de linguagem e representação, no qual as mulheres são colocadas ao lado da “irracionalidade, do silêncio, do corpo, enquanto os homens são situados ao lado da razão, do discurso, da cultura, da mente... uma tradição cultural que representa a mulher como loucura e usa imagens do corpo feminino, como fez Pinel para representar a irracionalidade em geral”. (GARCIA. 1995:15)

Ainda é importante salientar que, no Brasil, os sanatórios eram depósitos brutais de toda a pessoa desviante: pessoas pobres, desabrigadas ou em situação de rua, adictas, contestadores das normas sociais estabelecidas, opositores aos sistemas políticos e/ou pessoas profundamente tristes, eram esquecidas por lá. Caso ainda não fossem loucas, em pouco tempo teriam suas mentes dissolvidas por torturas, abuso de medicamentos, fome e frio, choques elétricos e até procedimentos cirúrgicos... Quem entrava, por exemplo, no maior e mais sanguinário sanatório do Brasil, o Hospital Colônia de Barbacena, em geral morria. Entre os anos de 1903 até o início dos anos de 1980, cerca 60 mil pacientes haviam morrido. Entre os mortos, 1.853 tiveram seus corpos vendidos para faculdades de medicina da UFMG, segundo relata o livro de Daniela Arbex, “O holocausto brasileiro”. (ARBEX. 2013)

Cassandra, se nascesse hoje, correria o sério risco de terminar do mesmo modo, golpeada na cabeça para que se calasse. Ainda há uma informação relevante no silenciamento ostensivo da profetisa. Ela não era grega, era bárbara. Um bicho que não é digno de ser tratado com humanidade. Assim também é o olhar do colonizador sobre a mulher “selvagem”, capaz não só de agir como louca, mas, sobretudo, capaz de despertar nos pobres e indefesos homens a loucura.

Segundo coloca Carlos A. Jáuregui em seu *“Canibalia – Canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consumo en América Latina”*, assim era o olhar do europeu colonizador ao corpo da mulher selvagem das colônias americanas:

O canibal americano foi, estritamente falando, uma canibaleza: a corporeidade metonímica do Novo Mundo descrita por Américo Vespucci corresponde ao corpo feminino apetitoso e ávido, desejado e temido, que se oferece sexualmente e que castra. Textos e imagens sugerem a ambivalência constitutiva deste objeto. Esses corpos de mulheres canibais e amazonas desnudas que no fim do século XVI já representavam o continente, figuravam também como resistências do objeto do desejo colonial: o corpo abjeto da canibaleza americana era o limite imaginado para sua posse absoluta, a imagem em que o desejado se convertia em uma máquina desejante, figuração do apetite “ilegítimo” do outro e limite para o apetite colonial. (JÁUREGUI. 2005:26. Tradução nossa.)

Uma das formas mais empregadas pelos colonizadores nesta incontestável interdição dos discursos periféricos em geral, especialmente das mulheres bárbaras, era a não escuta. Estratégia contundente no silenciamento de praticamente todo um hemisfério do planeta. Os brancos, há muito, não têm escuta para os sons vindos do sul, estamos pois, conforme coloca Verônica Fabrini, ao “sul do saber” (FABRINI. 2013). Rosângela de Tugny irá nos mostrar algumas das estratégias de silenciamento do colonizado pelo colonizador. Para tanto, se utilizará do mito de Ulisses de modo a demonstrar que, pelos modos de escuta, o europeu conquistou, a força, o direito exclusivo de estruturar as regras do jogo discursivo. Dessa forma, abandonou ao silêncio todo o saber que se elabora de forma distinta da sua. Tugny dirá:

A escuta foi então sempre o revés, o outro lado da nossa forma de pensar, entender, fazer ciência, julgar, conhecer e reconhecer. Não seria o fechamento proposital dos ouvidos um dos nossos mitos fundadores, o conhecido mito das sereias, narrado por Homero em uma passagem da Odisseia?

Nesta mesma direção aponta, Ana María Ochoa Gautier, em sua análise sobre a materialidade musical e sua relação com a violência. A este ato que parece banal, ignorar, não dar ouvidos, a etnomusicóloga coloca:

Se a irrupção da força das violências em eventos concretos interrompe nossa vida cotidiana, e nos localiza no limite entre o humano e o inumano (Uribe Alarcón 2004), sua memória e elaboração as protege em uma trama temporal de medo e esperança, da memória e do esquecimento, do silêncio assumido como o silenciamento obrigatório, da não escuta e do inaudível. (GAUTIER, 2006:6. Tradução nossa)

Até aqui pudemos compreender pelo que passou a fala de Cassandra, antes de retornar ao ruído. Contudo, o quê, essencialmente, dizem essas mulheres? Podemos crer que é a verdade em suas falas que faz com que sejam tão insuportáveis, especialmente aos homens do poder. Às

parresiastas, há muito, a punição tem sido a difamação, o exílio, o cárcere, o golpe na cabeça... A parrésia, para além de ser um indispensável “cuidado de si”, tão fortemente marcado através de sua atuação nas relações de amizade e mestria, segundo nos aponta a filósofa Margaret MacLaren, também têm um caráter essencialmente político. Para começar, para que haja parrésia é preciso que o eu tenha pelo menos um outro, a/o ouvinte, em contexto político. Falar a verdade é uma grande virtude moral, podendo ser vista, como uma forma de ascese, um desenvolvimento ético e moral do sujeito. Margaret irá nos contar também que,

A prática da parrésia é necessária a uma democracia, e dizer a verdade a um amigo é necessário a alguém que quer fornecer orientação moral verdadeira. A parrésia tem aspectos moral e político. Moralmente, o parresiasta fala a verdade, independentemente das consequências. Politicamente, o parresiasta se preocupa com as questões da cidade e a prática de dizer a verdade é indispensável à democracia. (...) A parrésia envolve um relacionamento consigo mesmo, um relacionamento entre o falador da verdade e o ouvinte e um relacionamento entre o falador da verdade e uma comunidade de cidadãos. (MCLAREN. 2016:200)

O que podemos perceber é que a parrésia se organiza como o modo de existência de muitas feministas, mulheres que se envolvem na política para o florescimento do bem comum, da paz e da justiça para si e para os outros. São desde líderes comunitárias, até aquelas que conseguem democraticamente exercitar publicamente a verdade, doa a quem doer. O que Cassandras, Marielles, Dorothys e tantas outras têm em comum é um senso, para elas inestimável, de justiça, amor mesmo ao coletivo e, como não poderia deixar de dizer, coragem. São corajosas as Cassandras. Este é o traço mais essencial delas, não a loucura. É que coragem demais, para olhos covardes, é um ato de insanidade. Afinal quem tem coragem de, para além de *dizer* a verdade, *viver* a verdade? Entre exclusões, interdições, dores, a extinção de sua etnia, de sua língua, as Cassandra preferem continuar a dizer e a viver a verdade.

*Considerações  
finais  
Carta à  
Cassandra.*



**Figura 70: Aline, Ubiranã e Pajé Itambé. Aula pública da Professora com seus convidados ilustres no Cruzeiro de Coroa Vermelha, onde foi rezada a primeira missa no Brasil. Santa Cruz Cabrália, 06 de abril de 2019. Autora: Francisdalva da Silva.**

Santa Cruz Cabralia, 12 de abril de 2019,

Cassandra, querida,

Escrevo do local onde a primeira esquadra portuguesa aportou e rezou a primeira missa no Brasil. Neste território mítico, território indígena de Coroa Vermelha, eu escrevo minhas últimas palavras acerca de um mito sobre invasão e mulheres como troféus de uma guerra genocida. Depois de um tempo de distância das palavras que escolhi para narrar nossa trajetória juntas nos últimos 4 anos, pude dimensionar melhor o que somos uma da outra, ou, uma para a outra. Pude, desta forma, dimensionar e o que foi essa experiência de vida-pesquisa ao seu redor. Reconheci em mim, através de você, o que nos une, a todas. Começo dizendo que, para mim, você significou uma força com a qual aprendi a conviver e me potencializar. Há quem ainda diga que minhas escolhas são equívocos... é parte do trabalho.

Mais do que aprender a dizer, você me ensinou a escuta. Aprendi a escutar com suas vozes. Aprendi que Cassandra é plural, como feminismos. Eu sou plural, foi o que aprendi. Isto não me faz igual as outras, não seria possível. Somos diversas, não dispersas, dizia Marielle Franco. Na verdade, foi escutando, especialmente as mulheres, conhecendo o que pode uma mulher, desde o mito até a rua, que eu compreendi que sou potência de tudo, e potência para tudo. Compreendi escutando mulheres o que é o dever, o que é ser campo aberto a qualquer nova trajetória. Não descarto possibilidades. Nem a mais estapafúrdia. Em um tempo em que tudo é possível, eu não poderia descartar nada.

Conheci caminhos que mulheres traçaram com a pele das solas dos pés. Caminhos de urtigas. Descobri, escutando mulheres, fazendo circular por mim os discursos delas, o seu discurso, Cassandra, em uma série de escolhas e contextos que não são os meus. Não são os meus, mas, nem por isso, deixam de existir no mundo. Em um mundo de surdez social, escutar se torna sinônimo de resistência política, física, estética. Assim você me ensinou: a escuta é plural. Escuta é atenção a si e ao outro. Não posso me esquivar da responsabilidade que minha escuta impõe.

Mas esta é uma bela responsabilidade, saber escutar os outros enquanto se percebe. A escuta me deu uma nova dimensão do que é dentro e do que é fora. Dimensão nova de que a pele não me separa do mundo. Também é certo que percebi assim que o mundo quando adocece, me adocece. Exatamente por isso eu preciso gerar saúde e estimular saúde nele. Ainda assim, a condição do mundo em mim não tem cura. O mundo inevitavelmente nos adoecerá se não nos cuidarmos. Cuidar é a forma que encontrei de controlar os sintomas do mundo em mim. Assim compreendi, Cassandra, que minhas *paraskeués* são capazes de gerar ou reconduzir cadeias de cuidado antigas através de mim. O cuidado milenar disparado pelos mitos me atravessou nesta pesquisa. Na Bahia, minhas conversas comigo mesma foram redimensionadas. Passava a fazer parte de meus ritos de cuidado tomar banho de mar com Iemanjá, para me sentir protegida como no ventre da mãe; girar e dançar feliz na tempestade com Iansã, assim me sentia poderosa, libidinoso; chorar na beira do rio com Oxum, e aliviar o peito da angústia; tomar banho de pipoca no dia de Omulú, para restaurar a saúde.

E aquela história de só acreditar nas coisas daqui, Cassandra? E quanto a minha convicta não-fé? Este doutorado terá me transformado em alguém que agora crê? Explico: Eu creio, Cassandra. Sempre acreditei. Sou chamada de atéia fajuta, mas não concordo. Creio que as dramaturgias tecidas pelos meus ancestrais<sup>70</sup> criam para mim *paraskeués*. Estes mitos, figuras, entidades, ideias, me ajudam a ter confiança na minha potência. Desta forma, se eu puder conversar comigo quando estou no mar como quem conversa com as águas, como quem vê no mar uma mãe, poderei ter comigo uma conversa livre de violências. Essas humanizações das forças da natureza, as histórias orais criadas coletivamente em colaboração no tempo, me fortalecem a resistência. Para mim é possível imaginar que quando eu morrer a minha contribuição será um compêndio de lembranças e versões sobre mim. Minha vida após a morte é o que contarão de mim. Estamos aqui, Cassandra, justamente, por conta do que falam de você.

Cassandras assumem a responsabilidade de destruir modelos, de jogar por terra a ideia de “natureza humana”, de desarticular os arco-reflexos sócio-culturais, bem como a ideia de essência, de natureza da mulher e do homem... Ainda assim, são estas mulheres contestadoras, a mais das vezes, aquelas que estão em maior número em movimentos sociais, que lutam pela preservação do meio ambiente e das ancestralidades de toda a sorte.

Cassandras deixam claro, mana, que tudo está ligado à uma diretriz axiológica. Depende de quem fala e como fala. Estetizar a vida é pensar na *forma-conteúdo*. Aqui a tentativa foi de

---

<sup>70</sup> Também tenho ascendência africana e indígena, além da européia, como a maior parte da população brasileira

realizar uma escrita de si. Uma escrita de nós, Cassandra. Minha carta a você não quer ser, portanto, um desabafo. Arrisco dizer que posso responder plenamente por todas as ideias aqui postas aqui nesta tese. Caso não pudesse, esta não seria uma tese de doutorado. Eu quis fazer todas as piadas que fiz, todos os trocadilhos... Espero que meu texto tenha sido gostoso de ler, querida. Que gosto será que tem meu texto, Cassandra? A parrésia é uma espécie de empoderamento com e empoderamento para (MCLARREN. 2016). A parrésia é o ato do corpo corajoso. A coragem gerará uma cadeia cuidados. Isso tem gosto, cheiro, cor e sons, Cassandra.

Foi assim que ousei escrever uma tese de doutorado que reivindica o direito da vida ser obra. E, sendo a vida obra, e sendo a obra não somente o momento recortado na trajetória em que se realiza o “programa performativo na rua” ou a “abertura da Instalação na sala”, a obra passa a ser a resultante desta atenção. Afinal, o programa performativo central desta pesquisa de doutorado está expresso desde o prólogo, como sendo um *“enunciado simples, talvez, simples demais: ter atenção a mim mesma”*. Tanto as Performações Cassândricas, quanto a Cabeça de Cassandra e esta tese, fazem parte da obra que está sendo por esta pesquisa aberta, que trata da “experiência do mundo em mim”.

Assumir este discurso na academia é chamar muito conflito para si. É correr o risco de parecer autoconfessional, narcisista, pretensiosa: *Afinal, o que você acha que pode ser tão especial na sua vida, para que isso possa ser considerado matéria para um doutorado?* Contudo, nenhuma ideia é mais oposta à parrésia e à escrita de si do que a confissão. É o justo movimento oposto à identificação. É à pluralidade do si próprio que a escrita de si busca. Os nomadismos da subjetividade. As fomentadoras não aprovariam esta Pesquisa em Artes, Cassandra. Ainda assim, espero que minha tese seja aprovada. Gostaria que ela circulasse, girasse, e voltasse para me contar o que ela despertou. Seja lá o que for.

Com as Cassandras aprendi que a Terra é uma grande orelha que escuta as trajetórias de tudo o que pesa sobre e sob a sua carne. Terra-Mãe-Orelha que tudo escuta, *Naka*. Cassandra, você também escuta com seu corpo todo. Aprendi neste período de atenção que é possível perceber e tocar o outro pela vibração do ar, gerando som. Percebe? A vida é obra, Cassandra! E assim sendo, eu tenho minha tese legitimada por ser um trabalho original; que produzirá sempre a diferença, pois o resultado desta metodologia em pessoas e circunstâncias diversas, produzirá, sempre, resultados únicos.

Diferentes sujeitos produzirão obras muito distintas sob este mesmo programa performativo: ter atenção a si. A mesma pessoa, produzirá diversos resultados, em diferentes

períodos da vida, operando de diferentes formas sobre sua própria experiência de subjetividade. É a velha história de que o rio nunca é o mesmo. Parte do ato de realizar a minha obra, foi compreender e iniciar este esforço. Trata-se de um esforço que tornará, um dia, minha subjetividade mais corrente, capaz de deambular. Espero viver muito para me libertar de meus engessamentos mais grosseiros e até, quem sabe, alguns mais sutis também. As margens dos rios, assim como as Pesquisas em Artes, não deveriam querer correr por linhas retas. Mas as estruturas dos modelos acadêmicos das artes ainda ousam pouco no que se refere às curvas, aos mapas.



**Figura 71:** Rio Teles Pires. A confluência dos rios Teles Pires e Verde, no coração de Mato Grosso, faz um número surpreendente de voltas, que é até difícil dizer com precisão, mesmo visto a partir de cima, qual rio é qual e quem faz o que. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/oecoamazonia/majestosos-rios-da-amazonia/>

Terminar esta tese com uma carta destinada a uma ideia, um arquétipo, uma entidade ancestral, Cassandra, é um passo na direção do desencareamento das Artes na Academia. Isto corrobora com a criação de epistemologias novas. As artes acadêmicas ainda são conservadoras. Afinal, onde está a Arte no ato de andar em linha reta ignorando o que provoca o passo? Para quê? Antes de pensar em pré determinar o percurso, podemos pensar no modo como vamos caminhar em um dado território. Não há como saber o que iremos encontrar e como o corpo chegará ao fim da caminhada e isso, para mim, não é falta de objetividade, aqui, é método.

As Artes acadêmicas, ainda ou em geral, fazem cara feia para novos métodos, e costumam ainda usar as réguas das Ciências Humanas para medir o que nem teria medida no campo das Artes. Aqui, como aconselha Marília Velardi (VELARDI. 2018), realizei uma pesquisa acadêmica em artes, radicalmente, qualitativa. Academia das Artes não teria como objetivo gerar arte como meio de conhecimento? Meio legítimo? E sendo eu performadora da minha vida, não poderia ter como obra e matéria, tema e forma, um recorte da minha própria vida?

Aprender deverá ser um trabalho da vida, trabalho do corpo e da mente para sempre. Trabalho de si para consigo. As Cassandras que conseguem sobreviver são capazes de viver muito. Cassandras se deslocam. Ao contrário do que os homens falam delas, Cassandras têm mentes fortes e lúcidas<sup>71</sup>. Eu espero, minha amiga, que a vida nos permita viver os nossos discursos. Que superemos as dificuldades. Que possamos ver o mundo avançar rumo à uma qualidade filógina de nossos atos públicos e privados.

Cassandra, quando acabei de escrever o corpo desta tese, até este último relato anterior a esta carta, tantas coisas não haviam ocorrido. Escrevo estas considerações finais depois de termos vivido o desastre da Vale do Rio Doce na cidade de Brumadinho (Minas Gerais, 25 de janeiro de 2019 ). Até esta altura, as mortes confirmadas somam 203 pessoas, outras 105 pessoas, permanecem desaparecidas. A tragédia humana é uma das linhas neste sistema de forças. A natureza, ou seja, as plantas, bichos, ecossistemas invisíveis à olho nu, os lençóis freáticos, a Terra toda, enfim, sofreu um grave golpe, minha amiga. Há também os meninos pobres carbonizados no alojamento do Clube de Regatas Flamengo. O massacre de Suzano. O aniversário escandaloso da tragédia, ou farsa, da investigação da morte de Marielle Franco e Anderson Gomes... Ainda não haviam torturado e assassinado a ativista Dilma Ferreira. Não havíamos vivido a tragédia coletiva de mais um homem negro inocente executado pelo exército brasileiro, desta vez com 80 tiros no meio da rua. O mundo adoce.

Desde a última vez que escrevi, o Carnaval 2019 não havia ocorrido. Digo “o Carnaval de 2019”, porque tratou-se de um acontecimento extremamente relevante que veio comprovar minha exposição nesta tese acerca deste tema: a festa tem este caráter de ato político-estético,

---

<sup>71</sup> REVISTA FÓRUM. Em ato de insurgência a Cunha, Erundina senta na cadeira da presidência da Câmara. Revista Fórum, Brasil, 27 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/em-ato-de-insurgencia-a-cunha-erundina-senta-na-cadeira-da-presidencia-da-camara/>. Acesso em 12 de abril de 2019.

caráter de cuidado de si, de cuidado com a comunhão dos sujeitos no espaço público, e, este ano, foi uma festa de resistência performativa, do entrelaçamento de micropolíticas, fazendo um barulho que a casa grande, ou o escritório da milícia, não poderia deixar de ouvir, não foi capaz de ignorar. A festa nos contou como brincar é revolucionário. Eliane Brum, em seu artigo publicado em 13 de março de 2019 no Jornal El País Brasil, intitulado “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”, afirma que o Carnaval 2019 foi simbólico, emblemático, por vários motivos. Para mim, o mais relevante dentre os que Brum destaca, está a insurreição dos corpos socialmente e historicamente interditados. Brum coloca que:

É necessário prestar atenção em quem foi obrigado – até agora – a deixar o país para salvar a sua vida: publicamente, um gay assumido e duas feministas conhecidas. Mas há mais gente. A violência não é sobre quaisquer corpos, mas sobre corpos específicos. O que se disputa, vale repetir, é o controle sobre os corpos que se insurgiram – o das mulheres, dos negros, dos indígenas e dos LGBTQI. (...) o Carnaval mostrou, apesar de toda a violência pregada pelo presidente, que o levante continua vivo. E muito vivo. (BRUM. 2019)

Foram muitas as contingências em apenas um mês... Quão diferente eu estarei em quatro meses, Cassandra? Quanto não aprenderei sendo atenta a mim mesma por mais um ano ou dez? Ao mesmo tempo, será que se eu não durar muito, poderei me sentir bem com esta obra que tenho sido? Eis uma de minhas conclusões acerca deste exercício espiritual que foi viver esta pesquisa até aqui: este trabalho não acabará mesmo, enquanto eu respirar, minha cara. Não por que tornou-se ou tornar-se-á um dia um hábito, trata-se absolutamente do contrário. Este é um trabalho sem fim exatamente porque nunca poderá tornar-se hábito. Pois que aqui, construindo esta tese com a ajuda de minhas amigas e amigos, mestras e mestres, com a sua ajuda, Cassandra, aprendi que as descobertas desta atenção sobre mim mesma demandam ações ativas. Nunca a passividade do habitual e afirmando sempre as benéficas da problematização, aquela que nos faz questionar nossa cultura e nos livra do cimento dos territórios da “essência” ou da “natureza humanas”. Territórios que atrofiam nosso desenvolvimento social rumo a uma comunidade global equânime e equipolente. Sobre esta passividade e o trabalho da performer, Fabião dirá:

Um performer resiste, acima de tudo e antes de mais nada, ao torpor da aderência e do pertencimento passivos. Mas adere, acima de tudo e antes de mais nada, ao contexto material, social, político e histórico para a articulação de suas iniciativas performativas. Este pertencer performativo é ato tríplice: de mapeamento, de negociação e de reinvenção através do corpo-em-experiência (FABIÃO. 2013)

Para mim, Eleonora lê Foucault pela via do corpo das artes da cena. Quando ela diz mapeamento, eu me aproximo ainda mais do que Foucault chama de cuidado de si para vivenciar o conhecimento de si; quando diz negociação, me aproximo da ideia de domínio de si, das técnicas de si; quando diz reinvenção através do corpo-em-experiência, eu compreendo melhor a *askesis*. Estou feliz! Performar esta tese de doutorado me fez mais potente. Construiu memórias das quais espero nunca me livrar. Quero ter saúde para me lembrar sempre de você, Cassandra.

Termino esta tese e esta carta, desejando a você que seu corpo e sua mente tenham para sempre a capacidade de reinventar-se aprendendo. Gostaria de dizer isso a você, caso estivesse viva, querida. Gostaria que você, maninha, pudesse se desenvolver como mulher política que foi. Fico aqui imaginando e esperando no meu sonho com você, que tenha tido momentos agradáveis com a leitura desta obra. Espero que seu corpo todo tenha aproveitado este material da melhor maneira. Queria que você pudesse me ver, agora. Estou feliz por terminar.

Amor,  
Aline

## *Referências*

### ***Bibliografia***

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ARBEX, Daniela Arbex. *O holocausto brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BOECHAT, Walter Fonseca (org.). *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 1996.

BRANDÃO, Junito de Souza. *A Mitologia – Vol. I*. São Paulo: Vozes, 2009.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de Patrimônio imaterial no Brasil / Maria Laura Viveiros de Castro e Maria Cecília Londres Fonseca. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

EURÍPEDES. *Medéia. Hipólito. As troianas*. Trad. Mario Gama Kury. RJ: Zahar, 1991.

FABIÃO, Eleonora. *Corpo cênico, estado cênico*. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 10 - n. 3 - p. 321-326 / set-dez 2010.

FABIÃO, Eleonora. *Programa performativo: o corpo-em-experiência*. Ilinx - Revista do Lume - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - Unicamp, n.4, p. 1-11, dez. 2013.

FABIÃO, Eleonora. *Projeto Mundano – Livro, Exposição de Rua e Performances*. Contemplado com o Rumos 2013-2014 da Fundação Itaú Cultura.

FABRINI, Verônica. *Sul da Cena, Sul do Saber*. Revista Moringa Artes do Espetáculo. UFPB - João Pessoa, V. 4 N. 1 jan-jun/2013, p. 11-25.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GARCIA, Carla Cristina. *Ovelhas na névoa: Um estudo sobre as mulheres e a loucura*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GASCÓN, Amparo P. Elogio ao Amor Livre. Revista “Mujeres Libres”, n.3, Madri , julho 1936; RAGO; BIAJOLI, 2006.

HARA, Tony. Saber Noturno: Uma Antologia de vidas errantes. Campinas: Unicamp, 2004.

HILLMAN, James. Cidade e alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HILST, Hilda. Hilda Hilst - Cadernos de Literatura brasileira. Rio de Janeiro: IMS, 1999.

JÁUREGUI, Carlos A. Canibalia – Canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consumo en América Latina. Madrid: Iberoamericana, 2008.

LEAL, Dodi Tavares Borges. Tochas e corralidades na experiência visual de gênero em cena: dispositivos pedagógicos da luz na recepção teatral. Urdimento, Florianópolis, v.1, n.34, p. 256-265, mar./abr. 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e Significado. Lisboa: Edições 70, 2007.

LISPECTOR, Clarice. “Carta”. In.: Correspondências [Org. Teresa Monteiro]. Rio de Janeiro:Rocco, 2015.

LORDE, Audre. The collected poems of Audre Lorde. New York: W. W. Norton, 2000.

MCLAREN, Margaret A.. Foucault, Feminismo e Subjetividade. São Paulo: Intermeios, 2016.

MOURA, Maria Lacerda. A mulher é uma degenerada? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault, mestre do cuidado. São Paulo: Loyola, 2011.

NAVARRO, Grácia Maria. O corpo cênico e o transe : um estudo para a preparação corporal do artista cênico.Campinas, SP : [s.n.], 2000.

NUNES, Aline Nunes de Oliveira; NAVARRO, Grácia Maria. Somos Cassandras? - Reflexões sobre a pesquisa e os pesquisadores das artes presenciais. Revista Moringa, v.8, n.1, 2017, p53-6.

OCHOA-GAUTIER, Ana María. A manera de introducción: la materialidad de lo musical y su relación con la violencia. Trans. Revista Transcultural de Música, núm. 10, diciembre, 2006, p. 0 Sociedad de Etnomusicología. Barcelona, España. 2006.

OLIVEIRA, Alessandro; NAVARRO, Grácia. A tensão entre o sagrado e o fazer teatral: uma reflexão a partir do espetáculo Exus, do Grupo Pindorama. Urdimento, v.2, n.27, p.249-268, Dezembro 2016.

OLIVEROS, Pauline. Deep Listening: a composer’s sound practice. Lincoln: iUniverse, 2005.

PADOVANI; FERRAZ. Proto-história, evolução e situação atual das técnicas estendidas na criação musical e na performance. Revista Música Hodie, Vol. 11 - Nº 2 - p. 11-35, 2011.

PÁL-PELBART, Peter. O avesso do Niilismo: Cartografias do esgotamento. São Paulo: N1 Edições, 2013.

PERROT, Michel. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

RAGO, Margareth. Feminismo e Subjetividade em tempos pós-modernos. In: LIMA, C. C.; SCHMIDT S. P. (ORGS). Poéticas e Políticas Feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: Por uma Cultura filógena. São Paulo: Perspectiva, vol. 15, n. 3. 2001.

RAGO, Margareth. Foucault, a subjetividade e as heterotopias feministas. In: SCAVONE; MISKOLCI; ALVAREZ. O Legado de Foucault. São Paulo: Editora Unesp, 2006, 101-118.

RAGO, Margareth. Mujeres Libres: Anarco-feminismo e subjetividade na Revolução Espanhola. Verve, 7: 132-152, 2005.

RAGO, Margareth. Novos Modos de Subjetivar: a experiência da Organização Mujeres Libres na Revolução Espanhola. Revista Estudos Feministas, vol.16, n. 1. Florianópolis: UFSC, 2008.

RATTS, Alex. Eu sou Atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Imprensa Oficial: São Paulo, 2006.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. As Troianas. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. Tradução: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

TUGNY, Rosângela Pereira de. Modos de Escuta ou: Como colher o canto das árvores. Música e Educação: Série Diálogos com o Som – Vol. 2 , Barbacena: Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais Barbacena, 2015.

VELARDI, Marília. Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa. Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v.9, n.1, jan/jun 2018, p. 43-54.

VELOSO, Verônica Gonçalves. Percorrer a cidade a pé: ações teatrais e performativas no contexto urbano. Tese de doutorado apresentada à ECA-USP, 2017.

WOLF, Christa. Cassandra. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2007.

### *Artigos e Matérias Jornalísticas:*

AGÊNCIA ESTADO DE MINAS. Luzia, 'a primeira brasileira', 'morre' no incêndio no Museu Nacional. Belo Horizonte, 3 de setembro de 2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/09/03/interna\\_nacional,985778/luzia-a-primeira-brasileira-morre-no-incendio-no-museu-nacional.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/09/03/interna_nacional,985778/luzia-a-primeira-brasileira-morre-no-incendio-no-museu-nacional.shtml) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

ARBEX, Thais; LOPES, Reinaldo José. Alckmin critica Fapesp por pesquisas 'sem utilidade prática'. FOLHA. São Paulo, 27 de abril de 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2016/04/1765028-alckmin-critica-fapesp-por-pesquisas-sem-utilidade-pratica.shtml> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

ARCOVERDE, Leo. Fapesp corta R\$ 23 milhões em bolsas de mestrado e doutorado. UOL. São Paulo, 22 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://namidia.fapesp.br/bolsas-de-mestrado-e-doutorado-da-fapesp-tem-corte-de-r-23-milhoes/117149> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

BBC BRASIL. Tensão entre os EUA e a Coreia do Norte: há razão para temer uma guerra nuclear? Brasil: 10 agosto 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40885538> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

BRITO, Carlos. De cabelos curtos devido a quimioterapia, educadora relata agressão e ataque após ser confundida com homossexual no Rio. G1. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/24/de-cabelos-curtos-devido-a-quimioterapia-educadora-relata-agressao-e-ataque-homofobico-no-rio.ghtml>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

BRUM, Eliane. Quem mandou matar Marielle? E por quê? El País Brasil: 14 de março de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039\\_897963.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039_897963.html) Acesso em 12 de abril de 2019.

BRUM, Eliane. Tupi or not to be. Em nome de Deus e do New York Times, a disputa do impeachment e dos Brasis. El País Brasil: 25 de abril de 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521\\_717873.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

CARVALHO, Diana. Grupo que cuspiu, vomitou e defecou em fotos de políticos recebe ameaças de morte. BOL/UOL, São Paulo, 29 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2016/04/29/grupo-que-cuspiu-vomitou-e-defecou-em-fotos-de-politicos-recebe-ameacas-de-morte.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola> cesso em 28 de janeiro de 2019.

COSTA, Camila; SOUZA, Felipe; ADAMO, Paula. Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país. BBC Brasil, São Paulo, 12 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

EL PAIS. Homem mata 12 pessoas a tiros em uma festa de Ano Novo em Campinas Campinas, 1 de janeiro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/01/actualidad/1483273129\\_996330.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/01/actualidad/1483273129_996330.html) Verificado em: 29 de janeiro de 2019.

EL PAIS. Protesto de mulheres contra Trump reúne dezenas de milhares nos EUA. Washington, 21 de janeiro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994\\_849896.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994_849896.html) Verificado em: 29 de janeiro de 2019.

FOWKS, Jacqueline. Brasil, o país mais letal para defensores da terra e do meio ambiente. El País Brasil. Lima, 24 de julho de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/23/internacional/1532363870\\_921380.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/23/internacional/1532363870_921380.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

G1. Ganhadora do Nobel da Paz liderou 'greve de sexo' na Libéria em 2002. Brasil, sete de outubro de 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/ganhadora-do-nobel-da-paz-liderou-greve-de-sexo-na-liberia-em-2002.html>

G1. Nobel da Paz de 1992, líder indígena Rigoberta Menchú comemora 50 anos. Brasil, 9 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL949930-5602,00-NOBEL+DA+PAZ+DE+LIDER+INDIGENA+RIGOBERTA+MENCHU+COMEMORA+ANOS.html> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

G1/REUTERS. Nobel da Paz iraniana incentiva compatriotas a manter protestos. Brasil, 4 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/nobel-da-paz-iraniana-incentiva-compatriotas-a-manter-protostos.ghtml> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

GARCIA, Janaina. Especialistas veem retrocesso nos direitos das mulheres em decisões sobre aborto e Maria da Penha. UOL, São Paulo, 10 de novembro de 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/10/autora-da-lei-maria-da-penha-e-retrocesso-em-direitos-das-mulheres-e-sugere-risco-de-burca.htm> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

GÓMEZ, Laura Nuño. 'Eu também' reforça revolução das mulheres que responsabiliza o assediador, e não mais a vítima. El País Brasil. Madri /Washington, 24 de dezembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371\\_076739.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371_076739.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

GOUSSINSKY, Eugenio. Nordeste é nova rota de tráfico no Brasil. R7, Brasil, 1 de fevereiro de 2015. Disponível em:

<https://noticias.r7.com/internacional/nordeste-e-nova-rota-de-trafico-no-brasil-02022015> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Revista Veja. São Paulo, 18 de abril de 2016. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

MARTINELLI, Andréa. #PrimeiroAssédio: Mulheres compartilham no Twitter primeira vez que sofreram assédio. Agência Huffpost Brasil, 2015. Disponível em:

[https://www.huffpostbrasil.com/2015/10/22/primeiroassedio-mulheres-compartilham-no-twitter-primeira-vez\\_a\\_21693923/](https://www.huffpostbrasil.com/2015/10/22/primeiroassedio-mulheres-compartilham-no-twitter-primeira-vez_a_21693923/) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA, Nelson. Três anos depois de aprovada, Lei do Femicídio tem avanços e desafios. SENADO. Brasília, 17 de março de 2018. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-femicidio-tem-avancos-e-desafios/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-femicidio-tem-avancos-e-desafios> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

PIRES, Breiller. Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte. El País Brasil. São Paulo, 16 de dezembro de 2018. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470\\_991854.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470_991854.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

REVISTA FÓRUM. Em ato de insurgência a Cunha, Erundina senta na cadeira da presidência da Câmara. Revista Fórum, Brasil, 27 de abril de 2016. Disponível em:

<https://www.revistaforum.com.br/em-ato-de-insurgencia-a-cunha-erundina-senta-na-cadeira-da-p-residencia-da-camara/> Acesso em 12 de abril de 2019.

SALOMÃO, Lucas; CALGARO, Fernanda. Congresso pode ter 'pautas-bomba' e projetos polêmicos no 2º semestre. G1, em Brasília. Brasília, 26 de julho de 2018. Disponível em:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/congresso-pode-ter-pautas-bomba-e-projetos-polemicos-no-2-semester.html> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

SCHREIBER, Mariana. Eleições 2018: Como o voto feminino, que pode ser decisivo, virou campo de batalha nesta eleição. Brasília, 29 de setembro de 2018. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45690313>. Acesso em: 29 de janeiro de 2019.

TERRA. Governo faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa a Dilma. Brasil, 2 de julho de 2015. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9sgleRCRD.html> Acesso em 28 de janeiro 2019.

UOL. Quem é Malala, a paquistanesa que tomou um tiro porque queria estudar e agora viaja o mundo. São Paulo, 6 de julho de 2018. Verificar em:

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/07/06/quem-e-malala-a-paquistan>

esa-que-tomou-um-tiro-porque-queria-estudar-e-agora-viaja-o-mundo.htm Acesso em 29 de janeiro de 2019.

VALDÉS, Isabel; RUBIO, Isabel. Wangari Maathai, a queniana que semeou árvores e ideais. El País Brasil. Brasil, 26 de fevereiro de 2018. Verificar em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/politica/1519672164\\_945082.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/politica/1519672164_945082.html) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

WROBLESKI, Stefano. Assassinato de freira defensora da Amazônia Dorothy Stang completa 10 anos. Grupo Uol/ InfoAmazonia. Brasil, 13 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://infoamazonia.blogosfera.uol.com.br/2015/02/13/assassinato-de-freira-defensora-da-amazonia-dorothy-stang-completa-10-anos/?cmpid=copiaecola> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

WWF Brasil: Dia da Sobrecarga da Terra de 2018 é em 1º de agosto. Brasil, 01 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?66763/Dia-da-Sobrecarga-da-Terra-de-2018-e-em-1-de-agosto>. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

### *Vídeos:*

CALCUTÁ, Madre Teresa. Vídeo do You Tube. Discurso de Madre Teresa de Calcutá, Discurso Prêmio Nobel da Paz 1979. Publicado em: 19 de janeiro de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VE9nraVn\\_7k](https://www.youtube.com/watch?v=VE9nraVn_7k) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

CBS NEWS. Vídeo do You Tube. Watch legendary activist Angela Davis rally Women's March On Washington. Washington, 21 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TTB-m2NxWzA> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

EU, RIO! TV. Vídeo do You Tube. Entrevista: Monica Benicio conta sobre a vida com vereadora assassinada há 100 dias. Rio de Janeiro, 23 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=efECONALrUs> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

JERNBERG, Sofia. Vídeo da URSS.COM. Milão, Igreja de São Sebastião, 3 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.ursss.com/?s=Sofia> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

LOPES, Marcelo; SOUZA, Ivonete Gonçalves de. Vídeo do You Tube. Canal do Cepedes. Documentário de 2017, “Desertos Verdes”. Porto Seguro, 18 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1YXuOaC3Po0> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

MANOS E MINAS. Vídeo do You Tube. Poeta: Ingrid Martins. São Paulo, 15 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W2MtvjPbxI8> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

MÍDIA LIVRE. Último pronunciamento de Marielle Franco antes de ser executada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 15 de março de 2018. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

PANAMBY, Sara; ESPINDOLA, Filipe. Vídeo do You Tube. Sensação, recepção em Artes do Corpo - IV Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas. Campinas, 18 de fevereiro de 2016. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=HcPYkzX9NDo&index=4&list=PLkU1JoV0M3XIFpMiAbkB8i7p2ljoYYVhN> Acesso em: 28 de janeiro de 2019.

QUEBRADA, Lin da. Vídeo do You Tube. Linn da Quebrada - Necomancia ft. Gloria Groove (Áudio-Vídeo Oficial). São Paulo, 5 de outubro de 2017. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=VD9jLPLpR4> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

ROLNIK, Suely. Vídeo do You Tube. Suely Rolnik - Entrevista Completa - Narciso no Espelho do Século XXI. Brasil, 27 de maio de 2017. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB\\_5DY&t=157s](https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB_5DY&t=157s) . Min. 22. Visualizado em 28 de janeiro de 2019.

SOUZA, Guilherme Prado Almeida. Vídeo do You Tube. Eu tenho direito de vir aqui dizer que não queremos Ferrogrão não queremos. Brasília, 19 de junho de 2018. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=gMRa3VL9Ers> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

UFRB TV. Vídeo do You Tube. Curso de Black Feminism - Angela Davis. Cachoeira, 17 de julho de 2017. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=4&v=NDwbjSvpDZo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=NDwbjSvpDZo) Acesso em 29 de janeiro de 2019.

WYLLYS, Jean. Vídeo do You Tube. Pesquisadora Debora Diniz defende a descriminalização do aborto em audiência no STF. Brasília, 3 de agosto de 2018. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=3dB5SSRCO1M> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

### *Sites:*

BOA COMPANHIA (Página institucional). Disponível em:  
<https://www.facebook.com/Boa.Companhia> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

COHEN, Renato. Enciclopédia Itaú Cultural, 8 de fevereiro de 2017. Disponível em:  
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa256193/renato-cohen> Verificado em 28 de janeiro de 2019.

DEEP LISTENING. (Site Institucional). Estados Unidos da América. Disponível em: <https://www.deeplisting.org/>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

FEVERESTIVAL - Festival Internacional de Teatro de Campinas. (Site institucional) Disponível em: <https://www.feverestival.com.br/hist-rico>. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

LUME TEATRO. (Site Institucional) Disponível em: <https://re4919.wixsite.com/simposiolume>. Acesso em 12 de abril de 2019.

MATULA TEATRO (Site institucional). Disponível em: <http://grupomatulateatro.com/> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

MATULA TEATRO - Poéticas da Vila. Disponível em: <http://grupomatulateatro.com/poeticas-da-vila/> Acesso em 28 de janeiro de 2019.

NHAMANDU, Sue. (Blog) Pornoklastia - Conheça te a ti mesmo. Cínicas. Brasil. Disponível em: <https://www.cinicas.com.br/pornoklastia-conheca-te-ti-mesmo/> Acesso em: 28 de janeiro de 2019.

RUMOS ITAÚ CULTURAL. (Site institucional). Projeto Mundano – Livro, Exposição de Rua e Performances de Eleonora Fabião contemplado com o Rumos 2013-2014 da Fundação Itaú Cultura. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/projeto-mundano> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

TERRAÇO GARATUJA. (Site Institucional) Disponível em: <http://terracogaratuja.blogspot.com/p/blog-page.html?m=1> Verificado em 28 de janeiro de 2019.

UNICAMP. (Site institucional) Unicamp perde o professor Mario Alberto de Santana. Campinas, 03 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/01/03/unicamp-perde-o-professor-mario-alberto-de-santana> Acesso em 29 de janeiro de 2019.

*Anexos:*

*Fotografias digitais de artigos, de opinião e jornalísticos, publicados em jornais, revistas e agências de notícias, coletados entre os anos de 2015 e 2019*

AGÊNCIA ESTADO DE MINAS. Luzia, 'a primeira brasileira', 'morre' no incêndio no Museu Nacional. Belo Horizonte, 3 de setembro de 2018.

Disponível em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/09/03/interna\\_nacional,985778/luzia-a-primeira-brasileira-morre-no-incendio-no-museu-nacional.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/09/03/interna_nacional,985778/luzia-a-primeira-brasileira-morre-no-incendio-no-museu-nacional.shtml)

Acesso em 30 de agosto de 2019.

Seções em.com.br Nacional

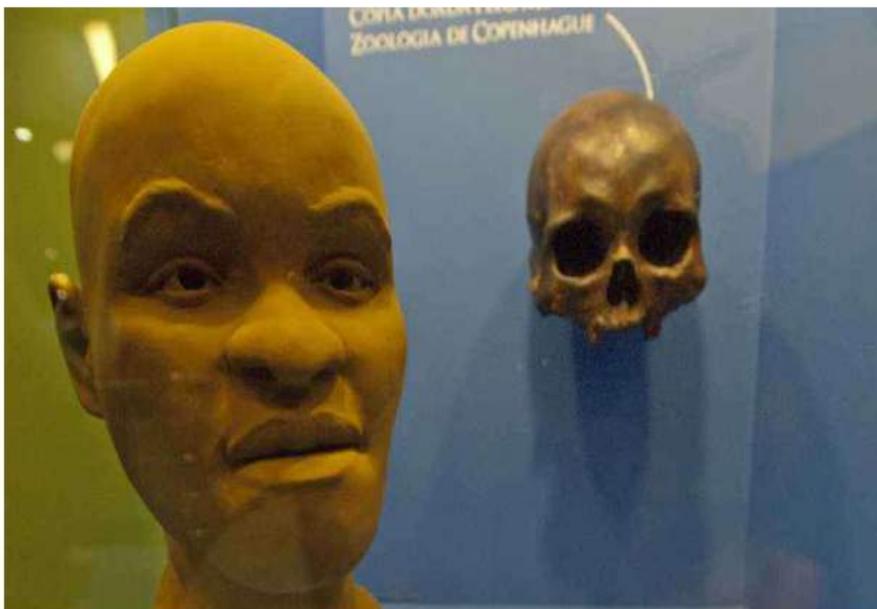
Assine Entrar

## Luzia, 'a primeira brasileira', 'morre' no incêndio no Museu Nacional

Luzia, que foi encontrada em Lagoa Santa, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, é considerada a mais antiga brasileira

AFP

postado em 03/09/2018 17:30 / atualizado em 03/09/2018 18:42



(foto: Pedro Motta/Esp. EM.)

Das 20 milhões de peças do Museu Nacional do Rio de Janeiro, devastado no domingo à noite por um incêndio, os brasileiros lamentam em particular a perda de Luzia, "a primeira brasileira", que viveu há mais de 12 mil anos nessa parte das Américas. "A perda de Luzia é para todos os interessados em civilização uma perda inestimável", declarou à AFP Paulo Knauss, diretor do Museu Histórico Nacional, outra instituição do Rio.



Esqueletos de elefante e girafa que já não estavam em exposição por falta de recursos.

(foto: Twitter/Reprodução/Thaís Mayumi)

## SAIBA MAIS

17:20 - 03/09/2018

[Incêndio destruiu 90% do acervo de museu; reconstrução do prédio custará R\\$ 15 mi](#)

17:06 - 03/09/2018

[Museu Nacional foi sexto prédio da UFRJ atingido por incêndio desde 2011](#)

16:53 - 03/09/2018

[Parte da coleção Werner é resgatada do Museu Nacional, diz professor da UFRJ](#)

"A gente não vai ter mais Luzia. Luzia morreu no incêndio", afirmou por sua vez a presidente do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (Iphan), Kátia Bogéa, citada pelo jornal Estado de S.Paulo. Foi "uma morte anunciada", acrescentou, em referência aos cortes no orçamento que afetaram a preservação do patrimônio.

Para Knauss, o que se perdeu foi "um esforço civilizacional de gerações de grupos sociais que lutaram para construir esse museu", agora completamente devorado pelas chamas. A falta de recursos se dá "em um ambiente de crise institucional, de crise de valores", que se agrava há vários anos, aponta. "Isso é antigo, temos que parar de falar do passado e buscar o futuro imediato" para reverter um "processo que nos envergonha diante das próximas gerações", alerta.

Os restos mortais de "Luzia" foram encontrados em 1970 em Minas Gerais por uma missão liderada pela antropóloga francesa Anette Laming-Emperaire. A partir de seu crânio, uma equipe da Universidade de Manchester (Inglaterra), liderada por Richard Neve, fez uma reconstrução digitalizada de seu rosto, que serviu de base para uma escultura sobre sua figura hipotética.



 (foto: Marcelo Sayão/EFE/direitos reservados/Agência Brasil )

O Museu Nacional era conhecido pela riqueza de seu departamento de paleontologia, com mais de 26.mil fósseis, incluindo um esqueleto de dinossauro descoberto em Minas Gerais e numerosos espécimes de outras espécies extintas, como preguiças gigantes e tigres dentes-de-sabre. Com 6,5 milhões de espécimes, seu departamento de zoologia incluía uma coleção excepcional de peixes 600 mil, anfíbios 100 mil, moluscos, répteis, conchas, corais e borboletas. Seu herbário, com 550.000 plantas, foi criado em 1831.

"Não é apenas uma perda para o Brasil, é uma perda para a humanidade em geral", posto que "uma parte deste patrimônio não estava arquivada em nenhum outro lugar", assinalou o presidente do Museu Nacional de História Natural (MNHN) da França, Bruno David. Poderiam tentar reconstituir parcialmente algumas coleções, com novas coletas de insetos, por exemplo. Mas "isso não substituirá o valor histórico dos espécimes destruídos". "O besouro coletado em 1850 era portador de mensagens de sua época, a nível de sua química, seu ambiente, do que havia comido. Tudo isso queimou. Nunca mais voltaremos a ter esse tipo de informação", explicou.



**RECEBA NOSSA NEWSLETTER**

Comece o dia com as notícias selecionadas pelo nosso editor.

ARBEX, Thais; LOPES, Reinaldo José. Alckmin critica Fapesp por pesquisas 'sem utilidade prática'. FOLHA. São Paulo, 27 de abril de 2016.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2016/04/1765028-alkmin-critica-fapesp-por-pesquisas-s-em-utilidade-pratica.shtml>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

**ciência**

## Alckmin critica Fapesp por pesquisas 'sem utilidade prática'

THAIS ARBEX  
DE SÃO PAULO  
REINALDO JOSÉ LOPEZ  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

27/04/2016 © O1NEP



Durante a última reunião com seu secretariado, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), criticou a Fapesp (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), principal órgão de financiamento à ciência no Estado, por priorizar estudos sem utilidade prática.

A informação foi revelada pela coluna Radar On-line, da "Veja". Segundo a revista, Alckmin fez críticas à falta de apoio a estudos para o desenvolvimento da vacina da dengue e também ao incentivo a pesquisas de sociologia.

A **Folha** confirmou a fala do governador, que disse que a Fapesp vive numa bolha acadêmica desconectada da realidade, financia estudos que muitas vezes não têm nenhuma serventia prática e gasta sem orientação maior. Procurado, o Palácio dos Bandeirantes não quis comentar.

Os dados oficiais sobre o destino dado às verbas da Fapesp em 2015, porém, não corroboram a afirmação de Alckmin de que o órgão privilegia projetos de sociologia ou "projetos acadêmicos sem nenhuma relevância".

Do total de desembolsos (R\$ 1,18 bilhão), apenas 10% foram destinados à área de ciências humanas e sociais (excluindo arquitetura e economia, que recebem, somadas, pouco mais de 1% do total). Quase 30% dos gastos do órgão em 2015 foram destinados a pesquisas na área de saúde (veja infográfico).

Embora o governador tenha condenado a suposta falta de apoio da Fapesp ao desenvolvimento da vacina da dengue no Instituto Butantan, a fundação desembolsou cerca de R\$ 2 milhões para custear esses estudos entre 2008 e 2011.

Logo depois que a associação entre o vírus zika e o surto de microcefalia em bebês brasileiros foi detectada, o órgão aprovou recursos adicionais da ordem de R\$ 500 mil para projetos de virologia já em andamento que pudessem investigar o mistério.

Neste ano, em parceria com a Finep (órgão federal), a Fapesp lançou um edital no valor de R\$ 10 milhões para pequenas empresas que busquem desenvolver tecnologias contra o zika e o mosquito *Aedes aegypti*. Procurada, a Fapesp preferiu não comentar as críticas feitas por Alckmin.

Anúncio fechado por Google

Não exibir mais este anúncio

Anúncio? Por quê?

## PESQUISA BÁSICA

"Eu sinceramente espero que essa declaração tenha sido citada fora de contexto, porque ela não é compatível inclusive com a formação acadêmica e com o histórico do governador", disse à **Folha** a bioquímica Helena Nader, presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), que declarou estar "chocada" com as críticas de Alckmin à Fapesp.

A pesquisadora lembrou que descobertas que estão na base da biotecnologia moderna, como a decifração da estrutura em dupla hélice (ou "escada torcida") do DNA, em 1953, não pareciam ter nenhuma aplicação prática quando foram feitas. "Também lamento muito pela menção negativa à sociologia. Quanto mais estudo, mais compreendo que as ciências humanas são fundamentais", disse Helena.

Para Ana Lúcia Vitale Torkomian, diretora executiva da Agência de Inovação da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), a dicotomia entre pesquisa aplicada (que supostamente "serve para alguma coisa") e pesquisa "puramente acadêmica" é falsa.

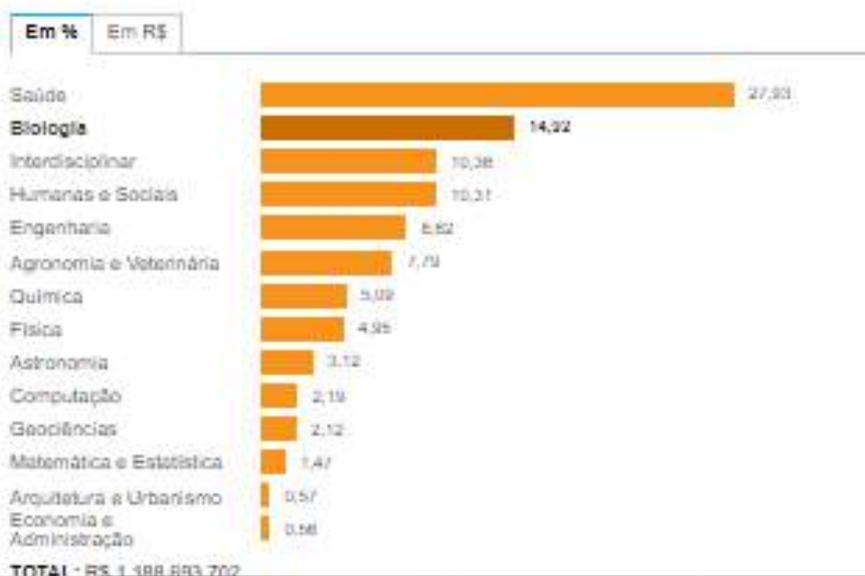
"Nenhum país é capaz de sustentar o desenvolvimento tecnológico a longo prazo sem pesquisa básica forte", afirma ela. "Além disso, hoje a distância entre a pesquisa básica e a inovação tecnológica está muito mais curta, as descobertas ganham aplicações com maior velocidade."

Ela cita o fato de que, na UFSCar, as pesquisas em química e física (em tese, puramente "acadêmicas") estão entre as que mais rendem patentes, ou seja, ideias prontas para serem transformadas em produtos.

O governador "parece estar mal assessorado, mal informado ou ambos", disse à **Folha** o sociólogo Rodrigo Augusto Prado, professor do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Presbiteriana Mackenzie. "Os políticos usam e abusam de conhecimentos oriundos da sociologia em suas estratégias de campanha e suas ações públicas."

Para Prado, não se pode descartar a possibilidade de que o governador tenha "sutilmente" ironizado Fernando Henrique Cardoso, um dos principais sociólogos do país e oponente do governador dentro do PSDB.

## INVESTIMENTO POR ÁREA EM 2015, EM %



ARCOVERDE, Leo. Fapesp corta R\$ 23 milhões em bolsas de mestrado e doutorado. UOL. São Paulo, 22 de dezembro de 2015. Disponível em:

<https://namidia.fapesp.br/bolsas-de-mestrado-e-doutorado-da-fapesp-tem-corte-de-r-23-milhoes/117149>

Acesso em 30 de agosto de 2019.



## Notícia

Home > Veículos > Jornal GGN > Notícia

### Jornal GGN

## Bolsas de mestrado e doutorado da Fapesp têm corte de R\$ 23 milhões

Publicado em 22 dezembro 2015



**Jornal GGN** – As bolsas de mestrado e doutorado da **Fapesp** tiveram um corte de R\$ 23 milhões entre janeiro e novembro deste ano, na comparação com o mesmo período do ano passado.

Ao todo, os investimentos ficaram em R\$ 167,1 milhões, contra R\$ 189,8 milhões em 2014. No geral, a queda nos repasses aos bolsistas foi de 12%. No mestrado, chegou a 22%. No doutorado, 9%.

A Fapesp disse que o motivo da diminuição dos repasses aos bolsistas foi queda na arrecadação de tributos no Brasil e no Estado de São Paulo. "A FAPESP é mantida pela transferência de 1% das receitas tributárias do Estado de São Paulo e, por isso, o total desembolsado em 2015 para bolsas de mestrado e doutorado será menor do que o desembolsado em 2014", disse a agência em nota.

A Fapesp é ligada à Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo. A nomeação de seus presidentes é feita pelo governador do Estado por meio de decreto.

#### **Do UOL Educação**

#### **Fapesp corta R\$ 23 milhões em bolsas de mestrado e doutorado**

**Por Leo Arcoverde**

O valor repassado pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) a pesquisadores, por meio de bolsas de mestrado e doutorado, recuou de R\$ 189,8 milhões para R\$ 167,1 milhões entre janeiro e novembro de 2014 e o mesmo período deste ano.

Isso quer dizer que R\$ 22,7 milhões deixaram de ser investidos no Estado em pesquisa científica e tecnológica neste ano na comparação com 2014. Em números percentuais, a queda nos repasses aos bolsistas foi de 12%.

É o que aponta levantamento inédito feito pelo **Fiquem Sabendo** com base em dados da agência de fomento obtidos por meio da Lei Federal nº 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação).

De acordo com os dados disponibilizados pela Fapesp, a queda nos repasses aos mestrandos foi de 22% (de R\$ 40,7 milhões para R\$ 31,8 milhões) na comparação entre os acumulados de janeiro a novembro de 2014 e deste ano.

Já os doutorandos foram menos afetados pelo recuo nos repasses: a queda foi de 9% (de R\$ 149 milhões para R\$ 135,3 milhões), no mesmo comparativo.

#### **Queda na arrecadação**

A Fapesp disse por meio de nota enviada por sua assessoria de imprensa que a queda nos repasses aos bolsistas se deve à queda na arrecadação de tributos no Brasil e no Estado de São Paulo.

Leia a íntegra do comunicado enviado pelo órgão à reportagem: "A redução nos desembolsos se deve à queda de arrecadação no Brasil e no Estado de São Paulo. A FAPESP é mantida pela transferência de 1% das receitas tributárias do Estado de São Paulo e, por isso, o total desembolsado em 2015 para bolsas de mestrado e doutorado será menor do que o desembolsado em 2014. Já o total desembolsado em 2015 para bolsas no exterior tem aumentado em todas as modalidades (iniciação científica, mestrado, doutorado, doutorado direto e pós-doutorado), e por ser pago em moeda estrangeira, será maior do que o total desembolsado em 2014".

#### **Agência é ligada à gestão Alckmin**

Com autonomia garantida por lei, a Fapesp é ligada à Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo.

---

---

A nomeação de seus presidentes é feita pelo governador do Estado por meio de decreto.

Em agosto deste ano, o físico e ex-reitor da USP José Goldemberg assumiu a presidência da agência de fomento após ser nomeado por Geraldo Alckmin (PSDB).

Goldemberg foi ministro do Meio Ambiente e da Saúde da gestão Fernando Collor de Mello (1990/1992) e secretário de Meio Ambiente de gestões anteriores de Geraldo Alckmin (2002/2006).

Ele substituiu Celso Lafer, que ocupava o cargo desde 2007. Professor emérito da USP, Lafer foi ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e de Relações Exteriores durante a gestão Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

[UOL Educação: José Goldemberg foi ministro da Educação e assumiu a Fapesp em setembro

Diferentemente do que foi publicado na reportagem "[Fapesp corta R\\$ 23 milhões em bolsas de mestrado e doutorado](#)", José Goldemberg foi ministro da Educação e assumiu a presidência da **Fapesp** em setembro de 2015. O texto foi corrigido.

<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/erratas/2015/12/22/uol-educacao-jose-goldemberg-foi-ministro-da-educacao-e-assumiu-a-fapesp-em-setembro.htm>]

BBC BRASIL. Tensão entre os EUA e a Coreia do Norte: há razão para temer uma guerra nuclear? Brasil: 10 agosto 2017. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40885538>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

**BBC**

Menu

**NEWS | BRASIL**

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

## Tensão entre os EUA e a Coreia do Norte: há razão para temer uma guerra nuclear?

🕒 10 agosto 2017

f 🗨️ 🐦 ✉️ Compartilhar



Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, disse que vai responder às ameaças da Coreia do Norte "com fogo e fúria jamais vistos pelo mundo".

---

Enquanto isso, a Coreia do Norte ameaçou lançar mísseis contra a ilha de Guam, território dos EUA no Pacífico habitado por 163 mil pessoas.

E tudo isso acontece em meio a informações de que Pyongyang possa ter finalmente conseguido miniaturizar uma ogiva nuclear para caber em um míssil intercontinental - uma perspectiva temida há muito tempo pelos Estados Unidos e seus aliados asiáticos.

- **Como iluminar um quarto por 40 dias só com uma batata**
- **Conheça o 'ladrão-de-coco', o maior artrópode terrestre**

Seria isso um prenúncio de um conflito militar?

Especialistas dizem que não há motivo para pânico. Eis as três razões para isso:

## 1. Ninguém quer guerra

Isso é o mais importante. Uma guerra na península coreana não é do interesse de ninguém.

O principal objetivo da Coreia do Norte é a sobrevivência - e uma guerra com os Estados Unidos poderia comprometer isso. Como o analista para Assuntos de Defesa da BBC Jonathan Marcus pontuou, qualquer ataque norte-coreano contra os EUA ou seus aliados no contexto atual poderia rapidamente evoluir para uma guerra maior - e é preciso assumir que o regime de Kim Jong-un não é suicida.

Consulte condições.

Aliás, é por isso que a Coreia do Norte tem se empenhado tanto em se tornar uma potência nuclear. Pyongyang parece acreditar que ter essa capacidade protegeria o regime - aumentando o preço para derrubá-lo. Kim Jong-un não quer seguir o caminho de Muammar Khadafi, na Líbia, ou Saddam Hussein, no Iraque. Nenhum dos dois possuía armas nucleares.

Andrei Lankov, da Universidade de Kookmin, em Seul, disse ao jornal britânico *The Guardian* que "a probabilidade de conflito é muito baixa", mas que a Coreia do Norte "tampouco estava interessada em diplomacia" a essa altura.

"Primeiro eles querem ter a habilidade de limpar Chicago do mapa, aí então eles estarão interessados em soluções diplomáticas", disse Lankov.



E quanto a um ataque preventivo americano?

Os Estados Unidos sabem que um ataque à Coreia do Norte poderia forçar o regime a retaliar atacando Coreia do Sul e Japão, aliados dos EUA.

Isso poderia resultar em muitas mortes, incluindo as de milhares de americanos - tropas e civis.

Além disso, Washington não quer correr o risco de que sejam lançados mísseis contra cidades americanas.

Por fim, a China - o único aliado de Pyongyang - ajudou a manter o regime precisamente porque seu colapso poderia ser pior para ela estrategicamente. Tropas americanas e sul-coreanas a um passo da fronteira chinesa formariam um cenário que Pequim certamente prefere evitar - e é isso o que aconteceria em caso de guerra.

## 2. Palavras, não ações

Trump pode ter ameaçado a Coreia do Norte com uma linguagem incomum para um presidente americano, mas isso não significa que os Estados Unidos estejam marchando rumo à guerra.

Como uma fonte militar anônima disse à agência Reuters: "Só porque a retórica fica mais agressiva não quer dizer que nossa postura muda".

O colunista do *New York Times* Max Fisher concorda: "São os tipos de sinais, não os comentários bruscos de um líder, que mais importam nas relações internacionais".

Além disso, depois dos dois testes de mísseis intercontinentais da Coreia do Norte em julho, os Estados Unidos tentaram uma tática diferente - pressionar Pyongyang através de sanções do Conselho de Segurança da ONU.

E seus diplomatas têm mostrado otimismo sobre um eventual retorno à mesa de negociações, apontando para o apoio de China e Rússia.



Esses dois países enviam sinais conflitantes a Pyongyang, mas também moderam a retórica agressiva do presidente Trump.

Ainda assim, alguns analistas dizem que um movimento mal interpretado no contexto de tensão poderia levar a uma guerra por acidente.

"Poderia ocorrer uma falha de energia na Coreia do Norte que pudesse ser interpretada como um ataque dos EUA. Ou os EUA podem cometer um erro [na Zona Desmilitarizada]", disse à BBC Daryl Kimball, do centro de estudos americano Arms Control Association. "Então há várias formas de cada lado errar o cálculo e a situação acabar saindo do controle".

### 3. Nenhuma novidade

Como pontua o ex-secretário-assistente de Estado dos EUA PJ Crowley, Estados Unidos e Coreia do Norte chegaram perto de um conflito armado em 1994, quando Pyongyang se negou a permitir a entrada de inspetores internacionais em suas instalações nucleares. Na ocasião, a diplomacia venceu.

Com o passar dos anos, a Coreia do Norte fez ameaças incendiárias contra Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul com regularidade, muitas vezes ameaçando transformar Seul em um "mar de fogo".

E a retórica de Trump não é exatamente sem precedentes para um presidente americano.

- **Por que criamos rugas e o que podemos fazer para evitá-las?**
- **Os segredos para aprender um novo idioma (rapidamente)**

"De várias maneiras diferentes, ainda que de uma forma não tão colorida, os Estados Unidos sempre disseram que, se a Coreia do Norte atacar, o regime deixará de existir", diz Crowley.

A diferença desta vez, acrescenta ele, é que o presidente dos Estados Unidos parece sugerir que tomaria uma atitude preventiva (apesar do secretário de Estado, Rex Tillerson, ter descartado essa opção depois).

Esse tipo de retórica belicosa imprevisível vindo da Casa Branca não é comum e preocupa as pessoas, dizem analistas.

Ainda assim, a Coreia do Sul - o aliado americano que mais tem a perder em um confronto com o Norte - não parece estar muito preocupada.

Um assessor da Presidência em Seul disse a jornalistas que a situação não chegou a um nível de crise e que é muito provável que tudo seja resolvido pacificamente.

Isso é motivo para otimismo.

---

BRITO, Carlos. De cabelos curtos devido a quimioterapia, educadora relata agressão e ataque após ser confundida com homossexual no Rio. G1. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2018.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/24/de-cabelos-curtos-devido-a-quimioterapia-educadora-relata-agressao-e-ataque-homofobico-no-rio.ghtml>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

MENU | G1

RIO DE JANEIRO

Q BUSCAR

## De cabelos curtos devido a quimioterapia, educadora relata agressão e ataque após ser confundida com homossexual no Rio

Guardador de carro acreditou que mulher, que faz quimioterapia por conta de um câncer de mama, e por isso tem cabelos muito curtos, era um homossexual.

Por Carlos Brito, G1 Rio

24/11/2018 18h54 - Atualizado há 9 meses



Deborah faz quimioterapia e sofreu agressões no Centro do Rio — Foto: Reprodução/Facebook

De cabelos curtos por causa de um tratamento com quimioterapia, a educadora Deborah Lourenço, de 31 anos, relata que sofreu ofensas homofóbicas e agressões no Centro do Rio neste sábado (24).

Deborah tinha passado pela 16ª sessão de quimioterapia e se deslocou de Botafogo, na Zona Sul, para o Centro do Rio acompanhada pela mãe, onde tomaria café da manhã na tradicional Casa Cavé.



O caso, que ainda não foi registrado na Polícia Civil, ganhou notoriedade após um relato do marido de Deborah ter sido compartilhado mais de 20 mil vezes no Facebook.

Por acreditar que Deborah era um homem homossexual - uma vez que o tratamento para o câncer de mama ao qual se submete provocou a queda de seus cabelos, deixando-os muito curtos -, o homem, um guardador de carros do local, passou a xingá-la e empurrá-la.

Segundo a educadora, a situação aconteceu pouco depois das 8h30, na Avenida Presidente Vargas. Aos sábados, o trecho da pista sentido Centro, logo após o cruzamento com a Avenida Passos, é fechado ao tráfego e utilizado como estacionamento.

Era ali que Deborah, acompanhada pela mãe, pretendia estacionar. Poucos antes, elas estavam em Botafogo, onde a educadora passou por mais uma sessão de quimioterapia - tratamento ao qual se submete para combater um câncer de mama.

"O procedimento terminou mais cedo que o esperado e perguntei para minha mãe se ela não gostaria de ir ao Centro para tomarmos café da manhã na Casa Cavé - ela concordou. Combinamos que também aproveitaríamos para fazer algumas compras de Natal. Decidimos parar o carro na Presidente Vargas. Um guardador de vagas se aproximou e indicou o local onde deveríamos estacionar. Nesse momento, eu desci para esperar do lado de fora do veículo, uma vez que, no lugar onde o carro ficaria, eu não teria como abrir a porta. Foi quando o problema aconteceu", relembrou Deborah.

Na calçada, ela esperava a mãe terminar a manobra na vaga. Nesse momento, um outro guardador apareceu e passou a abordá-la de forma agressiva.

"Ele começou a gritar: 'É vinte! É vinte!' Entendi que ele queria que eu desse R\$ 20 para estacionar o carro ali. Eu ia começar a explicar que já havia acertado com o primeiro guardador, mas nem tive tempo - ele passou a me xingar: 'Viadinho! Filho da p(\*)! Viadinho de m(\*)!'. Logo em seguida, estufou o peito, cresceu para cima de mim e passou a me empurrar. Eu não acreditava no que estava acontecendo, fiquei chocada. Só conseguia recuar para tentar não ser atingida. Nesse instante, o primeiro guardador entrou na minha frente e conteve o agressor. Corri para dentro do carro e pedi para que minha mãe nos tirasse dali logo".

Ainda levaria algum tempo até que a tensão diminuísse, até que Deborah se acalmasse e conseguisse racionalizar sobre o que havia acabado de viver.

## Outros olhares

Logo quando começou o tratamento para combater a doença, os cabelos de Deborah caíram por completo - reação esperada por conta das sessões de quimioterapia. A partir daquele momento, sempre quando andava pelas ruas, ela notava que as pessoas ao redor a olhavam com piedade.

A educadora admite que perceber que todos à sua volta estão com pena não é a melhor sensação do mundo, mas ao menos aquelas expressões, aqueles olhares, ela lembrou, transmitiam um sentimento positivo.

No entanto, neste sábado, logo após a confusão, já com o carro já estacionado próximo ao metrô da Uruguaiana, em meio à confusão típica das manhãs de sábado no Centro do Rio, Deborah entendeu o que tinha acontecido: ela foi vítima de manifestação mais agressiva de um comportamento que a própria educadora já havia percebido nos últimos tempos.

"Meus cabelos começaram a crescer novamente, mas, é claro, ainda estão bem curtos. Foi a partir desse ponto que a situação mudou. Ao andar pelas ruas de mãos dadas com meu marido, passei a notar que muita gente começou a nos olhar de forma estranha, agressiva, atravessada. Entendi que essas pessoas começaram a achar que eu era um homem e estava de mãos dadas com outro homem – ou seja, que éramos um casal homossexual. Quase que imediatamente, todos aquelas expressões de piedade que eu recebia foram substituídas por reprovação e raiva. Hoje foi o momento em que a homofobia e a violência daqueles olhares se transformaram em insultos e agressões – porque aquele guardador se viu autorizado a me agredir apenas porque achou que eu era um homossexual. É triste e difícil de acreditar".

BRUM, Eliane. Quem mandou matar Marielle? E por quê? El País Brasil: 14 de março de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039\\_897963.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039_897963.html) Acesso em 30 de agosto de 2019.

EL PAÍS

OPINIÃO

INTERNACIONAL BRASIL OPINIÃO ECONOMIA CIÊNCIA TECNOLOGIA CULTURA ESTILO ESPORTES

COLUNA | ↓

## Quem mandou matar Marielle? E por quê?

Bolsonaro, que governa o Brasil pela administração do ódio, deveria ser o maior interessado em desvendar o crime



ELIANE BRUM

14 MAR 2019 - 22:53 GMT



Mural em São Paulo em homenagem a Marielle Franco. F. HUIZERRA (LHE)

Quando soube que [Marielle Franco](#) havia sido assassinada, eu tinha acabado de chegar de Anapu, a cidade que recebeu o sangue de [Dorothy Stang](#). Quatro tiros tinham arreventado a cabeça bonita de Marielle e também aquele sorriso que fazia com que mesmo eu, que nunca a conheci, tivesse vontade de rir com ela. Ainda hoje tenho quando vejo a sua fotografia. E rio com Marielle. E então lembro o horror da destruição literal do seu sorriso. E então eu não choro. Eu escrevo.

Quando a notícia chegou eu ainda estava na Amazônia, mas me preparava para pegar um avião para [São Paulo](#). Eu carregava no meu corpo o horror de ter constatado que a violência contra os pequenos agricultores no Pará era, naquele momento, pior do que em 2005, ano do assassinato de Dorothy. Havia então, em Anapu, uma trilha vermelho-sangue de 16 execuções de trabalhadores rurais ocorridos desde 2015, pessoas que não tinham cidadania americana para chamar a atenção da imprensa.

#### MAIS INFORMAÇÕES



**Acusados de matar Marielle, PM e ex-PM são presos no Rio de Janeiro**



Dois dias antes, na estrada de Anapu, eu havia sido alcançada pela notícia do assassinato de Paulo Sérgio Almeida Nascimento, diretor da Associação dos Caboclos, Indígenas e Quilombolas da Amazônia (Cainquiama). Paulo recebia ameaças por sua atuação e fez repetidos pedidos de proteção policial. Ele cobrava providências dos governos federal e do Pará, além da prefeitura de Barcarena, sobre a atuação da mineradora norueguesa Hydro Alunorte, que comprovadamente contaminou a água dos rios da região, ameaçando a vida da população e o meio ambiente. Paulo foi assassinado dois dias antes de Marielle.

'Caso Marielle, uma investigação radioativa para os Bolsonaro', por Flávia Marreiro



Perguntas sem resposta sobre o assassinato de Marielle e Anderson

Em Anapu, eu tinha escutado padre Amaro Lopes afirmar que sabia que estavam armando para ele, que inventariam algo para interromper sua luta. Ele era considerado o sucessor de Dorothy Stang na proteção dos direitos dos trabalhadores rurais e da floresta amazônica na região. Para mim era claro que as reais sucessoras de Dorothy eram as freiras que dividiam a casa com ela e que seguiam seu trabalho sem escorregar em vaidades pessoais. O trabalho de Amaro Lopes, porém, era importante o suficiente para ser interrompido pela violência. Duas semanas mais tarde, como o padre havia previsto, ele foi preso numa operação cinematográfica pela polícia do Pará, e acusado de quase tudo. O objetivo era assassinar a sua reputação e neutralizá-lo. Foi alcançado.

Quando soube da morte de Marielle, era este o mapa de mortes ao redor de mim, apenas no pequeno círculo que era eu. Essas mortes, ainda que não diretamente, estavam conectadas. Elas expressavam um novo momento do país, um em que a vida valia ainda menos, e a justiça era ainda mais ausente, quando não conivente.

Desde 2015, a tensão no campo e nas periferias urbanas crescia no Brasil. Era o resultado direto da fragilização da democracia pelo processo de impeachment, que sempre se faz sentir primeiro nos espaços mais distantes dos centros de poder. Mesmo antes de ser afastada, [Dilma Rousseff \(PT\)](#) já estava concedendo o que não se pode conceder, no desespero de barrar o processo que a arrancaria do cargo para o qual fora eleita. Na Amazônia, esses recados são interpretados como literalidade. E autorização.

Essas mortes expressavam também como o Brasil arcaico, aquele que ganhou uma imagem eloquente no retrato oficial do primeiro ministério de [Michel Temer \(PMDB\)](#) – branco, masculino e reprodutor das oligarquias políticas – esmagava o Brasil insurgente que tinha avançado nos últimos anos, aquele que deslocava os lugares dos centros e das periferias, confrontava o apartheid racial não oficial, rompia com os binarismos de gênero, enfrentava o patriarcado com cartazes e peitos nus.

**Os assassinatos mostraram como o Brasil arcaico tentava esmagar o Brasil insurgente que tinha avançado nos últimos anos**

---

Eu descia a escada da casa que alugava. Ao chegar ao último degrau, tive a sensação de que o Brasil tinha sido rasgado. Comecei a descer a escada em um país, e terminei em outro. No meio, a notícia do assassinato de Marielle Franco. O corpo flagelado de Marielle era o rasgo.

Quando viajava para São Paulo, num percurso longo de três voos, em que podia checar as informações apenas nas escalas, percebi que esse sentimento não era só meu. Uma parte do Brasil se levantava, ocupava as ruas, se retorcia e gritava.

Matar uma vereadora eleita a tiros era um passo além na violência extrema de um país que convive com o genocídio dos jovens negros, que convive com o [genocídio dos indígenas](#), como se fosse possível conviver com genocídios sem corromper além do possível o que chamamos de alma. O assassinato de Marielle era um passo além, um passo já sobre o vão do abismo, até mesmo para o Brasil.

Desde 2014 eu comecei a escrever uma palavra em vários dos meus textos. Esgarçado, esgarçamento... Demorei a reconhecer o padrão. Às vezes uma palavra se impõe pelos caminhos do inconsciente que percebe o mundo a partir de outros percursos. Esgarçada, a carne do país agora se rasgava, como se os corpos furados à bala, os corpos negros, os corpos indígenas, ao se tornarem numerosos demais, tivessem tornado impossível sustentar qualquer remendo. Mesmo uma costureira amadora sabe que não é possível cerzir um pano rasgado demais, onde a pele juntada com agulha e linha de imediato se abre. Já não havia integridade possível no tecido social do Brasil porque se matou demais. Marielle Franco era o além do demais.

**Em 14 de março de 2018, o Brasil entrou numa nova fase de suas ruínas continentais**

Entendi então que também era um Brasil que morria com Marielle. E que daquele dia em diante entraríamos numa outra fase de nossas ruínas continentais. Acredito que estava certa. Mas acredito também que estava errada. Estava certa porque Marielle Franco acolhia em seu corpo todas as

minorias esmagadas durante 500 anos de Brasil. Seu corpo era um mostruário, uma instalação viva, da emergência dos Brasis historicamente silenciados.

Marielle carregava múltiplas identidades: negra, como é a maioria dos que morre; da favela (da Maré), de onde vêm os que têm menos tudo; mulher preta, a porção mais frágil e sujeita à violência da população brasileira; lésbica, o que a lança em outro grupo flagelado pela homofobia. Carregando tudo o que era – e será sempre –, Marielle elegeu-se vereadora do Rio pelo PSOL. E fez de suas identidades criminalizadas uma explosão de potência. Ela era a encarnação de um movimento que vinha tanto dos interiores quanto dos estertores do Brasil. Marielle encarnava um levante que não morreu com ela, mas que vem sendo massacrado nos últimos anos. Um levante criador e criativo que sonhava com outro Brasil, que almejava atravessar as oligarquias alegremente com seus pés descalços como o fez neste Carnaval – rumo a um outro jeito de ser Brasis, no plural.

---

Marielle tinha todo esse desaforo no seu corpo e ainda ousava rir, e ria muito, como fazem as mulheres que sabem que rir é um ato de transgressão, já que chorar é o que se espera de nós.

Ao mesmo tempo, eu estava errada. O Brasil pós-redemocratização, o país onde eu tinha vivido a minha vida adulta, não tinha morrido em 14 de março de 2018. Mas sim quase dois anos antes, em 17 de abril de 2016.

Uma parte dos brasileiros soube que algo terrivelmente definitivo tinha acontecido naquele domingo em que os deputados votaram pela abertura do impeachment de Dilma Rousseff. Mesmo os que eram favoráveis ao impeachment chocaram-se com as tripas à mostra dos parlamentares, a votar em nome de Deus e da família contra uma presidenta que não havia cometido crime de responsabilidade. [A vergonha atingiu quase todos nós](#). Ou pelo menos muitos. Muitos pela ética, a maioria talvez apenas pela estética.

O Brasil que existira durante 31 anos, do fim da ditadura militar à votação do impeachment de Dilma Rousseff, de 1985 a 2016, morreu com o voto de Jair Bolsonaro. Nestas mais de três décadas o Brasil avançou e retrocedeu, convulsionou-se, desvelou-se, povoou-se de esperanças, conviveu com o impossível de seus genocídios e protegeu agentes de Estado que cometeram crimes contra a humanidade durante o regime de exceção.

**O Brasil que existiu de 1985 a 2016 morreu com o voto criminoso de Bolsonaro em favor do impeachment da primeira mulher presidente**

É da gestação dessa democracia deformada que nasce o Brasil que vivemos hoje, [como já escrevi neste espaço, mais de uma vez](#). Mas até 2016 tivemos um país em ebulição, onde o presente era ferozmente disputado por diferentes grupos. Naquele país, o levante do qual Marielle Franco é um dos símbolos avançava pelas brechas, e avançava rápido, porque tinha séculos de atraso às suas costas.

**Não é coincidência que Jean Wyllys, o deputado que cuspiu em Bolsonaro, é também o primeiro exilado de seu governo**

O voto de Jair Bolsonaro interrompeu esse processo – e encerrou uma das fases mais ricas de possibilidades do Brasil. Não apenas o impeachment, [que parte da esquerda chama de “golpe”](#), mas a perversão do impeachment tornada explícita pelo voto de Bolsonaro. Se o voto do ex-capitão era uma expressão da anatomia do impeachment, e era, o voto era isso e

também algo além disso. Um além que talvez só Jean Wyllys (PSOL), [no seu ato de cuspir](#), tenha percebido. Não é apenas coincidência que seja ele o primeiro político exilado do Brasil do bolsonarismo.

Naquele momento, Bolsonaro cometeu o crime de apologia à tortura e ao torturador. “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”. O então deputado federal violou o artigo 287 do Código Penal: “Fazer, publicamente, apologia de fato criminoso ou de autor de crime. Pena: detenção de três a seis meses, ou multa”.

Ustra foi o único torturador reconhecido como torturador pela justiça brasileira. Sob o comando de Ustra, pelo menos 50 pessoas foram assassinadas e outras centenas torturadas. Havia ainda o sadismo explícito do aposto colocado por Bolsonaro: “pelo pavor de Dilma Rousseff”. A presidente foi torturada por agentes do Estado na ditadura.

Bolsonaro consumava ali a ligação entre os dois momentos do país, saltando sobre o período democrático. Ao invocar o torturador e apontar o pavor da torturada, Bolsonaro tornou o impeachment sem base legal um novo ato de tortura contra Dilma Rousseff.

Aquele, na minha opinião, foi o momento mais grave do país desde a redemocratização. O dia seguinte decidiria o futuro do Brasil. Se a lei fosse cumprida e Bolsonaro denunciado, julgado e preso, as instituições teriam mostrado que eram capazes não só de fazer a lei valer, mas também capazes de proteger a democracia e os princípios democráticos.

A serviço de forças muito além de sua família, Bolsonaro era aquele soldado raso despachado para a frente de batalha para descobrir se explode ou se a tropa mais gabaritada pode avançar em relativa segurança. Como ele ameaçou uma presidente e homenageou um torturador e continuou tocando a vida porque a lei era palavra morta, o Brasil afundou ali. Menos de um mês depois, em 12 de maio de 2016, dia do afastamento de Dilma Rousseff da presidência do país, Bolsonaro mergulhou nas águas do Rio Jordão, em Israel, para ser batizado pelo Pastor Everaldo, líder do PSC.

---

Foi também naquele voto que Bolsonaro virou presidente da República, ou alguém com muitas chances de se tornar presidente da República. De personagem bufão do baixo clero do Congresso, ele foi promovido a representante das forças mais arcaicas: tanto as que queriam garantir a ampliação do seu poder no Planalto, como os ruralistas, quanto as que queriam alcançar o poder central, caso dos evangélicos.

Naquele momento, também os setores das Forças Armadas incomodados com a Comissão da Verdade e a pressão pela revisão da Lei de Anistia viram uma oportunidade. Arriscada, mas ainda assim uma oportunidade. O ex-capitão, que era conhecido como oportunista e insubordinado, poderia ser útil para barrar a produção de memória sobre o regime de exceção e reescrever a

história. Poderia ser útil também para garantir a volta dos generais ao Planalto sem o trauma de um golpe clássico, como ocorreu em 1964.

Acreditaram poder controlá-lo. Deveriam ter ouvido um general mais experiente antes de se meter na perigosa aventura bolsonarista. Em 1993, em entrevista aos pesquisadores Maria Celina D' Araújo e Celso Castro, o general Ernesto Geisel, quarto militar a presidir o Brasil durante a ditadura, afirmou: "Não contemos o Bolsonaro, porque o Bolsonaro é um caso completamente fora do normal, inclusive um mau militar".

**Os generais hoje no poder deveriam ter escutado o ditador Ernesto Geisel, que chamava Bolsonaro de "mau militar"**

Marielle Franco foi morta neste novo Brasil, por este novo Brasil escancarado pelo crime de Bolsonaro ao votar pelo impeachment. Este novo Brasil é velho, mas também é novo. Porque o novo não é sinônimo de bom. E o velho não é sinônimo de ruim. A serviço do que há de mais arcaico e viciado na história do Brasil, Bolsonaro é novo. A serviço do que há de mais clínico na história do Brasil, o fundoportunismo evangélico das lideranças neopentecostais é novo.

Já o novo que vem das raízes, representado por Marielle, o que vem da insurreição dos negros aquilombados, da resistência quase transcendental dos povos indígenas, das mulheres que amam suas bucetas, daqueles que não se encaixam na normatização dos corpos, é este que está sendo esmagado. Precisamos saber: Quem mandou matar Marielle? E por quê?

**Marielle foi morta também por carregar no corpo o levante dos Brasis periféricos que reivindicam o lugar de centro**

Seja qual for a resposta objetiva, concreta, que já tarda um ano, Marielle também foi morta por carregar no seu corpo o levante dos Brasis periféricos que nos últimos anos vêm reivindicando o lugar de centro. Ela era a expressão cheia de curvas de tudo aquilo que aqueles que só conseguem conviver com ângulos retos sentem compulsão por exterminar. Não apenas porque são

incapazes de lidar com outras formas geométricas, mas porque quando os excluídos do Brasil ocupam as tribunas pelo voto, aqueles que acham que o poder é parte do seu destino hereditário temem por seus privilégios.

Desde que a primeira mulher presidenta foi arrancada do Planalto por um impeachment descabeçado, a violência nas periferias da floresta, do campo e das cidades recrudesciu. A percepção era de que algo represado, contido com muito esforço, se liberava. E de fato se liberava. Todo o desejo de destruição recalcado pelo que chamam de “politicamente correto”, mas que é outra coisa, emergiu. E da forma violenta como irrompe o que é controlado com esforço, o que é empurrado para o fundo, sem trabalho de elaboração tanto na esfera pública quanto na privada. Ainda assim, as Marielles seguiram.

É de desejo de destruição que falamos.

E minha interpretação é que

majoritariamente é um desejo de destruição dos corpos das mulheres e dos LGBTI, dos corpos que se recusam a ser normatizados, como Jair Bolsonaro e seus seguidores deixaram claro na campanha de 2018.

Acrescentaria ainda nesta lista os corpos dos que praticam as religiões de origem africana, barreira ao

crescimento das evangélicas neopentecostais, que por isso precisam ser demonizadas.

Quando Bolsonaro invoca a tortura do corpo da presidenta ao votar pelo impeachment, é a vontade de destruição do corpo de Dilma que reafirma.

Como antes já havia feito a apologia do estupro ao agredir a deputada federal Maria do Rosário (PT).

**Há no Brasil atual um desejo de destruição dos corpos que se recusam a ser normatizados, como os das mulheres e dos LGBTI**

É importante lembrar de Luana Barbosa dos Reis Santos, negra, periférica e lésbica, que foi assassinada por policiais em 2017. Assim como lembrar que foi uma mulher, Amélia Teles, torturada por Ustra, aquela que foi agredida mais uma vez pelas redes sociais ao ser ameaçada de morte por apoiadores de Bolsonaro durante a campanha. Também Amelinha foi torturada duas vezes, a segunda por ousar contar a violência que sofreu pelas mãos e ordens do herói de Bolsonaro. Como vale a pena lembrar ainda, os agentes do Estado, além de usarem os equipamentos clássicos de tortura, como os choques elétricos, costumavam também torturar as mulheres introduzindo ratos e baratas em suas vaginas, ampliando o componente misógino do sadismo.

Os atuais donos do poder deflagraram uma guerra pelo controle dos corpos, aquilo que Jair Bolsonaro pregou como o fim das minorias, que devem “se curvar diante da maioria”. O “menino veste azul, menina veste rosa”, da ministra da Mulher, Damarens Alves, não é uma distração ou um factóide – é sim a mais exata tradução de uma disputa de poder muito profunda.

**O Carnaval de 2019  
perturbou tanto  
Bolsonaro porque  
mostrou que o levante  
continua vivo**

É necessário prestar atenção em quem foi obrigado – até agora – a deixar o país para salvar a sua vida: publicamente, um gay assumido e duas feministas conhecidas. Mas há mais gente. A violência não é sobre quaisquer corpos, mas sobre corpos específicos. O que se disputa, vale repetir, é o controle sobre os corpos que se insurgiram – o das

mulheres, dos negros, dos indígenas e dos LGBTQI. Também não foi qualquer imagem que Bolsonaro escolheu para tentar desqualificar o Carnaval de 2019, mas uma relação sexual entre dois homens. Bolsonaro se descontrolou um pouco mais porque o Carnaval mostrou, apesar de toda a violência pregada pelo presidente, que o levante continua vivo. E muito vivo.

É urgente parar de fingir. Não vivemos numa democracia. Desde que assumiu, Bolsonaro passou a usar seu poder de presidente a serviço de sua máquina de produzir linchamentos e desqualificar opositores, que trata como inimigos. A estratégia de sua ação na redes sociais, assessorado pelo filho zero dois, é a de manter a população em suspenso. Bolsonaro e zero dois vão controlando os dias e os espasmos, disseminando mentiras e direcionando ataques.

Sejamos claros: Bolsonaro está controlando o cotidiano do país. Não pela administração pública, mas pela administração do ódio. O que vai acontecer neste país com um presidente que usa o poder e a máquina do Estado para destruir uma parcela cada vez maior da população?

Parar de fingir que existe uma normalidade democrática é uma medida urgente para manter a sanidade mental da população. O Brasil pode explodir em ódios a qualquer momento. São grandes as chances de Bolsonaro provocar uma tragédia. Ele está fora de controle, se é que algum dia teve algum controle. E as instituições não se movem para proteger a população e a Constituição.

**Bolsonaro e sua  
administração do ódio  
podem provocar uma  
tragédia a qualquer  
momento**

Vivemos no Brasil um cotidiano de exceção. Desde o voto de Bolsonaro. E rumamos para um Estado de Exceção, desde o voto em Bolsonaro.

A destruição do corpo de Marielle Franco, o corpo político que se recusava a ser subjugado, é até hoje o mais violento ataque. É por dignidade que se grita "Marielle Presente". É por responsabilidade coletiva. Mas também é pela convicção de que manter viva a memória de Marielle e tornar cara a sua morte é o que possivelmente já tenha nos salvado de outros corpos arrebatados à bala pelas ruas do Brasil. Esse grito persistente é o que talvez tenha nos tenha salvado do descontrole total.

---

É urgente parar de fingir. Não vivemos numa democracia. Desde que assumiu, Bolsonaro passou a usar seu poder de presidente a serviço de sua máquina de produzir linchamentos e desqualificar opositores, que trata como inimigos. A estratégia de sua ação na redes sociais, assessorado pelo filho zero dois, é a de manter a população em suspenso. Bolsonaro e zero dois vão controlando os dias e os espasmos, disseminando mentiras e direcionando ataques.

Sejamos claros: Bolsonaro está controlando o cotidiano do país. Não pela administração pública, mas pela administração do ódio. O que vai acontecer neste país com um presidente que usa o poder e a máquina do Estado para destruir uma parcela cada vez maior da população?

Parar de fingir que existe uma normalidade democrática é uma medida urgente para manter a sanidade mental da população. O Brasil pode explodir em ódios a qualquer momento. São grandes as chances de Bolsonaro provocar uma tragédia. Ele está fora de controle, se é que algum dia teve algum controle. E as instituições não se movem para proteger a população e a Constituição.

**Bolsonaro e sua  
administração do ódio  
podem provocar uma  
tragédia a qualquer  
momento**

Vivemos no Brasil um cotidiano de exceção. Desde o voto *de* Bolsonaro. E rumamos para um Estado de Exceção, desde o voto *em* Bolsonaro.

A destruição do corpo de Marielle Franco, o corpo político que se recusava a ser subjugado, é até hoje o mais violento ataque. É por dignidade que se grita “Marielle Presente”. É por responsabilidade coletiva. Mas também é pela convicção de que manter viva a memória de Marielle e tornar cara a sua morte é o que possivelmente já tenha nos salvado de outros corpos arrebatados à bala pelas ruas do Brasil. Esse grito persistente é o que talvez tenha nos salva do descontrole total.

Este Brasil que matou Marielle já era o Brasil de Bolsonaro mesmo antes de ele ser eleito. Era o Brasil em que os filhos de Bolsonaro vestiam uma camiseta com a inscrição “Ustra Vive” para disputar votos. Em que o atual governador do Rio aparece junto com dois brucutus, que depois se tornariam deputados eleitos pelo PSL. Na imagem, eles se orgulham de arrebeitar a placa de rua com o nome de Marielle Franco. E atravessam seu nome com os próprios corpos, como numa espécie de estupro simbólico.

A apuração do assassinato de Marielle Franco e de Anderson Gomes está em curso. O fato de um ano após sua morte o Brasil ainda não saber quem ordenou o crime e por que razões ordenou o crime é uma vergonha para os responsáveis, em todas as instâncias – e uma vergonha para o Brasil. Mas não só uma vergonha. O que a demora em solucionar o crime expõe é a convulsão do país em que uma polícia precisa investigar por que razões a outra polícia não investiga. Um país em que os suspeitos que acabaram de ser presos eram policiais militares.

---

**Bolsonaro deveria ser o brasileiro que mais deseja esclarecer a morte de Marielle e, assim, provar que coincidências são apenas coincidências**

O presidente do Brasil e sua família deveriam ser os primeiros a querer que o assassinato de Marielle Franco fosse esclarecido. E imediatamente. Deveriam ser os mais interessados em provar que as coincidências e os vários cruzamentos da família com suspeitos de terem executado o crime são apenas isso: coincidências. Não é possível governar um país sem que essas coincidências sejam esclarecidas. A

cada nova coincidência, cresce na população o sentimento de descontrole.

Só a dois dias de completar um ano das mortes é que finalmente a Polícia Civil do Rio e o Ministério Público do Rio prenderam os ex-PMs Ronie Lessa e Elcio Vieira de Queiroz. Lessa foi preso na casa de 280 metros quadrados onde vivia com a família, na mesma rua e no mesmo condomínio de Jair Bolsonaro. Da varanda da casa de Lessa é possível ver o quarto da filha de Bolsonaro. Segundo o delegado Ginilton Lages, a filha de Lessa namorou um dos filhos de Bolsonaro. Na casa de um amigo de Lessa, a Polícia Civil encontrou 117 fuzis incompletos, do tipo M-16: é a maior apreensão de fuzis da história do Rio de Janeiro.

Ninguém é responsável pelos atos de seus vizinhos nem pelos atos dos sogros dos filhos. Mas, enquanto os mandantes do crime não forem descobertos e as motivações esclarecidas, também não há como provar que coincidências são apenas coincidências. E isso é ruim para o Brasil. É por isso que o clã Bolsonaro deveria ser o maior interessado em desvendar o assassinato de Marielle. Para o bem do Brasil.

Porque há outras coincidências. O governador do Rio, Wilson Witzel (PSC), escreveu numa rede social que um dos cinco presos na operação “Os Intocáveis”, de janeiro deste ano, uma ação conjunta da Polícia Civil e do Ministério Público, era suspeito de envolvimento nas mortes de Marielle e de Anderson. O ex-capitão da PM Adriano Magalhães Nóbrega, hoje foragido, foi apontado pela operação como um dos líderes da milícia de Rio das Pedras, que opera um esquema de grilagem de terras, entre outros crimes e contravenções. Nóbrega também seria chefe do grupo de extermínio Escritório do Crime, suspeito de estar associado à execução de Marielle e de Anderson. Este mesmo Nóbrega foi celebrado pelo hoje senador Flávio Bolsonaro, o zero um, com moção de louvor por seu “brilhantismo e galhardia”, em 2003, e com a Medalha Tiradentes, a mais alta honraria da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 2005.

As coincidências não param aí. Até novembro de 2018, a mãe e a mulher de Nóbrega trabalhavam no gabinete de Flávio Bolsonaro. O zero um atribuiu as contratações a seu ex-assessor, Fabrício Queiroz, amigo de longa data do presidente da República. Queiroz, que foi policial militar, é suspeito de comandar rachadinhas no gabinete de zero um. O esquema retém parte dos salários de funcionários nomeados de um gabinete. Queiroz também é o autor do depósito de um cheque de 24 mil reais na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro.

No final de 2018, a Polícia Federal entrou no caso Marielle para descobrir o que estava barrando a investigação do caso Marielle. “Uma investigação sobre a investigação”, como definiu o então ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann. Quando a Polícia Federal precisa ser acionada não para desvendar um caso, mas para descobrir por que o caso não é desvendado, é compreensível e mesmo esperado que a população comece a entrar em pânico.

Jungmann disse mais: o processo de apuração do crime é “uma aliança satânica entre a corrupção e o crime organizado”. O então ministro já havia descrito o caso Marielle com as seguintes palavras: “Fica claro que existiria uma grande articulação envolvendo agentes públicos, milicianos, políticos, num esquema muito poderoso, que não teria interesse na elucidação do caso Marielle, até porque estariam envolvidos nesse processo, se não tanto na qualidade daqueles que executaram, na qualidade de mandantes”. Ele era o ministro da Segurança e tudo o que afirmava era sua impotência para elucidar o crime.

Bolsonaro entra no terceiro mês de governo. Já mostrou que governa pela administração do ódio. E que essa administração é estratégica e calculada para cumprir pelo menos dois objetivos: desviar o foco das atenções sobre as suspeitas envolvendo o filho zero um, que podem atingir mais membros da família, inclusive o próprio presidente, assim como manter o país em guerra

civil não declarada nas redes sociais, de forma que Bolsonaro possa escolher o inimigo a ser linchado antes que o ódio se volte contra ele.

**Para manter a  
popularidade em alta,  
Bolsonaro está  
gestando uma guerra  
civil não declarada no  
Brasil**

O presidente dedica grande parte do seu tempo a manter suas milícias digitais ocupadas, destruindo as reputações de seus críticos, e sem tempo para prestar atenção em como são tratados os assuntos urgentes do Brasil. Como já se viu, a produção de linchamentos seguidamente tem como alvos jornalistas que investigam tanto as milícias do Rio quanto o caso Queiroz.

Jair Bolsonaro transformou o Brasil em um laboratório de administração do ódio e de seus efeitos sobre a população. É um "case". E é muito perigoso. Quem percebe já começou a adoecer. Outros deixaram o país para não virarem mártires. O pior que podemos fazer neste momento é fingir que isso é normalidade. Ou que há normalidade possível com um presidente que controla os dias do Brasil pela administração do ódio nas redes sociais. A pressão está crescendo. As coincidências precisam ser esclarecidas o mais rapidamente possível. As instituições devem acordar.

Quando finalmente for descoberto quem mandou matar Marielle Franco – e por quê –, não será apenas um crime que vai ser elucidado. É a anatomia do Brasil atual que poderá ser desvelada em todo o seu espantoso horror. Mas os mandantes – e os motivos – só serão revelados se continuarmos a perguntar: "Quem mandou matar Marielle? E por quê?"

BRUM, Eliane. Tupi or not to be. Em nome de Deus e do New York Times, a disputa do impeachment e dos Brasis. El País Brasil: 25 de abril de 2016.

Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521\\_717873.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html)

Acesso em 30 de agosto de 2019.

COLUNA | 1

## Tupi or not to be

Em nome de Deus e do New York Times, a disputa do impeachment e dos Brasis



ELIANE BRUM

15 OUT 2018 - 06:46 BRT

O 17 de abril de 2016 tornou explícito que esta não é apenas uma crise política e uma crise econômica. Mas também uma crise de identidade, de ética e de estética. Os holofotes lançados sobre a Câmara dos Deputados, em transmissão ao vivo pela TV, iluminaram o horror. E iluminaram o horror mesmo para aqueles que torciam pela aprovação da abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff. No dia seguinte, algo também revelador aconteceu: a disputa foi levada ao território "estrangeiro". Não uma disputa qualquer, mas a disputa sobre como nomear o acontecido. Vale a pena seguir essa pista.

### MAIS INFORMAÇÕES

O que Belo Monte delata sobre todos os lados

Acima dos muros

Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus

Todo inocente é um fdp?

### NEWSLETTERS

Receba o boletim diário do EL PAÍS Brasil



A imprensa internacional aponta para o Brasil e diz, com variações, que o espetáculo é ridículo, o que aconteceu foi um circo. A presidente Dilma Rousseff e o PT vão disputar lá fora o nome da coisa: é um golpe – ou um “coup”. O presidente da Câmara, [Eduardo Cunha](#) (PMDB), despacha dois enviados especiais para garantir outra narrativa: o impeachment é legítimo, as instituições brasileiras funcionam, tudo está dentro das normas. Vozes se erguem para acusar Dilma Rousseff de expor o Brasil no “exterior”, prejudicando a imagem do país, reduzindo-o a uma “republiqueta de bananas”. [Na ONU, Dilma recua da palavra “golpe”](#) e escolhe, para oficialmente representá-la, outra palavra, uma que não constitui quebra: “retrocesso”. Não é ali que se dá a disputa. A guerra está no território dos narradores. E os narradores contemporâneos encontram-se em grande parte (ainda) na imprensa.

A disputa do impeachment aprofundou o que já havia sido exposto nas manifestações de 2013: a crise da imprensa brasileira não é apenas de modelo de negócios, mas de credibilidade. Como acontece com os partidos políticos, a da imprensa é também uma crise de representação, já que parcelas significativas da população não se reconhecem na cobertura. Neste sentido, o olhar do outro, aqui representado pela imprensa internacional, devolve algo sem o qual não se faz jornalismo que mereça este nome: devolve o espanto, lugar de partida de quem deseja decifrar o mundo que vê.

---

E, a partir do espanto, busca compreender como uma presidente democraticamente eleita por 54 milhões de votos, sem crime de responsabilidade comprovado, tem a abertura de seu processo de impeachment comandado por um réu do Supremo Tribunal Federal, numa Câmara em que parte dos deputados é investigada por crimes que vão de corrupção ao uso de trabalho escravo, num espetáculo que desvela pelo grotesco as fraturas históricas do país.

A narrativa construída por uma parte da imprensa brasileira sobre o momento mais complexo da história recente do país, a forma como essa parcela da mídia ocupa seu papel como protagonista, assim como as consequências dessa atuação, merecem toda atenção. Possivelmente muitos livros serão escritos sobre esse tema, as perguntas recém começaram a ser feitas. Nesse artigo, porém, quero seguir uma outra pista, que considero fascinante demais para ser perdida. Também não se trata aqui de analisar o que a imprensa de outros países disse de fato – e que está longe de ser homogêneo como se quer vender. Não se trata aqui “deles”, mas de “nós”.

A pista que investigo aqui parte da interrogação sobre o que significa levar a disputa narrativa ao território simbólico do grande outro, “o estrangeiro”. E não qualquer estrangeiro, mas o que fala principalmente inglês, depois alemão e francês e espanhol (da Espanha, não da América Latina). E o que significa dar a essa entidade, chamada “imprensa estrangeira”, a palavra para nomear o que aconteceu – e acontece – no Brasil.

**Se não conseguimos  
construir uma  
narrativa em nome  
próprio, como construir  
um país?**

O que é o horror, este que nos persegue desde o domingo 17 de abril? O horror é a impossibilidade da palavra. O horror é também uma infância que nunca acaba. É tudo menos banal que num dos momentos mais ricos de sentidos da história recente faltem palavras para narrar o Brasil. Em parte porque elas foram barradas pelos muros de um lado e outro, interditando o diálogo. E palavras que não atravessam produzem silenciamento. Em parte porque as palavras foram distorcidas, violadas e esvaziadas. E isso produz apagamento.

Mas há mais do que isso. É tudo menos banal que as palavras que faltam sejam procuradas em outro lugar. Porque, se não conseguimos construir uma narrativa em nome próprio, como constituir um país?

Este é o abismo, como sabiam os modernistas de 22. Ou este ainda é o abismo. Que ainda o seja vai demandar que nos lancemos na tarefa imperativa de encontrar as palavras que agora faltam. Ou de inventá-las. Não na língua de Camões, mas “nas línguas que roçam a de Camões”, como cantou [Caetano Veloso](#).

Que em vez disso nos lancemos em busca de que o outro nos nomeie, de que o outro diga o nome da coisa que se passa aqui, é bem revelador. Agora menos a Europa e mais os Estados Unidos, agora menos Paris e mais Nova York, agora menos *Le Monde* e mais *New York Times*. Como se diante da cena ainda por decifrar não fôssemos capazes de falar em nome próprio.

O que é o horror, este que nos persegue desde o domingo 17 de abril? O horror é a impossibilidade da palavra. O horror é também uma infância que nunca acaba. É tudo menos banal que num dos momentos mais ricos de sentidos da história recente faltem palavras para narrar o Brasil. Em parte porque elas foram barradas pelos muros de um lado e outro, interditando o diálogo. E palavras que não atravessam produzem silenciamento. Em parte porque as palavras foram distorcidas, violadas e esvaziadas. E isso produz apagamento.

Mas há mais do que isso. É tudo menos banal que as palavras que faltam sejam procuradas em outro lugar. Porque, se não conseguimos construir uma narrativa em nome próprio, como constituir um país?

Este é o abismo, como sabiam os modernistas de 22. Ou este ainda é o abismo. Que ainda o seja vai demandar que nos lancemos na tarefa imperativa de encontrar as palavras que agora faltam. Ou de inventá-las. Não na língua de Camões, mas “nas línguas que roçam a de Camões”, como cantou Caetano Veloso.

Que em vez disso nos lancemos em busca de que o outro nos nomeie, de que o outro diga o nome da coisa que se passa aqui, é bem revelador. Agora menos a Europa e mais os Estados Unidos, agora menos Paris e mais Nova York, agora menos *Le Monde* e mais *New York Times*. Como se diante da cena ainda por decifrar não fôssemos capazes de falar em nome próprio.

E aqui, sempre vale a pena sublinhar, não se trata de nenhuma invocação de nacionalismos ou de purismos aos moldes Aldo Rebelo. É bem o contrário disso. O outro, seja ele quem ou o quê for, pode e deve falar sobre nós. É importante que fale. Mas a interrogação aqui é outra: é por que delegamos a ele a palavra que não somos capazes de encontrar – ou de criar. E que diz respeito ao próprio jogo de identidade/desidentidade essencial à construção de uma pessoa – e também de um país. E como isso está na própria raiz da crise.

O Brasil, este que nasce pela invasão dos europeus e promove primeiro o genocídio indígena, depois o dos negros escravizados – ambos ainda em curso, vale dizer –, nasce com a carta do português Pero Vaz de Caminha. Parte da nossa trajetória é narrada pelo olhar de viajantes notáveis, como o francês Auguste de Saint-Hilaire. O que se diz do Brasil, e que portanto o constitui como narrativa, é dito em língua estrangeira, como todo país que nasce da usurpação do corpo de um outro.

O Brasil, estrangeiro a si mesmo, já que o que aqui existia em 1500 não era Brasil, é constituído pelo conflito, pela dominação e pelo extermínio expressado também na construção da língua. A língua portuguesa, ainda que tenha se imposto junto com seus falantes, foi tomada ela mesma pelos invadidos e pelos escravizados. Ou pelas línguas indígenas primeiro, pelas africanas depois. Não fosse essa contra-invasão pela palavra, a resistência dos invadidos e dos escravos, não seria possível existir um país em nome próprio. Persiste e resiste nas curvas do corpo da língua portuguesa a vida dos mortos.

Essa construção é um campo de conflitos permanente. Basta lembrar as batalhas ocorridas nos últimos anos entre a tal norma culta do português e as variações do português brasileiro, consideradas pelas elites como indesejáveis e menores – “erradas”. Basta escutar as línguas criadas nas

Eduardo Viveiros de Castro coloca bem essa perspectiva numa entrevista dada ao Outras Palavras, em 2012, quando já se sabia que essa possibilidade tinha sido perdida, pelo menos no governo Lula: “Penso, de qualquer forma, que se deve insistir na ideia de que o Brasil tem – ou, a essa altura, teria – as condições ecológicas, geográficas, culturais de desenvolver um novo estilo de civilização, um que não seja uma cópia empobrecida do modelo americano e norte-europeu. Poderíamos começar a experimentar, timidamente que fosse, algum tipo de alternativa aos paradigmas tecno-econômicos desenvolvidos na Europa moderna. Mas imagino que, se algum país vai acabar fazendo isso no mundo, será a China. Verdade que os chineses têm 5.000 anos de história cultural praticamente contínua, e o que nós temos a oferecer são apenas 500 anos de dominação europeia e uma triste história de etnocídio, deliberado ou não. Mesmo assim, é indesculpável a falta de inventividade da sociedade brasileira, pelo menos das suas elites políticas e intelectuais, que perderam várias ocasiões de se inspirarem nas soluções socioculturais que os povos brasileiros historicamente ofereceram, e de assim articular as condições de uma civilização brasileira minimamente diferente dos comerciais de TV”.

Lula, como bem sabemos, adotou um modelo de desenvolvimento que ignorava o maior desafio desse momento histórico, a mudança climática. E Dilma Rousseff mostrou-se uma governante com pensamento cimentado no século 20, às vezes no 19. Mas é na produção simbólica que fica claro como ainda se tratava de “vencer” no campo do outro. Ou de ser reconhecido “pelos grandes” – ou “pelos adultos”.

---

---

Lula termina seu segundo mandato festejado na Europa e nos Estados Unidos como aquele que incluiu dezenas de milhões de brasileiros no mundo do consumo. A “invenção” do Brasil era deveras interessante: tirar pessoas da pobreza sem mexer na renda dos mais ricos. Com esse milagre *made in Brazil*, Lula só poderia ser “o cara de Obama”. “This is my man, right there. I love this guy”, disse o presidente americano em 2009. “The most popular politician on Earth”.

O que ficou encoberto no meio da festa é que a “mágica” obedecia a uma receita velha: exportação de matérias-primas, como o Brasil fazia desde os primórdios. Também esquecia-se de dizer que essa “criação” era feita na base da destruição do meio ambiente, como sempre foi desde 1500. A novidade não era tão nova assim. E tão logo o encanto se desfez, os mais ricos, em cuja renda os governos do PT não tocaram, se voltaram contra Dilma Rousseff.

O destinatário da produção de símbolos revela-se na escolha dos acontecimentos que deveriam mostrar, de forma definitiva, que o eterno país do futuro finalmente havia chegado a um presente glorioso. Dois eventos internacionais, dois eventos para o mundo ver: a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016.

**Dois eventos para o mundo ver provariam que o eterno país do futuro finalmente havia chegado a um glorioso presente**

---

Há um sujeito confuso nessa narrativa. Um sujeito sujeitado. Quando se joga no campo do outro, segundo os termos do outro, se perde por 7X1. A Olimpíada é assombrada por um mosquito, vilão arcaico que denuncia velhas mazelas como a falta de saneamento básico. E a nova ciclovia do Rio desaba matando duas pessoas no mesmo dia em que a tocha olímpica é acesa na Grécia. A construção, tanto a simbólica quanto a concreta, não para em pé. *Lost in translation.*

Será sempre *lost in translation* enquanto não se encontrar o nome próprio. Enquanto o Brasil não falar em nome próprio. Enquanto o Brasil seguir insistindo em ser descoberto quando o que precisa é se inventar. Essa realidade é o cenário da extraordinária peça de Felipe Hirsch e Os Ultralíricos, *A Tragédia Latino-Americana*, em que os blocos são construídos para em seguida desabarem e serem rearranjados para logo depois virarem ruínas e tudo então ser mais uma vez reconstruído para desabar de novo e de novo e de novo.

Sobre esses blocos em permanente construção e dissolução, Pero Vaz de Caminha recita sua carta, agora narrada em inventiva prosa pelo escritor Reinaldo Moraes. Para parodiar o português, o brasileiro invade a língua do invasor. "Antão dizia eu que antes de alguém ter tempo de dizer *chupa!* já saltávamos aos cangotes daquelas fêmeas naturaes, feitos javalis resfolegantes de animalesco e represado d' sejo, e elas viram o que era bom pa tosse, pá. E às vezes que por qualquer razão já não queriam mais ter seus urifícios frequentados brutalmente pela nossa nobre gente, dávamos-lhes uns cascudos, mor d'elas calarem as matracas, e nelas mandávamos grosso fumo, pá, refodidas vezes, e era pimba na pombinha e peroba na peladinha! Aquilo era um vidão, pá".

**É de 2013 que ainda se trata, e se tratará por muito tempo. E 2013 reivindica novas palavras para poder ser dito**

Criar o que pode ser chamado de um “em nome próprio” foi o desafio dos principais movimentos culturais do século 20, dos modernistas de 22 ao Cinema Novo e à Tropicália. Não por coincidência, processos interrompidos por ditaduras. Em 2013, o novo voltou a ocupar as ruas com enorme potência, para ser reprimido pelas bombas de gás da Polícia Militar e pela violência da

palavra “vândalos”, usada pela imprensa conservadora para silenciar o que não queria escutar ou o que não era capaz de interpretar.

É de 2013 que ainda se trata hoje, e se tratará por muito tempo. Do que já não pode ser contido, do que reivindica novas palavras para poder ser dito. Não mais como discurso, como nos movimentos da modernidade, mas como fragmentos, ou como discurso contra discurso, em nossa principal irrupção estética de pós-modernidade.

O Brasil não é pátria nem mãe-pátria, mas fátria, como cantou Caetano. Para encontrar as palavras com que construiremos a narrativa do hoje é preciso olhar para Oswald de Andrade, para Villa-Lobos, para Glauber Rocha, para Zé Celso Martinez Corrêa, para Davi Kopenawa e Ailton Krenak, para Mano Brown e Emicida, para Eliakin Rufino, para Sérgio Vaz, para Laerte, para Mundano. Para tantos. Para o perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro. Para a literatura de Carolina Maria de Jesus. Para a Comissão da Verdade. A dos crimes da ditadura. E a dos crimes da democracia.

---

Para o funk das que não são recatadas e que comandam seus próprios lares. Para as famílias que têm dois homens e nenhuma mulher e as que têm uma mulher e outra mulher, para as que tem três padrastos e nenhuma madrasta, para as de uma mulher só. E para as mulheres que antes foram homens. Para os deuses que se recusam a ser vítimas de estelionato no microfone do parlamento.

Para refundar o Brasil é preciso perceber que as periferias são o centro. Que nossa capital simbólica não é São Paulo, mas Altamira.

Inevitável lembrar de *Terra em transe* (1967), filme de Glauber Rocha.

Diz o jornalista, depois de descobrir que as palavras são inúteis:

– Não é possível esta festa de bandeiras, com guerra e Cristo na mesma posição. Não é possível a potência da fé, não é possível a ingenuidade da fé. (...) Não assumimos a nossa violência, não assumimos nossas ideias, o ódio dos bárbaros adormecidos que somos. Não assumimos nosso passado. (...) Não é possível acreditar que tudo isso é verdade.... Até quando suportaremos, até quando além da fé e da esperança suportaremos...

Diz o político que se corrompeu:

– Aprenderão! Aprenderão! Nominarei essa terra. Botarei essas históricas tradições em ordem. Pela força. Pelo amor da força. Pela harmonia universal dos infernos chegaremos a uma civilização!

---

Diz o político que se corrompeu:

– Aprenderão! Aprenderão! Nominarei essa terra. Botarei essas históricas tradições em ordem. Pela força. Pelo amor da força. Pela harmonia universal dos infernos chegaremos a uma civilização!

O que fazer diante do horror? Retomar a palavra, a que atravessa os muros. Enfrentar o desafio de construir uma narrativa, necessariamente polifônica, sobre o momento, em todos os espaços. Não desviando das contradições, para evitar que elas manchem a limpidez do discurso. Ao contrário. Abraçando-as, porque elas criam o discurso.

O nome da coisa é a palavra que precisamos encontrar para inventar o Brasil.

---

**Ellane Brum** é escritora, repórter e documentarista. Autora dos livros de não ficção *Coluna Prestes - o Averso da Lenda*, *A Vida Que Ninguém vê*, *O Olho da Rua*, *A Menina Quebrada*, *Meus Desacontecimentos*, e do romance *Uma Duas*. Site: [desacontecimentos.com](http://desacontecimentos.com) Email: [ellanebrum.coluna@gmail.com](mailto:ellanebrum.coluna@gmail.com) Twitter: [@brumellanebrum](https://twitter.com/brumellanebrum)

---

Adere a



The Trust Project

[Mais informações >](#)

CARVALHO, Diana. Grupo que cuspiu, vomitou e defecou em fotos de políticos recebe ameaças de morte. BOL/UOL, São Paulo, 29 de abril de 2016. Disponível em:

<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2016/04/29/grupo-que-cuspiu-vomitou-e-defecou-em-fotos-de-politicos-recebe-ameacas-de-morte.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola> Acesso em 30 de agosto de 2019.



23.abr.2016 - Foto do deputado Jair Bolsonaro ao fim da performance do grupo Desvio Coletivo, no vão livre do Masp, em São Paulo

Imagem: Divulgação/Desvio Coletivo

Grupo que cuspiu,  
vomitou e defecou em  
fotos de políticos recebe  
ameaças de morte

Diana Carvalho  
Do BOL, em São Paulo  
29/04/2016 18h30

Artistas do grupo Desvio Coletivo estão recebendo ameaças de morte após a performance "Máfia – Exposição Interativa", realizada no último dia 23, no vão livre do Masp, na avenida Paulista, em São Paulo.

---

---

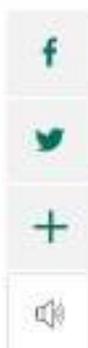
Na ocasião, eles cuspiram e vomitaram em fotos de 38 políticos. Um registro do ato em vídeo foi postado na [página do grupo no Facebook](#).



O post teve ‘milhares’ de curtidas e compartilhamentos. Com a repercussão, a artista e ativista Priscila Toscano, diretora artística da performance, vem sendo o principal alvo dos ataques. Durante o ato, ela chamou a atenção ao urinar e defecar na foto do deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ), que homenageou o torturador da ditadura Coronel Ustra ao declarar seu voto no plenário da Câmara a favor do impeachment.

“Estou recebendo ameaças à minha integridade física. Tive que cancelar meu perfil no Facebook, criaram uma página com o meu nome para me atacar. Por ser mulher, recebi comentários ultraconservadores e machistas, além de mensagens de ódio por e-mail”, contou Priscila, que pretende tomar medidas judiciais cabíveis contra as ofensas que vem sofrendo.

“Agora estou lidando com um crime. Passou da esfera da discussão política. Opinião, claro, todos podem dar, o que não se pode é entrar na esfera privada. Expor a minha família e usar a minha vida como juízo de valor. Me sinto violada, estão ferindo minha privacidade”, declarou.



Segundo Marcos Bulhões, diretor artístico da performance ao lado de Priscila, a maioria das ameaças parte de pessoas que “seguem o perfil do deputado Jair Bolsonaro e que exaltam a ditadura militar”.

“Nosso vídeo foi postado em diversas páginas que tiraram nossa ação do contexto. Não somos ativistas do PT. Somos um grupo independente de partidos, não temos financiamento de órgão público. O objetivo da performance é a criminalização do homem público no Brasil. Nossa primeira iniciativa foi uma reação à hipocrisia do domingo da votação, em que deputados envolvidos em crimes de corrupção estavam votando para o fim da corrupção”, disse.

Para Bulhões, a atitude de Priscila, ao defecar na imagem de Bolsonaro, foi um ato radical para “levantar um questionamento crítico e dar um choque na percepção do público que está anestesiado e dominado por uma ideologia”. “Escatologia é a declaração do deputado [Jair Bolsonaro], que elogiou um ditador. Isso é execrável. Isso não pode passar batido. Deve ser ressaltado em todas as instâncias, inclusive no campo da arte”, afirmou.

Apesar das ameaças, o grupo Desvio Coletivo não pensa em parar com suas ações. “Não podemos esmorecer frente a esta onda fascista de repressão à liberdade artística”, ressaltou Bulhões. “Muitas pessoas participaram do ato e cuspiram também. É uma reação radical? É. Que fere o suposto bom senso, mas também consideramos que os congressistas corruptos votando contra a corrupção é mais que ferir o bom senso. É uma afronta à inteligência dos brasileiros”, completou.

Para Priscila, este não é o momento de recuar. “É o meu trabalho. Eu sou performance. Eu sei da minha condição enquanto artista e ativista, e este não é o momento de recuar. É o momento de manter minha convicção política e artística. Não vou me calar diante de ameaças criminosas.”

COSTA, Camila; SOUZA, Felipe; ADAMO, Paula. Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país. BBC Brasil, São Paulo, 12 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>  
Acesso em 30 de agosto de 2019.



## Eleições 2018: Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país

Camila Costa, Felipe Souza e Paula Adamo (doستا)  
Da BBC News Brasil em São Paulo

12 outubro 2018

f Compartilhar



Faltando pouco mais de duas semanas para a votação do segundo turno, o acirramento dos ânimos e as discussões sobre as eleições à Presidência do Brasil extrapolaram as redes sociais. Nos últimos dias, tem crescido o número de relatos sobre episódios de violência e agressões verbais ou físicas ocorridas em diversos Estados.

Os casos envolvem ataques físicos e xingamentos, na maioria contra mulheres e homossexuais.

▪ **O que se sabe sobre o caso da suástica marcada em mulher de Porto Alegre**

Em meio a muitas denúncias, a BBC News Brasil ouviu envolvidos e investigadores em casos ocorridos nos últimos dez dias - em todos, houve formalização das queixas em boletim de ocorrência.

Os episódios ainda estão em fase de investigação. Envolvem socos, golpes, xingamentos, brigas de rua e uma morte a facadas. Em todos, há motivação política ou eleitoral, segundo os relatos.

Surgiram também, nos últimos dias, iniciativas de mapeamento e registro dessas denúncias, como as do site Mapa da Violência e da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

A reportagem também questionou o Ministério da Segurança Pública sobre providências, mas não obteve retorno até a publicação desta reportagem.

A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, se reuniu ontem com integrantes do Ministério Público Eleitoral para discutir que atitudes tomar em relação aos ataques. Uma manifestação oficial ainda é aguardada.

## Servidora pública agredida em Pernambuco

A servidora pública Paula Pinheiro Ramos Pessoa Guerra, de 37 anos, disse ter sido agredida no último domingo em um bar por estar usando adesivos do Ciro Gomes e botons do "Ele Não", em menção ao candidato Jair Bolsonaro. Em fotos publicadas em redes sociais, ela aparece com hematomas no olho e nos braços, além de um corte com pontos no antebraço.

Em depoimento à polícia, Guerra disse ter sido espancada por uma mulher no bar localizado no bairro de Cajueiro, na zona norte do Recife, por volta das 22h do último domingo – primeiro turno das eleições. A agressora, ainda não identificada, também teria quebrado o celular da vítima.



Moradora do Recife diz ter sido agredida e ameaçada por pessoa armada em bar por usar adesivo a favor de Ciro Gomes e contra Jair Bolsonaro

Segundo o depoimento da servidora, a agressão foi motivada por uma discussão entre ela e seu amigo com a agressora e dois homens que a acompanhavam.

Guerra foi encaminhada ao IML para fazer exames de corpo de delito. A polícia investiga o caso para identificar e prender os responsáveis.

## Chutes, socos e garrafadas no Paraná

Na terça-feira, em Curitiba, testemunhas ouvidas pela Polícia Civil relataram que um servidor público foi agredido a socos, pontapés e garrafadas em frente à Universidade Federal do Paraná por ao menos cinco homens, identificados como membros da torcida organizada Império Alviverde, do clube de futebol Coritiba.

De acordo com os depoimentos, a vítima usava uma camiseta vermelha e um boné do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e, durante o ataque, um ou mais agressores teriam gritado "aqui é Bolsonaro". A motivação política é uma entre três hipóteses investigadas, segundo o delegado Luiz Alberto Cartaxo Moura; as demais hipóteses seriam briga comum ou briga entre torcidas organizadas.

- **Tristeza, raiva, medo: como se proteger dos sentimentos ruins nestas eleições?**
- **O que o TSE está fazendo para combater mensagens falsas nas eleições?**

"(Começou quando) houve um princípio de confusão na rua e ele (vítima) foi intervir, dizendo 'aqui não é lugar de briga'. Passou a ser agredido com chutes, socos e garrafadas e sofreu lesões corporais, principalmente uma contusão no olho esquerdo", afirmou o delegado em entrevista coletiva realizada ontem.

"Identificamos cinco ou seis possíveis autores pelas redes sociais. Vamos interrogá-los, ouvir as testemunhas e tentar identificar a motivação."



---

## Tentativa de atropelamento na Bahia

Em Salvador, dias antes do primeiro turno das eleições, um professor da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) foi preso pela polícia. Ele é suspeito de tentar atropelar um homem que vendia camisetas de temática política - segundo a imprensa local, as camisetas seriam pró-Bolsonaro.

"A vítima não foi atingida pelo veículo, mas sofreu ferimentos leves e teve os produtos danificados. O professor foi indiciado por crime de lesão corporal", informou a polícia baiana em nota à BBC News Brasil.

Em nota, a reitoria da UFRB afirma que o professor nega o "atropelamento ou qualquer tentativa de atitude dolosa" e que, sentindo-se ameaçado por se recusar a comprar material de campanha, retirou-se "bruscamente do local, causando danos materiais ao arrastar um varal contendo camisas que estavam sendo vendidas em via pública".

Até agora, o caso mais dramático foi registrado também em Salvador: o assassinato do mestre de capoeira baiano Romualdo Rosário da Costa, o Moa do Katendê, de 63 anos. Ele foi **morto a facadas** após uma discussão política algumas horas depois da eleição de domingo.



## Agressão com barras de ferro no Rio de Janeiro

Na manhã de sábado, a cantora transexual Julyanna Barbosa, de 41 anos, relatou que voltava andando para casa em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, quando foi provocada por três homens.

"Eles começaram a me xingar e a dizer coisas como: 'Bolsonaro tem que ganhar mesmo, para tirar esses lixo da rua' e 'esses veados são todos doentes, têm Aids'", disse à BBC News Brasil.

"Um deles puxou uma barra de ferro de uma barraca de camelô e acertou a lateral da minha cabeça."

Julyanna conta ter caído no chão e sido agredida com chutes por mais três homens, mas conseguiu fugir e chegar em casa.

"Nem sei se a agressão teve a ver com política. Eles falaram o nome de Bolsonaro, mas não posso dizer se eles são eleitores ou não."

A cantora levou dez pontos na cabeça e tem hematomas espalhados por todo o corpo. Ela registrou o crime na 56ª DP na cidade vizinha de Mesquita e aguardava para fazer o exame de corpo de delito quando falou com a reportagem.

"Nos pareceu ser uma agressão mais relacionada com homofobia do que com política, mas vai ser investigado", disse à BBC News Brasil o delegado Matheus Romanelli, que atendeu Julyanna.

## Mapear as denúncias e registrar na polícia

Em meio às ocorrências, surgem algumas iniciativas de mapear as denúncias de violência pelo Brasil. O caso de Julyanna, por exemplo, entrou para as estatísticas da ONG Aliança Nacional LGBTI, que vem compilando relatos de agressões a homossexuais e transexuais relacionados com as eleições. Desde o primeiro turno, eles registraram 15 casos, incluindo ataques verbais e físicos.

"Eu até acredito que Bolsonaro não seja tudo isso, mas ele abriu uma porta para fascistas, nazistas e extremistas", afirma Toni Reis, presidente-executivo da ONG.

Em iniciativas semelhantes, os sites **Mapa da Violência** e **Vítimas da Intolerância**, criados na última semana, também reúnem dezenas de relatos de agressões físicas e verbais.

De acordo com um levantamento feito pela Agência Pública e pela Open Knowledge Foundation, cerca de 70 ataques relacionados às eleições aconteceram no país nos últimos 10 dias.

Nesta semana, o aplicativo de encontros Grindr, voltado a homossexuais, passou a exibir a seus usuários brasileiros, pela primeira vez, um aviso sobre segurança, que normalmente é feito em países onde a homossexualidade é ilegal.

"Relatos de violência contra membros da comunidade LGBTQ+ foram trazidos ao nosso conhecimento por diversas organizações locais", disse, em nota, Jack Harrison-Quirntana, diretor-executivo do programa Grindr for Equality.

## O papel dos candidatos

Para o professor Marcos Cesar Alvarez, do Núcleo de Estudos de Violência da USP, ainda é cedo para saber se vivemos uma tendência de crescimento na violência de cunho político, embora considere preocupante o fato de "ser uma eleição de muitos conflitos e com ao menos um candidato defendendo claramente a violência e (se posicionando) contra os direitos humanos, o que pode estimular atitudes agressivas por parte de seus correligionários".



Lembrando que o próprio Bolsonaro foi vítima de atentado nas eleições, pesquisador diz que ele e Haddad devem repudiar e não se omitir perante a violência

Alvarez, que destaca que o próprio Bolsonaro foi vítima de um atentado a facada no início de setembro e que a violência contra minorias acaba atingindo negativamente não só essas comunidades, mas toda a sociedade.

"Piore a cultura política e vai contra as próprias instituições (democráticas)."

Adélio Bispo, autor do ataque contra o candidato do PSL, está preso preventivamente pela Polícia Federal em Campo Grande. O processo contra ele, que confessou o crime em depoimento à PF, foi suspenso temporariamente nesta semana para que seja realizado um exame de sanidade. O delegado responsável pelo caso concluiu que ele agiu sozinho.

O pesquisador defende que os candidatos ainda em disputa "claramente se manifestem negando a violência, porque até mesmo a omissão pode estimular correligionários a agir violentamente".

Em entrevista concedida ao portal UOL esta semana, o presidenciável Jair Bolsonaro disse lamentar os ataques registrados recentemente, mas afirmou que "não tem controle sobre milhões e milhões de pessoas" que o apoiam.

Na noite de quarta-feira, em seu perfil de Twitter, o capitão reformado falou novamente sobre o tema: "Dispensamos voto e qualquer aproximação de quem pratica violência contra eleitores que não votam em mim. A este tipo de gente peço que vote nulo ou na oposição por coerência, e que as autoridades tomem as medidas cabíveis, assim como contra caluniadores que tentam nos prejudicar".

Em seguida, no entanto, o candidato disse na rede social que "há também um movimento orquestrado forjando agressões para prejudicar nossa campanha nos ligando nazismo, que, assim como o comunismo, repudiamos completamente".

## Agressões verbais e intimidação contra mulheres

Nos últimos dias, a reportagem ouviu relatos de pelo menos cinco mulheres que foram empurradas ou xingadas nas ruas de Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia.

Elas atribuem as agressões ao fato de estarem usando camisetas vermelhas, adesivos ou broches da campanha "Ele Não" - em referência ao movimento de mulheres contra Jair Bolsonaro - e dizem ter sido chamadas com frequência de "petista", "vagabunda" e outros nomes impúblicáveis.



Mulheres dizem estar sendo agredidas por ostentar adesivos da campanha "Ele Não"

A professora universitária Marília Flores Seixas, de 58 anos, registrou na polícia uma agressão que sofreu em seu próprio prédio, em Vitória da Conquista (BA), no dia da votação.

"Eu estava entrando em casa com uma amiga - uma senhora de 60 e poucos anos - e o neto dela, de três anos de idade, quando um homem que estava saindo da casa do meu vizinho começou a gritar: 'vou embora porque chegaram as vagabundas, as prostitutas do PT'", disse a professora, que relata que foi empurrada e reagiu pedindo respeito.

"Meu marido viu o ocorrido e desceu, conseguimos entrar em casa correndo. Fiquei muito nervosa."

Segundo Marília, a sensação na cidade é de "violência banalizada" nas últimas semanas.

"Acho que os violentos 'saíram do armário'. A agressividade pela rua está perceptível pela cidade. Tenho medo de colocar um adesivo no meu carro, para você ter ideia."

---

## Agressões contra jornalistas

O período eleitoral também foi marcado por casos de agressões a jornalistas. Foram 137 em 2018, segundo estimativas da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) - sendo 75 ataques digitais e 62 físicos, e a maioria deles ligados à cobertura eleitoral.

A Abraji denuncia também "a exposição indevida de comunicadores, quando os agressores compartilham fotos e/ou perfis apontando que o profissional seguiria uma ideologia e, assim, incentivando ofensas em massa" em redes como Facebook e Twitter.

A entidade cita o caso de grupos e influenciadores como Danilo Gentili - que, pelo Twitter, conclamou seus seguidores a uma ofensiva contra jornalistas após a publicação de reportagem com a ex-mulher de Bolsonaro - e o Movimento Brasil Livre (MBL), que produziu um "dossiê" com o perfil de jornalistas que classificava como sendo de "esquerda" e "extrema esquerda". A BBC News Brasil procurou a assessoria de Gentili e aguarda retorno.

"Declarações e posicionamentos de qualquer figura pública influenciam uma audiência bastante ampla, que muitas vezes ecoa a mensagem transmitida ou repete a atitude. Em alguns dos casos digitais, por exemplo, fatos falsos sobre jornalistas passaram a ter o alcance amplificado depois de terem sido compartilhados por essas figuras."

## Fui agredido. O que fazer?

Em São Paulo, a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) é responsável por investigar pessoas e grupos que praticam crimes motivados por intolerância religiosa, racial, política ou qualquer outra. Procurada pela reportagem, a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo informou que "não tem nenhuma investigação de cunho político em andamento".

Denúncias ou pedidos de ajuda em caso de violência também podem ser feitos em um batalhão da Polícia Militar, na delegacia mais próxima, ou pelo telefone 190, destinado ao atendimento da população nas situações de urgências policiais. As denúncias também podem pelo Disque Denúncia - número 181.

*\*Colaborou Mariana Schreiber, da BBC News Brasil em Brasília.*

EL PAÍS. Protesto de mulheres contra Trump reúne dezenas de milhares nos EUA. Washington, 21 de janeiro de 2017. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994\\_849896.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994_849896.html)

≡ EL PAÍS

INTERNACIONAL

INTERNACIONAL BRASIL OPINIÃO ECONOMIA CIÊNCIA TECNOLOGIA CULTURA ESTILO ESPORTES

MARCHA DAS MULHERES CONTRA TRUMP >

## Protesto de mulheres contra Trump reúne dezenas de milhares nos EUA

Marcha das Mulheres atrai manifestantes de todo o país e do exterior à capital norte-americana



Milhares de pessoas protestam contra Trump. J. L. MAGANA (AP) / EPV (REUTERS)

SILVIA AYUSO 

Washington - 21 JAN 2017 - 19:28 BRT

As mesmas avenidas que [Donald Trump](#) não conseguiu encher no dia de sua posse como presidente número 45 dos [Estados Unidos](#) foram tomadas neste sábado, 24 horas depois, por centenas de milhares de pessoas insatisfeitas com o novo ocupante da Casa Branca. Mais de meio milhão de manifestantes, segundo os organizadores, marcharam por Washington D. C. para mostrar a Trump, desde o primeiro dia de seu mandato, que há um Estados Unidos que não está de acordo com sua visão escura e com a agenda ultraconservadora do seu governo. Exigem que, como presidente de todos, respeite as mulheres, as minorias, os imigrantes e os direitos civis. Outras dezenas de milhares de pessoas marcharam em outras cidades, como Nova York, Chicago, Boston e Atlanta, em um protesto que também teve réplicas em outras partes do mundo, de Berlim e Londres a Sydney e Cidade do Cabo.

Mulheres e homens de todas as idades, cores, religiões e origens viajaram de todos os pontos dos Estados Unidos, mas também do Canadá, México e até da Europa para participar da Marcha para as Mulheres, a principal manifestação contra o novo presidente republicano e, tendo em vista os números, possivelmente a maior realizada perto da posse de um presidente norte-americano da história.

---

#### MAIS INFORMAÇÕES

Obama: "Isto não é um ponto final, é uma vírgula na história da América"

---

Trump assina seu primeiro decreto: flexibilizar a reforma de saúde de

“Presidente Trump, eu não votei em você. Dito isto, respeito que seja presidente e quero apoiá-lo, mas primeiro peço que me apoie, apoie minha irmã, minha mãe, minha melhor amiga, todas as pessoas que esperam ansiosamente para ver como sua próxima manobra pode afetar drasticamente as vidas delas”, disse a atriz e ativista Scarlett Johansson, uma das oradoras do protesto que seguiu o mesmo caminho que o desfile inaugural na sexta-feira, do Capitólio até a Casa Branca.

Obama

“Todos somos Michelle hoje”: Twitter fica de luto para receber Trump

Posse de Donald Trump teve menos público que a de Barack Obama

Madonna, que fez uma aparição inesperada, pediu que “não aceitem esta nova era de tirania em que não apenas as mulheres estão em perigo, mas todas as pessoas marginalizadas”. “A revolução começa aqui, este é o começo de uma mudança muito necessária”, disse.



À esquerda, 'National Mall' durante a posse Trump; à la derecha, a manifestação deste sábado.

Antes de iniciar a marcha, no palco pouco visível para a densa multidão que tomava o National Mall, na capital norte-americana, também falaram outras estrelas, como as atrizes America Ferrera e Ashley Judd, a cantora Alicia Keys e o documentarista Michael Moore. Também discursaram legisladores democratas, como a senadora Kamala Harris da Califórnia, ativistas de direitos civis, dos imigrantes e das mulheres, como a feminista Gloria Steinem e a presidenta de Planned Parenthood, Cecile Richards. A mensagem foi unânime: um pedido de “resistência” e de firmeza na defesa dos valores e direitos como o casamento igualitário ou a melhoria na saúde adquirida nos últimos anos e que agora estão ameaçados na era Trump – assim como os imigrantes, refugiados, muçulmanos e a comunidade afro-americana.

“Não vão nos intimidar e nem nos silenciar”, proclamou a advogada de direitos civis e ativista Zahra Billoo, que falou “como mulher e como muçulmana”. “Nossa América inclui a todos em nossa preciosa diversidade e exige que marchemos para nos proteger, este é o momento de arregaçar as mangas, ter coragem e estar preparado para trabalhar”, pediu aos manifestantes.



Suzanne Matunis, manifestante de 83 anos.

E eles entenderam a mensagem.

Suzanne Matunis tem 83 anos, anda em cadeira de rodas e não participava de uma manifestação desde os protestos contra a Guerra do Vietnã nos anos 70. Este sábado, no entanto, viajou da Pensilvânia até Washington, acompanhada de suas três filhas e duas netas. “Não poderia não vir, isso é muito importante”, argumentou. “É importante que as vozes das mulheres sejam ouvidas”.

A mesma preocupação levou Janice Burberry, uma ex-funcionária da ONU aposentada, a tomar um avião

de Roma para estar em Washington no sábado, uma cidade que não visitava há décadas. Trump, com sua equipe, especialmente o ultraconservador vice-presidente, Mike Pence, “vai impor um fundamentalismo cristão”, disse. “Não podemos aceitar este passo para trás”.

As palavras de ordem gritadas durante a marcha e proclamada tanto pelos organizadores como pelas centenas de milhares de participantes mostravam o vasto leque de preocupações que gerou nessa grande metade do país que não votou em Trump – [Hillary Clinton](#) recebeu três milhões de votos populares a mais que seu adversário – a vitória do republicano. Assim que ele assumiu a presidência, assinou uma ordem executiva para [reverter a reforma da saúde de seu antecessor](#), o democrata [Barack Obama](#).

Erin McEntee, uma jovem de Rhode Island, agitava um cartaz com uma mensagem simples: “A ACA (a Lei de Proteção e Cuidado ao Paciente, como é chamado o programa de saúde de Obama) salvou minha vida”. “Tenho uma doença mental crônica e agora posso perder meus remédios, meu médico e até meu trabalho”, dizia preocupada. Um pouco mais adiante, Ximena Minuche, de origem equatoriana, exigia respeito aos imigrantes em situação irregular, como ela mesmo foi até recentemente, e como continuam mais de 11 milhões de pessoas que Trump ameaçou deportar.

A Marcha das Mulheres, que começou como uma iniciativa privada de uma mulher que, chocada com a vitória de Trump, perguntou no Facebook a várias de suas amigas se elas se animavam a ir a Washington no dia seguinte à posse, acabou se tornando um fenômeno nacional e até mesmo internacional apoiado por estrelas como Cher, Lena Dunham, Katy Perry e Robert DeNiro. Clinton, embora não tenha participado da organização, deu seu apoio pelas redes sociais.



O que já é considerado uma “outra posse” em Washington tem um denominador comum: a “preocupação e medo” que causou a chegada à presidência dos EUA de alguém tão polêmico, agressivo e misógino como Trump, e a necessidade de demonstrar que as minorias, como um todo, são tão numerosas que “é impossível ignorá-las”, de acordo com os princípios da Marcha.

Essa preocupação é a que levou a mexicana Elena Fortes, ex-diretora do festival *Âmbulante*, a tomar um avião para Washington partindo do país mais insultado por Trump.

Fortes demorou um momento refletindo antes de responder se tinha se sentido mais insultada por Trump como mulher ou como mexicana. “Pelos dois, mas mais como mulher”, terminou respondendo. “Não estamos dispostos a aceitar um presidente de um país vizinho que se expressa sobre as mulheres como fez Trump desde o início da campanha, e também desde muito antes”, disse. Fortes chegou à capital dos EUA acompanhada por cerca de vinte mulheres artistas, comunicadoras e ativistas que compartilham a “oposição absoluta à direção que está tomando não só os EUA, mas em todo o mundo, com o populismo, o giro à direita, a intolerância e um nacionalismo muito pronunciado”.

“Esperamos que o mundo não recue 300 anos com a chegada de Trump”, disse. O novo presidente dos EUA “é um pouco como um freio de mão que pode bloquear os EUA do resto do mundo”.

---

FOWKS, Jacqueline. Brasil, o país mais letal para defensores da terra e do meio ambiente. El País Brasil. Lima, 24 de julho de 2018. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/23/internacional/1532363870\\_921380.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/23/internacional/1532363870_921380.html)

Acesso em 30 de agosto de 2019.

≡ EL PAÍS

INTERNACIONAL

## Brasil, o país mais letal para defensores da terra e do meio ambiente

País lidera estatística compilada por ONG britânica, com 57 mortes de um total de 207 no ano passado. Governo brasileiro contesta os dados



Marivic 'Tersila' Daryan num cafezal perto da aldeia de Tabasco (Filipinas). THOM PIERCE / GLOBAL WITNESS

JACQUELINE FOWKS

Lima - 24 JUL 2018 - 20:59 [PT]

---

**MAIS INFORMAÇÕES**


Assassinato de ecologistas bate recorde e Brasil é o país mais perigoso da região



Os heróis cotidianos do meio ambiente



As mortes na Amazônia revelam a dimensão do desmatamento no Peru

O Brasil foi o país mais letal para ativistas e defensores da terra e do meio ambiente em 2017, denuncia a [ONG britânica Global Witness](#) em seu terceiro relatório anual sobre as lutas pelos direitos humanos ligadas aos recursos naturais, que abrange 22 países. O texto, intitulado *A Que Custo?* e lançado nesta terça-feira, aponta o agronegócio como o setor mais violento, responsável por 46 mortes no período estudado em todo o mundo. Em anos anteriores, mineração desencadeava a maior parte desses conflitos.

Pelo menos 207 líderes indígenas, ativistas comunitários e ecologistas foram assassinados mundo afora por protegerem seus lares e comunidades dos efeitos da mineração, da agricultura em grande escala e de outras atividades que ameaçam sua subsistência e seu modo de vida, indica a ONG.

O Brasil foi o país com o maior número de ativistas ambientais assassinatos: 57, dos quais 80% defendiam os recursos na [Amazônia](#). O Governo brasileiro contesta os dados (veja o box). Entre os países latino-americanos, destaca-se negativamente também a situação na Colômbia, onde houve 24 assassinatos. "No México e Peru os homicídios passaram de 3 para 15 e de 2 para 8,

respectivamente", diz o relatório.

Em 2015, a Global Witness registrou 78 casos de pessoas assassinadas por conflitos fundiários, sendo 66% delas na [América Latina](#). Em 2017, a região continua concentrando quase 60% desses crimes. Chama a atenção também o dado das Filipinas, com 48 homicídios, a cifra mais alta documentada em um país asiático.

***“O Brasil foi o cenário de três terríveis massacres, nos quais 25 pessoas defensoras da terra morreram.”***

“Um fator em comum entre os países com maior número de assassinatos são os altos índices de corrupção governamental. E, embora se pudesse dizer que há menos ataques contra defensores em países mais democráticos, vale a pena examinar o papel dos países investidores que facilitam a entrada de suas empresas

em contextos onde opositores e ativistas são atacados. Não há tantos assassinatos no Canadá ou na Espanha, mas esses países têm investimentos relacionados a ataques no exterior”, diz ao EL PAÍS o coordenador de campanhas da Global Witness, Ben Leather.

## Alvos da violência

“Uma pessoa defensora da terra ou do meio ambiente é alguém que toma medidas pacíficas, em caráter voluntário ou profissional, para proteger os direitos ambientais ou da terra”, descreve o relatório. Frequentemente são pessoas comuns, “outras são **líderes indígenas** ou camponeses que vivem em montanhas remotas ou florestas isoladas, que protegem suas terras ancestrais e seus meios de vida tradicionais contra projetos de mineração, do agronegócio em grande escala, das represas de hidrelétricas e de hotéis de luxo. Outros são guardas florestais que perseguem a caça furtiva e o desmatamento ilegal. Também podem ser advogados, jornalistas ou funcionários de ONGs que atuam para expor abusos ambientais e a grilagem de terras”, acrescenta.

Na Colômbia, por exemplo, Hernán Bedoya se manifestava contra plantações de dendê e banana em terras roubadas da sua comunidade quando foi assassinado com 14 disparos de um grupo paramilitar, em dezembro último.



Ramón Bedoya nas terras da sua família (Colômbia). THOM PIERCE / GLOBAL WITNESS

---

Das 207 pessoas assassinadas no ano passado, um quarto era de indígenas, em comparação com 40% em 2016. A população indígena representa 5% da população mundial, por isso a ONG destaca que “continuam estando enormemente super-representados entre os defensores assassinados”.

Diferentemente das populações urbanas, que costumam passar de uma casa alugada para outra ou se mudam de bairro sem sentir um deslocamento dramático, a relação com a terra é muito diferente no mundo rural e indígena. Por que é tão indispensável? Uma frase de um pesquisador peruano de literatura andina pode dar uma resposta. “A terra nos orienta, a árvore sabe mais”, afirma o catedrático Mauro Mamani, nascido em Arequipa e que cresceu cultivando um lote arrendado por um latifundiário. “Esse pedaço de terra não se cansava de parir e alimentou toda a família”, relatou numa conferência.

O ano de 2017 não foi só o mais sangrento já registrado em número de homicídios de defensores da terra; foi também o de mais massacres. Em sete casos, mais de quatro pessoas foram assassinadas ao mesmo tempo. “O Brasil foi o cenário de três terríveis massacres nas quais morreram 25 pessoas defensoras da terra. Oito ativistas indígenas foram massacrados nas Filipinas, enquanto no México, Peru e República Democrática do Congo também ocorreram incidentes que resultaram na morte de mais de quatro pessoas ao mesmo tempo”, informa a Global Witness.

Em uma dessas chacinas no Brasil, 20 indígenas gamelas ficaram gravemente feridos depois de um ataque de homens armados com facões e rifles. Alguns deles tiveram as mãos cortadas.

Nas Filipinas, oito membros de uma comunidade que se opunham a uma grande plantação de café da empresa Silvicultural Industries em sua terra foram mortos por militares. A ONG suspeita que essa força armada seja responsável por 56% dos assassinatos de ativistas no país – 67% das mortes ocorreram na ilha de Mindanao, rica em recursos, e 41% estão relacionados ao agronegócio.

“O pano de fundo desse crescente número de vítimas mortais inclui um presidente descaradamente contrário aos direitos humanos, a militarização das comunidades, múltiplos grupos armados e o fato de que os organismos governamentais não oferecem proteção”, lista a ONG.

### **Como evitar mais agressões?**

Diante do aumento da violência, a organização britânica recomenda em quase todos os casos que os Governos fortaleçam as instituições responsáveis por proteger os direitos dos povos indígenas e seu acesso à terra, ofereçam mecanismos de segurança às pessoas ameaçadas e garantam a transparência do Estado, já que a corrupção e a participação de agentes públicos nas mortes estão associadas ao aumento das agressões.

***Das 207 pessoas  
assassinadas no ano  
passado, um quarto era  
de indígenas***

Entretanto, na América Latina a maioria de Governos não tem uma prática de transparência nem dá prioridade ao balanço de suas ações. Apesar disso, Leather salienta algumas iniciativas. “Existem propostas da sociedade civil que os Governos da região devem aplicar. Em Honduras,

solicitou-se a criação de uma promotoria especial para crimes contra defensores de direitos humanos. No Brasil, pediu-se a federalização dos assassinatos emblemáticos de pessoas defensoras cujas investigações não avançam em escala local. No México também pedem aos promotores que alterem a metodologia de forma a considerar adequadamente os motivos potenciais, relacionados com o ativismo da vítima”, detalha.

O relatório cita os ineficientes mecanismos de proteção a três líderes mexicanos no último ano. “As comunidades Coloradas de la Virgen e Choreachi, na serra de Tarahumara, se envolveram numa longa disputa jurídica contra a outorga de concessões madeireiras em suas terras ancestrais. Segundo Isela González, diretora da Aliança Sierra Madre, sete membros dessas comunidades foram assassinados entre 2013 e 2016. Nenhum dos assassinos foi levado à Justiça”, afirma.

Em 2014, González começou a ser ameaçada de morte por participar de uma campanha contra as concessões. As autoridades mexicanas lhe entregaram um botão de pânico e lhe ofereceram a possibilidade de solicitar escolta policial, mas em março deste ano a ativista disse à Global Witness que não se sentia protegida.

Para o México, o relatório propõe que o Governo garanta avaliações de impacto social, ambiental e de direitos humanos “antes da outorga de qualquer permissão ou concessão para projetos de desenvolvimento ou de exploração de recursos naturais”, já que a imposição de projetos às comunidades “sem seu consentimento livre, prévio e informado é a causa dos ataques contra as pessoas”.

No Peru, seis agricultores foram assassinados a tiros em setembro após terem as mãos amarradas. O contexto foi uma disputa por terras em Ucayali, uma das duas regiões mais afetadas pela exploração ilegal de madeira e pelo desmatamento para dar lugar a cultivos de palma (dendê).

O mesmo diagnóstico é aplicável ao Peru, onde dezenas de projetos de mineração, infraestrutura e agroindústria foram implantados sem processos de consulta aos povos indígenas, o que seria obrigatório por se tratar de um Estado que desde 1989 é signatário do Convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho e aprovou a Lei de Consulta Prévia em 2011.

Desde 2013, o Ministério de Cultura do Peru realizou 41 processos de consulta prévia. A ministra Patricia Balbuena disse ao EL PAÍS que esse organismo está esperando a decisão do Tribunal Constitucional para saber o que fazer com dezenas de projetos energéticos ou de mineração sobre os quais os povos indígenas deixaram de ser consultados entre 1995 e 2012. Duas comunidades da região de Puno (sul do Peru) esperam, desde 2011 e 2014, respectivamente, que o Tribunal Constitucional responda aos pedidos de liminar contra concessões de mineração que o Estado outorgou sem seu conhecimento e que se sobrepõem às suas terras.

O porta-voz de Global Witness também vê “potencial prático nas instituições internacionais independentes, quando sua operação é permitida”, e cita como exemplos a Comissão Internacional contra a Impunidade na Guatemala e o Grupo Assessor Internacional de Especialistas (GAIPE) que acompanhava a investigação do caso de Berta Cáceres, ativista hondurenha assassinada em 2016 por enfrentar a empreiteira que construía uma hidrelétrica em terras indígenas.

## A responsabilidade do setor privado

Além da Silvicultural Industries nas Filipinas, o relatório menciona também a empresa Desarrollo Energético SA em Honduras como empresas privadas ligadas aos assassinatos. “O grau de indício para poder acusar a uma empresa é bastante alto, e já é complicado citar os setores aos quais os defensores assassinados haviam se oposto”, comenta o chefe de campanhas da ONG britânica.

“Entretanto, fica claro que certos setores – e em particular a agricultura em grande escala e a mineração – não estão fazendo o devido processo para prevenir a violência contra os ativistas. Se a Global Witness pode identificar este risco, quem investe nesses setores também poderia e deveria evitar os países mais perigosos para pessoas defensoras até que seus Governos tomem medidas genuínas para abordar as reivindicações das comunidades afetadas”, acrescenta Leather.

“Somos parte da coalizão Defenders in Development, que neste ano vai publicar um relatório demonstrando que muitos defensores de direitos humanos foram agredidos por protestar contra um projeto financiado por bancos de desenvolvimento, entre eles o Banco Mundial, o Banco Holandês de Desenvolvimento e o Banco Interamericano. Até agora nenhum banco de desenvolvimento apresentou uma política específica sobre defensores e defensoras, só o Banco Holandês se comprometeu a fazê-lo”, aponta o ativista.

[Uma resolução do Parlamento Europeu](#) aprovada em 3 de julho alerta de que, diante da “febre global pela terra”, a Comissão Europeia deve considerar mecanismos efetivos sobre as obrigações de devido processo das empresas, “para assegurar que os produtos importados não sejam vinculados à grilagem de terras e a graves violações dos direitos dos povos indígenas”.

## PLANALTO CONTESTA DADOS DO RELATÓRIO

Em nota à imprensa, a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República afirmou que o relatório da ONG Global Witness apresenta dados equivocados, inflados, frágeis e metodologia duvidosa. Ainda segundo a nota, a morte atribuída por investigação policial ao tráfico de drogas, por exemplo, é transformada em resultado de conflito agrário. "Se consultassem fontes oficiais, os elaboradores do relatório saberiam, por exemplo, que segundo a Polícia Civil seis dos listados como mortos por serem "defensores da terra" foram assassinados em disputa de tráfico de drogas na localidade de Iúna, distrito de Lençóis, na Bahia, e um deles foi vítima de latrocínio. Isso por si só tira qualquer resquício de credibilidade que tal documento poderia ter, e mostra que a Ong distorce os fatos", afirma o comunicado.



### MAIS INFORMAÇÕES



Dois de cada três ativistas assassinados em 2017 eram latino-americanos



Indígenas em pé de guerra: a batalha pela Amazônia no Equador

G1. Ganhadora do Nobel da Paz liderou 'greve de sexo' na Libéria em 2002. Brasil, sete de outubro de 2011. Disponível em:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/ganhadora-do-nobel-da-paz-liderou-greve-de-sexo-na-liberia-em-2002.html>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

MENU G1 MUNDO

07/10/2011 07h28 - Atualizado em 07/10/2011 10h43

## Ganhadora do Nobel da Paz liderou 'greve de sexo' na Libéria em 2002

Iniciativa de Leymah Gbowee ajudou a encerrar a guerra civil no país. Mulheres se negaram a fazer sexo com os maridos até o fim dos combates.

Do G1, com agências internacionais

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



**Conteúdo não disponível.**  
Infelizmente este vídeo não está mais disponível. Desculpe-nos pelo inconveniente.

chefe de guerra convertido em presidente, a associá-las às negociações de paz.



A ativista liberiana Leymah Gbowee em 18 de maio de 2009 (Foto: AP)

"Leymah Gbowee mobilizou e organizou as mulheres além das linhas de divisão étnica e religiosa para pôr fim a uma longa guerra na Libéria e garantir a participação das mulheres nas eleições", disse Thorbjørn Jagland, presidente do comitê do Nobel.

### 'Red'

Quando era pequena, ela era chamada de Red (vermelha), por sua pele clara, relatou a liberiana no livro autobiográfico "Mighty Be Our Powers: How Sisterhood, Prayer, and Sex Changed a Nation at War" ("Poderosos sejam nossos poderes: como a comunidade de mulheres, a oração e o sexo mudaram uma nação em guerra").

### Libéria



Desde que se tornou conhecida no movimento pacifista, esta quarentona corpulenta, originária da etnia Kpellé, ganhou outro apelido no cenário internacional: "a guerreira da paz".

Contra os demônios da guerra, Leymah Roberta Gbowee chamou as mulheres a orar pela paz, sem distinção de religião e frequentemente vestidas de branco.

O movimento foi crescendo durante o conflito, até culminar na greve de sexo, obrigando o regime de Charles Taylor a integrá-las às negociações de paz.

Leymah Gbowee "é mais que valente. Desafiou a 'tempestade' Charles Taylor e o obrigou a se voltar à paz quando a maioria de nós, os homens, fugimos para salvar nossas vidas", disse Nathan Jacobs, funcionário de 45 anos.

Em dezembro de 1989, depois de iniciar uma rebelião contra o presidente liberiano Samuel Doe, Charles Taylor se apoderou em poucos meses da quase totalidade do país e tornou-se presidente em 1997.

Enfrentando uma revolta armada, ele se viu obrigado a deixar o poder em 2003, sob a pressão da rebelião e da comunidade internacional.



A iemenita Tawakkul Karman e as liberianas Ellen Johnson Sirleaf e Leymah Gbowee, laureadas com o Nobel da Paz de 2011 nesta sexta-feira (7) (Foto: Reuters)

Durante a guerra e como assistente social, Leymah conviveu diariamente com as crianças soldados e percebeu que "a única maneira de mudar as coisas, do mal para o bem, era que nós, mulheres e mães dessas crianças, nos levantássemos e avançássemos pelo bom caminho", disse ela, hoje mãe de seis filhos, instalada desde 2005 em Gana.

"Nada deveria levar as pessoas a fazer o que fizeram com as crianças da Libéria", drogadas, armadas, convertidas em máquinas de morte, explicou em um documentário - "Pray the Devil back to Hell" (Reze para o Diabo voltar ao inferno) - sobre a luta das liberianas pela paz.

Essa luta "não é uma história de guerra tradicional. Trata-se de um exército de mulheres vestidas de branco, que se ergueram quando ninguém queria fazê-lo, sem medo, porque as piores coisas imagináveis já haviam ocorrido conosco", escreveu em sua autobiografia.

"Trata-se da maneira como encontramos a força moral, a perseverança e a valentia para levantar nossa voz contra a guerra, e reestabelecer o sentido comum em nosso país", disse.

Leymah, que fundou e dirige várias organizações de mulheres, participou da Comissão Verdade e Reconciliação. Um percurso inesperado para quem reconhece ter sido uma criança doente - rubéola, malária, cólera - que "frequentemente desejou estar saudável".

G1. Nobel da Paz de 1992, líder indígena Rigoberta Menchú comemora 50 anos. Brasil, 9 de janeiro de 2009. Disponível em:

<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL949930-5602,00-NOBEL+DA+PAZ+DE+LIDER+INDIGENA+RIGOBERTA+MENCHU+COMEMORA+ANOS.html>

Acesso em 30 de agosto de 2019.



/ mundo

09/01/09 - 18h06 - Atualizado em 09/01/09 - 18h10



## Nobel da Paz de 1992, líder indígena Rigoberta Menchú comemora 50 anos

Da EFE

Tamanho da letra

A- A+

### editorias

- [Primeira Página](#)
- [Blogs e Colunas](#)
- [Brasil](#)
- [Carros](#)
- [Ciência e Saúde](#)
- [Cinema](#)
- [Concursos e Emprego](#)
- [Economia e Negócios](#)
- [Esporte](#)
- [Mundo](#)
- [Música](#)
- [Planeta Bizarro](#)
- [Política](#)
- [Pop & Arte](#)
- [Rio de Janeiro](#)
- [São Paulo](#)
- [Tecnologia e Games](#)
- [VC no G1](#)
- [Vestibular e Educação](#)
- [Vídeos](#)
- [Todas as notícias](#)

### G1 especiais

- [Carnaval 2011](#)
- [Virada de Ano](#)
- [Mais especiais](#)

### serviços

- [Guia Cultural RJ](#)

Guatemala, 9 jan (EFE).- Amigos e admiradores da líder indígena guatemalteca Rigoberta Menchú, Prêmio Nobel da Paz em 1992, enviaram várias flores por ocasião do aniversário de 50 anos da pacifista.

"Estou feliz de fazer esta idade, cheia de flores e bençãos", disse a guatemalteca em entrevista à rádio local "Emisoras Unidas".

Menchú, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1992 por sua luta em defesa dos direitos dos indígenas no país, nasceu na comunidade de Chimel, no município de Uspatán, ao norte da Guatemala, em 9 de janeiro de 1959.

Descendente de uma família camponesa da etnia quiché, Menchú sobreviveu à repressão militar na Guatemala contra os indígenas, durante a qual seus pais e irmãos foram assassinados.

"Acho que nunca estive só. O Criador, os avós, os ancestrais e a história me acompanharam", disse Menchú, que, nas eleições gerais de 2006, foi candidata à Presidência da Guatemala.

Rigoberta Menchú, a indígena mais conhecida da Guatemala, recebeu mais de dez doutorados honoris causa de diversas universidades do mundo. EFE

ca/db

[K:SOC:SOCIEDADE-SAUDE,SOCIEDADE SOC:SOCIEDADE-SAUDE,SOLIDARIEDADE-DIREITOS SOC:SOCIEDADE-SAUDE,GENTE-CURIOSIDADES]

[Q:IHU:pt-BR:08006000:Aspectos humanos:Prêmios SOC:pt-BR:14010000:Temas sociais:Minorias POL:pt-BR:11007000:Política:Direitos humanos IHU:pt-BR:08003000:Aspectos humanos:Famosos]

01/09/20-05/09

G1/REUTERS. Nobel da Paz iraniana incentiva compatriotas a manter protestos. Brasil, 4 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/nobel-da-paz-iraniana-incentiva-compatriotas-a-manter-prot-estos.ghtml>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

# Nobel da Paz iraniana incentiva compatriotas a manter protestos

Guarda Revolucionária foi enviada para conter manifestações contra o governo iraniano:



Por Reuters

04/01/2018 16h12 · Atualizado há um ano



A iraniana Shirin Ebadi, prêmio Nobel da Paz, em imagem de arquivo — Foto: Dylan Martinez/ Reuters

---

Agraciada com o prêmio Nobel da Paz, a iraniana Shirin Ebadi incentivou seus compatriotas a praticarem a desobediência civil e levar adiante os protestos nacionais que vêm representando o maior desafio aos líderes do Irã desde tumultos pró-reformas em 2009.

Segundo o jornal pan-árabe "Asharq Al-Awsat", de propriedade parcialmente saudita, a mais famosa advogada de direitos humanos da República Islâmica disse que os iranianos deveriam continuar nas ruas, e a Constituição lhes garante o direito de realizar manifestações.

Ebadi, que mora em Londres, recebeu o Nobel da Paz em 2003 e está entre vários críticos da liderança iraniana exilados. Ela incentivou seus conterrâneos a pararem de pagar as contas de água, gás e eletricidade e os impostos, e também os encorajou a retirar dinheiro de bancos estatais para fazer pressão econômica sobre o governo e obrigá-lo a parar de recorrer à violência e a atender suas exigências.

"Se o governo não ouviu vocês durante 38 anos, seu papel é ignorar o que o governo diz a vocês agora", disse Ebadi em uma entrevista, segundo o "Asharq Al-Awsat", também sediado na capital inglesa.

## Protestos

Após seis dias de protestos que abalaram a liderança clerical e mataram 21 pessoas, na quarta-feira a Guarda Revolucionária, unidade de elite das forças de segurança do país, **enviou forças a três províncias para conter os distúrbios.**



Sobre para 21 o número de mortos em protestos no Irã

Os protestos, inicialmente motivados pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelos jovens e pela classe trabalhadora, se transformaram em um levante contra os poderes e privilégios de uma elite alienada, especialmente o líder supremo, aiatolá Ali Khamenei.

As passeatas antigoverno, que parecem ser espontâneas e não ter um líder claro, começaram em bairros da classe trabalhadora e em cidades menores, mas também parecem estar ganhando impulso junto à classe média instruída e aos ativistas que participaram dos protestos de 2009.

O Irã realizou manifestações pró-governo em várias cidades nesta quinta-feira, inclusive em Mashhad, a segunda maior cidade da nação.

A televisão estatal mostrou milhares de manifestantes com cartazes de Khamenei e faixas dizendo "Morte aos sediciosos".

## Respostas

Os tumultos provocaram as respostas mais variadas no mundo – europeus expressaram receio com a reação animada dos líderes dos Estados Unidos e de Israel com a demonstração de oposição ao establishment religioso do Irã.

Como sinal da preocupação crescente da liderança de Teerã com a persistência dos protestos, o comandante da Guarda Revolucionária, major-general Mohammad Ali Jafari, disse ter despachado forças às províncias de Isfahan, Lorestan e Hamadan para lidar com a "nova sedição".

A maioria das baixas entre os manifestantes ocorreram nestas regiões. A Guarda Revolucionária, espada e escudo da teocracia xiita iraniana, foi fundamental para suprimir o levante de 2009, matando dezenas de manifestantes na ocasião.

GARCIA, Janaina. Especialistas veem retrocesso nos direitos das mulheres em decisões sobre aborto e Maria da Penha. UOL, São Paulo, 10 de novembro de 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/10/autora-da-lei-maria-da-penha-v-e-retrocesso-em-direitos-das-mulheres-e-sugere-risco-de-burca.htm>  
Acesso em 30 de agosto de 2019.



## COTIDIANO

### Especialistas veem retrocesso nos direitos das mulheres em decisões sobre aborto e Maria da Penha



Cartaz com mensagem favorável ao aborto durante manifestação.  
Imagem: Guilherme Giansanti/UOL.



Janaina Garcia  
Do UOL, em São Paulo  
10/11/2017 04h00

Janaina Garcia  
Do UOL, em São Paulo  
10/11/2017 04h00

A aprovação de uma PEC (Proposta de emenda à Constituição) que endurece as regras de aborto até em casos legais, como o de estupro, e a tentativa do Congresso -- vetada pelo presidente Michel Temer (PMDB) -- de alterar um dos principais dispositivos da Lei Maria da Penha foram duramente criticadas por duas especialistas em direito da mulher e combate à violência doméstica ouvidas pelo **UOL**.

A advogada Leila Linhares, representante brasileira no MESECVI (Mecanismo de Acompanhamento da Implementação da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a violência contra a Mulher), da OEA (Organização dos Estados Americanos), e uma das autoras do texto da Lei Maria da Penha, sancionada em 2006, classificou a aprovação da PEC 181 de 2015 na comissão da Câmara, por 18 votos a 1, como "um artigo oportunista e ilegal".

#### **Leia também:**

- [Comissão na Câmara aprova proposta que impossibilita qualquer forma de aborto](#)
- [Demagogia', Jean Wyllys e ativistas reagem à PEC que proíbe aborto legal](#)

Na avaliação dela, o texto aprovado afrontou o próprio entendimento do Código Penal de 1940, que previa a não-criminalização do aborto em casos de estupro, e do STF (Supremo Tribunal Federal), que em 2012 decidiu que o aborto de fetos anencéfalos não seria mais crime.

“Os mais conservadores incluíram no texto da PEC algo que retroage ao Código Penal e o STF, sendo que o Brasil já é um dos países mais atrasados do mundo nessa questão. Como dizer a uma mulher que gesta fruto de aborto, ou que gesta feto sem a calota cerebral, que esse processo torturante, esse drama horroroso, não compete a elas avaliar?”, questionou.

A promotora de justiça em São Paulo e integrante do Gevid (Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica) do Ministério Público, Fabíola Sucasas, também criticou a PEC aprovada. Para ela, a proposta vai em direção oposta aos avanços dos direitos das mulheres.

“É um absurdo esse tipo de aprovação, pois demonstra o quanto as mulheres, em seus direitos, estão ameaçadas a todo tempo. Alguém pergunta a mulheres que sofreram estupro e engravidaram o que elas estão sentindo?”, opinou.

“*Quando se ocultam os direitos das mulheres, se coloca metade da população para debaixo do tapete. Isso é um retrocesso e espero que não evolua*”

Fabíola Sucasas, promotora de justiça em São Paulo e integrante do Gevid

A integrante do Gevid lembrou ainda que, no caso dos estupros, há uma notificação considerável. Segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), são cerca de 500 mil estupros ao ano no Brasil. E pelo menos metade desse número refere-se a crimes praticados contra menores de 13 anos.

“Virar as costas à mulher que sofreu violência sexual é levá-la ao espaço do objeto. Em um país onde 50% desses crimes são praticados contra menores de 13 anos, em geral, no espaço doméstico, obrigar essas mulheres a seguirem com a gravidez é uma forma de violência legitimada em que o Estado se coloca como o avalizador da violência sexual”, finalizou.

## Críticas ao Congresso, elogios ao veto presidencial

As duas especialistas também criticaram a tentativa do Congresso de abrir permissão para que delegados de polícia pudessem conceder medidas protetivas de urgência às vítimas, previstas na Lei Maria da Penha. Hoje, a lei faculta isso apenas a juízes.

Leila Linhares elogiou a decisão do presidente Michel Temer de vetar essa alteração na lei. Para ela, o veto evitou a insegurança jurídica que a legislação, considerada hoje uma das melhores no mundo para o combate à violência doméstica, poderia sofrer.

“Isso foi vetado tanto porque era inconstitucional - e seria derrubado no Supremo -, como pelo fato de que um dos grandes avanços da lei foi possibilitar o acesso das vítimas ao poder Judiciário, e, mais especificamente, a que elas tenham acesso à Defensoria Pública, não apenas para receber as medidas protetivas, mas para serem instruídas sobre seus procedimentos no processo”, destacou.

### Leia também:

- [Temer sanciona nova Maria da Penha, mas veta polícia dar medida protetiva](#)

Na avaliação da advogada, delegar ao policial a concessão da medida não surtiria efeito.

“Claro que muitas delegadas, em Estados como o Rio, por exemplo, têm tido um desempenho muito bom no atendimento a essas vítimas, mas essa não é a realidade das delegacias em geral”, disse. “Não só porque ainda há a mentalidade muito pouco sensível à questão de gênero e pouco treinada para esse tipo de violência, como porque muitas vezes se tem, nesses espaços, a orientação para que a vítima não preste a queixa e busque a conciliação. Mesmo no Judiciário, há magistrados que buscam essa mediação e aplicam mecanismos que não são da lei, infelizmente”.

Fabíola Sucasas também se disse aliviada com o veto à alteração na Lei Maria da Penha. “Esse veto certamente trouxe a confirmação de que as vozes das mulheres foram ouvidas; isso traria uma imensa insegurança jurídica na aplicação da lei”, considerou.

“A ideia de que a autoridade policial teria a possibilidade de ser a única a dar proteção mais rápida é considerar a medida como único recurso e de repressão, quando, na realidade, o rol das medidas busca garantir a proteção não apenas da vítima, mas também do agressor, das testemunhas e dos familiares envolvidos em uma relação dessas”, acrescentou.

O texto sancionado por Temer assegura, entre outras medidas, “o direito da mulher em situação de violência doméstica e familiar de ter atendimento policial e pericial especializado, ininterrupto e prestado, preferencialmente, por servidores do sexo feminino” e a “criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher”.

## Reforço à lei Maria da Penha

Indagada sobre qual seria a solução para combater leis que eventualmente possam infringir os direitos das mulheres, a advogada Leila Linhares pediu união da sociedade.

*“ É preciso que as mulheres, os formadores de opinião e os setores médicos se unam e se mobilizem contra isso e entendam que, daqui a pouco, nesse ritmo, a mulher brasileira vai ter que começar a vestir burca*

Leila Linhares, uma das autoras do texto da Lei Maria da Penha

“Estamos retroagindo quase um século de conquistas democráticas – quando o que queremos, nós mulheres zangadas com esse quadro, é aprofundar o processo democrático no qual é fundamental que as mulheres tenham seus direitos reconhecidos e aplicados”, afirmou a advogada. “Essas propostas, no bojo e no crescimento do conservadorismo, vão desfigurando o perfil da democracia brasileira”, concluiu.

A promotora de Justiça Fabíola Sucasas reforçou que antes de se pensar em alterações na Maria da Penha, é necessário dar mais eficácia à lei que está em vigor.

“Antes de se pensar em mudar a Lei Maria da Penha, é preciso dar efetividade a seus dispositivos. Capacitar as polícias Civil e Militar e as guardas municipais, por exemplo, e incluir na educação valores de respeito à dignidade pessoa humana dentro perspectiva de gênero, além de iniciativas –hoje, ainda muito pontuais --pela fiscalização da aplicação das medidas protetivas”, enumerou.

GÓMEZ, Laura Nuño. 'Eu também' reforça revolução das mulheres que responsabiliza o assediador, e não mais a vítima. El País Brasil. Madri /Washington, 24 de dezembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371\\_076739.htm](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371_076739.htm)

EL PAÍS

RESUMEN ANUAL

ASSINE



O CLAMOR CONTRA OS ABUSOS SEXUAIS | A NOTÍCIA INTERNACIONAL DO ANO &gt;

## 'Eu também' reforça revolução das mulheres que responsabiliza o assediador, e não mais a vítima

'Caso Weinstein' desencadeou o movimento #Metoo, que conseguiu unir milhares de mulheres assediadas e derrubou mitos do show bizz, tirando a carga da vítima



Mulher com um cartaz que diz "Nós, o povo, defendemos a dignidade", durante manifestação em Kosovo em março. ARMEND NIMANI (AFP)

M. R. S. | A. M.

Madri / Washington - 24 DEZ 2017 - 17:33 BRST

Poderia ter caído no esquecimento. Não seria a primeira vez. Mulheres que denunciam publicamente o assédio sexual praticado por um homem poderoso, que mal sai arranhado. Mas não aconteceu isso. No início de outubro correram como um rastilho as manchetes informando que o gigante de Hollywood Harvey Weinstein havia sido demitido de sua empresa depois da publicação, pela revista *The New Yorker* e pelo jornal *The New York Times*, de uma pilha de acusações de casos de assédio sexual supostamente cometidos ao longo de décadas e silenciados graças ao talão de cheques. Sexo, poder, dinheiro. Mas o que começou como a história de sempre pode ter se tornado o pavio que incendeia a história. Em maiúsculas.

O estrondo provocado pelos testemunhos de artistas famosas contra [Harvey Weinstein](#) —Ashley Judd, Mira Sorvino, Angelina Jolie e Gwyneth Paltrow— desencadeou um enorme terremoto nos Estados Unidos, sentido em todo o Ocidente e que foi derrubando, em cascata, um rosário de homens poderosos, semideuses em seus respectivos domínios. Um sismo que animou centenas de milhares de mulheres anônimas que, sob o grito *Me too* (eu também) e sentindo que não estão sozinhas, romperam o silêncio e começaram a compartilhar seus próprios casos de abuso. O fenômeno acendeu um poderoso movimento contra esta chaga que não somente conseguiu que a sociedade começasse a considerar esta prática violentamente machista como algo intolerável como também pode agir como catalisador para lutar e expor a raiz do problema: a discriminação de metade da sociedade.

“Esse movimento conseguiu que a sociedade, pelo menos na esfera pública, jogue a carga da responsabilidade sobre o assediador, e não sobre as mulheres. Deu a elas credibilidade e estabeleceu que desde a violência de baixa intensidade, com comentários inoportunos, até o **assédio sexual** mais inoportuno é responsabilidade de quem agride”, destaca a professora Laura Nuño, titular da cadeira de gênero da Universidade Rey Juan Carlos, na Espanha. Uma mudança de discurso que dificilmente recuará, afirma. Porque algo que é classificado como injusto não pode mais ser visto publicamente como tolerável.

Por que agora, por que essas denúncias e não as de dois, cinco ou dez anos atrás, como as feitas contra [Bill Cosby](#) ou o escândalo do consagrado apresentador da Fox Bill O'Reilly? É inevitável fazer a pergunta. A resposta deve ser buscada na expansão dos movimentos feministas, no caldo de cultura que vinha sendo cozido desde havia pelo menos um ano: a força e a resistência do movimento “Nem uma a menos” na América Latina; a inédita Marcha das Mulheres de janeiro, em Washington, contra a agenda ultraconservadora do presidente Donald Trump, governante também acusado de assédio; as greves de mulheres em março no mundo todo; as múltiplas manifestações contra a violência machista. O movimento *Eu Também* é a notícia internacional do ano para este jornal, e 2017 foi, dizem o ano das mulheres.

## NEWSLETTER

Receba a newsletter diária do EL PAÍS Brasil



### PODE TE INTERESSAR

O grito feminista ressoa no México



O patriarcado da conquista e as mulheres indígenas



América Latina, a região mais fatal do mundo para os ecologistas



### MAIS INFORMAÇÕES



Adivinha quem vem para assediar

A catarse brasileira contra o assédio que veio antes da de Hollywood

França, o país da sedução busca como combater o problema do assédio

Não por acaso feminismo foi considerada a palavra do ano pelo dicionário norte-americano Merriam-Webster, que revelou que em 2017 as buscas pelo termo aumentaram mais de 70% em relação ao ano anterior. Nunca antes tantas mulheres — e também homens — de diferentes esferas haviam se definido publicamente como feministas, palavra maldita durante anos (e que ainda incomoda muitas).

Há um legítimo debate sobre se tudo isso tem algo de revolução ou de modismo. Se é uma mudança sociológica ou uma erupção passageira. Será preciso esperar alguns anos para saber. Embora parte dessa metamorfose tão aguardada já tenha chegado.

## Mudança palpável

O fenômeno *Eu Também* já foi notado nas urnas. No Estado norte-americano do Alabama, um bastião conservador do país, o extremista candidato republicano ao Senado Roy Moore afundou nas eleições de alguns dias atrás, sob o peso de seu radicalismo e também pelas acusações de abusos contra adolescentes três décadas antes, quando tinha seus trinta anos. Há mais de um ano outras acusações de agressão e abuso não impediram a vitória de Trump na eleição presidencial. Nem mesmo uma gravação de 2005 em que ele afirmava que quando se é um “astro” as mulheres deixam fazer “qualquer coisa”, como agarrá-las “pela boceta” abalou o candidato.



Mulheres vítimas de acoso sexual durante a marcha #metoo (eu também) em Hollywood. MARK RALSTON (AFP | QUALITY)

Emily's List, uma organização dos EUA que há mais de três décadas promove a participação da mulher na política, não acredita nos números de 2017. “Desde a eleição presidencial [8 de novembro de 2016] umas 25.000 mulheres vieram a nós interessadas em concorrer a algum cargo eletivo. Para pôr esse número em contexto: em 2016 inteiro só vieram 920”, explica a presidenta da entidade, Stephanie Schriock. “Estamos vendo um momento sem precedentes de ativismo político entre mulheres, como não havíamos visto em nossos 32 anos de existência”, afirma. Algumas já chegaram a seus postos: das 65 candidatas que a instituição apoiou em 2017, venceram 43. E elas partem de um patamar muito baixo: no Congresso, por exemplo, as mulheres não chegam a 20%.

---

O vendaval chegou também a outros países. Na Suécia, o ouvidor da Igualdade pôs sob escrutínio as práticas de quarentena nas grandes empresas, e a lei será endurecida para especificar que toda relação que não tenha o consentimento expresso é abuso sexual. O “não é não” não é suficiente, afirmou o primeiro-ministro Stefan Löfven, “somente o sim quer dizer sim”. Na França, [onde está em preparação uma lei contra o assédio nas ruas](#), o presidente Emmanuel Macron estabeleceu a igualdade entre mulheres e homens como a “grande causa” de seu mandato, numa sociedade, disse, “doente de sexismo”.

Todas as revoluções sociais avançam aos trancos: dando dois passos de uma vez e recuando um. Até que se cristalizem. Mas o que o movimento *Me too* deixou claro é que serviu como catarse. Pesos-pesados do mundo do cinema e da televisão caíram em desgraça, políticos notáveis abandonaram seus cargos, denunciados por seus próprios partidos. E o que não é menos importante: alguns homens se lançaram a lamentar e admitir abertamente que não tenham levado suficientemente a sério o abuso contra as mulheres.

Em novembro, o ator Alec Baldwin entoou um duro mea-culpa. “Tratei as mulheres de maneira muito sexista”, disse o intérprete de 59 anos. E continuou, sem meias-tintas: “Intimidei as mulheres. Passei por cima delas. Subestimei-as. Não como norma, mas de vez em quando fiz o que muitos homens fazem, que é... quando não trata as mulheres da mesma forma que trata os homens. Sou de uma geração que realmente não trata, e gostaria de mudar isso”.

Na hora de avaliar se a sociedade está realmente vivendo uma mudança de mentalidade, um reconhecimento com tal franqueza se torna uma pista muito mais confiável que as demissões fulminantes feitas por empresas. Porque essas, em muitos casos, estavam plenamente conscientes do assédio e dos maus-tratos sistemáticos de seus astros contra suas subordinadas e agiram somente quando temeram o dano a sua reputação.

---

**MAIS INFORMAÇÕES**


Os principais  
acusados de assédio  
sexual em EEUU

---

O tratamento abusivo de Harvey Weinstein era sabido por boa parte de [Hollywood](#), como demonstram os vários testemunhos. Outro ilustre repudiado é o veterano jornalista televisivo Charlie Rose, de 75 anos, que as redes CBS e PBS despediram há um mês, depois que oito mulheres o acusaram de assédio sexual. Uma das que o denunciaram tinha 21 anos quando aconteceram os fatos (ele se despiu na frente dela e lhe falava de fantasias sexuais) e na época informou sua produtora, que não deu importância ao assunto: “É Charlie agindo como Charlie”, disse-lhe. Agora essa produtora afirma que se arrepende.

É um exemplo de que o assédio persistente só é possível sob uma cultura que o ampara e o relativiza. Alyssa Milano —a atriz que disparou o movimento *Me too* nas redes sociais— aludiu a algo semelhante em sua resposta a Matt Damon. O ator pediu há alguns dias que se diferencie “entre passar a mão na bunda de alguém e um estupro, ou abusar de uma criança”. Tudo, disse ele, deveria ser erradicado, mas, ao mesmo tempo, sem “misturar”. E completou: “Vivemos nesta cultura do escândalo, que temos que corrigir para poder dizer: ‘Espere um momento. Nenhum de nós é perfeito’”. “Não estamos indignadas porque alguém tocou em nossa bunda numa foto. Estamos escandalizadas porque nos fizeram sentir que isso fosse era normal. Há diferentes estágios num câncer. Alguns são mais tratáveis que outros. Continua a ser um câncer”, respondeu Milano.

Moda ou não, uma nova geração de mulheres inconformistas esporeou o movimento compartilhado com as adultas, cada vez mais conscientes da desigualdade, mas também do poder do ativismo. Mas os processos de transformação do feminismo, como indica a especialista em temas de gênero Mónica Roa, são extremamente lentos porque é preciso mudar grandes estruturas e dinâmicas muito profundas. “Além disso, cada vitória se torna mais difícil, porque gera a pergunta ‘mas o que mais querem?’”, explica Roa.

O campo de batalha é infinito. A cada dez minutos um homem assassina uma mulher que foi ou é seu par, segundo a ONU. Uma em cada 14 mulheres sofreu algum tipo de abuso sexual, como revela a Organização Mundial da Saúde (OMS). Na Europa elas ganham, em média, 16,3% menos por hora trabalhada que os homens; nos Estados Unidos, porcentagem semelhante. No Brasil, o salário das mulheres é em média 84% do dos homens. Mulheres são somente 20% dos altos executivos nos países do G7. Nas principais empresas da Bolsa europeia, 74,7% dos presidentes, membros do conselho e representantes dos trabalhadores são homens. Na América Latina e no Caribe, a taxa de participação laboral feminina está há anos parada em 53%. E vai assim, infinitamente.

“O movimento *Eu Também* desencadeou uma verdadeira tempestade, que ainda não parou e deve ser aproveitada”, ressalta Virginija Langbakk, diretora do Instituto Europeu de Igualdade de Gênero (EIGE). Ela acha que o fenômeno provocará maior consciência das empresas, dos Governos e das forças de segurança sobre o assédio e o abuso sexual. Foi a história do ano. Falta que seja o ano em que a história mudará.

## ‘A MANADA SOMOS NÓS’ CONTRA A CULTURA DO ESTUPRO



Manifestação pelo dia da mulher em 8 de março passado em Madri. SAMUEL SÁNCHEZ

Nenhum gigante caiu na Espanha sob o peso de uma denúncia pública de assédio ou de abuso sexual. O escândalo que derrubou Harvey Weinstein, Charlie Rose ou o senador Al Franken nos EUA não se repetiu com nomes do setor de cinema, da política ou das grandes empresas. A magnitude e a coincidência temporal com o chamado caso da manada, em que cinco jovens são acusados de estuprar em grupo uma garota em Pamplona, nas festas de San Fermín no ano passado, de não apenas porque o fato foi gravíssimo, mas também pela maneira como se desenrolou o processo judicial, no qual o juiz admitiu como prova a vigilância da vítima feita por um detetive durante os meses posteriores ao estupro, encomendada por um dos acusados, para provar que ela levava vida normal. E esse é somente um pequeno ingrediente de um caso e de um julgamento que provocaram uma onda de indignação contra a culpabilização das mulheres e a cultura do estupro que ainda impera numa sociedade na qual, por exemplo, um juiz é capaz de perguntar a uma mulher estuprada se ela fechou bem as pernas, como aconteceu num tribunal espanhol no ano passado. Essa cólera, essa irritação e essa fadiga derivaram em múltiplos protestos, que, com o lema *A manada somos nós*, —em referência a como se fazia chamar o grupo de supostos estupradores—, sacudiram as redes sociais e também as ruas.

*A manada*, o *Eu Também* e, antes deles, *Meu primeiro assédio*, que se popularizou no Twitter e no Facebook nos Estados Unidos em 2016, incentivaram as mulheres a romper o véu de seus segredos. Como na Caixa de Pandora, um grupo privado de mulheres da arte e da cultura que já tem mais de 3.000 inscritas. Ou como o movimento *We are not surprised* (não estamos surpresas), com o qual galeristas, artistas, escritoras e trabalhadoras do mundo da arte do Reino Unido, Japão, México e Espanha denunciaram ter sido assediadas. O manifesto inicial, no qual dizem que não se surpreendem por nenhuma das terríveis histórias de abuso, foi assinado por quase 10.000 pessoas.

Movimentos que despontaram porque os anteriores fazem muitas mulheres pensarem que é mais eficaz a denúncia pública —com a qual se sentem acompanhadas— que enfrentar um processo judicial que lhes jogue culpa por cada passo dado.

# Nordeste é nova rota de tráfico no Brasil

Alvo da PF, Máfia Nigeriana leva para Cabo Verde cocaína vinda da Colômbia e Bolívia

INTERNACIONAL

Eugenio Goussinsky, do R7

© 01/02/2015 - 23h19 (Atualizado em 02/02/2015 - 08h03)



A-

A+



Polícia Federal já desmantelou quadrilhas no Nordeste brasileiro

*Marcello Casal Jr/ABr*

A ação do tráfico de drogas no Brasil já não se restringe ao Centro-Oeste e ao Sudeste do País. Nos últimos meses, a Polícia Federal (PF) brasileira entrou em sinal de alerta para desmantelar uma rota que utiliza o Nordeste como principal corredor para o transporte de drogas rumo à África.

O destino dos entorpecentes, vindos da Colômbia e da Bolívia, é Cabo Verde, país situado em arquipélago no oeste africano cuja capital é Cidade de Praia. De lá, praticamente toda a droga que chega é levada para a Europa.

Desde que um voo direto foi inaugurado, ligando Fortaleza à Cidade de Praia, segundo a PF, no fim de 2013, a ação dos traficantes se intensificou na região. A vigilância no Aeroporto Internacional Pinto Martins foi intensificada, tanto no setor de passageiros quanto no de cargas.

O delegado Janderlyer Gomes de Lima, chefe da Delegacia de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal no Ceará, afirmou ao **R7** que nos últimos anos o país africano se tornou uma rota natural a partir do Nordeste. Ele destacou que os traficantes pertencem à chamada Máfia Nigeriana, cuja estrutura, ramificada, é muito difícil de dismantelar. Só no ano passado, ele disse que mais de dez pessoas foram presas.

— Já detectamos a ação de traficantes e conseguimos prender integrantes das quadrilhas atuando em Fortaleza. A Máfia Nigeriana é baseada em São Paulo, mas tem uma característica diferente, por exemplo, da Máfia Italiana. São células pequenas, quadrilhas fragmentadas, seguindo um padrão africano, com muitos dialetos, uma máfia bastante recortada.

O cientista social colombiano Alejandro Villanueva Bustos, da Universidade Antonio Nariño, da Colômbia, estuda há alguns anos a ação dos narcotraficantes no país. E afirma que a nova geração do tráfico colombiano está utilizando quatro rotas para desovar a droga, sendo que uma delas é pelo Nordeste brasileiro.

— Eles contam com apoio de paramilitares que, em troca de propina, permitem o transporte da droga. Uma rota é direcionada aos Estados Unidos, pelo México. Outra vai pela Venezuela, Ilhas do Caribe, África e chega à Europa. A terceira passa pela Bolívia, Argentina (Buenos Aires) e também vai até a Europa. A quarta é a brasileira, via Nordeste, de cidades como Recife, Salvador e Fortaleza, com a droga chegando à África, em Cabo Verde, e depois indo para a Europa. Não há muita diferença entre elas. No fim das contas, quando a droga é vendida, o lucro vem da mesma maneira.

## **Óleo de cozinha**

Reforçando a informação de Bustos, o delegado de Fortaleza diz que o caminho dos entorpecentes é mais do que sabido, já em relação aos corredores pelo Brasil. A droga chega a São Paulo, ingressando no País após atravessar a região andina e a fronteira brasileira, vinda de países como a Bolívia, pelo Centro-Oeste, e a Colômbia, pelo Norte. A conexão com traficantes colombianos e bolivianos é em geral indireta.

### **Fronteira Paraguai-Brasil tem taxa de homicídios próxima à pior do mundo**

— Países como a Colômbia são os produtores. Os traficantes ficam por lá. A droga chega ao Brasil pelas fronteiras com Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e também pelo Amazonas. Em São Paulo, há os intermediários, da Máfia Nigeriana, que têm ramificações em Fortaleza e em outras cidades do Nordeste. O delegado afirma que as chamadas "mulas" levam a droga, neste caso a cocaína, para Cabo Verde. Na maioria das vezes, este serviço é feito por alguns africanos, moradores da costa do continente.

— Eles são contratados pela Máfia Nigeriana para fazer o transporte. Este tipo de tráfico, segundo Lima, muitas vezes consegue driblar a vigilância. Os traficantes estão sempre descobrindo técnicas novas para esconder a droga.

---

Ele conta que já foi apreendida, por exemplo, cocaína líquida, idêntica ao óleo de cozinha, introduzida em uma garrafa de plástico.

— Além de métodos mais conhecidos, de levar escondido nas roupas, ou em bagagens, há os inusitados, por exemplo, dentro de peças de veículos. Já pegamos droga sendo levada dentro de rodas esportivas, ou tetos montáveis. Cocaína com aparência de creme corporal e dentro de enlatados também já foi descoberta.

Segundo Lima, a Polícia Federal tem feito um verdadeiro pente-fino nos dias de voo com destino a Cabo Verde.

— Fortalecemos a fiscalização dos voos, também há um aumento do número de policiais e uma anotação da lista de passageiros. Ficamos atentos àqueles que compram passagens de última hora, ou que pagam à vista e em dinheiro e a uma série de outros itens.

### **Dificuldade e integração da PF**

Foi implantando ainda o método de scanner corporal, tecnologia na qual o Ceará é um dos pioneiros na utilização, implementada na Casa de Privação de Liberdade III, que fica em Itaitinga, na Grande Fortaleza. O scanner revela todos os detalhes do corpo, detectando celulares, chaves e qualquer outro produto.

---

— Há casos de ingestão de cápsulas da droga e o scanner consegue detectar. Contabilizamos mensalmente pelo menos uma prisão de traficantes nesta rota. Outro fator que dificulta é a característica desta máfia, que atua com várias pessoas, às vezes em um mesmo voo, levando uma quantidade considerada pequena da droga.

Que, na somatória, se torna grande, chegando até a 600 kg por ano só em Fortaleza, segundo o delegado.

— Muitas vezes pegamos um passageiro com drogas e, neste mesmo voo, pode haver dois ou três outros que não foram detectados, devido às técnicas novas de transporte, que dificultam. Nem sempre conseguimos pegar, é algo complicado e de difícil elucidação.

Lima observa que há uma grande integração da Polícia Federal em vários Estados do Nordeste e do Norte, incluindo cidades estratégicas como Recife, Salvador e Natal, onde, segundo ele, há também a ação de traficantes.

— Dependemos muito da área de Inteligência, que está muito atuante. Cada superintendência tem uma delegacia especializada em tráfico de entorpecentes, que também tem um setor de inteligência específico. Rastreamos rotas, portos, aeroportos, identificamos despachantes, estamos bem integrados com a Receita Federal, para confiscos. A rota do Nordeste existe. Mas, se fosse simples, já teríamos desvendado. A investigação é complexa.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Revista Veja. São Paulo, 18 de abril de 2016. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Brasil

## Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por Juliana Linhares  
© 18 abr 2016, 19h14



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folhapress)

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”.

Michel Temer é um homem de sorte.

---

MARTINELLI, Andréa. #PrimeiroAssédio: Mulheres compartilham no Twitter primeira vez que sofreram assédio. Agência Huffpost Brasil, 2015. Disponível em:

[https://www.huffpostbrasil.com/2015/10/22/primeiroassedio-mulheres-compartilham-no-twitter-primeira-vez\\_a\\_21693923/](https://www.huffpostbrasil.com/2015/10/22/primeiroassedio-mulheres-compartilham-no-twitter-primeira-vez_a_21693923/)

☰
HUFFPOST
NOTÍCIAS
OPINIÃO
MULHERES
LGBT
COMPORTAMENTO
COMIDA
ENTRETENIMENTO

COMPORTAMENTO 22/10/2015 12:13 -02 | Atualizado 27/01/2017 00:31 -02

21k




## #PrimeiroAssédio: Mulheres compartilham no Twitter primeira vez que sofreram assédio



By Andréa Martinelli

A estreia do programa MasterChef Júnior na última terça-feira (20), que reúne crianças de 9 a 13 anos cozinhando "que nem gente grande" **não** ficou marcada pelo talento dos participantes, mas sim, pelos comentários com teor sexual direcionados a Valentina, uma das participantes do reality, **de apenas 12 anos**.

Durante o programa, comentários como "se tiver consentimento é pedofilia?", "com doze anos ela vai virar secretária de filme pornô", "a culpa da pedofilia é dessa molecada gostosa", "essa Valentina fazendo esses pratos: que vagabunda!" foram feitos no Twitter, em sua maioria, por homens, direcionados à participante.

No texto ["quando uma menina de 12 anos no MasterChef Jr desperta o desejo de homens adultos precisamos falar sobre a cultura do estupro"](#), publicado no Brasil Post, a jornalista Carol Patrocínio levantou o **enorme** problema desta questão:

---

"É importante falar sobre a cultura do estupro. Ela anda nas entrelinhas de muitos discursos. Ela caminha ao lado da ideia de que homens não conseguem conter seus instintos. Ela está totalmente ligada ao falso consenso que poderia dar uma criança. Ela é reforçada pela infantilização de mulheres adultas. A impunidade é sua melhor amiga e a culpabilização da vítima sua principal arma."

Assim que o caso ganhou as redes sociais, o coletivo feminista [Think Olga](#), que luta contra o assédio em espaços públicos e outros tipos de violência contra a mulher, lançou a hashtag [#primeiroassédio](#) no Twitter, incentivando mulheres a contar quando foi a primeira vez que foram assediadas -- e expor um problema que é tão enraizado, que é entendido como "brincadeira" ou "normal".



**O, Think Olga**    
@ThinkOlga

Desde a infância, somos ensinadas que o ESPAÇO PÚBLICO NÃO NOS PERTENCE. E se tentarmos retomá-lo, seremos retaliadas. [#PrimeiroAssedio](#)

♡ 201 18:45 - 21 de out de 2015 

💬 163 pessoas estão falando sobre isso >

**O, Think Olga**    
@ThinkOlga

Por favor, compartilhem suas histórias com a hashtag [#PrimeiroAssedio](#). Vamos reunir as histórias e publicá-las na OLGA.

♡ 147 18:35 - 21 de out de 2015 

💬 94 pessoas estão falando sobre isso >

Para mostrar que o assédio é algo que deve ser punido - é fundamental não silenciar. As mulheres se sentem intimidadas e, para se preservar de julgamentos, sofrem em silêncio por uma violência que deixa marcas para a vida toda. Situações de meninas que, aos 7, 8, 9, 10 anos já foram submetidas a situações de violência, assédio e machismo foram compartilhadas na [#primeiroassédio](#).

---

Abaixo estão 16 histórias compartilhadas por mulheres no Twitter. Até a manhã desta quinta-feira (22), cerca de 2,5 mil tweets mencionaram a hashtag.

**ATENÇÃO:**

**As histórias abaixo podem ser gatilho para sensações desagradáveis**



**Kellen Moraes** ✓  
@leitoramedia



13 anos. apê na praia com avós. sou acordada no meio da noite por amigo da família. ele estava bêbado e pelado.

[#primeiroassedio](#)

♡ 4 09:34 - 22 de out de 2015



[Veja outros Tweets de Kellen Moraes](#)



Com 11 anos, eu estava indo para aula de dança e um homem passou a mão na minha bunda. [#PrimeiroAssédio](#)

— caról (@eigoldwoman) [22 outubro 2015](#)



**massia**  
@affmarcia



13 anos. Andando na rua pra ir no supermercado. Ouvi de um senhor que eu ja tinha peitos lindos. [#primeiroassedio](#)

♡ 5 09:47 - 22 de out de 2015



[Veja outros Tweets de massia](#)



 **Good vibes mas nem tanto**   
@nathaliaraks

Eu tinha 7 anos, um cara no bairro se masturbou atrás de um poste vendo eu e minhas vizinhas brincando, nós corremos.  
[#PrimeiroAssedio](#)

♡ 78 18:50 - 21 de out de 2015 

💬 40 pessoas estão falando sobre isso >

 **Coach quântica**   
@marifoipromar

Com 11, fui agarrada por Coach quântica colegas mais velhos na escola e ao reclamar a diretora disse que eu dei motivo.  
[#PrimeiroAssedio](#)

♡ 360 18:44 - 21 de out de 2015 

💬 187 pessoas estão falando sobre isso >

Com 11 anos estava com minha tia na praia e uns caras começaram a olhar muito, mexer comigo e tirar fotos da minha bunda [#primeiroassedio](#)  
— Kelli (@kssimoura) [October 22, 2015](#)

 **Kellen Moraes**    
@leitoramedia

13 anos. apê na praia com avós. sou acordada no meio da noite por amigo da família. ele estava bêbado e pelado.  
[#primeiroassedio](#)

♡ 4 09:34 - 22 de out de 2015 

👤 [Veja outros Tweets de Kellen Moraes](#) >

**Caroline out of context**

@takethecaroles



Eu tinha 11 quando um guri apertou minha bunda na sala de aula. Eu tive medo de reclamar e ele me seguir ate em casa.

#primeiroassedio

♥ 2 06:56 - 22 de out de 2015



[Veja outros Tweets de Caroline out of context](#)



Meu [#primeiroassédio](#) foi com uns 11 anos. Tava saindo do treino da natação de maiô e roupão e o porteiro da escola disse q eu era "gostosa" — Denise. (@denisices) [October 22, 2015](#)

**martinha**

@suco\_de\_uva



com 14, o açougueiro ficava mexendo comigo. minha mãe botou a culpa em mim. [#PrimeiroAssedio](#)

♥ 2 05:45 - 22 de out de 2015



[Veja outros Tweets de martinha](#)

**Clara Averbuck**

@claraaverbuck



meu [#primeiroassédio](#) foi aos 10 anos. um velho colou em mim e perguntou se eu já tinha pelinhos "la". chutei a canela dele e corri.

♥ 115 22:20 - 21 de out de 2015



[31 pessoas estão falando sobre isso](#)



 **Fogo no Borsalino**  
@meritogracinha

Um primo. Eu tinha 8 anos. Chegou a desabotoar minhas calças e passar a mão em mim. Me escondi por um dia no banheiro.  
[#primeiroassedio](#)

4 20:46 - 21 de out de 2015

[Veja outros Tweets de Fogo no Borsalino](#)

Tinha uns 8 anos e esperava minha mãe nas compras. Dois rapazes passaram por trás, pegaram na minha bunda e saíram rindo.

[#PrimeiroAssédio](#)

— Bruxa Onilda (@byankarruda) [21 outubro 2015](#)

 **Mecânica de Textos**  
@soraya\_coelho

Aos 10 anos um tio que morou conosco me assediou e fez propostas. Nunca comentei com a família por medo de me culparem. [#PrimeiroAssedio](#)

248 18:38 - 21 de out de 2015

[89 pessoas estão falando sobre isso](#)

No Twitter, as mulheres continuam compartilhando histórias sobre a primeira vez que foram assediadas: 9, 10, 11, 12 anos e já são marcadas pela violência sexual. Você viveu algo parecido? Divida a sua história com a hashtag criada pelo [Think Olga](#) e NÃO silencie este tipo de violência: [#PrimeiroAssedio](#).



**Andréa Martinelli**  
Editora de Mulheres e LGBT

[Sugira uma correção](#)

OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA, Nelson. Três anos depois de aprovada, Lei do Femicídio tem avanços e desafios. SENADO. Brasília, 17 de março de 2018. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-femicidio-tem-avancos-e-desafios/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-femicidio-tem-avancos-e-desafios>

senadonoticias

Busca avançada

Todas Política Economia Social Administração Tecnologia Justiça Infraestrutura Meio Ambiente Mais+

Infomaterias Especial reforma da Previdência Jornal Rádio TV Fotos Senado Multimídia

especial cidadania

## Três anos depois de aprovada, Lei do Femicídio tem avanços e desafios

Guilherme Oliveira e Nelson Oliveira | 27/03/2018, 09h56 – ATUALIZADO EM 27/03/2018, 17h31

PRONAS  
PROGRAMA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

LEI Nº 13.076/2014  
NÃO ESPERE QUE A MORTE OS SEPARE

GDF  
Departamento de Polícia Especializada  
Integração de Atendimento à Mulher

Policial de Brasília entrega cartilha com orientação sobre violência doméstica

NESTA EDIÇÃO | Nº 628

Femicídio

Três anos depois de aprovada, Lei do Femicídio tem avanços e desafios

Vídeo

Lei do Femicídio é d...

Quando aprovou a Lei do Femicídio, sancionada em março de 2015, o Congresso deu um passo importante para resguardar a mulher da brutalidade do seu agressor. O feticídio qualifica o assassinato quando a mulher é morta por questões de gênero. Mas os números desse crime mostram que não basta punir. É preciso também aumentar a rede de proteção à mulher e mudar a “cultura do agressor”.

Segundo o 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em outubro pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o país registrou 449 casos de feticídio em 2015. Em 2016, as ocorrências passaram a 621. Especialistas afirmam que o aumento, de 38,3%, pode ser explicado tanto por um recrudescimento da violência quanto por um cuidado maior com as notificações. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa de feticídios no Brasil — de 4,8 para 100 mil mulheres — é a quinta maior do mundo.

Fruto dos trabalhos da CPI Mista da Violência contra a Mulher, que funcionou em 2012, a Lei do Feticídio (Lei 13.104, de 2015) não introduziu um “crime novo” no Código Penal. A rigor, o feticídio é um agravante do crime de homicídio, uma circunstância específica que transforma o ato em homicídio qualificado. A pena para o crime vai de 12 a 30 anos de reclusão. Mas pode ser elevada em até 50% caso o crime seja praticado na presença de filhos, pais ou avós da vítima, durante a gestação ou nos três meses imediatamente pós-parto e ainda contra vítima menor de 14 anos, maior de 60 anos ou com deficiência.

O Observatório da Mulher contra a Violência e o Instituto DataSenado, ambos vinculados à Secretaria de Transparência da Casa, realizam pesquisas com mulheres de todo o país para elaborar uma série histórica da violência de gênero. Em 2017, a pergunta “Você já sofreu algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por um homem?” foi respondida positivamente por 29% das entrevistadas — índice consideravelmente maior do que nos 12 anos anteriores, em que a taxa oscilou entre 15% e 19%.



**Presídio masculino: número de crimes contra a mulher aumentou**

Luiz Silveira/Agência CNJ

## Combate

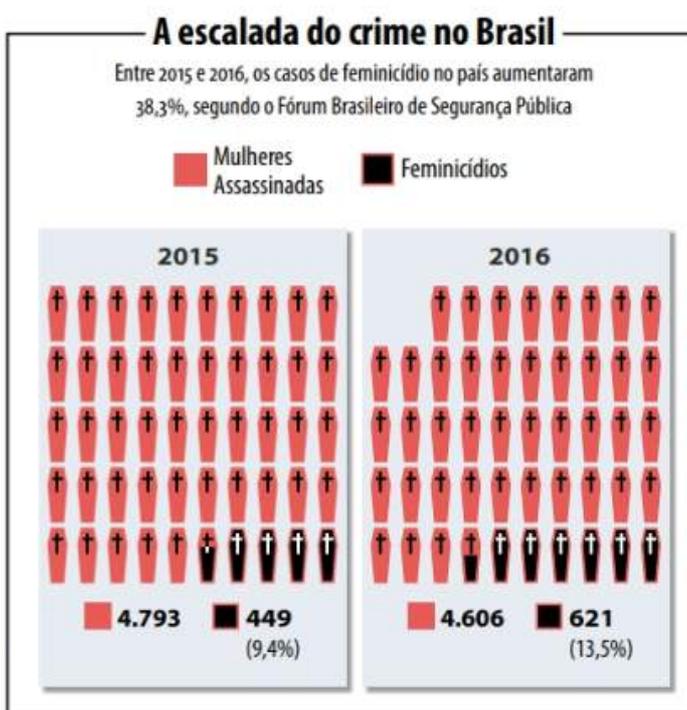
Para o coordenador do observatório, Henrique Marques Ribeiro, entender o porquê da variação é crucial para avaliar se o caminho que o Brasil percorre atualmente no combate ao problema é correto ou não.

— A política pública está falhando porque está aumentando a violência ou está tendo sucesso porque está identificando de forma mais clara o que é violência?

Seja como for, no Brasil, menos de 10% dos municípios contam com delegacias especializadas de atendimento à mulher. O coordenador do Núcleo de Direitos Humanos do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, Thiago Pierobom, chama a atenção para outra constatação que considera significativa para a análise das redes de atendimento: segundo ele, um número expressivo de vítimas ainda tem receio de procurar ajuda institucional.

— Muitas mulheres não denunciam a violência com medo de que o agressor sofra algo que elas representam como sendo excessivo. A reprimenda que o sistema oferece tem que levar em consideração a expectativa das mulheres. Senão elas não vão denunciar — pondera o promotor.

Segundo Pierobom, as mulheres que se encaixam nessa descrição têm medo de ficar desamparadas caso o companheiro seja preso ou sofra alguma sanção que o leve a perder a fonte de renda.



---

Em vários casos, a mulher “quer apenas que as agressões cessem”, afirma o psicólogo do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios Fabrício Guimarães.

## **Projeto aprovado no Senado prevê agravamento de pena**

O tempo da pena aplicável ao feminicídio poderá ser aumentado se o crime for praticado contra pessoa portadora de doenças degenerativas que acarretem condição limitante ou de vulnerabilidade física ou mental. O crime receberá igual tratamento se for cometido na presença física ou virtual de descendente ou ascendente da vítima. É o que prevê um projeto aprovado neste mês pelo Plenário do Senado e que retornou à Câmara.

De acordo com a senadora Simone Tebet (PMDB-MS), o texto (PLC 8/2016) atualiza as situações agravantes previstas na lei. A pena já é aumentada, por exemplo, se o assassinato for cometido na frente de um filho da vítima. A proposta inclui o agravante caso o homicídio seja praticado diante de uma câmera e divulgado pela internet. E assim como já está previsto o agravante de matar uma mulher com deficiência, torna-se mais grave cometer o crime contra alguém com mobilidade reduzida por ter doença incapacitante.

— O projeto não aumenta penas, só as estende em casos já previstos, atualizando o Código Penal para situações mais modernas, seja na parte de informática, da internet, seja nas novas doenças — explica Simone.

Para justificar o projeto, o relator, Eduardo Lopes (PRB-RJ), cita dados do Instituto Avante Brasil, segundo os quais uma mulher morre a cada hora no Brasil. Quase metade dos homicídios são dolosos e praticados em situação de violência doméstica ou familiar, com uso de armas de fogo.

---

## Para especialista, é preciso conscientizar agressor sobre o crime

Responsabilizar o agressor é apenas um dos lados do enfrentamento da violência contra a mulher, segundo a secretária nacional de Políticas para Mulheres, Fátima Pelaes. Para ela, é preciso também fazer com que ele tenha o entendimento do ato que cometeu.

— Quando sai, depois de cumprir a pena, ele arranja outra companheira e volta a cometer o mesmo crime. Presidente da CPI Mista da Violência contra a Mulher, a deputada Jô Moraes (PCdoB–MG) também avalia que há atenção insuficiente a medidas que poderiam prevenir o crime.

— Temos enorme dificuldade em construir uma cultura de prevenção.

Segundo a procuradora especial da Mulher no Senado, Vanessa Grazziotin (PCdoB–AM), o primeiro contato que a mulher tem com a estrutura que a recebe depois de uma experiência traumática pode ser decisivo para que ela adquira confiança e volte a buscar apoio, para que sua situação seja monitorada. Nesse sentido, a Lei Maria da Penha é a principal referência.

— A Lei Maria da Penha trabalha toda a cadeia da violência, do princípio ao fim. Isso significa prevenir, trabalhando a educação, e prever a assistência à pessoa agredida, à família, a todos os envolvidos e ao agressor.

Agência Senado (Reprodução autorizada mediante citação da Agência Senado)

---

### **Para denunciar violência contra a mulher:**

Ligue 180, disponível para todo o Brasil. A ligação é gratuita. Qualquer cidadão pode pedir orientação e reportar um caso.

### **Casa da Mulher Brasileira – Espaço de atendimento a mulheres vítimas de violência e seus filhos:**

Brasília, São Luís, Curitiba, Campo Grande e São Paulo. Está prevista para este semestre a abertura em Boa Vista e Fortaleza.

PIRES, Breiller. Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte. El País Brasil. São Paulo, 16 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470\\_991854.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470_991854.html)  
Acesso em 30 de agosto de 2019.

EL PAÍS BRASIL

INTERNACIONAL BRASIL OPINIÃO ECONOMIA CIÊNCIA TECNOLOGIA CULTURA ESTILO ESPORTES

DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO >

## Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte

Professora da Universidade de Brasília (UnB) Debora Diniz teve que deixar o país. Advogados criam rede em defesa dela e estudam oferecer apoio jurídico gratuito a outros ameaçados

[f](#) [t](#) [s](#) [✉](#) [📄](#)



Debora Diniz em audiência pública sobre a descriminalização do aborto. CARLOS MOURA (STF)

São Paulo - 16 DEZ 2018 - 19:37 BRT

Já faz quase 15 anos que o trabalho de Debora Diniz reverbera além dos debates acadêmicos sobre os direitos das mulheres. Em 2004, a professora e antropóloga da Universidade de Brasília (UnB) ajudou a encampar uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) para permitir o aborto em gestações de fetos anencéfalos. Em todo esse tempo, apesar das controvérsias levantadas pela causa, nunca tinha passado por um processo tão doloroso quanto o que se iniciou em maio deste ano, quando ela se tornou idealizadora de uma nova empreitada no STF, desta vez pela descriminalização do aborto até a 12ª semana de gravidez. Não bastasse o linchamento virtual nas redes sociais, ela recebeu ao longo dos últimos meses dezenas de ameaças de morte e, incluída no Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos do Governo federal, foi aconselhada a deixar o país. “Sou vítima de ataques que colocam em risco o sentido de democracia no Brasil.”

Desde maio, a cada aparição pública ou evento que anunciava sua presença, Debora Diniz era arrebatada por [uma avalanche de ofensas](#). Por causa das investidas, antes de se mudar para o exterior, teve de cancelar a participação em um fórum mundial no Rio de Janeiro, recusar o convite para ser paraninfa de formandos em Brasília e sair pela porta dos fundos de um congresso para não cruzar com um grupo de manifestantes que a aguardava na entrada principal do evento. As táticas de intimidação se assemelham em todos os casos. Os *haters* miram seu círculo de relacionamentos. A reitora da UnB e a diretora da Faculdade de Direito, onde ela leciona, também já foram ameaçadas, assim como o marido, os pais e até seus alunos. “Chegaram ao ponto de cogitar um massacre na universidade caso eu continuasse dando aulas. A estratégia desse terror é a covardia da dúvida. Não sabemos se são apenas bravateiros. Há o risco do efeito de contágio, de alguém de fora do circuito concretizar a ameaça, já que os agressores [incitam violência e ódio](#) contra mim a todo o momento”, afirma Diniz.



#### PODE TE INTERESSAR

Absolvida a mulher que deu à luz um bebê morto e foi acusada de abortar em El Salvador



Holiday: “O MBL ajudou a simplificar o debate político de uma forma perigosa. Agora faz uma autocrítica”



O feminismo que nasceu com Simone de Beauvoir



Uma das vítimas de Epstein relembra as acusações contra o filho da rainha Elizabeth II



Apesar dos extensos debates já travados, a ação pela descriminalização do aborto ainda não tem data [para ser votada no STF](#). Grupos conservadores e religiosos contrários à medida seguem mobilizados. Nesta semana, a futura [ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves](#), ventilou a possibilidade de oferecer suporte financeiro a mulheres que engravidam após serem estupradas e optem por manter a gestação. Já a advogada Janaína Paschoal, eleita deputada estadual pelo PSL em São Paulo e que também já afirmou ter sido vítima de ameaças, criticou o grupo de advogados que atua em defesa de Debora Diniz. “Nenhum desses colegas foi solidário diante das muitas ameaças que recebi”, afirmou ela, que já comparou a descriminalização do aborto à legalização do tráfico de drogas, ao insinuar um suposto posicionamento pró-aborto da rede.

Diniz, por sua vez, se emociona ao falar sobre o desgaste emocional diante das ameaças, longe da universidade e do país. “Assim como outros defensores dos direitos humanos, não posso me permitir a cruzar limites sob o risco de virar mártir.” Às vésperas da posse do presidente eleito Jair Bolsonaro, ela teme pelo recrudescimento de ataques a militantes feministas no Brasil. “Orientadas por uma [lógica religiosa messiânica](#), as políticas anunciadas pelo novo governo e a futura ministra [Damares Alves] colocam em risco [os direitos das mulheres](#).” A professora entende ainda que é preciso um pacto da sociedade brasileira para se opor à “crueldade das ameaças”, destacando a vulnerabilidade de políticos como os deputados do PSOL [Jean Wyllys e Marcelo Freixo](#), ambos ameaçados de morte por causa de seus posicionamentos ideológicos ou atividade parlamentar. “É um perigo constante defender posições no [país que mais mata ativistas](#) dos direitos humanos.”

Aos 48 anos, a antropóloga espera poder voltar logo a Brasília para retomar a rotina na universidade. Enquanto isso, se mantém firme na defesa de seus princípios e no [desenvolvimento de pesquisas](#), reforçando que a mudança não significa uma renúncia às causas que defende. “Não sai do Brasil porque fui ameaçada, mas para proteger outras pessoas. Se as ameaças fossem somente contra mim, eu jamais sairia. Mais do que nunca, mesmo à distância, eu sigo fazendo meu trabalho. [Não vão me calar.](#)”

Adere-se  The Trust Project

[Mais informações >](#)



 ARQUIVADO EM:

[Anticoncepção](#) · [Brasil](#) · [Governo Brasil](#) · [Reprodução](#) · [Direitos Mulher](#) · [Movimentos Sociais](#) · [América Do Sul](#) · [América Latina](#) · [Governo](#) · [Relações Gênero](#) ·

#### MAIS INFORMAÇÕES



**Debora Diniz: “Todas as mulheres fazem aborto, mas só em algumas a polícia bota a mão”**



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

**Direitos humanos para humanos sem direitos**

REVISTA FÓRUM. Em ato de insurgência a Cunha, Erundina senta na cadeira da presidência da Câmara. Revista Fórum, Brasil, 27 de abril de 2016. Disponível em:

<https://www.revistaforum.com.br/em-ato-de-insurgencia-a-cunha-erundina-senta-na-cadeira-da-p-residencia-da-camara/>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

# Forum



Assuntos ▾ Podcast Blogs ▾ Colunistas ▾

Seja um apoiador

← FÓRUMCAST, O PODCAST DA FÓRUM

Maconha medicinal: O governo contra uma planta que pode salvar vidas. Ouça aqui

HOME POLITICA

27 DE ABRIL DE 2016, 21H34

## Em ato de insurgência a Cunha, Erundina senta na cadeira da presidência da Câmara

Com o intuito de barrar mais uma manobra do presidente da Câmara dos Deputados, Erundina (PSOL-SP) e outras parlamentares ocuparam a mesa do plenário e obrigaram Cunha a suspender a sessão.

Por Redação



**Com o intuito de barrar mais uma manobra do presidente da Câmara dos Deputados, Erundina (PSOL-SP) e outras parlamentares ocuparam a mesa do plenário e obrigaram Cunha a suspender a sessão. Deputadas o acusam de atropelar uma votação de criação de comissões da Mulher, do Idoso, da Criança e do Adolescente, da Juventude e Minorias. “Não queremos que nossas questões sejam decididas por homens”, disse a psolista**

*Por Redação*

Sob a liderança da deputada federal Luíza Erundina (PSOL-SP), deputadas federais se rebelaram, na noite desta quarta-feira (27), contra o que consideram mais um golpe do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

Aos gritos de “é golpe!”, Erundina sentou na cadeira de Cunha e ocupou, junto com outras parlamentares, a mesa do plenário, obrigando o presidente a suspender a sessão.

De acordo com a psolista, Cunha queria criar uma comissão de mulheres sem ter discutido os termos desta comissão com a bancada feminina, o que colocaria em risco “conquistas históricas” das mulheres.

“Para interromper esse golpe e impedir que fossem decididas questões de nosso interesse sem a nossa participação, viemos para cá. Estamos submetidas a decisões de homens, não queremos que nossas questões sejam decididas pelos homens. Pelo menos discutam conosco. Isso não é justo e não vamos permitir”, disse a deputada.



Pelo Facebook, seu correligionário, o deputado federal Chico Alencar (PSOL-RJ), elogiou a atitude e ironizou.

“Em tempo: Erundina ficou muito bem naquela cadeira”.

SALOMÃO, Lucas; CALGARO, Fernanda. Congresso pode ter 'pautas-bomba' e projetos polêmicos no 2º semestre. G1, em Brasília. Brasília, 26 de julho de 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/congresso-pode-ter-pautas-bomba-e-projetos-polemicos-no-2-semester.html>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

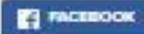
 MENU
 
POLÍTICA

26/07/2015 08h00 - Atualizado em 26/07/2015 08h00

## Congresso pode ter 'pautas-bomba' e projetos polêmicos no 2º semestre

Pauta inclui PEC da maioria, correção do FGTS e reforma política. Expectativa sobre pauta polêmica cresceu após Cunha ir para oposição.

Lucas Salomão e Fernanda Calgareo  
Do G1, em Brasília






Após um semestre de intensas atrições com o Executivo, o Congresso Nacional deve retomar os trabalhos a partir de agosto com a votação de pautas delicadas para o Palácio do Planalto, como o projeto que reduz as desonerações na folha de pagamento de empresas – parte do pacote de ajuste fiscal. Temas polêmicos como redução da maioria e financiamento privado de campanha também estarão em debate.

Outro item incômodo na lista de “pautas-bomba”, como são chamadas as medidas com impacto nos cofres públicos, é um projeto que muda a correção dos recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), passando de 3% para cerca de 6%. O governo alega que o projeto afetará programas habitacionais, como o Minha Casa Minha Vida, e obras de saneamento básico, financiadas com recursos do fundo.

**saiba mais**

- Eduardo Cunha anuncia rompimento com o governo e diz que é 'oposição'**
- Supremo informa que Dilma vetou reajuste para servidores do Judiciário**
- Eduardo Cunha autoriza CPI do BNDES**
- Câmara entra em recesso com dois pontos da reforma política em aberto**
- CGJ do Senado aprova reajuste de até 78% para servidores do MP**

As dificuldades para a aprovação de temas de interesse do Palácio do Planalto deve aumentar após a última tensão entre Legislativo e Executivo. Na semana passada, o presidente Câmara, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), **anunciou rompimento** com o governo e informou passa a integrar a oposição.

Embora tenha dito que não pretende colocar em votação propostas que afetem o Orçamento, Cunha já deu mostras de que o segundo semestre não será fácil para o Planalto na Câmara, com a **criação de duas CPIs** que desagradam ao governo.

Além de Cunha, o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), também pode impor um ritmo de votação de projetos contrários aos interesses do Planalto. Renan, inclusive, anunciou em **pronunciamento no último dia 17** na TV Senado que o Congresso deve ter “meses nebulosos, com a concentração de uma agenda muito pesada.”

Veja abaixo o que pode ser votado no Congresso a partir de agosto:



**Desonerações**  
**Aprovado em junho pela Câmara** dos Deputados, o projeto de lei que reduz as desonerações das folhas de pagamento de mais de 50 setores da economia pode entrar na pauta do Senado já nos primeiros dias de agosto. O texto é o último do pacote de ajuste fiscal enviado pelo governo para reequilibrar as contas públicas. (veja vídeo ao lado)

Antes de ser enviado como projeto de lei para o Congresso, o governo havia editado uma **medida provisória que foi devolvida** por Renan Calheiros para o Palácio do Planalto. Na ocasião, Calheiros reclamou da falta de diálogo entre os dois Poderes. O governo acabou reencaminhando a proposta ao Congresso, mas como projeto de lei.

Como o texto original foi alterado pelos deputados, não houve consenso entre os líderes partidários do Senado para colocar o texto em votação antes do recesso. A tendência é que o texto seja alterado e passe por nova análise na Câmara.

### Dinheiro não declarado

Considerado pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, como essencial para a reforma do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), o projeto de lei que irá permitir que o país repatrie dinheiro de brasileiros no exterior não declarados à Receita Federal **deve ser votado na primeira semana** de agosto no Senado.

A proposta é para que sejam cobrados multa e imposto na recuperação do dinheiro. O percentual cobrado seria de 35% dos recursos não declarados – 17,5% de multa e 17,5% de impostos. A ideia do projeto é utilizar os recursos provenientes da multa e dos impostos para compensar os estados pelas perdas com a eventual unificação do ICMS.



Além disso, os parlamentares devem votar uma **medida provisória** para desvincular parte das receitas da repatriação da União para que este recurso sustente um fundo de compensação aos estados criado pelo governo. *(veja vídeo ao lado sobre a proposta que o governo encaminhou ao Congresso no último dia 14)*

### Lei de responsabilidade das estatais

Idealizado por Cunha e Renan, o projeto que cria uma lei de responsabilidade para as estatais também deve movimentar o Congresso no segundo semestre. A nova legislação seria criada nos mesmos moldes da Lei de Responsabilidade Fiscal e teria o objetivo de dar maior transparência às contas das estatais.

A Lei de Responsabilidade Fiscal foi criada para controlar os gastos da União, dos estados e dos municípios. A lei obriga que os governantes prestem conta de suas finanças aos tribunais de contas da União, dos estados ou dos municípios, órgãos responsáveis por aprovarem ou não as contas públicas.

Para que o projeto seja votado, **os peemedebistas criaram uma comissão especial** para elaborar um texto final sobre o tema, que deve ser apresentado ainda em agosto. O texto é visto como uma reação de Cunha e Renan às investigações contra os dois na **Operação Lava Jato**, na qual os dois respondem a inquéritos no Supremo Tribunal Federal (STF).



#### Reajuste para servidores do MPU

Outro texto que impacta diretamente os cofres da União é o que **concede reajuste salarial de até 78%** para servidores do Ministério Público da União e do do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP). *(veja ao lado vídeo de manifestação em Brasília de servidores do Judiciário e do MPU em defesa do reajuste salarial)*

O reajuste é nos mesmos moldes do já aprovado no Senado para servidores do Judiciário e que **foi vetado integralmente** pela presidente Dilma Rousseff, que citou um impacto de R\$ 25 bilhões nas contas do governo até 2017.

A tendência é que o projeto seja aprovado pelos senadores e, da mesma forma que o reajuste para os servidores do Judiciário, seja vetado pela presidente.



#### Maioridade penal

**Aprovada em primeiro turno pela Câmara**, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que reduz de 18 para 16 anos a idade penal para crimes hediondos, homicídio doloso e lesão corporal seguida de morte deve passar, já na primeira semana de agosto, por nova votação na Casa. *(veja vídeo ao lado)*

A aprovação da PEC em primeiro turno foi cercada de polêmicas, após Cunha fazer uma manobra para aprovar o texto 24 horas depois de um projeto similar ser rejeitado pelos deputados.

Caso o texto seja aprovado em segundo turno, passará por análise, também em dois turnos, no Senado. Apesar de ter contado com a maioria dos votos na Câmara, o clima entre os senadores nos últimos dias antes do recesso era de rejeição à proposta. A tendência, portanto, é de que o projeto seja amplamente discutido em uma comissão especial criada por Renan Calheiros antes de ser submetido à votação em plenário.

---



### Reforma política

A reforma política, assunto que dominou boa parte das sessões da Câmara nos últimos meses, deve ser concluída no início de agosto na Casa. Para concluir a votação da proposta de emenda à Constituição da reforma política, os deputados deverão se debruçar sobre dois temas: **financiamento de campanha e idade mínima para ser deputado**. (veja vídeo ao lado sobre a última discussão)

A PEC **foi aprovada em dois turnos na Casa** e a maioria dos destaques destinados a mudar o texto foi votada, mas faltou analisar duas propostas de modificação – uma tenta derubar a doação de empresas aos partidos e outra quer retomar para 21 anos a idade mínima exigida para se candidatar a deputado federal (o texto-base reduziu para 18 anos). Quando a votação do texto for concluída na Câmara, a PEC será enviada para análise do Senado e passará por dois turnos de votação novamente.

Apesar disso, **os senadores já iniciaram a análise paralela de projetos** da reforma política em plenário. Com isso, o relator do texto no Senado, senador Romero Jucá (PMDB-RR), optou por colocar em votação no Senado apenas textos que não tratavam de temas semelhantes na Câmara. Com isso, segundo Jucá, será possível melhorar e ampliar a reforma aprovada pelos deputados.

### CPIs

Além dos projetos com impacto na economia e daqueles cercados de polêmica, o Congresso também terá novas comissões parlamentares de inquérito (CPIs) que desagradam o Palácio do Planalto. Tanto **na Câmara** quanto no Senado, serão instaladas comissões para investigar contratos de empréstimo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Na Câmara, a CPI deve ser instalada no dia 6 de agosto. Já no Senado, Renan Calheiros deve ler em plenário, nas primeiras sessões do mês, a criação do colegiado.

Outras duas CPIs que são contrárias aos interesses do governo federal são as que investigarão supostos irregularidades nos fundos de pensão de estatais. **No Senado**, a

composição da comissão já foi definida por Renan. Na Câmara, a CPI deve ser instalada na primeira semana de agosto.

### LDO

A primeira grande votação prevista para o Congresso em agosto é a da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), cuja votação foi adiada no primeiro semestre e deve ocorrer a partir da primeira semana do mês.

A LDO é responsável por nortear o Orçamento da União para o próximo ano. A aprovação do texto é, por lei, condição necessária para que os parlamentares entrem oficialmente em recesso oficial. Como o projeto ainda está na Comissão Mista de Orçamento, houve um acordo entre os parlamentares para adiar a análise do texto.

SCHREIBER, Mariana. Eleições 2018: Como o voto feminino, que pode ser decisivo, virou campo de batalha nesta eleição. Brasília, 29 de setembro de 2018. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45690313>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

## Eleições 2018: Como o voto feminino, que pode ser decisivo, virou campo de batalha nesta eleição

Mariana Schreiber - @marischreiber  
Da BBC News Brasil em Brasília

© 29 setembro 2018

f     Compartilhar



A eleição presidencial de 2018 é claramente muito diferente das anteriores. Entre as novidades no comportamento dos eleitores, uma tem sido especialmente surpreendente: a enorme diferença que as pesquisas apontam nas intenções de votos entre homens e mulheres.

O fosso que se abriu no comportamento desses dois grupos é inédito em eleições presidenciais, destaca o cientista político Jairo Nicolau, professor da UFRJ. Dados das eleições de 2010 e 2014, por exemplo, mostram que homens e mulheres votaram em proporções similares nos diferentes candidatos.

Quem catalisa esse fenômeno nessa eleição é o candidato presidencial Jair Bolsonaro (PSL) - que se recupera de uma facada de um opositor no início do mês e recebeu alta do hospital neste sábado, 29. Ele lidera a preferência do eleitorado com 27% das intenções de voto, segundo a mais recente pesquisa Ibope, divulgada na quarta-feira. Quando abrimos os números por sexo, no entanto, o levantamento mostra que ele tem apoio de 36% dos homens e 18% das mulheres.

Neste sábado, 29, manifestantes protestaram no Rio e em São Paulo contra Bolsonaro, como parte do movimento #EleNao, organizado por mulheres nas redes. Outros protestos foram registrados em mais de 40 cidades do país e em cidades europeias, como Lisboa, Paris e Londres.

Por outro lado, também houve manifestações pelo país em prol do candidato. No Rio, apoiadores de Bolsonaro se reuniram em Copacabana.



Dezenas de milhares de manifestantes se reuniram contra Bolsonaro no Rio de Janeiro neste sábado (29) em movimento convocado por mulheres

A diferença entre o apoio de homens e mulheres em relação a Bolsonaro não é vista em nenhuma outra candidatura. Fernando Haddad (PT), por exemplo, candidato que aparece em segundo lugar na pesquisa Ibope com 21%, tem preferência de 20% dos homens e de 21% das mulheres. O terceiro colocado, Ciro Gomes (PDT), com 12%, pontua 11% no eleitorado masculino e 12% no feminino.

"Os números mostram que, se a eleição fosse apenas entre as mulheres, estaria muito mais disputada", observa Nicolau.

Os dados do Ibope revelam ainda que o desempenho de Bolsonaro é mais fraco entre as mulheres de menor renda (até dois salários mínimos) e moradoras da região Nordeste, indicando que aí é onde está a maior resistência ao capitão. E nesses segmentos, também, que Haddad vai melhor.

A resistência feminina ao líder das pesquisas tem sido fortemente explorada por outras campanhas, como a de Geraldo Alckmin (PSDB) e Marina Silva (Rede), principalmente as declarações agressivas de Bolsonaro com mulheres e a defesa de que as trabalhadoras, por engravidar, devem receber menos que os homens.

## Movimento #EleNão

As mulheres que rejeitam Bolsonaro se organizaram em setembro nas redes sociais em torno do movimento #EleNão, que convocou para este sábado protestos contra o candidato em dezenas de cidades do Brasil e também em algumas no exterior. A mobilização - que contou com apoio até de celebridades internacionais, como a cantora Madonna - agrega mulheres de diferentes visões ideológicas.

Analistas políticos ouvidos pela BBC News Brasil divergem sobre o potencial do movimento para impactar a eleição, provocando, por exemplo, uma queda abrupta nas intenções de voto de Bolsonaro. Parte deles, porém, considera que, se a mobilização for grande, pode contribuir para aumentar a rejeição já elevada do militar reformado, dificultando sua vitória num provável segundo turno contra Haddad.



Pesquisas apontam diferença inédita de intenção de voto entre homens e mulheres nas eleições brasileiras deste ano

Se o duelo final entre o candidato do PSL e do PT se confirmar, a clivagem de gênero deve ser determinante para o resultado da eleição, observa Jairo Nicolau. A tendência, caso Bolsonaro vença, é que o apoio masculino seja decisivo. Caso perca, será culpa da forte rejeição feminina. Uma vitória depende de ele conseguir reverter ao menos parte da antipatia entre as mulheres, ressalta o professor.

Se o duelo final entre o candidato do PSL e do PT se confirmar, a clivagem de gênero deve ser determinante para o resultado da eleição, observa Jairo Nicolau. A tendência, caso Bolsonaro vença, é que o apoio masculino seja decisivo. Caso perca, será culpa da forte rejeição feminina. Uma vitória depende de ele conseguir reverter ao menos parte da antipatia entre as mulheres, ressalta o professor.

"Essa resistência das mulheres ao Bolsonaro cria uma barreira quase intransponível. É muito difícil num país em que elas são 53% dos eleitores, e comparecem mais às urnas que os homens, que um candidato com alta rejeição feminina vença uma eleição de dois turnos", acredita Nicolau.

Ele ressalta que a semana foi de notícias negativas para Bolsonaro, com a divulgação de que sua ex-mulher, Ana Cristina Valle, informou há dez anos atrás, em um processo que discutiam a guarda do filho, que o candidato teria um patrimônio maior que o declarado à Justiça Eleitoral e incompatível com seu rendimento como deputado federal e militar aposentado.



No Rio, manifestação teve público variado, com a presença de grupos como professores, organizações LGBT, partidos da esquerda e grupos contra tortura

Ontem, em entrevista para José Luiz Datena, da TV Bandeirantes, Bolsonaro se defendeu das acusações dizendo que "em uma separação é comum ter problemas, é litigiosa, as cotoveladas acontecem de ambas as partes". "A própria ex-companheira diz claramente que, de sangue quente, fala-se coisas que não existem", completou o candidato.

"Vejo esse movimento (das mulheres) como uma peça a mais numa onda que começou a se armar na última semana contra ele. É a primeira vez, pelo que eu me lembro, que a sociedade se articula em campanha contra um candidato numa eleição presidencial no Brasil", nota cientista político da UFRJ.



Desempenho de Bolsonaro é mais fraco entre as mulheres de menor renda, aponta Ibope

Já o professor de direito e relações internacionais na Universidade LaSalle, Fabricio Pontin, se mostra cético quanto ao impacto do movimento #EleNão na eleição. Embora ele considere a mobilização importante para aglutinar a oposição ao candidato do PSL, não acredita que será capaz de reverter votos já conquistados por Bolsonaro - as pesquisas mostram um grau alto de convicção entre esses eleitores - ou capturar muitos indecisos para outros concorrentes.

Pontin ressalta que houve movimento semelhante nos Estados Unidos, sob a hashtag #resistance (#resistência, em tradução literal) contra a candidatura de Donald Trump e ainda assim ele venceu a disputa.

"O eleitor que vota em Bolsonaro, assim como o que votou em Trump, já conhece seus problemas, mas considera que ele é diferente da classe política", destaca.

"E eu me pergunto, quanta gente indecisa vai votar? O número de indecisos já caiu muito nas pesquisas, me parece que os que não têm candidato até agora não vão votar ou vão anular", pondera ainda.



É muito difícil que um candidato com alta rejeição feminina vença uma eleição de dois turnos, avalia cientista político

## Disputa nas redes sociais

A movimentação nas redes sociais reforça os sinais de que o debate de gênero ganhou papel de destaque na eleição brasileira. A Diretoria de Análise de Políticas Públicas (Daap) da FGV, que vem monitorando a movimentação dos internautas, mostrou em relatório recente que o movimento #EleNão impulsionou cerca de 1,4 milhão de menções no Twitter entre 12 e 24 de setembro. Por outro lado, a reação a esse movimento realizou no mesmo período 284 mil usos da hashtag #EleSim.

Já o último monitoramento semanal da Daap sobre eleições, mostrou que entre 19 e 15 de setembro houve 8,8 milhões de tuítes com teor político, sendo que metade dos perfis engajados nesse debate se manifestaram contra Bolsonaro. Segundo o levantamento, nesse grupo houve "várias publicações com a hashtag #EleNão".

Para a cientista social e antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, professora na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e apoiadora do #EleNão, o movimento tem sim capacidade de virar votos contra o líder das pesquisas. Ela diz que o movimento de articulação feminina em massa dentro do processo eleitoral é inédito e está trazendo muitas delas pela primeira vez ao debate público. O grupo "Mulheres Unidas contra Bolsonaro" no Facebook reuniu em menos de três semanas mais de 3 milhões de integrantes.

"O movimento está muito forte. Há um diálogo direto entre as mulheres: é a eleitora que convence a tia, a avó, uma vizinha a não votar no Bolsonaro", exemplifica.

Outra pesquisa realizada pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital, projeto do Grupo de Políticas Públicas da USP, também mostra a importância que as questões de gênero ganharam nessa eleição.

Os pesquisadores monitoraram 115 páginas no Facebook de grande alcance que promovem a candidatura do Bolsonaro durante os 40 primeiros dias de campanha (16 de agosto a 25 de setembro) e detectaram que os três temas que mais geraram compartilhamentos pelos seguidores foram: as postagens antissistema e anti-PT (2 milhões); as publicações com críticas à mídia (1,3 milhão); e as mensagens sobre feminismo e mulheres (1,1 milhão).

Essas questões superaram em muito o engajamento com postagens sobre corrupção (338 mil compartilhamentos) e armamentos (229 mil), por exemplo.



"O movimento está muito forte. Há um diálogo direto entre as mulheres: é a eleitora que convence a tia, a avó, uma vizinha a não votar no Bolsonaro", diz cientista social

"As questões que envolvem a mulher parecem ser uma obsessão da campanha, já que as mulheres constituem um dos principais grupos demográficos nos quais o candidato tem dificuldade em encontrar adesão", destaca o estudo.

Um dos autores do levantamento, o filósofo Pablo Ortellado, ressalta que a discussão sobre a igualdade salarial entre trabalhadores e trabalhadoras foi o tema relacionado às mulheres que mais gerou engajamento entre os apoiadores de Bolsonaro.

"Acredito que mais importante que os protestos desse sábado é o movimento #EleNão nas redes sociais. O jogo eleitoral desse ano está acontecendo nas redes", destaca.

Os protestos convocados para as ruas, porém, geram preocupação na campanha de Bolsonaro. O temor é que algum conflito que venha a ocorrer nesses atos possa prejudicar o candidato. Nesse sentido, o deputado federal Fernando Francischini, do PSL, encaminhou um requerimento à Polícia Federal para que reforce a segurança durante as manifestações.

Defensorias públicas em diferentes estados anunciaram que farão plantão no sábado para atender eventuais vítimas de agressão. A Rede Nacional de Advogadas e Advogados Populares (Renap) também acompanhará os protestos.

Já assistiu aos nossos novos vídeos no YouTube? Inscreva-se no nosso canal!



TERRA. Governo faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa a Dilma. Brasil, 2 de julho de 2015. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9sgleRCRD.html>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

BRASIL

## Governo faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa a Dilma

A ministra pediu a proibição da produção, veiculação, divulgação, comercialização e utilização do produto, além da punição dos autores

2 JUL 2015 11h32 atualizado às 12h00



Um adesivo para carros com uma montagem infeliz da presidente Dilma Rousseff de pernas abertas tem causado polêmica na internet. O produto estava disponível no site do MercadoLivre, que retirou o anúncio do ar após considerar que ele poderia configurar crime. "O conteúdo poderá configurar difamação, conforme previsto no artigo 140 da Lei do Código Penal: 'Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro'. Desta forma, a denúncia foi aceita, pois o anúncio realizado está contrário aos Termos e Condições de Uso do MercadoLivre e foi retirado do ar", informou a empresa em nota.



Adesivo de mau-gosto da presidente Dilma Rousseff de pernas abertas tem causado polêmica na internet

Foto: Twitter / Reprodução

#### Siga o Terra Notícias no Twitter

Com 60 por 40 centímetros, o adesivo foi produzido para ser colado na entrada do tanque de gasolina dos carros. Quando abastecidos, a ideia que seria passada era que a bomba estaria penetrando sexualmente a presidente Dilma.

De acordo com alguns usuários, o adesivo serve como uma forma de protesto contra o aumento do preço da gasolina. Muitas outras pessoas, porém, mesmo se colocando politicamente contrárias à Dilma, avaliaram o adesivo como de mau-gosto.

O caso também gerou revolta na Secretaria de Política para as Mulheres. Nesta quarta-feira (1), a ministra Eleonora Menicucci encaminhou uma denúncia ao Ministério Público Federal, à AGU (Advocacia-Geral da União) e ao Ministério da Justiça, pedindo providências com o objetivo de investigar e responsabilizar quem produz, divulga e comercializa adesivos para carros lesivos aos direitos e garantias das mulheres e, em especial, da presidenta da República.

“Recebi as denúncias com muita indignação. É intolerável o material que violenta a imagem da Presidenta Dilma. Ele fere a Constituição ao desrespeitar a dignidade de uma cidadã brasileira e da instituição que ela representa, para a qual foi eleita e reeleita democraticamente”, destacou Eleonora também em nota publicada no site oficial da secretaria.

“Esclareço que a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República tem como principal objetivo promover a igualdade entre homens e mulheres e combater todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente”, informou no texto.



O que você precisa saber para começar o seu dia (02/07)

UOL. Quem é Malala, a paquistanesa que tomou um tiro porque queria estudar e agora viaja o mundo. São Paulo, 6 de julho de 2018. Verificar em:

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/07/06/quem-e-malala-a-paquistanesa-que-tomou-um-tiro-porque-queria-estudar-e-agora-viaja-o-mundo.htm>

Acesso em 30 de agosto de 2019.

## NOTÍCIAS

### Quem é Malala, a paquistanesa que tomou um tiro porque queria estudar e agora viaja o mundo

Do UOL, em São Paulo  
05/07/2018 04h01

Em 15 de janeiro de 2009, o Talibã proibiu 50 mil garotas que viviam em Suat, região de vales e cachoeiras no Paquistão, de estudar. Na mesma época, o jornal The New York Times publicou um documentário sobre uma estudiosa menina de 11 anos que sonhava em ser médica e prometia não se calar diante das imposições do grupo terrorista.

Três anos mais tarde, Malala foi atingida por uma bala da cabeça, disparada por militantes do Talibã, enquanto voltava da escola. Ela sobreviveu ao atentado e sua história ganhou o mundo nos anos seguintes, transformando-a na voz internacional em defesa da educação de meninas no mundo e na mais jovem ganhadora de um Prêmio Nobel da Paz, aos 17 anos.

Agora, prestes a completar 21 anos na próxima quinta-feira (12), Malala vive na Inglaterra com a família e estuda filosofia, política e economia na universidade de Oxford. Além disso, viaja o mundo defendendo a mesma pauta que culminou com seu atentado no Paquistão: o direito à educação. Sua próxima parada será o Brasil. Ela chega a São Paulo para participar de um evento fechado promovido pelo Itaú Unibanco na segunda-feira (9).



Malala Yousafzai em recuperação em Birmingham, Reino Unido, após levar um tiro  
Imagem: Queen Elizabeth Hospital/University Hospitals Birmingham/AFP

## A educação para meninas no mundo

No Brasil, a proporção de meninos e meninas na escola atualmente é equilibrada. Mas em muitos países, essa é uma questão urgente. Conflitos locais, casamentos prematuros, trabalho infantil e custos elevados impedem mais de 130 milhões de garotas de irem à escola. Muitas delas, no Paquistão.

Mas Malala nasceu em uma família diferente. Seu pai, Ziauddin Yousafzai, é ativista da educação e era dono de uma rede de escola no vale Suat, onde Malala e seus irmãos estudaram durante a infância.

No documentário do The New York Times, enquanto Malala via frustrado o sonho de ser médica pelas imposições do Talibã, seu pai relatava ter outros planos. “Eu vejo um grande potencial em minha filha, acho que ela pode fazer mais do que ser uma médica. Ela pode criar uma sociedade onde um estudante de medicina pode facilmente conseguir um diploma de doutorado”, diz Yousafzai no filme.

Desde que se recuperou da tentativa de assassinato de 2012, Malala falou à ONU, encontrou-se com a rainha Elizabeth 2ª da Inglaterra e com Barack Obama, entre muitos outros líderes mundiais. Sua fundação, Malala Fund, ajudou a reconstruir escolas na Faixa de Gaza e abrir instituições educacionais para refugiados sírios na fronteira com o Líbano, entre inúmeras outras iniciativas.

*“ Os terroristas pensaram que mudariam meus objetivos e freariam minhas ambições, mas nada mudou na minha vida exceto isto: fraqueza, medo e falta de esperança morreram. Força, poder e coragem nasceram*

---

Malala, em discurso nas Nações Unidas em 2013



Aos 16, Malala discursou na ONU para defender o direito de milhões de meninas à educação

Imagem: AFP

Ela também se tornou uma best-seller em 2013 com a autobiografia “Eu sou Malala”, escrita em coautoria com a jornalista britânica Christina Lamb, e em 2014 foi tema do documentário Malala, indicado ao Oscar, realizado pelo diretor norte-americano Davis Guggenheim.

Durante um período, a estudante demonstrou querer cumprir os planos do pai e entrar para a política, seguindo os passos de Benazir Bhutto, primeira-ministra do Paquistão por dois mandatos (1988-1990 e 1993-1996). Bhutto foi assassinada em 2007 pela al-Qaeda.

Mais recentemente, no entanto, Malala declarou que após conhecer tantos presidentes e primeiros-ministros, chegou à conclusão de que tomará outros caminhos para fazer a diferença que quer para o mundo.

VALDÉS, Isabel; RUBIO, Isabel. Wangari Maathai, a queniana que semeou árvores e ideais. El País Brasil. Brasil, 26 de fevereiro de 2018. Verificar em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/politica/1519672164\\_945082.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/politica/1519672164_945082.html)

Acesso em 30 de agosto de 2019.

≡ EL PAÍS BRASIL

INTERNACIONAL BRASIL OPINIÃO ECONOMIA CIÊNCIA TECNOLOGIA CULTURA ESTILO ESPORTES

ESPECIAL MULHERES >

## Wangari Maathai, a queniana que semeou árvores e ideais

Quando essa Nobel da Paz morreu, havia mais de 47 milhões de árvores plantadas graças à sua iniciativa

[f](#) [t](#) [s](#) [e](#) [m](#)



ISABEL VALDÉS | ISABEL RUBIO

---

**MAIS INFORMAÇÕES**


Se você usa o computador, agradeça a Ada Lovelace



Grace Hopper, a mulher que tornou a linguagem do computador mais humana

A vida de Wangari Maathai foi muito diferente da de outras meninas africanas de sua geração. Essa distinção a ajudou a seguir um caminho que terminou por lhe dar o [Nobel da Paz](#) em 2004 — a primeira mulher africana a recebê-lo. Nascida e criada no distrito de Nyeri, na época parte da colônia britânica do Quênia, entrou na escola aos oito anos □— um internato da Missão Católica Mathari, onde aprendeu inglês e que lhe abriu as portas para a única instituição preparatória católica de mulheres no Quênia, o Colégio Loreto, em Limuru. Naquele momento, o colonialismo estava chegando ao fim na África Oriental, e os políticos lutavam para dar educação a suas jovens promessas; foi quando [John F. Kennedy](#), então senador dos [Estados Unidos](#), decidiu financiar um programa para que estudantes africanos estudassem no país. Maathai foi um dos 300 escolhidos.

Graduou-se em Biologia no atual Benedictine College, no Kansas, com especializações em química e alemão.

Depois, passou para a Universidade de Pittsburg, onde fez um mestrado também em Biologia, em 1966. Ali, pela primeira vez, participou de um evento relacionado com o meio ambiente. Voltou à África e ingressou como ajudante no Departamento de Anatomia Veterinária da Universidade de Nairóbi. Depois de alguns anos ali, fez um doutorado nas universidades de Giessen e Munique, na Alemanha. Foi a primeira mulher da África Oriental a ter um doutorado. Lutou sempre a partir da Associação de Mulheres Universitárias, onde ampliou sua visão como ativista. Fundou em 1977 o Movimento Cinturão Verde, um sistema de plantação de sementes para as [mulheres](#). Ingressou também na política. Foi parlamentar no Quênia e integrou o Conselho de Honra do World Future Council. No dia em que Maathai morreu, por câncer de ovário, em 2011, havia mais de 47 milhões de árvores plantadas graças à sua iniciativa e à ideia de que a luta pelo planeta em que vivemos é a soma de muitas pequenas batalhas.

WROBLESKI, Stefano. Assassinato de freira defensora da Amazônia Dorothy Stang completa 10 anos. Grupo Uol/ InfoAmazonia. Brasil, 13 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://infoamazonia.blogosfera.uol.com.br/2015/02/13/assassinato-de-freira-defensora-da-amazonia-dorothy-stang-completa-10-anos/?cmpid=copiaecola>

## UOL notícias Ciência e Saúde



ÚLTIMAS+ CIÊNCIA E SAÚDE ECONOMIA+ INTER. JORNAIS POLÍTICA ELEIÇÕES 2018+ UOL CONFERE TECNOLOGIA LOTERIAS + CANAIS+

### BLOG DO INFOAMAZONIA



<Anterior | Voltar à página inicial | Próximo >

## Assassinato de freira defensora da Amazônia Dorothy Stang completa 10 anos 14

InfoAmazonia 13/02/2015 | 05:46

Compartilhe



Imprimir



Comunicar erro



**InfoAmazonia**  
Curtir Página 10 mil curtidas

2 amigos curtiram isso



por Stefano Wroblewski

O assassinato de Dorothy Mae Stang completou dez anos. Irmã Dorothy, como era conhecida, morreu em 12 de fevereiro de 2005 aos 73 anos depois de ser atingida por seis tiros dentro de Esperança, uma reserva do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Ativista dos direitos socioambientais, Dorothy pressionou por anos pela criação da área – um modelo de desenvolvimento sustentável da Amazônia. “Ela começou a irritar muita gente com isso”, lembra o Padre José Amaro Lopes de Souza, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que trabalhou com Dorothy por 15 anos.



Os 26 mil hectares que hoje perfazem o local ficam no município paraense de Anapu, a cerca de 600 quilômetros de Belém. Ali, 261 famílias extraem da floresta o que precisam e plantam em até 20% da área, mantendo um compromisso de manter os demais 80%. “A exploração é feita com a preservação da mata. O corte da madeira é feito só em um lugar e não é raso. Quando o agricultor volta para o segundo corte, a mata já está regenerada”, conta Gercino José da Silva Filho, ouvidor nacional agrário desde 1999.

O assentamento das famílias provocou um acirramento dos conflitos fundiários na região, que já eram intensos. Segundo estudo de 1999 do Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Pará é um dos estados com o maior número de terras griladas no país, com cerca de 30 milhões de hectares em situação irregular – o que equivale a cerca de um quarto de toda a área do estado, de 124 milhões de hectares.

É o caso do lote 55 do PDS Esperança, uma área de três mil hectares que fica bem no centro do assentamento. Disputada por Regivaldo Pereira Galvão, o “Taradão”, como é conhecido, que alegava ter a posse do terreno. Foi lá que Irmã Dorothy foi assassinada pelos tiros disparados por Rayfran das Neves Sales (conhecido como “Fogaió”).

Mas Fogaió não estava sozinho. As investigações policiais concluíram que ele teve companhia de Clodoaldo Batista (apelidado de “Eduardo”) no momento do crime. Na Justiça, o Ministério Público Federal (MPF) defendeu que o assassinato havia sido encomendado. O pedido partira de Regivaldo e de Vitalmiro Bastos de Moura, o “Bida”, que também era fazendeiro da região. Eles usaram Amair Feijoli da Cunha, o “Tato”, para intermediar a ordem de assassinato.

“A gente já tinha sido avisado. Um homem havia nos ligado e contado que recebera a proposta de matar a Dorothy por R\$ 50 mil e a mim por R\$ 25 mil”, conta Padre Amaro. “Mas algo tocou o coração dele. Ele desistiu e nos contou”, emenda.

Na Justiça, todos os réus foram condenados, em um processo que ainda só não foi finalizado para Taradão, que tenta recorrer da sentença de 30 anos de reclusão decidida em 2010 por um júri popular. Ele ainda não foi preso. Ao longo de dez anos, três dos cinco acusados pelo assassinato de Irmã Dorothy passaram por dois ou mais julgamentos até as decisões finais, que condenaram todos a penas entre 17 e 30 anos de prisão.

O assassinato de Dorothy é emblemático. Mesmo com a repercussão internacional que o caso teve, 167 pessoas foram assassinadas em zonas rurais no Pará, de acordo com dados da Ouvidoria Agrária Nacional. Ao menos 40 das mortes foram decorrentes de conflitos agrários. Outras 48 ainda estão sendo investigadas. Para Amaro, o governo precisa “arregaçar as mangas, fazer o assentamento, colocar a política voltada para o trabalhador”. “Aí o pessoal não fica à mercê desses grandes que ficam grilando”, conclui.

Além da grilagem de terras, outro elemento que torna o caso significativo e que também está ligado à violência no campo é a conexão entre Bida, acusado de ser um dos mandantes, e o trabalho em condições análogas às de escravos. Em 2004, oito meses antes do assassinato de Dorothy, Bida foi flagrado por equipe de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e do Ministério Público do Trabalho superexplorando 20 pessoas na Fazenda Rio Verde, de sua propriedade e também em Anapu.

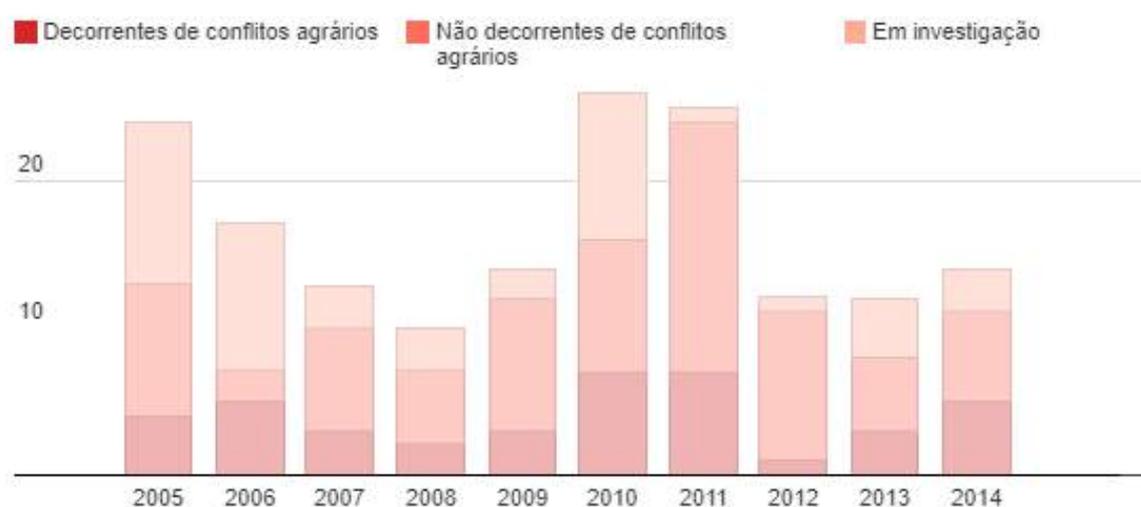
Pelo caso, o fazendeiro foi incluído em 2006 na “lista suja” do trabalho escravo – um dos principais mecanismos de combate a este tipo de exploração, mantido pelo MTE e pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e usado por empresas de diversos setores preocupadas com os impactos socioambientais dos produtos que produzem. Na esfera criminal, o Ministério Público Federal entrou com uma ação em 2007 para responsabilizar Bida pelo caso. Ainda não houve qualquer decisão. Se for considerado culpado, o fazendeiro pode pegar uma pena de dois a oito anos de detenção, além de multa.

O Pará é a unidade da federação com o maior número de trabalhadores resgatados de trabalho em condições análogas às de escravos, com 12,6 mil vítimas libertadas entre 1995 – quando o governo reconheceu a existência de escravidão contemporânea no Brasil – e 2013, segundo dados organizados pela ONG Repórter Brasil.

Bida ainda acumula multas por infrações ambientais. De acordo com [matéria de 2005](#) do jornal *Folha de S. Paulo*, o fazendeiro foi multado em duas ocasiões pela destruição de mata nativa do lote 55 do PDS Esperança. Além disso, 33 motosserras suas, estimadas em R\$ 55,8 mil, foram apreendidas.

## Quantos foram os homicídios no campo no Pará?

Passa o mouse sobre as barras para ver a quantidade de assassinatos na zona rural do estado, organizados por tipo, nos dez últimos anos



\* Os dados de 2014 são parciais

Source: [Ouvidoria Nacional Agrária Get the data](#)

O assassinato de Dorothy Stang trouxe visibilidade à região. Dez anos depois, com pressão dos assentados e de missionários que atuam na região, o Incra construiu casas e estradas para os trabalhadores: "Antes nem casa pra morar o pessoal tinha. Agora tem, com energia elétrica. Aconteceu alguma coisa de lá pra cá, mas [o Incra] é muito na base da enrolação", diz o Padre Amaro. O órgão também instalou duas guaritas nas entradas da reserva para controlar a retirada ilegal de madeira: "Houve uma inibição aos madeireiros, mas os fundos ainda estão desassistidos". O padre conta também que, nos últimos anos, os agricultores conseguiram a formação de técnicos para auxiliar com a roça.

O desmatamento em Anapu já chegou a níveis alarmantes. Em 2012, foi incluído em uma lista do Ministério do Meio Ambiente dos campeões de desmatamento. Entre 2009 e 2011, o município acumulou 6,1 mil quilômetros quadrados desmatados – mais da metade da área total de Anapu, que tem 11,8 mil quilômetros quadrados.

Confira abaixo o desmatamento na região. Ative a camada de dados do governo para ver também informações de 1971 a 1991 (IBGE) e de 2004 a 2014 (INPE – Prodes)



Tags : [desmatamento](#) [Dorothy Stang](#) [Pará](#) [trabalho escravo](#)

Imprimir  Comunicar erro 

WWF Brasil: Dia da Sobrecarga da Terra de 2018 é em 1º de agosto. Brasil, 01 de agosto de 2018. Disponível em:

<https://www.wwf.org.br/?66763/Dia-da-Sobrecarga-da-Terra-de-2018-e-em-1-de-agosto>

The screenshot shows the WWF Brazil website interface. At the top left is the WWF logo. To its right is a location selector set to 'Brazil' and a search bar. A navigation menu includes links for 'Quem somos?', 'O que fazemos?', 'Participe', 'Notícias', 'DOE AGORA', and 'Adote'. The main content area features a large teal headline: 'Dia da Sobrecarga da Terra de 2018 é em 1º de agosto'. Below the headline, it indicates the date '01 Agosto 2018' and '4 Comments'. A sub-headline reads 'Atualizada em 01/08'. The main text explains that on August 1st, humanity will exhaust the natural resources for the year, according to the Global Footprint Network. It defines Earth Overshoot Day as the moment when annual demand exceeds the capacity of ecosystems. A key statistic is highlighted: 'Em outras palavras, a humanidade está utilizando a natureza de forma 1,7 vez mais rápida do que os ecossistemas do nosso planeta podem se regenerar. Isso é como se usássemos 1,7 planeta Terra.' To the right, there is a graphic with two globes and the text '1º de agosto Dia de Sobrecarga da Terra'. Below this is a 'LINKS RELACIONADOS' section with a link to 'Página do OverShoot Day'. At the bottom right, a section titled 'De quantos planetas precisaríamos se todos vivéssemos como...' shows a progress bar for 'EUA' at a score of 5.0, represented by five globe icons.

**Dia da Sobrecarga da Terra de 2018 é em 1º de agosto**

01 Agosto 2018 | 4 Comments

Atualizada em 01/08

No dia 1º de agosto, a humanidade terá terminado com o estoque de recursos naturais para o ano inteiro, de acordo com a Global Footprint Network, uma organização internacional de pesquisa.

Essa data é chamada **Dia da Sobrecarga da Terra** – o momento em que a demanda anual da humanidade em relação à natureza ultrapassa a capacidade de renovação dos ecossistemas terrestres naquele ano.

Em outras palavras, a humanidade está utilizando a natureza de forma 1,7 vez mais rápida do que os ecossistemas do nosso planeta podem se regenerar. Isso **é como se usássemos 1,7 planeta Terra**.

1º de agosto  
Dia de Sobrecarga da Terra

© WWF-Brasil [Enlarge](#)

**LINKS RELACIONADOS**

[Página do OverShoot Day](#)

**De quantos planetas precisaríamos se todos vivéssemos como...**

—

EUA 5,0

A Global Footprint Network calcula o Dia da Sobrecarga da Terra todos os anos usando o cálculo de Pegada Ecológica, que inclui todas as diferentes demandas sobre a natureza, como a de alimentos, madeira e fibras (algodão); absorção de emissões de carbono da queima de combustíveis fósseis; além de construções, estradas e demais infraestruturas.

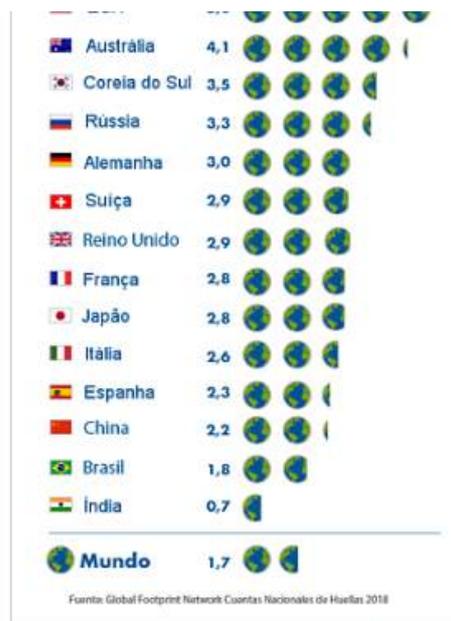
O dia 1º de agosto é o Dia da Sobrecarga da Terra mais cedo desde a década 1970, quando o mundo começou a esgotar os estoques do planeta antes de acabar o ano.

Os custos desse excesso de gastos ecológicos incluem desmatamento; colapso pesqueiro; escassez de água doce; poluição; erosão do solo; perda de biodiversidade e acúmulo de dióxido de carbono na atmosfera.

Tudo isso leva a mudanças climáticas e secas mais severas, incêndios florestais e furacões. Essas ameaças podem gerar desespero e forçar muitas pessoas a migrarem para outras cidades ou países.

"O Dia da Sobrecarga da Terra pode não apresentar diferenças em relação a ontem – você ainda tem a mesma comida em sua geladeira. Mas, os incêndios estão ocorrendo no oeste dos Estados Unidos. Do outro lado do mundo, os moradores da Cidade do Cabo tiveram que reduzir pela metade o consumo de água desde 2015. Essas são consequências de estourar o orçamento ecológico do nosso único planeta", comenta o CEO da Global Footprint Network, Mathis Wackernagel.

"Nossas economias estão realizando um esquema Ponzi com o planeta. Ou seja, usamos os recursos futuros da Terra para operar no presente e nos aprofundar na dívida ecológica. É hora de acabar com esse esquema e alavancar nossa criatividade para criar um futuro próspero, livre de combustíveis fósseis e sem destruição planetária", finaliza.



© WWF-Brasil

[Enlarge](#)